

No fim todas as barreiras e mentiras vão desmoronar. E vai ser tudo ou nada para terminarem juntos.

# QUANDO EU TE *Beijar*

LUCY-VARGAS

Série entre os mais vendidos da Amazon, iTunes, Kobo e Google Play

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **Quando Eu Te Beijar**

## **Lucy Vargas**

- Ward 2 -

Este livro só deve ser lido após o livro "Quando Eu Olhar Pra Você (Ward #1)".

Quando Eu Te Beijar  
Copyright 2015 Luciana Vargas

Este e-book é para uso pessoal. Não é permitida revenda, cópia total ou parcial deste livro sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor. Se você gostou da história, por favor, indique um link original do livro para outros leitores. Obrigada pelo respeito e apoio.

Imagens de capa @ iStock  
Revisão @ Vânia Nunes

Smashwords Edition, License Notes

This ebook is licensed for your personal enjoyment only. This ebook may not be re-sold or given away to other people. If you would like to share this book with another person, please purchase an additional copy for each recipient. If you're reading this book and did not purchase it, or it was not purchased for your use only, then please return to [Smashwords.com](http://Smashwords.com) and purchase your own copy.

Thank you for respecting the hard work of this author.

Thank you for your respect and support.

\*Por favor, só leia este livro após ler "Quando Eu Olhar Pra Você".\*

# Sumário

[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)  
[Capítulo 7](#)  
[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Epílogo](#)

# Capítulo 1

*O que eu mais gosto de fazer depois de um dia de trabalho? Te agarrar pelo pescoço, segurar seu cabelo e te beijar até perder o fôlego. E eu acho melhor deixar rolar, você não finge tão bem assim. Seus lábios estão colados aos meus e se você fugir, eu vou te dominar até você se entregar. Como vai ser?*

Depois de tudo que havia passado nos últimos quatro anos e especialmente no último mês, Beatrice não sabia como deveria reagir ao que lhe acontecia. Devia ter esperado por isso ou devia estar escandalizada? Toda a situação, inclusive sua vida, era tão atípica que ela não sabia.

Mas enquanto Chloe, sua maldita cover, ficava estatelada no chão e a olhava como se ela houvesse acabado de arrancar a roupa e ficar nua no meio da rua, Beatrice só pensava que poderia arrancar os olhos dela com uma caneta.

Ela avançou, ainda estava vendo tudo vermelho. Empurrou Alvez que não esperava que a agressão viria logo dela, então, abaixou e agarrou a mulher em quem acabara de dar um tapa. Quando agarrou o pescoço dela e a colocou de pé na marra, prendeu também o seu rabo de cavalo, o que fez Chloe soltar um uivo de dor e surpresa.

– Duvida que os Ward queiram o quê? – Beatrice perguntou.

Chloe tentou soltar seu rabo de cavalo, mas ela ainda estava curvada porque Beatrice literalmente a arrancou do chão. Alvez ficou novamente movendo as mãos, sem saber se intervinha. Ele nem sabia que Beatrice tinha inimigas desse tipo. E muito menos que era dada à violência.

– Que todo mundo saiba o que o seu marido faz! Se você pensa que vai passar assim, está muito enganada. Quando você menos

esperar ele vai perder a fixação em você!

Beatrice se aproximou dela e olhou-a seriamente.

– Você é uma vadia abusada e burra que não sabe onde está se metendo. E se esquece que eu também sou uma Ward. E a única coisa que meu marido faz todo dia é ir trabalhar, o resto é lenda – ela a empurrou pelo pescoço e Chloe voltou a tropeçar e para não cair, acabou de joelhos e com as mãos no chão.

Dessa vez Alvez teve a presença de espírito de levantá-la antes que a situação acabasse pior, se é que era possível. Mas como ainda não havia sangue voando, podia piorar muito.

– Se você não pegar o acordo, vai ficar sem nada! Ele vai perceber que não precisa que seja você – a mulher ficou ereta e ajeitou a pose como se nunca houvesse caído e apontou pra ela. – E quando você menos esperar, vai explodir na sua cara!

Mal sabia essa idiota que ela mesma já pedira o divórcio. E veja só como isso não estava funcionando, pois há dois dias estava na cama com o seu quase ex-marido que no momento não tinha nada de ex. E agora estavam ambos tentando salvar o casamento antes que também virasse lenda, porque mentira ele já virara há muito tempo.

E se ele não era ex, pobre daquela vadia se chegasse perto dele de novo.

– Outra lição sobre os Wards, não negociamos pra perder. Você não tem nada que eu queira. E ainda posso te dar uma surra e fazer os advogados do marido que você quer roubar jogarem tantas petições em cima de você que eu não vou fazer nem serviço comunitário. Some daqui se você gosta desse seu botox onde ele está!

Alvez pressentiu que ia rolar pancadaria. Então, ele entrou no meio e independentemente do que elas achavam, levou Beatrice para o carro.

Apesar de estar com a mão ralada, o tornozelo torcido por causa do salto que virou e ter tido que engolir os desaforos que Beatrice lhe disse, Chloe conseguira seu intento. Ela só não pensou que a outra fosse ficar tão irada com ela. Chegou mesmo a pensar que o

casamento deles fosse um desses acordos que esse pessoal estranho da alta sociedade conseguia arranjar até no século XXI.

Bem, dane-se. Ela só queria Sean Ward. Beatrice Ward podia ir se danar.

\*\*\*

Quando Don chegou ao triplex e ficou sabendo do acontecido, ficou danado da vida. Não só porque alguém atacou Beatrice - pelo jeito ela se defendeu muito bem da mulher -, mas porque justo quando ele não estava junto, algo assim acontecia. Deve ter sido divertidíssimo ver madame enfiar a mão na cara de alguém no meio da rua. E, depois, ainda ameaçar a vida da mulher.

Só que Alvez não concordava com isso. Ele ainda estava se recuperando, esse tipo de maluquice não era a dele.

– Ah, deixa de palhaçada. Um cara desse tamanho, que pode acertar um alvo em movimento e no escuro, correndo lá do outro lado do Central Park... Mas com medo de briga de mulher? – disse Don, fazendo os outros seguranças gargalharem.

– Cara, essa merda é outro tipo. Eu não sabia o que fazer. Se não me metesse elas iam se atracar e alguém ia morrer ali. E se eu entrego madame com um arranhão, o patrão me faz grelhado!

– Alvez é a rainha do drama, Don! – disse Vini rachando de rir. – Ele não vai aguentar vigiar a madame!

Os outros continuaram rindo enquanto alguns se preparavam para ir embora, outros iam pegar o turno da noite e alguns só descansavam. Os seguranças sempre se encontravam no primeiro andar do triplex que era o espaço deles. Havia uns que só trabalhavam no prédio do GW e passavam por ali vez ou outra. E cada um tinha um espaço privativo, às vezes até passavam mais tempo lá do que em casa. Mas nesses casos os outros já zoavam, porque era como ser “posto para dormir no sofá”.

Kevin entrou e franziu a testa quando viu os outros reunidos.

– Que merda aconteceu agora? – Ele quis saber.



Beatrice queria matar alguém. Ao menos ela quis há uma hora quando chegou ao triplex. Mas agora Cristina já havia lhe feito um chá, havia dito como sentia sua falta e até lhe dera biscoitinhos que ela não comeu. E sabe o que ainda estava a deixando mais danada da vida? Por causa daquela vadia, ela não comera todo o seu maravilhoso panini. Sinceramente, fazê-la desperdiçar um dos melhores sanduíches da cidade era algo que aquela vaca ia lhe pagar de volta. Ah, ia!

Claro que estar perseguindo seu marido era importante também, mas o panini...

A porta abriu e lá estava ele. O maldito. Sean Ward entrou e já estava com o paletó na mão. Ele soltou o ar com força quando entrou em casa, como se fosse um alívio, então passou a mão por aquele cabelo escuro e lustroso e logo depois seus olhos cor de turquesa zeraram nela. Ele jogou o paletó para cima da primeira poltrona e foi direto em sua direção.

Ela estivera andando para lá e para cá na entrada, mas cansou e sapateou pelo segundo andar, odiando tudo. Porque quando saiu de casa disse que não ia voltar lá. Mentira, já havia ido lá uma vez quando cometeu a enorme burrada de dormir com Sean de novo, depois de um ano sem encostarem um no outro.

É, pode imaginar como foi. Ela nem sabia como o prédio ainda estava de pé. Aliás, como ELA saiu andando daquilo? Na verdade, ela andou muito bem, porque saiu praticamente fugida assim que acordou.

E depois de todo esse drama, quando ele entrava, ainda parava o mundo à volta dela. Sim, ela ainda queria esfregar aquelas fotos que a vaca deu a ela bem no meio da cara dele. Mas Sean estava com aqueles olhos lindos cravados nela como se fosse uma ameaça enquanto acabava com o espaço entre eles.

– Eu tenho algo pra te dizer – ela disse, apontando para ele com o envelope, esperando que isso soasse como uma ameaça.

Ele olhava-a seriamente. Será que também tinha alguma bomba para dizer a ela? Alguém já disse que ele fica mais irresistível quando está sério e ameaçador? Dane-se! Ele podia ir para o

inferno. Ela duvidava que o que ele tinha para dizer era mais grave do que a notícia dela.

– E é importante! – ela continuou, mas deu um passo para trás, porque ele estava quase a alcançando.

Sean chegou à frente dela e a agarrou, apertando-a contra ele com os dois braços prendendo o corpo dela. Ele lhe deu um puxão, causando um leve impacto entre seus corpos quando eles se encaixaram como se soubessem exatamente o que fazer. O que estava na mão dela voou pelos ares e ela só teve tempo de puxar o ar antes que ele esmagasse seus lábios com os dele, agarrando sua cabeça e abrindo espaço com a língua, esfregando-a contra a dela de um jeito sujo que a fazia pensar naquela boca dele em outros lugares do seu corpo.

Ele lhe deu aquele beijo que o ar sai como um arquejo e suas mãos não tiveram outra opção além de se agarrar a ele, como se houvesse alguma possibilidade de Sean deixá-la cair. Ele chegou a incliná-la para trás enquanto invadia sua boca e ela era obrigada a passar os braços em volta do pescoço dele. Não importava se ele estava a segurando tão forte que a esmagava contra seu corpo rígido, a sensação era de perdição. Parecia que o chão embaixo dos pés dela estava tremendo como um terremoto. Ela nem sabia se ainda estava com os sapatos. Aliás, o que ela havia ido fazer no triplex mesmo?

Ela ficou sem fôlego e quando achou que ia cair ali, sem ter noção se seria por falta de ar ou por causa do beijo louco que ele lhe dava. Sean afastou os lábios, só um pouco, mas o suficiente para ela respirar. Ele apertou-a entre os braços e soltou um grunhido de prazer enquanto também puxava o ar.

– Droga, Beatrice, que saudade – a voz dele saiu misturada ao ar e com um sorriso leve no final, sexy como o inferno. – Isso é muito pior do que antes, agora eu sei o que estou perdendo – ele deu um beijo sobre seus lábios e deslizou as mãos pelo corpo dela, segurou seu traseiro e a pressionou contra seu quadril.

É, ela já tinha notado aquela crescente ereção, ele não precisava mostrar tão vividamente.

– Eu... – Ela prensou os lábios, organizando os pensamentos; no momento ia demorar até para responder o próprio nome. – Só vim até aqui porque era melhor do que você ir lá.

– Gostei de chegar em casa e te encontrar.

Ela tentou se soltar e abaixar para pegar o envelope.

– Não piora a situação abaixando na minha frente logo agora. As imagens na minha mente já estão sujas o bastante.

Beatrice o empurrou pelo peito e Sean deu um passo para trás, ainda se divertindo. Ela pegou o envelope e antes que dissesse algo, ele pegou dela. Mas a pegou no colo também e levou para dentro, porque eles estavam na sala de visitas, logo depois do hall, aquela onde as pessoas eram deixadas esperando antes de realmente serem admitidas ao resto do apartamento.

– Por que você está aqui na entrada? – ele perguntou.

– Porque eu não queria ir além!

– Claro... Agarrando-se à sua promessa – ele a colocou no primeiro degrau da escada, claramente esperando que ela continuasse subindo.

– Eu não fui para o terceiro andar por um motivo.

– Eu sei, mas Gwen está nesse andar. Quer continuar isso aqui?

Ela bufou e subiu. Assim que chegou lá, virou-se e cruzou os braços.

– Abre o maldito envelope.

– Agora? Eu gosto de tomar banho e relaxar assim que chego.

Ela tentou pegar o envelope dele e era justamente isso que ele esperava dela. Sean a envolveu com um braço e com o outro moveu o envelope, dificultando até que a deixou capturá-lo. Ele sorria abertamente enquanto fazia isso.

– Por que você está com esse bom humor todo? Isso é irritante! – Ela praticamente rasgou o envelope quando tirou as fotos lá de dentro.

– Eu cheguei em casa e você estava aqui e não estava trancada no seu quarto. Bom humor instantâneo.

– Isso! – Ela empurrou as fotos pra ele. – Aquela sua vadia maluca estragou meu lanche pra me dar isso!

Ele pegou as fotos e olhou a primeira.

– Isso é velho – ele jogou a foto para o lado e ela voou pra longe.  
– Nem me lembro dessa pessoa.

Ele olhou a segunda foto rapidamente, ia dispensá-la, mas aproximou novamente e reparou melhor.

– Isso foi ano passado. Aliás, essa mulher tem uma cadeia de lojas. Bons produtos, mas ela não parece com você, acho até que está loira – ele comentou, praticamente dando opinião profissional. – Essa tal vadia fez você vir em casa, devo agradecê-la?

– Seu maldito filho de uma... Foi aquela maldita cópia!

Ele havia entendido quem era. E pouco se importava com a tal.

– Se eu soubesse que isso faria você quebrar a promessa e vir em casa, eu mesmo teria arranjado umas fotos dessas pra te mostrar. Mas escolheria só as que eu estivesse bem.

– Maldito cachorro de uma figa... – ela resmungou e se afastou.

Ele foi atrás dela e a capturou pela mão.

– Ei... Duvido que você tenha se deixado afetar assim na frente dela.

– Eu não quero vê-la nunca mais. Ela teve a cara de pau de propor que eu virasse uma boneca de mentira enquanto ela faz o que quer com você! Eu sei que esse casamento foi quase uma peça mesmo, mas ela não sabe! Aquela vaca... e ainda me ameaçou dizendo que eu tinha que aceitar ou ela ia contar sei lá o que pros fofoqueiros. E teve a audácia de dizer que “os Ward não iam querer isso”. Quem ela pensa que é?

Ele não gostou nada disso, mas não queria deixá-la mais danada da vida ao ver que ele também estava irritado.

– Você definitivamente é a única que pode fazer o que quiser comigo.

E ela podia inclusive começar agora, ficando ali com ele. Em casa.

– Isso não vai dar certo – ela declarou e olhou em volta, procurando sua bolsa.

– E sua resposta é correr pra bem longe de mim, quanto mais, melhor – ele cruzou os braços. – Foi assim que acabamos nessa situação. Eu me afastava e você se escondia. Eu tentava e você fugia! Como agora.

*Onde estava sua maldita bolsa?*

– Eu pensei que... pensei... – Ela andou pelo cômodo, olhando em volta de forma perdida, se a bolsa estivesse bem à sua frente, ela não veria.

– Pensou que estivéssemos nos acertando?

*Sim!* – Ele pensou. – Pelo amor de Deus, pense isso. Pode ser mentira, mas ele dava tudo para esse pensamento pelo menos aparecer na mente dela. Porque do jeito que ia, ela nem parecia ter cogitado a possibilidade.

– Achei que houvéssemos evoluído desde que nos comprometemos a consertar tudo – ela disse.

Sean achava que isso também servia.

– Nós evoluímos. Estamos conversando, passando um tempo juntos, saindo juntos, ligando um pro outro, nos preocupando se o outro está vivo e até fizemos amor no final de semana. Soa como vida de um casal normal pra mim – ele pausou – Tirando a parte do sexo no final de semana; eu gosto durante a semana também – Ele adicionou, provocando-a.

Ela lembrou que a bolsa tinha ficado no segundo andar, então foi para a escada. Sean desceu um pouco depois dela e parou perto do sofá onde ela encontrou a bolsa.

– E agora você vai deixar isso nos afetar?

Beatrice apertou a bolsa entre as mãos e soltou o ar.

– Não vou deixar nada. Eu só não quero lidar com isso agora.

– Eu não posso simplesmente matá-la, Beatrice. Os outros sempre vão existir, mas nós quem decidimos se eles podem interferir. É a nossa relação e somos os únicos com poder de decidir sobre ela.

Ela colocou a bolsa no ombro e deu alguns passos, antes de se virar e olhá-lo.

– É um pecado tão grande assim eu não querer lidar com as interferências externas? Nós já temos tanta coisa pra resolver...

– Não, não é.

Quando ela assentiu e tornou a se virar, Sean sabia que ela ia embora, refugiar-se no seu novo esconderijo emocional. Ela sempre tinha um desses, para mantê-lo bem isolado. O principal havia sido seu quarto ali no triplex, o seu escritório também servia e agora era

aquele maldito apartamento que ele odiava só pelo fato de mantê-la ainda mais longe.

Só que dessa vez, além dos motivos de sempre, ele tinha muito mais para não querer vê-la indo para a porta. Doía como o inferno ver sua esposa deixar o apartamento que a deixara tão feliz ao decorá-lo. Ele não viu no dia que ela foi embora de mala e cuia. Mas observá-la colocar a bolsa no ombro e partir cabisbaixa como se não pertencesse àquele lugar, era como abrir um buraco de canhão no peito dele. Ainda se lembrava de como ela ficou feliz quando ele lhe deu o lugar para decorar como quisesse.

O único lugar que ela pertencia agora era exatamente ali. No lugar feito só para ela, para atender suas necessidades, sua segurança, suas vontades, desejos... E não era isso uma analogia a ele também?

– Como você espera que eu a deixe partir nessas condições?

– Hoje foi um dia muito estranho – ela respondeu e ele riria da cara que ela fazia se estivessem em outra situação. – Eu sinceramente achava que esse tipo de coisa só acontecia nas séries que eu assisto. E agora eu só quero ir me esconder em algum canto.

Essa era a hora em que ele *não* dizia a ela que estava a ponto de surtar porque Don havia acabado de lhe dizer que alguém poderia estar seguindo-a. Fale sobre algo que o faria pirar.

– Prometa que não vai desistir – ele demandou.

A demanda dele a pegou de surpresa, porque nem sequer foi uma pergunta. Beatrice entreabriu os lábios e o encarou. Ela não pretendia desistir, só queria tomar um banho relaxante, colocar um pijama sem graça e esquecer que esse dia aconteceu. Mas a mente dele estava indo rápido demais nas conclusões e Sean a segurou pelos braços, para que ela focasse nele e parasse de divagar.

– Você não percebe que só essa hesitação para responder já acaba comigo?

– Eu não vou desistir! Nem pensei em fazer isso!

Ótimo, mas ele não a soltou, ao contrário disso, subiu as mãos até seus ombros e as deixou deslizar até segurar seu rosto.

– Fica aqui, pelo menos por hoje.

– Por quê?

– Faz isso por mim, Bea. Fica aqui hoje. Eu prometo que você pode se esconder de mim lá no seu quarto.

Ele estava odiando prometer isso. Não queria nunca mais deixá-la ficar no quarto dela no triplex, usando-o como uma barreira entre eles. Inclusive, assim que conseguisse colocar o traseiro dela de volta em casa, ia acabar com essa história de dois quartos. Eles tinham que se aturar o tempo todo se fossem ser um casal de verdade. Além disso, ele queria dormir com ela. Todo dia. Ia passar um longo tempo até aquela sensação de perda e carência ser alimentada.

– Eu não vou me esconder – ela disse, franzindo o cenho.

– Tudo bem. Então, que tal jantar? Cristina vai adorar lhe fazer algo, já que seu lanche foi interrompido. E você pode olhar seu closet e ver se precisa de algo no meio de tudo que deixou pra trás. Fica aqui essa noite, ok?

Esse era mais um momento em que ele não contava que ainda estava perdido com a possibilidade de suas ações terem feito que ela fosse ameaçada. Ele só queria ficar olhando para ela. Talvez o tempo todo, como um maníaco enquanto guardava uma arma por perto e uma faca bem afiada. Só de pensar na possibilidade de alguém pôr as mãos nela para machucá-la, toda a sanidade que ele conseguiu recuperar depois do sequestro ameaçava deixá-lo.

Beatrice estava surpresa e começando a ficar preocupada. Ele estava agindo de um jeito estranho, a maneira que estava falando e até olhando para ela parecia... fora do comum. Não era como de costume quando a estava seduzindo ou sendo simplesmente ele. Havia algo mais. E como ela seria a maior filha da mãe do mundo negando isso?

– Tudo bem, eu preciso mesmo dar uma olhada nas minhas coisas. Estou sentindo falta de uns itens...

Ele assentiu e tirou as mãos de cima dela, forçando-se a pensar em sua próxima tarefa. Quando conseguiu focar, ele foi em direção à escada.

– Está tudo bem, Sean? – ela perguntou, ainda parada no mesmo lugar.

*Não, não está. Talvez você esteja sendo seguida por sabe-se lá quem. Afinal, eu me meto em tantas merdas, com tantos filhos da puta, que nem sei para qual lado apontar.*

– Tudo ok, Bea. Fico feliz que vá ficar... Eu vou resolver umas coisas.

Ele tinha que se afastar dela, imediatamente, antes que piorasse a situação. E ele ia resolver tudo isso, sem que ela precisasse saber, se preocupar e muito menos ficar com medo. Não podia pensar nela amedrontada. O medo era um sentimento do qual ele era íntimo e em certas doses era necessário à vida. Mas não aquele que ele conhecia e que nunca a deixaria sentir.

Assim que chegou ao primeiro andar, Sean encontrou os seguranças reunidos e foi direto para o lugar que sobrou na mesa.

– Temos que dobrar a segurança dela – ele disse, antes mesmo de sentar.

Quando entrou no seu quarto, Beatrice olhou em volta e acendeu a luz. Parecia que ela havia saído dali pela manhã e não há mais de mês. Não sabia mais se havia sido uma boa ideia ficar ali, mas pelo menos no dia seguinte ia poder ir andando para o trabalho. Ela olhou para a porta e resolveu não trancá-la, deixou-a encostada. Naquele drama deles, esse gesto simples e que ficaria imperceptível para os outros, fazia diferença.

Jared Ward desceu da penthouse do Clarence e entrou no triplex; ele sempre fazia isso quando estava ali. Nem podia imaginar o que havia acontecido, mas esse era o horário que Sean já teria chegado e estaria livre.

– Pensei que você havia voltado pra... Onde você está morando fixamente agora? – perguntou Sean, ainda vestindo uma camisa.

– To parado em Londres, mas gosto de Milão. E meu chalé na França é ótimo pros feriados. Mas tinha esquecido que essa minha casa aqui em Nova York é tão legal – Jared entrou e sentou no sofá perto da janela, esticando as longas pernas e relaxando. – Que merda foi agora? Você está com aquela cara, você sabe qual.



Sean foi até a porta e olhou para o outro lado da saleta. Viu a porta de Beatrice entreaberta, mas por hora, ele fechou a dele, porque não a queria escutando isso.

– Eu acho que cometi um erro – ele voltou até onde o primo estava e sentou na mesinha logo em frente, onde Jared havia descansado os pés.

– Se você está falando isso seriamente, então...

– Não, um erro real. E eu nem sei exatamente onde ele aconteceu, também não tenho certeza. Mas quando fui a Washington com os rapazes e nós soltamos aquela menina, algo diferente aconteceu.

Jared se sentou direito e olhou bem para o seu primo, que na cabeça de ambos era seu irmão, eles só não haviam saído do mesmo útero. E tudo que Sean lembrava, Jared sabia. Havia uma pessoa no mundo para quem ele narrou tudo. Cada detalhe terrível que se passava em sua mente. Foi um mês depois de ele ter recebido alta do hospital, após ser resgatado. Por cerca de trinta dias, Sean ficou como um fantasma em seu quarto no apartamento dos pais. Engolindo crises de pânico, sem conseguir dormir, tendo pesadelos, assustando-se com qualquer barulho e temendo o escuro.

Enquanto isso, Jared ficava acordado, no colchão de ar ao lado da cama de Sean, onde ele se instalou e de onde ninguém era capaz de tirá-lo.

Sean odiou cada minuto, para um adolescente de dezesseis anos, era como sentir-se emasculado. Mas há certas coisas que não cabem nesse tipo de problema, não há homem que passe por algo assim e saia ileso. E ele era um garoto. Jared acreditava que aquele garoto ainda estava ali, escondido por baixo do homem que Sean era agora. Esse garoto nunca seria livre, jamais esqueceria. E era por isso que ele precisava fazer o que fazia. Era seu modo de superar, enterrar e continuar.

Mas quando Jared soube que a garota havia morrido, também voltou àquela noite em que por horas, Sean falou, falou e falou. E mesmo sem querer, fez o primo dividir os pesadelos com ele. E agora não havia mais volta, eles estavam juntos nisso. E assim como

não podia tirá-lo do colchão de ar ao lado de sua cama, Sean também não conseguia tirar Jared desse trabalho que mantinham.

– Ela morreu, não é? – perguntou Jared, sabendo que isso havia trazido à tona aquele olhar que Sean tinha agora.

Como se isso não fosse suficiente, ainda havia mais.

– Sim e Don me disse que parece que Beatrice foi ou continua sendo seguida. Ele não conseguiu ter certeza.

– Puta merda – Jared quase pulou no lugar e agora ele ficou preocupado de verdade.

Poucas coisas faziam seu primo voltar ao passado, mas ameaçar a esposa dele, certamente era uma delas.

– Faz tempo que alguns casos têm sido diferentes. Eu acho que batemos de frente com eles novamente. E Washington talvez tenha sido a confirmação.

Sem conseguir ficar ali sentado, Jared se levantou e andou em frente das janelas. Ele achava que os casos estavam diferentes há muito tempo, mas de uns meses pra cá, estavam indo cada vez mais fundo. Sean especialmente.

– Não vai acontecer nada com ela. Malditos sejam esses filhos da mãe, não faz nada por enquanto. Eu vou a Oslo. Foi o último lugar em que tive pistas – decidiu Jared.

– Um dos caras morreu em Washington, eu acho que foi aí que eles juntaram as pistas.

– Quem junta pistas aqui somos nós – Jared voltou ao seu lugar à frente de Sean. – E se as coisas realmente mudarem, nós é que vamos acabar com isso primeiro.

No dia seguinte, Beatrice acordou cedo, se vestiu e partiu para o trabalho. Sean não estava mais lá; Cristina disse que ele saiu bem cedo. E ela ainda estava remoendo o encontro com aquela maldita. E sabe como é uma mulher danada da vida. Ela havia sido convencida a ficar no triplex aquela noite, mas nada de “estou aqui, feliz e contente”. Era como se a maldita fosse aparecer a qualquer momento e lembrá-la de toda a droga que foi seu casamento nesses últimos anos.

E quer saber? Ela ia morrer antes de deixar aquela vadia ameaçá-la. Mas estava ao mesmo tempo temendo que a qualquer momento sua vida pessoal virasse um circo. Beatrice também queria saber por que Don não a deixou ir andando e por que Alvez quem estava dirigindo?

\*\*\*

Enquanto aguardava no banco de trás, Sean escutava Rico digitando no celular, provavelmente contando para Estella que estava a ponto de enfartar. Só que o maldito celular dele era daqueles que tinha aquele barulhinho insuportável de teclas de mentira quando a pessoa digitava na tela do aparelho em um teclado que sequer existia de verdade. Ou seja, quem diabo mantinha esse sonzinho?

– Sabia que essa droga gasta mais bateria? – disse Sean, tomando o celular dele, entrando nas configurações e desabilitando o maldito som.

– E você estava de bom humor quando saiu de casa – comentou Rico, recebendo o aparelho de volta.

– Não sei o que o faz pensar que algo mudou – respondeu Sean. Talvez o fato de ele ter arrancado o celular de sua mão...

Eles escutaram uma batida na porta, antes de ela ser aberta por Kevin. Sean saiu, deixando Rico apreensivo enquanto aguardava.

Chloe queria saber por que tanto cuidado, mas afinal, ela procurou por isso, não é? Agora estava ali num hotel na Avenida Amsterdam, perto do Museu Americano de História Natural, aguardando como se fosse ter um encontro de negócios. E aquele segurança moreno que ela já sabia ser o que estava sempre acompanhando Sean, tomara seu celular como “medida de precaução” e a revistara por escutas e gravadores. Dava para acreditar nisso? Ao menos o homem era o mais discreto possível, mas parecia incomodado com ela.

Então era assim que Sean Ward tratava seus assuntos, não é? Ela teve certeza disso quando ele entrou no lugar e andou até lá, mantendo o cenho franzido e também não parecia nada feliz.

– Agora você resolve aparecer – ela comentou, com desgosto.

Eles realmente entraram numa das salas que o hotel dispunha para encontros de negócios e o segurança ficou na porta, eles nem estavam realmente sozinhos. E Chloe não fazia ideia que o Lucerne foi um dos hotéis abaixo do radar que Sean usava para dormir, sem ir muito longe de casa ou do escritório e sem ter problemas de encontrar conhecidos. Era o típico local para turistas passando uns dias na cidade.

– O que eu posso lhe dar para encerrarmos esse assunto? – ele perguntou.

– Sabe o que é mais bobo? Nesse último mês você mandou sua secretária bloquear minhas ligações, não respondeu aos recados que passei ou mesmo naquele dia que o vi no almoço, você agiu como se não pudesse nem chegar perto de mim por estar proibido. Claro, porque estava mesmo proibido pela sua querida esposa. A mesma que até pouco tempo, preferia que seu avião caísse ou que você arranjasse outra diversão, para ela não ter que lidar com as suas demandas e necessidades.

Na cabeça de Chloe tudo era claro como água mineral. E ela tinha certeza que Sean estava numa relação platônica que ele não conseguia enxergar. Ela não fazia ideia de como Beatrice se sentia ou do passado deles.

– Mas foi só eu irritar um pouquinho a sua esposinha mimada, que ela foi correndo contar pra você que veio dar um jeito. Isso é ridículo! Você é tão previsível quanto ela. Eu só fui atrás dela porque sabia que só assim você apareceria. Só não imagino o que ela poderia ameaçar agora – ela realmente abriu a mão e começou a enumerar. – Deixá-lo, ignorá-lo, esnobá-lo, ser fria como uma pedra de gelo e... Ah! Ela não está dando pra você, está? Ela já faz tudo isso! Então, ela não tem como ameaçar nada!

Se alguém olhasse para Sean agora, ele pareceria seriamente entediado. Ele sabia muito bem dos próprios problemas e era inteligente demais para a essa altura alguém o jogar contra Beatrice. Até porque eles eram tão bons, que sabiam jogar um contra o outro sem precisar de ajuda de outras pessoas.

– Eu quero você longe dela – ele disse, quando ela terminou de botar sua revolta pra fora. – E quero agora. Não vou aparecer da próxima vez e isso não faz bem a nenhum de nós. Se eu tiver que resolver mais alguma das suas armações, você não vai gostar e eu muito menos.

– Você é um bobo. Ser um tolo apaixonado não combina nada com você, Sean. Nem lhe cai bem. E ela fica por aí como se nada houvesse acontecido e você se contentando com estratégias de marketing – ela jogou para cima dele a revista que tinha a foto deles se beijando na saída do restaurante.

Ele olhou o relógio, porque não queria se atrasar muito para o trabalho, mas talvez Chloe merecesse ter a sua mente liberada. Ela tinha que esquecer-lo. Sean e Beatrice supostamente haviam superado esse problema antes de se casar, quando outras pessoas diziam a ele que ela ficava lá em D.C. e agia como se não se importasse ou não estivesse comprometida com ele. Não era verdade antes e não ia ser agora.

Ela reparou que apesar de tudo que dizia, o olhar dele não mudava e ele não respondia emocionalmente a nada que ela falava.

– Você me fez sentir de um jeito que aquele meu maldito ex-marido não pôde, em anos – ela disse de uma forma mais suave, saindo do modo de ataque. – Mas quem o faz sentir assim? Ninguém. Ela não liga.

Sua esposa, ela o fazia sentir tudo que havia disponível no mercado das emoções. Toda vez que aceitava ficar com ele, que o olhava daquele jeito especial com aqueles olhos incríveis, quando sorria, quando o beijava, o desejava... E quando não conseguia esconder seus sentimentos. Sempre foi assim, desde a primeira vez. E ela continuava sendo tudo que ele queria.

– Se você diz que sabe por que eu fui tão longe com você, então também sabe que eu sou apaixonado pela minha esposa. Eu respiro aquela mulher. O que eu sinto por ela não chega perto de ser saudável. E me domina de um jeito que eu não consegui lidar com a falta dela. Eu nunca seria seu. No segundo que ela estalasse os dedos, você nunca mais me veria. Eu dedicaria minha vida a conseguir a minha mulher de volta – ele pausou e manteve o olhar

nela, prendendo-o para que ela o escutasse. – Você não iria querer um homem assim. Nenhuma mulher merece passar por essa humilhação. Encontre alguém que a queira com ao menos metade da intensidade que eu quero a minha esposa. Do contrário, não vale a pena.

Ela piscou, sentindo seus olhos arderem e até se afastou dele, mas acabou se virando.

– E como é sentir tudo isso sozinho?

Há um tempo ele teria se machucado ao pensar nisso, mas agora ele sabia um bando de informações novas sobre sua relação com Beatrice. No fundo, ela ainda era aquela garota sarcástica e complicada por quem ele se apaixonou. Só estava escondida por baixo de uma camada de raiva, mágoa e desconfiança. Quando a ferida sarasse – e ele faria tudo ao seu alcance para curá-la – ela voltaria para ele. Se depois de todo esse tempo ela também não havia conseguido se separar dele, então, ainda havia muito sentimento escondido ali.

– Você não está me salvando, Chloe. Muito pelo contrário, me separar dela é acabar comigo. Por mais que pense que preciso de resgate, faça o que eu lhe disse. Procure alguém que diria a outra pessoa o que estou lhe dizendo agora. Só que sobre você.

– Quando você pirar novamente e precisar fugir da sua triste realidade ao lado daquela mulher, eu posso já estar ocupada fazendo o que você aconselhou! Quando você vai enxergar que ela não vale nada? – ela disse, antes de passar por Kevin, receber seu telefone e partir.

Sean passou a mão pelo cabelo, estragando o trabalho que teve para penteá-lo quando saiu do banho. Obviamente que não ia sair atrás dela, fazer uma cena ou obrigá-la a pensar direito, ele só se dava a esse trabalho com Beatrice. Mas isso definitivamente não terminara bem. E ele que pensara que ser educado e paciente, mas firme, seria a solução. Ao menos até agora sempre havia dado certo. Ele não fora até ali para machucá-la, só queria acabar com isso de uma vez.

E ele ainda se sentia duplamente culpado. Qualquer pessoa que olhasse para Sean e visse aquele homem saudável e maravilhoso,

jamais acreditaria que ele *não* havia passado por umas quinhentas camas de mulheres diferentes ao redor do mundo, ao longo desses anos de seu casamento de faz de conta. E isso foi exatamente o que ele *não* fez. Só para chegar ao seu limite emocional e cair no seu pior erro e ser justamente a mais louca que havia disponível no pedaço.

– Acho que isso não terminou muito bem, chefe – disse Kevin, ainda o aguardando.

– Puta merda, se livrar de mulher doida é mais difícil que sair de uma gravata. A última vez que quase me esganaram foi bem mais fácil – Sean saiu também e seguiu ao lado de Kevin enquanto levava com ele a revista que Chloe jogara nele, ainda nem havia visto aquela foto.

– Nem me diga, estou a ponto de pedir uma ordem de restrição pra minha ex.

Era no mínimo cômico ouvir Kevin, um homem daquele tamanho, amedrontador e perfeitamente capaz de lidar com situações perigosas, dizer algo assim como se estivesse encrocado. Mas namoradas eram mesmo um ramo muito diferente da segurança.

– Onde diabos você arranja tempo para ter tantas ex-namoradas? Você sai em encontros enquanto estou no escritório? – Isso era mesmo um mistério, já que Kevin passava boa parte do seu tempo acompanhando Sean ou saindo em missões para ele.

– Já viu quantas garotas bonitas tem no GW? Solteiras, estressadas e precisando relaxar... O trabalho lá é puxado – Kevin lhe deu um sorriso sacana.

– Pare de comer minhas funcionárias, Kevin – Sean balançou a cabeça e entrou no carro.

Kevin ainda estava rindo enquanto entrava e sentava no banco da frente.

## Capítulo 2

*Gosto de beijos antes, durante e depois do café. A verdade é que quero te beijar o dia todo. E você sabe que gosto de fazer o caminho contrário e subir pelo seu corpo todo, chupando e beijando cada pedacinho até terminar na sua boca.*

Animado pelo projeto novo, Hartie não parava quieto; só quando estava medindo algo, com ajuda de Nicholas Hudson, o arquiteto que trabalhava com eles nos projetos grandes. Nick era mais velho que ele e Beatrice, já estava com trinta e alguma coisa, mas também era novo no cenário nova-iorquino. E atuava com eles há três anos. Ele era ótimo, talentoso e rápido. Estava sempre disponível para eles. Como era mais sério, era um milagre que se desse tão bem com Hartie.

– Afinal, o que está rolando? – Nick perguntou a Hartie, depois de guardar a fita métrica na cartucheira de ferramentas que usava quando estava trabalhando.

– Você, querendo saber de fofoca? – Hartie abriu um sorriso. – Acordou no lado errado da cama?

Nick sorriu levemente, Hartie o divertia, até o lembrava do seu irmão mais novo que era assim, animado e tagarela. Diferente dele. Mas assim como ele, seu irmão também tinha olhos e cabelos castanhos como mel, diferente da figura loira e exuberante de Hartie.

– Não é fofoca, eu estou olhando pro fato. Só não sei o que tem por trás.

– Bah, não estrague. O loirão quer descobrir mesmo é que tipo de design ela usa por baixo das saias – ele colocou as mãos na cintura.

– Espero que você entenda a sutileza. Não costumo gastar meu tempo sendo sutil.



Nick olhou em volta, já mentalmente calculando o que precisaria para o esboço que Beatrice lhe deu. Ela voltou ao salão principal do décimo oitavo, onde ficava a presidência da Campanale, que dividia o prédio com mais duas companhias, e os últimos andares eram deles.

– Certo, realmente acho que esse verde, seja lá o nome dele, é mais de acordo – Dave disse, enquanto a acompanhava. Ela tinha estado em sua sala nos últimos vinte minutos. – E aquele jantar que você me prometeu?

*Ai, socorro.* Ele era direto. E ela não havia prometido um café? Aliás, por que estava prometendo alguma coisa a ele?

– Hoje vou passar o resto do dia muito atarefada com o seu projeto.

– Eu sei, vai ser difícil me concentrar lá na minha sala, mas tudo bem. Fico focado quando tenho datas marcadas.

Ela engoliu em seco. Ok, jantar. O que foi que Candace disse mesmo? Saia em um encontro, jante com alguém que lhe dê ideias sexuais. Ela não estava tendo ideias sobre Dave. Sua mente estava ocupada com o trabalho, com seu novo objeto de ódio que também era uma maldita cópia sua e com seu quase ex-marido. Aliás, muito estranho Sean pedir para ela ficar no triplex e desaparecer no dia seguinte.

– Nas sextas, até criaturas ocupadas e focadas como nós costumam fechar o expediente da semana e... jantar? – Ele lhe deu aquele sorriso sedutor que devia mandar garotas para o chão, derretidas como gelatinas no calor.

E como os olhos dele eram azuis. Mas era um azul bem definido, quase puro e também forte. Aquela cor seria muito fácil de encontrar, talvez ela devesse usar aquele tom em partes da decoração da sala dele.

– Beatrice? – Ele tocou seu braço, trazendo-a de volta à realidade.

– Ah, é. Sexta-feira as pessoas costumam relaxar, eu acho.

– Oito horas? – ele perguntou.

*Meu Deus!* – ela pensou. Como ia jantar com Dave Campanale, por mais inocente que fosse, sem que a cabeça dele fosse arrancada? E como Sean fazia quando saía com aquelas cópias e

almoçava, jantava, tomava cafezinhos... Ele simplesmente sentava lá e fazia o quê? Olhava e fantasiava, escutava-as contar coisas sobre suas vidas que ele ia esquecer assim que acabasse o encontro? Será que ele ponderava se devia ou não ir à frente? Será que se arrependia no meio do almoço? E será que ele poderia até ter virado amigo de algumas delas?

Ela queria saber como era estar nessa situação, queria vivenciar e descobrir. E tinha que admitir que estava curiosa. Ela achava Dave um cara legal, apesar de ele estar interessado nela de um jeito que ela não gostaria. Mas era exatamente por isso que ele servia para ela sentar lá e passar um tempo com ele.

– Hum... depois de trabalhar o dia todo, às sete já estou com fome. Mas se eu comer algo, não terei apetite para um jantar às oito.

– Sete e meia – ele disse, entendendo a indireta dela. – Eu te pego?

Pelo amor de Deus, não! Isso pareceria íntimo demais e será que esse homem era louco? Ele não sabia que ela estava morando fora do triplex, não é? Ele era doido o suficiente para buscá-la no triplex? Era o mesmo que se candidatar a ser fuzilado.

– Vamos nos encontrar lá – Ela decidiu.

Afinal, qual era o drama? Já havia tomado um brunch com ele. Tudo bem que Hartie estava de acompanhante e era essencialmente um encontro para fechar um negócio, mas e daí?

– Gosto disso – ele assentiu, lançando um olhar que resumia todo o “esse é exatamente o drama”. – O que você quer comer? Sou totalmente aberto a sugestões e novidades.

O tom que ele usou para dizer isso... Meu Deus! Ele podia usar todo esse talento para sedução em metade da população feminina, no entanto, estava há semanas aproveitando qualquer oportunidade para tentar seduzi-la. Pobre Dave, mal sabia ele que ela era graduada nesse curso. Quem consegue resistir a Sean Ward, pode resistir a seduções como essa de olhos fechados. Não queria dizer que ela não percebia que estava sendo o alvo de uma sedução.

Agora, ela precisava pensar em um local com boa comida, onde não fosse encontrar qualquer conhecido, onde pessoas que

atrassem fofoqueiros e paparazzi não fossem e fora do Upper East, mas também não tão longe de casa.

– Hartie! – chamou Beatrice.

O trainee apareceu em poucos segundos e parou ao lado deles com um sorriso.

– Já terminamos aqui nesse andar – ele avisou.

– Ótimo. Onde dá para jantar algo informal e bom aqui por perto?

– Ela lhe deu aquele olhar que Hartie já entendia.

Ele olhou de um para o outro e até gaguejou.

– De... devo pensar em... – Ele balançou a cabeça. – Vocês curtem um franguinho pra dois? Sei de lugares maravilhosos que...

– Não. Frango não. Esquece o frango – cortou Beatrice que decididamente não ia num local com especialidade em “pratos para dois”, acompanhada de Dave.

– Que tal algo crocante para mastigarmos, Hartie – sugeriu Dave. Hartie ficou pálido.

– O Empire! – ele disse de repente. – Passei lá com uma amiga. Você pode comer um hambúrguer maravilhoso com batatas mais ou menos – ele disse a Beatrice e depois olhou Dave. – Pra você, o bife de frango frito... Nossa, vocês vão bater na academia no dia seguinte, cheios de dor na consciência!

Não dava para saber se Hartie estava brincando ou realmente dizendo para eles irem lá. Mas Beatrice concordou e fugiu dali logo depois. Ela entrou no elevador tão rápido junto com Hartie e Nick, que os três pareciam ter acabado de arrombar o cofre da Campanale.

– Você bebeu quantos drinks? – perguntou Hartie.

– Nenhum! Nem almocei ainda – respondeu Beatrice, agarrada à sua bolsa.

– Então por que eu acabei de ouvi-la concordar em ir comer besteiras com Dave Campanale e sem me convidar pra salvar o seu traseiro de ser cantado a noite toda?

– Estou no meio de uma experiência – ela disse, enquanto o elevador parava no nono andar, mas ninguém entrou.

– Você está tentando descobrir como é assistir um assassinato com garfo? Deve ter algum filme com isso – disse Nick que

raramente se metia. E ele nem sabia sobre como estava a vida pessoal de Beatrice, mas não o impedia de ter opinião.

– Viu? Até o Nick! Acho melhor eu ir junto. Não vou dormir, nem conseguir fazer nada! Eu vou pelo menos pra espionar. Sei lá, qualquer coisa eu faço o doido e pulo por cima da mesa de vocês!

– Eu vou te colocar num tratamento pra histeria – ameaçou Beatrice.

SEAN 22:40 Tive que sair cedo hoje, queria ter ficado e tomado café com você

BEA 22:43 Tudo bem, Jared tomou café comigo e ocupou seu lugar no discurso do “você tem que ficar em casa”

SEAN 22:45 Sério?

BEA 22:46 Sim. E a Gwen, não a vi mais.

SEAN 22:48 Anda estranha...

BEA 22:50 Culpa sua?

SEAN 23:00 Sempre... Claro que não.

BEA 23:01 Afinal, onde você foi tão cedo? Abrir o GW?

SEAN 23:02 Se você sentiu tanta falta assim, vamos tomar café da manhã juntos. Amanhã às 8h.

BEA 23:03 Eu estou trabalhando fora do escritório. Às 8h estarei longe.

SEAN 23:04 Você fala como se Midtown fosse em outro Estado. Café. Amanhã.

BEA 23:05 É nosso encontro da semana?

SEAN 23:06 Você vai tirar a roupa em algum momento entre o café e a panqueca?

BEA 23:07 Não.

SEAN 23:08 Então com certeza não é nosso encontro semanal.

Eram oito e quinze da manhã, Beatrice ainda estava sonolenta e piscando bem devagar quando seu celular tocou. Ela o levou ao ouvido sem nem olhar a tela.

– Beatrice, se você me der o bolo de novo, dessa vez eu vou atrás de você – avisou Sean.

Ela acordou imediatamente, pulou no assento e olhou em volta.

– Don! Don! Dá a volta nesse carro, seja lá pra onde eu mandei você ir – ela disse, tampando o celular.

– Chegamos – Don anunciou.

– Sean, escuta... – começou Beatrice, olhando pela janela, sem ter certeza de onde estava e se preparando para inventar uma desculpa.

A porta abriu e ela deu de cara com Kevin.

– Bom dia, madame – ele abriu um sorriso leve.

Ela entrou na Clinton St. Baking e como o lugar não era grande, ela viu Sean numa mesa do fundo, na parede direita onde ficavam os sofás contínuos com mesas só para duas pessoas, uma na cadeira, outra no sofá. Era um milagre eles não terem que esperar, porque entrar naquele restaurante para o café da manhã era um desafio. Pensando bem, não era... Ele com certeza chegou cedo e era por ordem de chegada.

Sean estava olhando diretamente para ela, daquele jeito que você fica com vontade de voltar correndo, se esconder, tremer de nervoso ou, que alguém a perdoasse, de arrancar a roupa. Não dava para saber se ele estava pensando em te comer ou em te matar. Mas o resultado na vítima acabava o mesmo. Ela sentou à frente dele e encarou aqueles olhos turquesa que a acompanharam até ali.

– Tomei a liberdade de pedir panquecas – ele avisou.

– Você não pode estar danado da vida por eu ter atrasado só quinze minutos.

– Não estou danado da vida. Eu estaria se você tivesse me dado o bolo, como deve ter passado pela sua cabeça, afinal eu escutei o que você gritou pro Don.

Ela fez uma cara de sofrimento puro.

– Já é tão enraizado em você não aparecer para me encontrar que até se esquece – Ele bebeu o café com creme que já havia pedido enquanto a esperava.

– Você está danado da vida...

– Não estou. Como vai seu trabalho na Campanale?

Ele continuava olhando tão diretamente para ela que Beatrice começou a achar que ele sabia do seu segredinho. Que maldição!

Será que era assim que ele se sentia quando a encontrava e tinha jantado com alguém mais?

– Como você sabe que estou trabalhando lá? Don fez um relatório?

– É, foi assim que eu soube – ele quase revirou os olhos ao dizer isso.

– Bem, Hartie, Nick e eu estamos trabalhando no que vai precisar ser construído. Vou ter que contratar alguns serviços terceirizados.

– Espero que faça um rombo no orçamento daquele puto.

– Farei – ela disse, já sofrendo ao ser lembrada que Sean e Dave não simpatizavam um com o outro.

Ele assentiu e as melhores panquecas da cidade foram servidas, junto com café gelado para Beatrice. Sean pediu a tradicional para ele, com uma deliciosa cobertura de mirtilo e para ela, pediu de banana com nozes. Ambas vinham com a manteiga doce num potinho.

– Pedi uma cobertura extra pra você, acertei?

– Sim! – Ela pegou os talheres e começou a cortar de forma contente.

Sean sorriu e pegou os próprios talheres.

– Quando você vai dormir em casa de novo? – ele perguntou depois de ambos passarem uns minutos ocupados degustando suas panquecas quentes, apetitosas e macias.

– Sean... – Ela franziu o cenho para ele. – Ontem eu fiquei imaginando se você ia aparecer.

– Ficou me esperando? – Ele levantou a sobrancelha e comeu mais um pedaço de panqueca.

– Não...

Mentira, ela até olhou a porta algumas vezes.

– Eu cumprio o que prometo e lhe prometi espaço, não foi? Você disse que era o que queria.

– É, eu sei...

Eles continuaram cortando, comendo, passando generosas camadas da manteiga morna.

– Pare de remoer isso, ela não vai mais importuná-la – ele disse de repente, achando que era por isso que ela estava com aquele

cenho franzido.

Beatrice cravou o olhar nele.

– Você a encontrou, não é? – ela perguntou, mas havia um tom de acusação misturado.

– E como esperava que eu lidasse com a questão? Eu imaginei tê-la escutado dizer que não queria lidar com isso? Acho que foi bem claro. Então eu lidei.

– Você... como você encontra essa mulher? Liga? Manda um Whatsapp?

– Beatrice – ele parou de comer. – Tem certeza que essa é a questão?

– Qual a dificuldade de se livrar dela? Ou ela vai ficar no canto esperando não darmos certo para ela me substituir, já que a aparência está pronta. Se bem que eu recomendaria mais umas plásticas e uns quilos a mais.

– E você pergunta isso pra mim? Pro cara que levantou irritado porque acordou e lembrou que essa noite você não estava lá e que não vai estar na próxima manhã também? O mesmo cara que praticamente te ameaçou pra vir tomar café? E o mesmo que você nem lembrava se havia mandado ou não que Don a trouxesse para encontrar? E esse é o resumo de parte da minha rotina há anos, esperar você.

– Eu dormi no carro, foi só isso. E esse mesmo cara esteve esse tempo todo esquecendo isso tudo. Quatro anos. Tudo bem, três anos, o primeiro ainda foi mais ou menos – Ela soltou o ar, soltando a faca com brusquidão. – Sabe, eu também te esperei esse tempo todo e ficamos os dois suspensos nessa relação de mentira.

– Quem disse que eu esqueci? Onde você estava nesses quatro anos? Porque pra mim foram quatro, é o tempo que sinto que a perdi. Mas há três anos que virou uma relação platônica pra mim e você não tem ideia de como era sentir que a perdi, sem saber como recuperar – ele declarou.

– Eu estava aqui. E do outro lado da saleta que dá pro seu quarto. Ignorante sobre tudo isso, fingindo que não o esperava voltar e fingindo que nada disso me afetava!

– Mas que mer... Por que estamos discutindo no café? – Ele pegou a xícara e bebeu um gole, irritado com ele, com ela, com a situação e por eles se deixarem levar.

– Sei lá – ela pegou seu café gelado e bebeu também. – Talvez pra compensar as brigas que não tivemos quando deveríamos ter tido.

Ele soltou o ar e subitamente seu estomago não queria mais daquela panqueca que continuava deliciosa, mas o problema era ele. Então recostou e esperou. Beatrice levantou da sua cadeira e se enfiou no espaço entre ele e a parede ao lado, sentando sobre a almofada do banco e o abraçando.

– O que deu em você? – ele perguntou, surpreso e desacostumado a vê-la fazer algo assim.

– Fica quieto – ela roubou um pedaço da panqueca dele. – Acho que a sua está melhor do que a minha.

– Você sabe que eu teria lhe dado.

Ela deu de ombros e se encostou a ele.

– Eu realmente quero tentar – ela disse baixo.

– Fico feliz em ouvir isso.

– Posso te perguntar algo?

– O que você quiser.

– Como você se sentia quando... passava um tempo com essas mulheres com quem você jantava e tomava café... enfim.

Ele ficou com o cenho franzido, apenas digerindo aquela pergunta. Primeiro ela ficava remoendo o encontro com Chloe, depois lhe dizia que queria mesmo tentar. E agora queria saber como ele se sentia quando fazia refeições com aquelas mulheres?

– Então agora você acredita na minha versão dos fatos? – ele perguntou.

– Sim, eu acredito.

Ele passou o braço em volta dela.

– Eu nunca falei sobre isso, Beatrice. Eu sentava lá, escutava e imaginava o que faria se nós dois passássemos mais tempo juntos. Como no nosso primeiro encontro quando saímos pra um café. Eu até opinava em todo o drama que uma ou outra contava, me fazia ver que não sou o único com problemas. Mas eu não queria amigas



novas e continuo sem tempo pra alimentar mais do que isso, mas era só. Creio que arranjei emprego pra duas delas... Será que podemos deixar isso no passado?

Ela continuava curiosa, mas tudo bem. Logo ia descobrir como era sair com alguém e só observar. Talvez ela entendesse melhor como foi para ele.

– Você tem compromissos essa manhã? – ela perguntou.

– Sim, depois que terminar meu café com você.

– Bem, do jeito que aquela fila não para de crescer, em breve seremos expulsos – Ela o beijou rapidamente e voltou para sua cadeira.

Eles terminarem seus cafés e saíram juntos, desceram pela Rua Clinton e foram andando pela calçada da Rua Stanton até seus carros aparecerem e pegá-los.

– Não vejo mais graça em dizer que essa semana é sua – ele passou o braço em volta da cintura dela. – O que vamos fazer essa semana?

– Eu estou sem ideias mirabolantes... que tal se ficássemos juntos no sábado?

– Sério? Você está me propondo um sábado caseiro, totalmente normal e rotineiro para passarmos o dia juntos? Como fazíamos naquela época doida em que namorávamos?

– Sim. Vamos arranjar um filme, fazer pipoca, ligar o ar no máximo, pegar cobertores e depois... perder metade do filme quando começarmos a fazer amor bem no meio. Depois comemos pipoca murcha – ela sorriu, daquele jeito de alguém que acabou de fazer uma proposta irrecusável e espera a resposta que já sabe.

– É a melhor proposta que recebo em anos – ele disse.

\*\*\*

Como não podia deixar sua sogra a ver navios, Beatrice apareceu no apartamento dela, pois era seu projeto paralelo. Ela geralmente estava trabalhando em dois ao mesmo tempo, só que estava tão atarefada que no momento tinha um principal, um paralelo, outro

sob a responsabilidade de Hartie, que ela supervisionava, e uma fila de espera, além dos já pré-aprovados, com data pra começar.

– Adorei a ideia pra minha nova suíte. Moderna, maior e chique. A minha cara – disse Candace, divertindo-se com o projeto.

– Vai ser melhor, ninguém usa mesmo aquela sala dos fundos e a parede é um enfeite.

– É, meu marido recebia ali. Tantos anos...

– Tenho certeza que seu quarto novo vai ser sensacional – Beatrice se virou e não conseguiu manter a boca fechada. – E com certeza aquele galã cinquentão que eu encontrei saindo daqui também vai adorar o jeito que usarei meu talento no seu quarto – ela deu um sorrisinho sacana.

Candace estreitou os olhos e balançou a cabeça negativamente.

– Sua danadinha – ela moveu o dedo indicador no ar.

– Com todo o respeito, mas não sou eu pegando o galã cinquentão.

– Sei. Vamos entrar novamente no assunto sobre o meu filho? Eu sou uma mãe moderna e informada. Eu sei o filho que eu tenho. Se formos entrar nessa discussão, você vai descobrir que tem menos da metade da minha idade e já pisou mais fundo.

– Duvido – disse Bea cruzando os braços e a olhando. – Antes do galã, teve o Ward que te ajudou a produzir o seu querido filho. Pesado, muito pesado.

As duas riram e quando voltaram à sala, Candace se sentou e pegou o Martini da bandeja que Aroldo servia.

– E aquele seu encontro?

Beatrice girou rapidamente e a olhou.

– Que encontro?

– Aquele que conversamos no chá. Espero que não tenha se acovardado.

– Não... Vou fazer – ela respondeu e se arrependeu imediatamente, mas Candace tinha aquele jeito de arrancar as informações sem a pessoa perceber que estava acuada e respondendo coisas só para se livrar.

– Ah, que interessante, querida. Mal posso esperar pela sua pesquisa.

Tess entrou em casa junto com Tibby que correu para beijar a avó e contar a Beatrice sobre suas sandálias novas.

– Hey! – Tess sorriu e foi cumprimentar a cunhada. – Não esperava te encontrar aqui.

– Na verdade, demorei tanto porque precisamos conversar um pouco – Ela abriu um sorriso.

– Tudo bem. Vamos tomar um café? – perguntou Tess, voltando à porta. – Mãe, olha a Tibby pra mim?

– Eu não vou nem fingir que, seja lá o que vocês vão conversar, eu estou insultada por irem pra rua pra eu não escutar – disse Candace, com pouco caso.

\*\*\*

Na sexta-feira, Beatrice chegou correndo em casa e foi direto tomar banho, já estava atrasada e hoje era dia de lavar o cabelo. E pelo horário, ia ter que secá-lo. Droga, ela era péssima secando o cabelo às pressas, sempre ficava com as pontas esticadas e aqueles seus famosos cachos grandes e sensuais se tornavam um emaranhado nem liso e nem ondulado. Com o dinheiro que ela gastava naquele cabelo, devia ser proibida de secá-lo às pressas.

Enquanto corria pelo quarto de calcinha e sutiã, ela imaginava o que usaria. Aliás, não prestara atenção e estava com a lingerie trocada, aquela calcinha roxa não era par do sutiã preto. E o closet não dava para ver nada, ela teve que jogar peças pela cama toda. Por que diabos foi dizer que preferia encontrar com Dave às sete e meia? Era provável que fosse precisar pegar o metrô porque o trânsito essa hora era um inferno. E Don ia ter um surto quando soubesse disso.

E agora, o que diabos ela ia usar? Não podia sair com um vestido de matar. Nem nada curto. E por que o tempo tinha que fechar logo hoje? Precisava de algo despretensioso. Alguém precisava mencionar que mesmo estando sem seu closet completo, ela tinha roupas demais. E trouxera mais depois de passar aquela noite no triplex. Não dava mais nada no closet do qual Sean caçara e tinha uma arara de roupas no quarto. Sorte que ele não sabia.

O telefone tocou e ela nem precisava olhar o visor para saber quem era, então, só apertou o botão do viva voz.

– Hartie, estou ocupada!

– Eu tô pronto, danada. Tô na rua!

– Você não vai!

– Quero ver me impedir. Tenho reserva e tudo, conheço o cara lá do bar.

– Hartie, pelo amor de Deus! E eu estou atrasada, nem tenho roupa.

– Você tem mais roupa que metade de um shopping! Enfia algo parecido com uma burca e vai!

– Não está ajudando.

– Pense que você vai ficar sentada. E você é uma baranga filha da mãe que veio ao mundo com o pacote de seios completo e armado. Tampa tudo, pelo amor de Deus! – ele disse, antes de desligar.

Ela tinha trazido do triplex um dos seus vestidos comprados para a temporada de primavera. Era uma peça da Lanvin que fingia ser uma combinação de blusa e saia, mas era peça inteira. Era discreto, leve e caía bem no corpo. Tinha um fecho lateral aparente que descia da parte superior cor de creme e ia pela saia negra, parando no meio da coxa, criando uma pequena fenda lateral. Discreta e feminina. Estava perfeito. E o melhor, o corte do vestido era daqueles que escondia totalmente o decote, com o tecido cruzando à frente do pescoço, fazendo uma bonita cava nos braços expostos e mandando o decote invertido para as costas.

O vestido, mais saltos altos negros que ela mal olhou, babyliss e reparador para forjar os cachos do seu cabelo, e maquiagem leve. Chique e despretensiosa. Nada de “estou indo jantar com um cara de matar”.

Ela precisou de um casaco médio para cobrir seu vestido e protegê-la, pois já tinha começado a chover. Esse tempo estava horrível desde ontem.

O Empire Diner era um lugarzinho famoso em Nova York e já havia aparecido em muitos filmes, especialmente por causa do seu visual de carro restaurante, usado em trens e revivido lá da década de trinta. Ele era uma fofura, havia turistas tirando foto à frente dele

o dia todo. Apesar disso, ficava em Chelsea, na Décima Avenida e Beatrice não ia encontrar conhecidos por ali.

– Desculpe o atraso, com essa chuva está tudo ainda mais caótico  
– disse Beatrice, correndo para encontrar Dave à frente do restaurante todo iluminado.

A chuva havia apertado e ambos estavam com guarda-chuvas enormes que deixaram na porta. Mesmo com a chuva que ela achava já ter arruinado o trabalho que teve com o cabelo por causa da umidade, Dave não deixou de lhe dar aquele olhar de “adorei o que vi”. E ela nem tirara o casaco ainda.

– Dez minutos não são nada, vale a espera – o “você vale a espera” estava implícito no tom dele. E Dave devia estar tão contente porque era totalmente ignorante sobre o histórico dela de dar bolos em seus encontros.

Enquanto sorria levemente e o acompanhava para o interior do restaurante, Beatrice só conseguia pensar que seus lindos saltos Narciso Rodriguez não eram feitos para chuva.

\*\*\*

Tess Ward sabia que estava a ponto de criar um problema. Especialmente porque sua mãe estava a apoiando e praticamente a manipulava a terminar nessa situação. E se Candace Ward estava interessada, então tinha coisa nessa história.

– Afinal, o que é tão importante? Eu não entendi nada do que você disse – Sean falou, assim que entrou no carro dela.

Kevin entrou no banco da frente ao lado de Eddy, o motorista e segurança de Tess. Tibby tinha ficado em casa com a avó e Sean não sabia por que a irmã tivera uma conversa muito estranha com ele ao telefone e depois passara para pegá-lo.

– Não quer ir tomar um café comigo? – ela perguntou ao irmão.

– Tess, se aconteceu algo é melhor me dizer logo. Não vai ficar melhor com um café à minha frente. Provavelmente vou derramar o líquido quente na minha calça – disse Sean, demonstrando toda a paciência do mundo.

O carro seguiu em direção à Oitava Avenida enquanto Tess apertava sua bolsa sem parar e Sean já imaginava o que faria para consertar seja lá o que a irmã havia aprontado agora.

– Imagino que não seja nada com a Tibby – ele disse, para tirá-la daquele debate interno.

– Beatrice resolveu descobrir como você se sentia, ou algo assim... não sei! Ela foi jantar com aquele cara da Campanale.

Sean ficou olhando para ela, paralisado, por apenas uns segundos. Então, tirou o celular do bolso do paletó e falou com Don por alguns segundos.

– Vire o carro na próxima direita disponível e pegue a Décima Avenida – ele disse a Gregory.

– Não, Sean! – disse Tess, pulando no lugar. – Eu não lhe disse isso por esse motivo. Eu disse porquê... ah, droga. Eu sou sua irmã! E você não me conta o que vocês dois estão armando! Eu fico sem saber o que fazer! E eu estou me sentindo péssima agora. Não sei se traí a confiança dela ou se traí você ou nenhum dos dois. Ou se abri a boca por um bem maior! Que droga – ela cruzou os braços, mas ficou olhando para o irmão.

## Capítulo 3

*Você precisa amar demais uma pessoa para conseguir odiá-la com a força que eu te odeio. A cada vez que digo que será a última, você esfrega na minha cara duas vezes que não consigo. Eu ainda acredito que nosso fim será no dia que eu puder te negar um beijo e estiver falando sério.*

Assim que conseguiram uma das mesas coladas à janela, com os sofás vermelhos, Beatrice sentou-se de um lado e ficou feliz ao ver Dave sentar do outro. Distância tornava tudo mais aceitável e menos complicado.

– Você disse que íamos comer algo crocante e ilegal para dietas. Quero vê-la cumprir o trato. Já me prometeram isso e na hora tive de encarar alguém com aquela cara de sofrimento enquanto engolia uma salada e todo mundo no recinto se deliciava com pratos bem mais interessantes.

– Ai, não. Salada eu como em casa ou peço de entrada.

– Eu sempre soube que você era das minhas – Ele sorriu.

– E você é dos meus. Conheço caras que são mais frescos do que eu. Não conseguem ser felizes nem por um dia na semana.

Enquanto estava ocupada olhando o menu, Beatrice virou levemente o rosto e viu Hartie sentado no balcão. Ela não podia acreditar que ele havia mesmo vindo. Ele era insano! E estava falhando miseravelmente em olhar para a mesa dela de forma discreta. A sorte é que Dave estava de costas para ele. Agora ela estava com uma vontade imensa de rir e levantou um pouco o menu para tentar esconder a boca.

– Juro que não vou entediá-la – prometeu Dave naquele tom que servia para ser usado num canto mais reservado, com um vinho à mão e uma lareira por perto.

Ele percebeu que ela estava sorrindo, mas ela mordeu o lábio para não rir e apertou o menu.

– Eu acredito – ela nem estava lendo o menu.

– E uma cerveja, você encara comigo?

– Minha nossa, essa seria a noite das novidades. Faz muito tempo que não bebo uma cerveja acompanhada de um hambúrguer como jantar.

– A cerveja eu sempre bebo, combinam demais com sextas à noite. Mas o resto, você e tudo isso, é minha noite das novidades. Parecia impossível conseguir tirá-la do modo profissional.

– Se quiser, posso começar a falar das cores que pretendo usar no seu escritório.

– Não faça isso comigo, vou precisar de mais que uma cerveja – ele riu.

Hartie estava para morrer. Estava ali sentado no balcão bebericando um Chardonnay e sentindo gosto de isopor líquido. Nem conseguira ler o menu direito. E agora os dois ali estavam numa conversa divertida. Ele sabia que Beatrice era ótima quando se dispunha a bater papo e que Dave era charme puro. Num mundo ideal eles poderiam até ser amigos, sinceramente, pareciam se dar bem.

O problema é que aqui, no mundo real, Dave queria levar sua candidata a amiga para a cama e mantê-la lá o resto do final de semana. E Beatrice não ia dormir com ele, não só porque ela não estava interessada nessa parte, mas havia algo na vida dela chamado Sean Ward que também atendia pelo apelido de “marido”, com o qual ela estava tentando se acertar. E este ser podia arrancar a cabeça de Dave Campanale com uma faquinha cega.

Hartie sabia que ia ter um ataque do coração. O celular dele tocou e ele quase morreu na hora quando viu o nome de Don na tela.

– Tira ela daí – disse o segurança.

Como diabos Don sabia que Hartie estava ali? Ele estava de costas para o vidro.

– O quê? Enlouqueceu, homem?

– Você tem dois minutos pra tira-la daí – avisou Don.



– E por quê? Se fosse ameaça à segurança dela, você já teria entrado aqui e saído com ela no ombro.

– Esquece, calculei o tempo errado – ele desligou.

Don não calculou nada errado, ele havia acertado na conta do tempo que o carro levaria naquele trânsito chato de um dia chuvoso. Só que Tess estava nervosa e quando isso acontecia, ela não fechava aquela matraca. E Sean estava com o humor decaindo a cada segundo. Ele desceu do carro no meio do trânsito e foi andando. Tess gritou pela janela, agarrou o guarda-chuva e saiu correndo atrás dele, o que fez Kevin ter que sair atrás dos dois.

Quando chegou à frente do local, Sean olhou antes. Ele não estava colado no vidro, estava quase na rua, aproveitando que a calçada em volta do Empire Diner era larga, pois ali costumavam ficar mesinhas para comer do lado de fora em dias de tempo bom. Don saiu de onde esperava e olhou Sean, esperando para ver se ia precisar evitar um assassinato. Kevin trocou um olhar com ele, os dois seguranças estavam esperando a situação dar problema a qualquer momento.

A luz dentro do local era boa, mandava uma bela iluminação pelas janelas do restaurante que parecia um carro de trem e, assim como numa locomotiva, as mesas eram grudadas à janela. Ele podia vê-los. Cada um de um lado da mesa, mantendo a conversa ativa e bebendo sei lá o quê. Agora ele sabia como era, não estaria ali se sua irmã não tivesse dito. Mas era um fato que estava sentindo na pele o que Beatrice sentiu ao vê-lo pela janela de um restaurante. E doía como o inferno.

Não fazia a menor diferença se eles estavam “só jantando”, para Sean doía do mesmo jeito. Ele quase não tinha tempo com ela, mal a via. Mas tinha que engolir que ela seguia com sua vida longe dele e arranjava tempo para jantar com aquele puto que agora devia estar imaginando mil e uma maneiras de tirar a roupa dela.

– Sean, pelo amor de Deus! Está chovendo! – Tess chegou até ele com aquele guarda-chuva grande e conseguiu cobri-lo um pouco. – Volta pro carro!

Ele deu alguns passos para longe dela, com o olhar fixo no vidro. Tess ainda nem se preocupara em olhar para lá, só queria parar o seu irmão. Ao mesmo tempo em que achava bom ele ver, porque ela sabia que ele também jantara com outras por aí, estava com o coração partido.

– Não vou deixa-lo ir lá! – disse Tess, agarrando-se a ele por trás e ficando abraçada a ele e ao guarda-chuva.

Para falar a verdade, sentir a irmã se abraçando a ele, até o confortou um pouco. Aquela sensação de que pedaços seus estavam caindo era horrível. A dor podia ser no coração, mas que parecia tomar conta de tudo e inclusive da sua mente... Ah, a maldita com certeza dominara a mente dele. Só isso explicava o motivo para estar ali, parado, desconfortável e molhado, observando um garçom deixar pratos na mesa deles.

Não estava frio, era primavera, caía uma dessas chuvas que se formavam e prendiam o ar quente e demorava até ele evaporar. Mas ele sentia frio. E um ciúme corrosivo. Uma inveja feia. Uma dor indescritível. E se arrependia ao mesmo tempo em que sentia ódio. E Tess continuava falando, mas ele não a escutava.

Sean não tinha o direito de entrar lá, tudo que merecia era ficar ali, assistindo, do lado de fora daquele vidro, sentindo suas mãos tremerem pelo esforço de se forçar a ficar. Só que agora ele podia dizer a Beatrice que a entendia.

– A chuva está apertando de novo, vamos pro carro? – Tess pediu.

Enquanto comia as batatas, Beatrice ouvia Dave lhe contar sobre surfar na Austrália e se meter em situações com animais que ela nunca viu. Pelo que ela sabia, lá era o segundo maior mercado de atuação da Campanale e ele vivia indo lá. Ela até se lembrava de Dave ter lhe dito que sua ex-namorada morava lá.

– Pronta pra subir o nível? – ele perguntou, pegando o hambúrguer.

Beatrice cortou ao meio para poder morder com dignidade e encarou o desafio.

– Bom e pecaminoso! – ela disse, se divertindo por mandar a dieta para o espaço e passar a sexta à noite conversando sobre a Austrália e comendo um hambúrguer delicioso. E sem esquecer as batatas fritas sequinhas com a cerveja que ela não tomava há muito tempo. Isso sim faria Hartie dizer que ela estava se enturmando com o povão.

E pelo jeito, Dave também curtia esses momentos. O que era uma pena, porque ele estava provando ser um cara legal. Mas Beatrice sabia que não podia ficar comendo petiscos e bebendo com ele para conversarem um pouco mais sobre a Austrália, viagens, bichos selvagens e o que mais aparecesse. Ele queria levá-la para a cama. E ela sabia disso, porque ele não estava tentando esconder. No meio da conversa agradável, ele nunca perdia uma oportunidade.

Seria mais um buraco no seu campo de amigos que não teria. Ela bateu o olhar em Hartie e se surpreendeu ao vê-lo fazendo sinal de cortar o pescoço, como se lhe passasse uma mensagem. Com todas as maluquices que vinham de Hartie, como ela entenderia isso?

– Hum... – Dave terminou de mastigar antes de terminar. – Então você pretende terminar meu projeto e sumir da cidade?

– Não vou sumir, vou viajar. Todo mundo tira férias, acho que vou precisar.

Dave bebeu um gole de cerveja e a observou bem. Ele sabia que o projeto dele ainda ia demorar um pouco, mas não estava com pressa de se prender a ninguém. A menos que ela estivesse interessada em ter algo com ele. Se aquele casamento dela fosse mesmo de mentira, ele queria saber como fazê-la dar algum sinal de que aceitaria algo além de amizade. Mal sabia ele que estava um pouco atrasado, há uns meses, ele pelo menos estaria tentando em terreno fértil.

– E você vai sozinha?

Beatrice deu uma mordida enorme no hambúrguer e pensou se isso acontecia com Sean. Quando ele gastou seu tempo jantando ou almoçando com aquelas mulheres, elas provavelmente estavam o encarando e imaginando como ele ia ficar sem roupa, não estavam? E será que ele também passava por momentos de desespero em que pensava em fugir?

– Você me dá um minutinho? – ela disse, levantando e indo na direção do banheiro.

Hartie esperou Dave parar de admirá-la de longe e voltar a comer, então pulou do seu banquinho e correu para o banheiro também.

– Pega a bolsa e vaza, pelo amor de Deus! – disse Hartie, na porta do banheiro.

– Eu nem terminei as minhas batatas – disse Beatrice.

– Amanhã eu compro um carro de batata pra você ter overdose! Don me ligou, disse que era pra te tirar daqui em dois minutos. E isso foi há quarenta minutos.

– Don? – Beatrice franziu o cenho.

– O próprio! Pega a bolsa, maluca. Manda um beijo no ar pro loirão e vamos vazar! Aproveita e me leva, que tá chovendo os baldes todos.

Ela nem foi ao banheiro, afinal, a vontade tinha sido só uma desculpa. Voltou à mesa e sentou, ainda comeu algumas batatas enquanto disfarçava e Hartie agora parecia que estava tendo uma síncope lá no seu banco em frente ao balcão. Quando voltava para o lugar, ele ficou olhando para as janelas à procura de Don, mas não o viu porque devia estar entocado da chuva. Mas viu outra pessoa saindo de perto de um carro.

Tess abriu a porta do carro novamente e olhou seu irmão andando de um lado para o outro na chuva. Ela havia implorado a ele de todas as formas para não ir lá e estragar tudo. Inclusive a relação de ambos com Beatrice. Tess até apelou para a parte do “você também já fez isso!”.

Apesar do que Tess pediu, meia hora depois, quando Beatrice saiu do restaurante e parou embaixo do guarda-chuva que Don abriu acima deles, a primeira coisa que ela viu foi Sean.

– Eu já aguentei esse tempo todo, Beatrice. Agora chega. Você vai pra casa – ele disse, parando à frente dela e pingando sobre seu casaco.

– Sean! – Ela arregalou os olhos e ficou em choque ao vê-lo todo molhado.

Ela não sabia nem o que dizer. Ele estava com o cabelo colado à cabeça e por causa da chuva seus olhos estavam vermelhos. Ficou pior ainda quando Dave saiu atrás dela e viu Sean o olhando como se fosse arrancar seus olhos. E Hartie saiu correndo e se enfiou no meio também, já pálido.

– Você está todo molhado – ela o tocou, mas não tinha como secá-lo, então só passou a manga do seu casaco no rosto dele.

Ele afastou o rosto e olhou-a seriamente.

– Chega – ele disse. – Por hoje é tudo que eu aguento – o “sem matar alguém” estava estampado na cara dele.

– Eu estava indo pra casa, ia sair daqui e ir embora – ela disse, antes que ele pensasse que ela estava com outros planos.

Dave saiu logo depois dela, sem nem imaginar e disse:

– Acho que precisamos testar o hambúrguer do... – Ele os viu juntos e engoliu o que tinha pensado em dizer antes de se despedir de Beatrice. Ele ia dizer que da próxima vez eles deveriam ir ao New York Burg, bem ali na mesma quadra.

Ele já havia notado que ao menos hoje não ia ter o que queria. Mas ao vê-la junto com Sean, descobriu que nunca teria. Não enquanto eles estivessem juntos. Pelo menos agora ele sabia que não eram um casal de mentira. E talvez isso explicasse por que Sean estava na cidade e não viajando por aí.

Sean segurou a mão dela e afastou dele e se Dave fosse um franguinho e não um homem ia se borrar no lugar só pelo olhar dele. Se ele desse mais um passo para perto de Beatrice, Sean ia voar no pescoço dele. Don sabia disso, porque entrou discretamente no caminho. Só de olhar para Sean, Dave viu que precisava se afastar se quisesse sair dali andando. Ele estava a ponto de perder o controle. E não era nenhum ataque incontrolável de ciúmes, esse tipo de coisa dava até em caras que mal conheciam a mulher. Sean fechara os punhos, mas controlara, só não ia durar muito mais.

– Ai, meu Deus! – Hartie tampou o rosto. – E não para de chover nessa merda. Isso é hora?

Na verdade, a chuva já diminuía um bocado, mas a sensação ali no meio era que estava caindo granizo em suas cabeças.

– Nós dois sabemos que você não está realmente indo pra casa, não é? – Sean disse a ela antes de voltar para a chuva e esperar que ela fosse na direção de onde Don tinha deixado o carro.

Ele não conseguia ficar parado, então ficou andando de um lado para o outro.

– Obrigada pelo jantar – Beatrice disse a Dave de onde Sean tinha a deixado. – Nos vemos no trabalho – ela acenou e foi para o seu carro.

Hartie apertou a mão dele por ela e Dave nem sabia de onde ele havia saído.

Sean estava olhando para eles, mas estava tão no seu limite que estava quase orgulhoso de si mesmo por não bancar o babaca agressivo e levar a esposa de lá pelo braço. Já podiam chamá-lo de civilizado, viu? Iam todos sair vivos hoje. Graças à merda de dor na consciência que ele tinha. Não que fosse engolir fácil. Receber na mesma moeda era justo, mas não doía menos.

Antes de entrar no carro, Beatrice parou e ficou olhando para Sean, esperando que ele fosse embora também. Ele se virou e voltou para o carro onde Tess esperava.

– Eu não acredito que estou saindo daqui vivo! O que foi aquilo? – disse Hartie, pulando no carro ao lado de Beatrice.

– Eu acho que foi um jantar – murmurou Bea.

– Você está louca? Aquilo foi rude – ele apontava como se ainda estivessem diante do acontecimento. – Foi feio. Foi uma carnificina sem mortes.

– Não foi nada disso, Hartie.

– Ao menos agora nós sabemos que você não vai mais fazer refeições com o loirão. Ele descobriu seu segredinho sujo, baby.

– Mas que segredinho?

– Você ainda tem um marido de verdade. Pelo amor de Deus! E olha, trata de me levar lá no SoHo que não estou recuperado e nós precisamos bater um papo sobre hoje. Tenho que falar com alguém!

– Hartie, fui eu que mal terminei de engolir a comida e dei de cara com meu marido com aquela cara assassina. E pior, ele está pensando toda sorte de coisa. Talvez até que eu quisesse devolver a situação. E é você que não se recuperou?

- Babado forte afeta todos os envolvidos, por isso que é forte.
- Me dá alguma coisa pra dor de cabeça – ela colocou os dedos na testa, já sentindo a dor de cabeça.

\*\*\*

Era sábado e ainda estava aquele maldito tempo ruim. Havia parado de chover, mas Sean só sabia disso porque parara de escutar os pingos contra a janela.

Sabe aqueles dias que você não quer levantar da cama? Não, ele não estava depressivo ou fazendo drama. Seu corpo doía como uma pós-surra. E acredite, ele sabia muito bem o que era acordar depois de ter desmaiado de tanto apanhar. A diferença de agora é que não sentia pânico e estava deitado num lugar quente e confortável.

Sean voltou a fechar os olhos e puxar as cobertas, seus olhos estavam pesados e fecharam sem esforço. Ele achou ter se passado apenas uns minutos quando escutou a voz de Rico, mas já fazia uma hora. Hoje não era sábado? O que Rico estava fazendo ali?

– Patrão! Sua cara está péssima – disse Rico, inclinando-se para olhá-lo. – E tínhamos que ter saído há dez minutos. Cristina disse que você ainda estava dormindo!

Rico continuou tagarelando e Sean cobriu o rosto com o cobertor.

– Rico, aumenta a temperatura do ar – ele murmurou.

– Ele já está no mais alto que dá – respondeu o assessor, olhando a telinha do controle de temperatura que estava a vinte e seis graus.

Mas Sean continuava com frio. Um pouco depois, ele escutou a voz de Cristina também, aparentemente os dois estavam ao lado da cama em algum tipo de assembleia.

– Deixa de história, Rico – disse Cristina. – Isso é gripe.

– Ai, meu Deus! Ele nunca pegou gripe!

– É claro que já pegou. Eu só não lembro quando, ele vive viajando.

– Não pegou gripe nenhuma sob a minha vigilância, eu garanto – teimou Rico.

– Se vocês vão ficar tagarelando na minha cabeceira, acho bom me trazerem algo pra dor de cabeça – disse Sean, virando-se na cama.

Ele sentiu uma mão na sua testa e abriu só um dos olhos para ver que era Cristina.

– Febre – ela disse com a calma de quem já lidara com muitos gripados. – Vamos ver o que temos de remédio.

– Ai, meu Deus! Febre! – Rico saiu em pânico para ver algum remédio, como se houvesse sido informado que era uma febre fatal.

Sean sempre sabia o que estava tomando, ele nunca aceitava remédio nenhum que não soubesse o que era. Só que essa manhã quando Cristina apareceu com um chá e um comprimido colorido, ele não fazia ideia do que estava pondo para dentro.

– Vai melhorar tudo, é o pacote completo – ela informou. – Você vai levantar dessa cama novo em folha. Só que precisa comer alguma coisa.

Não, comer não, pelo amor de Deus. Ele só queria ficar sem se mexer. Seu sono até passara, mas estava com muita vontade de ficar só piscando. Ao fundo ele escutava Rico falando ao celular e cancelando seja lá qual evento ele tinha para ir num sábado de manhã. Devia ser algo do GW para Rico estar ali, arrumado como se fosse um dia normal de trabalho.

Um tempo depois, Sean sinceramente não sabia quanto, mas a iluminação estava diferente, apesar de continuar nublado e com chuvas ocasionais; ele ouviu a voz da sua mãe. Meu Deus, sua mãe! Por quê?

– Isso é bem feito, eu não mandei ficar na chuva. Thereza disse que ele ficou sapateando na chuva por uma hora – dizia Candace enquanto se movia pelo quarto.

Quem diria, ele não lembrava a última vez que esteve gripado. Mas não foi há tanto tempo assim para ter sido quando ainda morava com a mãe.

– Sean, você não vai me fazer voltar no tempo e dar isso na sua boca, não é? Estou na época de cuidar de netos, mas até Tibby já está comendo consideravelmente bem sozinha. Liguei pro médico, ele indicou algo ótimo.

Do que diabos ela estava falando? Ele se virou e se arrastou para cima, deixando seu corpo recostar nos travesseiros contra a guarda da cama.



– Meu Deus, você está pior do que eu pensava – ela remexeu numa bandeja. – Toma mais água, vai ajudar a passar a tosse. E esse antigripal.

Ele devia estar em algum mundo paralelo onde a mãe estava na sua cabeceira, dando-lhe remédios.

– Isso, bom garoto – ela recebeu o copo de volta. – Agora essa sopa. Cristina disse que cura tudo, parece uma delícia, acho até que vou acompanhá-lo. Não almocei ainda.

Ele engoliu a primeira colherada e parecia bom, seu estomago agradeceu o cuidado.

– Quem diria, hein? Até homens como você ficam gripados e precisam da mamãe para fazê-los tomar uma sopinha! – Candace riu, ela realmente estava se divertindo com isso.

– Eu não recusei sopa nenhuma – ele resmungou, antes de tomar mais.

– Cristina e Rico estão tentando convencê-lo desde onze horas. Não fique envergonhado, meu bem. Isso é adorável e agrada meu coração de mãe – ela se inclinou e deu uma ajeitada em suas ondas escuras, lançando aquele eterno olhar de amor maternal. Afinal, não tinha mais chances de lançar um pouco do seu carinho de mãe para cima dele, precisava aproveitar.

– Que horas são?

– Uma da tarde – ela virou o rosto. – Cristina! Pode, por favor, trazer mais dois pratos de sopa, um pra mim e outro pro Sean.

Ele só continuou tomando a sopa quente que tinha gosto de cebolinha, algum outro tempero que ele não identificava e frango.

– Então, ontem foi muito terrível? Acredito que você tenha sobrevivido bem à experiência.

O olhar dele voltou para a mãe e apesar de tudo que sentia no momento, ele estreitou os olhos para ela.

– Sim, eu sei – ela deu um tapinha afetuoso no seu braço. – Dói, mas passa. Eu prometo que vai dar certo. Aliás, liguei para o Jared. Ele disse que é uma pena ele ter saído daqui e perdido a chance de caçar do seu traseiro gripado. E mandou avisar que assim que você estiver bom, está te esperando para esquiar.

– Você contou a ele a sua grande ideia? – Sean perguntou.

– Que ideia? – Candace lhe lançou o olhar cinicamente desentendido e patenteado pelos Ward. – Enfim. Porque nessa família alguém só prova que bateu uma gripe se sair dela direto pra neve, não é? – Ela sorriu.

Ela tomou mais um prato de sopa na companhia dele e Candace nunca tagarelava à toa, a menos que estivesse disposta a isso. E ela escolheu tagarelar justamente sobre a reforma em sua casa que só seria feita depois que sua designer de interiores, que por acaso era a esposa de Sean, terminasse o grande projeto dela em uma certa empresa.

– Agora vai lavar esse rosto, depois de todo esse remédio tenho certeza que você consegue – disse Candace, antes de sair do quarto levando a bandeja com os pratos.

Ele foi ao banheiro tentar recuperar um pouco de sua dignidade, tomou banho e se sentiu como uma droga logo depois. Então voltou à cama e pasmem, dormiu de novo.

– Esse remédio que a senhora deu a ele dá sono – disse Cristina, encostando a porta e se virando para Candace com olhar desconfiado.

– O que dá sono cura mais rápido, pedi especificamente ao médico. Eu o quero esquiando longe daqui o mais rápido possível – disse a mãe, antes de dar meia volta e partir.

Foi mais o leve perfume que ele conhecia tão bem do que a carícia agradável e reconfortante em seu braço que o avisou que estava novamente acompanhado. E isso era bom, sinal de que depois de dormir tanto, ao menos seu nariz não estava mais entupido. Sean virou-se devagar e abriu os olhos, mas a claridade pareceu um soco na sua cara. Ele virou o rosto e colocou o braço sobre os olhos.

– Sua mãe disse que você estava muito gripado – disse Bea, sentada na beira do colchão. – Está muito mal?

Sério, o dia dele só melhorava, para não dizer ao contrário. Sean não tinha certeza se já estava pronto para vê-la. Mas tinha certeza que não estava bem o suficiente para vê-la sentada ali, com aquele cabelo brilhoso onde ele gostava de enterrar as mãos e o corpo tentador que ele amava explorar, tão bem embalado em mais um

dos seus malditos vestidos. Ou seja, tudo isso enquanto ele estava de cama, gripado, tinha passado metade do dia dormindo e com febre. Ótimo dia.

– Não estou no meu melhor dia – ele respondeu, franzindo a testa.

Ela levantou e foi fechar mais as cortinas para diminuir a luminosidade. Sean fechou os olhos para não se torturar observando-a. Ontem ele havia mesmo estado fora de si. Depois de chegar ao triplex, ainda andou pelo apartamento com aquela roupa molhada, enquanto pensava no que aconteceria agora.

*Você está fazendo uma tempestade em copo d'água* – Tess ficou repetindo, assim como a sua mente. Ao menos o lado racional dela.

Todo mundo sabe que paixão e racionalidade não são os melhores amigos. O ciúme gosta de entrar no meio e fazer intriga. E então, quando os dois finalmente se acertam e nasce o amor, a loucura vem junto com ele. E para piorar o amor é irmão gêmeo do ódio e você passa a viver eternamente naquela linha tênue, oscilando entre um e outro, confundindo ambos. Há lindos momentos de paz e ternura. E há muitos momentos como esse no qual ele e sua esposa viviam. Você nunca sabe onde está a linha de nada. Paixão, ódio, amor, loucura, tesão, ternura... dane-se. Acaba tudo na mesma sopa.

E ele ainda estava ali, querendo saber se Beatrice ia finalmente lhe dar a notícia que ele mais temia.

– Melhorou? – Ela voltou para perto da cama.

Ele assentiu e se virou na cama, mesmo ao senti-la sentar novamente onde esteve.

– Cristina fez os seus biscoitos favoritos. Ela está achando o máximo mimá-lo.

Ele soltou o ar e se mexeu, seu corpo ainda estava péssimo, mas havia parado de doer quando ele respirava.

– Eu não sei se já estou pronto para vê-la, Beatrice – ele resmungou e piscou lentamente, apreciando a penumbra.

– E eu acho que nunca o vi doente – ela comentou, enquanto se virava e servia o chá que fizera exatamente do jeito que ele gostava e adicionara mel.

– Você não veria... – ele disse, sentando-se e correndo as mãos pelo cabelo, mas desistiu quando achou que não adiantou nada e deixou os braços caírem com um sopro de frustração.

Beatrice soprou e mexeu o líquido âmbar com a colher, depois ofereceu a caneca a ele.

– Íamos passar o dia juntos hoje... – ela disse, depois que ele pegou e bebeu um gole.

Sean lhe lançou aquele seu olhar sarcástico e descrente enquanto ainda estava com a beira da caneca colada aos lábios.

– Foi o que combinamos – ela disse, na defensiva porque conhecia aquele olhar.

Ele balançou a cabeça e bebeu mais um gole do chá.

– Eu estou realmente dando o meu melhor pra não perguntar o que você estava fazendo ontem, porque eu sei que mereço. Mas eu tinha decidido isso, achando que a veria daqui a uns dias.

Beatrice botou um dos biscoitos de baunilha na boca e ficou mastigando enquanto o olhava de cenho franzido.

– Eu estava jantando, como já fiz com muitas pessoas, desde amigos a contatos profissionais e clientes. Comi um hambúrguer muito bom, mas as batatas estavam mais ou menos. Descobri que Dave Campanale, seu rival nos negócios e meu cliente, gosta de surfar na Austrália. E que ele até seria um conhecido legal para ter na lista de pessoas com quem socializo vez ou outra. Mas foi só isso.

Ele não achava que foi “só isso”, a visão dos dois lá no seu maldito jantarzinho ainda estava recente demais. Sim, eles só jantaram, Sean sabia disso, afinal, ficou lá assistindo. Mesmo assim, alguém tinha que explicar a ele o que aconteceu, porque algum neurônio seu não estava querendo assimilar.

– Você pode abrir um pouco as cortinas, por favor? Eu já me acostumei à claridade... – ele pediu, enquanto segurava a caneca entre as mãos e olhava para frente. Tinha que olhar para algum lugar.

Beatrice se levantou e abriu novamente as cortinas, depois se virou e o olhou de longe.

– Eu não acho que foi só isso – ele disse, depois de mais um gole.  
– Você me perguntou como era jantar com alguém. Você quis dizer,

jantar com alguém em quem você não está interessado, não é? E depois resolveu que ia descobrir, mas é esperta demais pra saber que eu provavelmente ia surtar. Só que Tess queria fazer uma boa ação, então... – ele pausou, quando foi obrigado a tossir. – Eu não gosto de fazer drama, não tenho paciência e nem humor pra isso, mas você me obriga a chegar aos meus extremos.

Ela andou até lá e lhe serviu um pouco mais de chá.

– Sua mãe disse que você precisava se hidratar – ela devolveu a caneca.

– Minha mãe... Meu Deus, onde é que eu estou – ele resmungou, mas bebeu.

Beatrice bebeu um pouco de chá também e ficou o olhando.

– E o que você fazia? Elas queriam dormir com você que não queria dormir com elas. Talvez também fossem legais e interessantes, mas você nunca saberia. Não que eu queira que você saiba. É só que eu não queria dormir com o Dave, só jantar.

Ele não estava gostando de ela ter descoberto que Dave, aquele puto, era “legal e interessante”. Quando ele sumisse com o corpo dele, ia querer saber se a parte legal ia sobreviver. Que merda podia haver de interessante naquele filho de uma...

Sean virou o rosto para ela e estendeu a caneca.

– Bem-vinda ao mundo real, Beatrice. Aqui, muitas pessoas querem te comer. Por mais que você não esteja interessado, eu sei como é. E tenho certeza que tem um bando de puto querendo o que você tem aí. Só me faça o favor de não sair com mais ninguém. Se eu for preso por agressão e assassinato, vai ficar complicado recuperar o casamento.

Ela havia ameaçado agredir uma mulher naquela semana, isso contava? Na verdade, ela havia agredido Chloe e até agora nenhum policial viera atrás dela. Então se *ela* fosse presa, também seria complicado recuperar o casamento. Mas quer saber, ela faria de novo e dessa vez ainda daria um chute naquela nojenta.

– Eu tenho poucos amigos...

Sean riu um pouco, mas tossiu e parou.

– Se eu não estivesse tossindo tanto, eu juro que ia gargalhar – ele tossiu mais, porque realmente estava rindo da possibilidade. –

Você queria me dar o troco, não queria? Eu não sou civilizado como você. Sabe por que eu não entrei lá? Tess implorou. Disse que ia arruinar a sua amizade com ela. E que já há coisas demais arruinadas entre nós. Isso penetrou o lado racional da minha mente. Mas foi uma vez. Não vai ter outra.

Os dois eram insanos, nenhum deles percebia que era inútil remoer o passado. E que havia um antes e depois ali, como se eles houvessem tido um relacionamento, ele houvesse acabado e agora houvessem voltado. O antes, quando viviam de mentiras, fingimentos e ressentimento. E naquela época Sean quis matar os caras com quem ela jantou e agora que sabia, ela queria matar todas aquelas cópias também. E o agora, em que ambos queriam matar todo mundo que chegava perto de um deles.

Beatrice tornou a se sentar no colchão e cruzou os braços enquanto parecia pensativa, mas depois o olhou.

– Eu não queria fazer nada disso que passou pela sua cabeça. Além disso, quero continuar o que estamos fazendo. E pra isso, vou colaborar, abrir mão, concordar, entre outras coisas que não fiz antes.

Ele ficou olhando para ela e piscou algumas vezes, então se moveu na cama e tornou a deslizar.

– Acho que vou descansar um pouco mais. Preciso estar de pé amanhã.

– Amanhã é domingo.

– Eu sei.

Sean puxou as cobertas e se virou na cama, procurando uma posição confortável. Beatrice pegou a bandeja com chá e biscoitos e levou de volta para Cristina. Agora foi a vez dela de dizer algo que era importante e não receber uma resposta, porque havia feito isso com ele várias vezes. Só não havia se dado conta de como era frustrante. O pior era saber que eles ainda iam fazer isso muitas vezes.

– Ele não comeu? – Cristina olhou os biscoitos quase intocados.

– Está sem fome... – murmurou Beatrice, para não dizer que ele nem olhou. – Tenho certeza que mais tarde vai comer. – Ela pegou três biscoitos. – Está uma delícia.

- Ele está melhor?
  - Parece estar, comparado ao que você descreveu. Ainda tossindo muito. Acho que dormiu. Só não olhei se está com febre.
  - Você já vai? – Cristina fez uma cara de sofrimento.
  - Não, eu não... – Ela balançou a cabeça. Com essa, já era sua terceira vez no triplex depois de ter saído de lá danada da vida e dizendo que não poria mais seus pés ali. Mas as coisas vinham mudando mais rápido do que ela planejava.
- Sean acordou mais tarde com seu celular vibrando em cima do criado mudo, perto de onde sua cabeça estava. Ele o agarrou e atendeu sem nem abrir os olhos.
- Meu garotinho lindo ta gripadinho, tá? – era Jared, fazendo uma voz infantil e gargalhando logo depois.
  - Vai se foder.
  - Liguei mais cedo e Beatrice disse que você estava apagado. Além da mamãe, a esposinha também está aí? Você está morrendo e não me convidou?
  - Preciso te mandar pra mais algum lugar? – Ele piscou algumas vezes, mas o quarto estava na penumbra novamente. Beatrice havia voltado e tornado a fechar as cortinas.
  - Descobri umas coisas aqui – informou Jared.
  - Você mal chegou...
  - Qual é? Meus garotos também são bons. Vamos nos encontrar quando essa sua gripe passar. Tenho umas ideias, acho que podemos atraí-los ou mudar o foco deles.
  - Então você descobriu que são eles, não é?
  - Quase certeza, estou confirmando. Mas os sinais são os mesmos. Amanhã eu vou ver um garoto daqui, quero perguntar umas coisas. Ele falou com meus garotos quando o soltaram, mas tem coisas que só nós dois sabemos.
  - A operação deles está maior do que antes.
  - Não sei, eles tiveram que fugir daí. Tinham que se adaptar e voltar depois. Além disso, você sumiu com dois dos cabeças.
  - Eu vou aí, assim que eu ficar bom.
  - Não precisa vir até aqui, nos encontramos...

– Não – cortou Sean. – Eu vou até aí. Vamos criar um plano. E... eu tô precisando esquiar, podemos usar isso.

– Que isso, minha tia te convenceu? Ela me disse a mesma coisa sobre te levar pra esquiar.

– Você sabe que minha mãe funciona de acordo com o calendário dela.

– É, mas sempre nos fez entrar no ritmo dela.

Sean sentiu a barriga roncar e foi até o banheiro e aproveitou para lavar o rosto e tentar sair do torpor. Estava melhorando rápido, isso era bom. Ele não só odiava ficar de cama, como neste momento, não podia se dar ao luxo. Não que seu corpo se importasse com sua agenda. Ele estava cansado de ficar na chuva, sob a nevasca e em ocasiões sem proteção do tempo. E não ficou gripado. Como que em uma hora sob chuva que nem gelada estava, ele acabava de cama?

Ao entrar no quarto, ele viu Beatrice novamente, agora com outra bandeja. Não a escutou entrar porque ela estava descalça.

– Trouxe o jantar. Cristina fez outra sopa e tem pão fresco – ela descansou a bandeja.

O que Beatrice estava fazendo ali até agora?

– Hoje não era dia de ela ir pra casa?

– Não sei, ela disse que ia pro primeiro andar jogar vídeo game com a Nadir.

Sean franziu o cenho, Nadir e Cristina faziam seu próprio calendário, mas elas deveriam ficar em suas casas dois dias por semana. Às vezes elas iam embora e voltavam bem cedo. Ele não tinha certeza se viu Cristina lá a semana toda, mas sempre tinha jantar pronto. Era Beatrice que se preocupava com isso quando ainda morava ali. Ele quase não ficava em casa antes, não via nada. Agora a dona de casa era ele, tinha que prestar atenção nelas e ver se estavam precisando de algo ou satisfeitas com sua carga horária e folgas. Isso ia ser engraçado, afinal, no GW ele tinha um grande departamento de recursos humanos para cuidar disso.

– Está na hora de você tomar outra dose dos remédios – ela avisou e ficou tirando os remédios das caixas.

– Você também não deveria ter ido embora?



– Eu sei que hoje você não quer me ver, mas não precisa me expulsar – ela deu o remédio a ele.

– Já faz tempo que eu não preciso expulsá-la daqui pra você não querer ficar em casa – o tom dele foi cortante. Esse tópico ele nunca ia superar.

– Eu não sabia que gripe fazia seu humor decair tanto. Tome a sopa. E não deixe de comer o pão. Quer ficar bom logo? Alimente-se, tome os remédios e repouse!

Ela deixou o quarto e fechou a porta. Sean teve certeza que agora ela ia pegar a bolsa, calçar os sapatos e sair dali como um raio. Ele até riria disso, mas seu humor não estava tão bom e rir ia fazê-lo tossir. Além disso, ele não gostava de vê-la partindo de casa.

Depois de tomar os remédios, comer tudo e levar a bandeja de volta à cozinha, Sean estava se sentindo menos miserável. Mesmo assim, foi ver seus e-mails no tablet, assim podia fazê-lo da cama. Óbvio que ele acabou dormindo com o aparelho sobre o peito. Devia estar tirando o sono atrasado dos últimos cinco anos.

Apesar disso, ele acordou um tempo depois quando a cama se moveu. Ele viu Beatrice ajoelhada ali, com seu tablet na mão. Ele piscou algumas vezes para focalizar.

– Você ficou com dor na consciência, achou que eu ia morrer no meio da noite e voltou? Eu pareço tão mal assim? – ele perguntou.

– Eu só fui ao segundo andar pra falar mal de você pra Gwen. Ela apareceu.

– Mesmo? Deve ter sido divertido, falar mal de mim é sempre engraçado.

– E ela não está estranha. Ao menos eu não achei.

– Claro, Jared não está mais aqui.

Beatrice se paralisou no processo de pôr o tablet dele no criado mudo e arregalou os olhos.

– Jared e Gwen tem alguma coisa a ver um com outro?

Sean deu de ombros e sentou na cama, recostando contra a guarda.

– Que horas são? Você já jantou? – ele perguntou.

– Sim, são onze e quarenta e sete – ela disse, depois de olhar o relógio sobre o criado mudo.

– Por que você ainda está aqui, Beatrice?  
– E por que você quer tanto que eu vá embora? – ela perguntou, seu tom denunciando um pouco de mágoa por isso.  
– Não sei por que você está me acusando. Não fui eu que jurei não voltar aqui e que esses dias estava na antessala do segundo andar porque não queria entrar na própria casa.  
– E eu não sei por que você não larga esse tópico – ela o olhou de forma ressentida.

– Porque ainda está aqui – ele apontou a própria garganta, indicando que ainda não engolira aquela história. – Você age como se eu esquecesse tudo facilmente. Às vezes sim, mas às vezes não. Só que você vem agindo assim há anos.

Ela moveu o ombro como se não quisesse fazer muito caso do assunto, ele percebeu que ela não estava com o vestido que a viu hoje cedo, aquilo era uma camiseta larga. Seu cabelo estava preso no alto da cabeça e ele achava que ela parecia com alguém que havia tomado banho e tirado a maquiagem. Aquele leve cheiro de perfume de hoje cedo fora substituído pelo sabonete dela. Então ela ia ficar para passar a noite? Isso só tornava o assunto mais irônico, não?

– Você vai ficar aqui? – Era óbvio, mas ele não ia largar isso.

– Se você preferir eu vou embora – ela respondeu, pedante.

Ele pendeu a cabeça para o lado, só a observando.

– Sério? Sua bolsa não deve estar muito longe. Ela nunca está.

Os dois ficaram se encarando, ele olhava-a diretamente, mas ela prensava os lábios e acabou dizendo:

– Eu não quero ir...

Sean assentiu e desviou o olhar enquanto o fazia.

– Sabe, você deveria simplesmente me dizer o que não consegue engolir – ela argumentou. – Do jeito que não dissemos nos últimos anos.

– Tudo bem – ele pausou só um momento, pensando nas primeiras palavras. – Aquela noite, você não era a única que precisava ceder. Eu me entreguei, cedi tudo. Fui completo. Você podia me arruinar de uma vez ou me aceitar. E eu nem sei o que realmente aconteceu. Sei que você foi embora e me deixou de pé

como um idiota no hall da nossa casa. Eu vou deixar isso pra lá, de verdade. É só que é um tanto irônico estarmos aqui agora.

Beatrice ficou movendo as mãos, sobre suas coxas, já que estava sentada sobre as pernas, mas acabou o olhando.

– Me desculpe – ela disse porque não sabia que havia significado tanto para ele e nem que o magoara a ponto de continuar preso em sua mente.

Ele esticou o braço e a puxou para bem perto dele, surpreendendo-a, mas segurou-a ali, presa pelo seu olhar e por suas mãos, impedida de ficar divagando. Ele queria que ela prestasse atenção apenas no que ele ia dizer.

– Eu não quero que você peça desculpa, não precisamos disso. Eu quero que você nunca mais me abandone depois de fazer amor comigo.

Tudo que ela podia fazer era apoiar-se nas coxas dele e o encarar de volta, já que ele a puxara para tão perto e estava mantendo-a segura.

– Não vou, eu prometo – ela disse.

– Não vou mais viver sob indecisões. Você voltou pra mim, se entregou, depois se fechou de novo e agora voltou outra vez. Não vou deixá-la se afastar de novo, entendeu? Se você ficar indecisa e começar a ir e voltar, acabando com a pouca sanidade que eu ainda tenho, eu vou atrás de você e vou trazê-la gritando e esperneando de volta pra casa.

Ela tentou mover a cabeça, mas ele a mantinha bem presa e nem piscou, continuou olhando-a intensamente e ela estreitou o olhar de volta.

– Não vou fazer nada disso – ela disse.

– Ah, vai sim, Bea. Você faz isso comigo. Mas de agora em diante, se mais alguém se meter entre nós, vamos todos acabar sobre uma poça de sangue.

– Você vai nos fazer ser presos.

– Depende de você.

Ele a manteve ali mais um pouco enquanto a encarava, como se a desafiasse a desviar o olhar, mas ela não o fez. Sean a soltou e deixou o corpo ir para trás e se recostar contra os travesseiros.

– É melhor ir pro seu quarto, eu não quero que pegue a minha gripe – ele disse.

– Não... eu não vou pegar.

Ele balançou a cabeça, a única coisa que faltava além de ele ficar doente, era deixá-la doente também.

– Vai. Eu vou tossir a noite toda, vai ser um inferno.

Ela lhe lançou um olhar ressentido. E Sean estava bem ciente de que a situação só ficava mais e mais irônica. Agora ele estava a expulsando do seu quarto. Isso porque esteve praticamente implorando para que ela entrasse ali.

– Casais de verdade não simplesmente se separam quando um fica doente, como se um deles tivesse virado um ser infeccioso – ela reclamou, antes de sair da cama.

Ele ficou sorrindo enquanto ela andava pelo quarto.

– E desde quando você sabe o que casais de verdade fazem? E isso é exatamente o que eu sou nesse momento, um ser infeccioso.

Beatrice fechou os punhos e marchou até a cama, o segurou pelo rosto e o beijou. Foi rápido, mas o mal já estava feito. Sean ficou sorrindo enquanto ela se afastava.

– Agora já era, estou infectada. E pra sua informação, você não está mais com febre.

– Me dá a última dose dos malditos remédios.

Ela levou os remédios até lá, Sean tomou tudo e devolveu o copo com água. Ele voltou a se ajeitar na cama e até fechou os olhos.

– Eu vou apagar daqui a pouco. Se você quiser entrar aqui escondida, tudo bem – ele continuava se divertindo.

– Isso é ridículo! – ela reclamou de lá.

Podia até ser, mas foi divertido o suficiente para quebrar aquela pequena discussão de relação que eles tiveram.

– Vem cá – ele disse, virando-se na cama e esticando o braço.

Beatrice voltou rapidamente e se enfiou por baixo das cobertas dele, até ficar bem perto.

– Você nunca fica doente... – ela murmurou e colocou a mão no peito dele, acariciando como se fosse ajudar a curá-lo.

– Eu sei, mas acontece. E eu não a quero gripada.

– Se você não estiver melhor amanhã, nós vamos ao médico.

- É só uma gripe.
- Não quero saber.

Sean fechou os olhos, ele queria saber o que ela ia pensar se soubesse no que ele costumava se meter quando não estava trabalhando pro GW. Se ela queria levá-lo ao médico porque estava gripado, ia interná-lo constantemente. Ele ia ter que resolver isso mais cedo ou mais tarde, porque não podia mais ter ferimentos escondidos agora, ela ia acabar vendo. Ele queria saber o que Jared dizia àquelas quinhentas namoradas dele, provavelmente alguma mentira descarada que elas riam e pouco se importavam. E Beatrice não engoliria.

## Capítulo 4

*Beijos repletos de saudade sempre são deliciosos. Gosto quando sua boca fica tão grudada à minha que chega a doer, sua respiração fica acelerada, seus lábios desesperados, loucos de saudade como eu. Sei que sentiu a minha falta...*

De manhã quando Beatrice acordou, Sean não estava lá. Ela empurrou as cobertas e olhou pelo quarto, nada. Saiu de lá e foi caçá-lo pelo andar, nada também. Desceu a escada e o encontrou no segundo andar, tomando café da manhã com Gwen. Ele parecia melhor e não estava mais pálido. Apesar disso, Gwen olhou para ele e depois para Beatrice e levantou a sobrancelha, desconfiada da suposta saúde dele.

Ontem, enquanto Sean estava dormindo, Gwen havia contado algo que Beatrice não esperava e não era nenhuma fofoca escandalosa e quente. Depois do divórcio complicado com o seu marido abusivo, o dinheiro que ela ainda tinha havia ido para pagar os honorários do advogado e para fazer sua mudança de volta pros Estados Unidos. Agora ela estava falida e sem emprego. E esse era um dos motivos para Sean insistir em lhe dar abrigo, mesmo que ela já houvesse tentado encontrar outro lugar para morar. Algo que pudesse pagar, mas na atual situação...

Sim, sua família costumava ser rica, há quinze anos eles tinham muito dinheiro. Nada escandaloso como a fortuna dos Ward, mas era considerável. Atualmente, nem tanto. E voltar com o rabinho entre as pernas para a casa do pai, pois sua mãe já falecera, era sua última opção. Só faria isso quando não tivesse nem mais uma mão amiga para ajudá-la. Enquanto isso, encontrar um emprego de acordo com sua capacidade estava difícil. E ela já estava recebendo a hospitalidade dos Ward, não conseguia aceitar mais nada, nem

uma indicação de Sean pro RH do GW, precisava se levantar por conta própria.

– Você está tão melhor assim? – Bea perguntou, colocando as mãos nos quadris. Na opinião dela, Sean ainda devia estar repousando e não ali, com aquela cara de quem estava pronto para ir dar um passeio na rua.

– Eu perguntei a mesma coisa... – Gwen disse baixo.

– Quase curado – ele respondeu, recostando na cadeira e bebendo mais suco de laranja. Era exagero, ele estava melhor, mas precisava de mais remédio e repouso. – E não quero ver sopa tão cedo – ele sorriu para Cristina que estava colocando uma cesta de pães na mesa. – Mas os biscoitinhos de baunilha eu quero – Sean piscou para ela.

– É ótimo vê-lo melhor. Só não exagera, ok? Vou dar uma olhada no meu projeto – ela voltou pela escada. Era domingo, mas ia até a Campanale ver como Nick estava indo com o trabalho. O fim de semana era o melhor tempo que tinham para esse tipo de obra.

– Você volta? – ele se inclinou na cadeira para conseguir ver a escada.

– Acha mesmo que eu confio em você para repousar? – ela voltou até a base da escada e se inclinou só para ele poder ver sua expressão de descrença.

Sean sorriu e se endireitou na cadeira para voltar a comer, mas pensou que talvez devesse parecer um pouco mais doente para ela ficar em casa. Tudo bem, ele tinha compromissos e passaria tempo suficiente em aviões para planejar algo para ela.

\*\*\*

Na segunda-feira, Beatrice trabalhou metade do dia no escritório e a outra metade no seu projeto em andamento na Campanale. Ela não precisou ver Dave, o que foi ótimo, pois seria um tanto constrangedor. Só que bem no final do dia, recebeu um recado no Whatsapp e não era uma das mensagens diárias de Sean.

SEAN 19:53 Vou sair da cidade, resolver um problema com Jared. Vou sentir sua falta o tempo todo. Volto logo.

Pera aí, Jared não tinha voltado para a Europa? Para sabe-se lá qual das cidades onde ele comandava as operações do GW. Sean não estava só "saindo da cidade", estava saindo do país.

BEA 19:55 E vai ficar lá muito tempo?

SEAN 20:00 Vou perder a tarefa da semana. Pode me castigar se quiser.

BEA 20:03 Da semana? Você vai quando?

SEAN 20:04 Voo às 21h

BEA 20:06 E você está tão melhor da gripe assim?

SEAN 20:07 Sim. Ótimo

BEA 20:09 Mentira

SEAN 20:10 De verdade

BEA 20:12 É urgente? Você vai do nada... =(

SEAN 20:13 Muito. Desculpe

Ainda bem que ela não pediu detalhes ou ele ia ter que inventar. Rico ficou mais desesperado do que ela, especialmente porque Sean o deixou em Nova York. Isso não era tarefa para levar Rico junto e precisava dele na sede do GW trabalhando e o assessorando de longe. Sean sempre continuava trabalhando quando viajava. Só que ele tinha também outras coisas para fazer junto com Jared. Como resolver aquela merda que estava crescendo e pronta para explodir.

Depois de anos nisso, estava voltando para bater na cara deles. E não era exatamente isso que eles queriam? As coisas haviam mudado, quando começaram, não havia Beatrice e nem Tibby. Na época, Tess e sua maluquice eram o ponto fraco da operação para guardar a família. Agora era Beatrice que Sean não podia impedir que ela vivesse por aí e tinha que protegê-la como dava. E Tibby, que causava terror neles só de pensar em algo acontecer a ela. Os outros eram mais fáceis de lidar.

Havia outras crianças na família, espalhadas pelo mundo, mas tinham menos contato com eles e também seus próprios



seguranças. E agora eles tinham um grupo de sequestro à frente deles. E finalmente, depois de tanto tempo, pareciam ter acertado o cerne da questão. Muita gente havia morrido, muitos jovens já haviam sido levados, ambos já haviam gastado milhões de dólares nisso e só agora estavam criticamente envolvidos.

Porque talvez seu segredo não fosse mais tão secreto assim.

E eles tinham um novo plano, mas iam precisar passar pela fase um. E Sean precisava deixar Nova York para isso. Podia ser só por uns dias, mas ele queria ficar e participar de tudo. E ter certeza.

\*\*\*

– Chefe – Hartie abriu a porta e entrou na sala de Beatrice. – Seu compromisso das três está aí – ele avisou.

– Ah, ótimo – ela arrumou o bando de provas e imagens que havia sobre sua mesa e fez tudo desaparecer numa das gavetas. – Me dá só mais um minutinho.

– Antes disso, eu sou obrigado a perguntar. Devido ao seu histórico recente, você vai me prometer que não vai sair pra almoçar, jantar ou até pra pescar com esse homem. Pelo amor da minha cara sem rugas. Se esse for outro encontro seu, eu juro que faço greve. E depois ainda peço aumento, pra você pagar as minhas plásticas.

– Hartie... Que maluquice é essa agora? Minha cota de encontros já bateu.

– Ainda não me recuperei daquele seu jantar amigável. Estou com quatro cabelos brancos e duas rugas novas por causa daquilo.

Ele saiu da sala e Beatrice ajeitou seu cabelo antes de ir até a porta receber seu provável novo cliente; ela sempre os encontrava antes de sentarem e apertava suas mãos. Só quando a porta abriu ela entendeu porque Hartie estava falando aquelas loucuras.

– Boa tarde – disse o homem, dando dois passos e lhe oferecendo a mão em cumprimento. – Angelo Pagani, prazer em conhecê-la.

– Beatrice Ward – ela respondeu a apresentação. – O prazer é meu, seja bem-vindo.

– Fico feliz de ter conseguido um horário – ele respondeu e a seguiu para sua área de encontros.

Ainda bem que ela vivia num mundo em que Sean Ward existia na sua vida e se ela não estava caindo dura no chão toda vez que o marido entrava num lugar, isso significava que ela não se jogaria aos pés de mais ninguém. Ela também conhecera os outros Ward e estava mais do que acostumada a ver Jared entrando e saindo dos lugares. Porque esse Sr. Pagani fazia uma entrada e tanto. Ela podia imaginar onde estaria a cara dela se já não fosse tão bem treinada por Wards deslumbrantes.

E o pior, ele sorria. Assim que entrou, Angelo abriu um sorriso enorme e brilhante. Muitos dentes brancos brilharam à frente dela, acompanhados de uma boca larga que era um dos itens marcantes do rosto dele. E que boca. Ora essa, ela era uma artista. Sua faculdade de design de interiores era arte. E ela gostava de observar atributos bonitos e decorando o lugar certo. O Sr. Pagani ali, certamente estava bem decorado.

Quando seus clientes iam à sua sala, Beatrice reunia-se com eles em confortáveis poltronas com uma mesa bem ao lado, onde podia mostrar o trabalho que estava fazendo ou iria fazer. Ali podia expor brochuras e folhetos que estavam sempre atualizados com as melhores imagens do seu portfólio. Ela franziu o cenho e sentou-se à frente de Angelo. Ele se recostou de forma confortável e cruzou os pulsos. Em seguida dirigiu a ela seu olhar castanho. Bonita cor, uma espécie de castanho avelã com toques de verde ao fundo. Combinava bem com sua pele morena que ela não sabia se era por exposição ao sol ou se ele já viera ao mundo daquela cor. O que não seria nada justo com os pobres seres necessitados de bronze.

– Pelas informações que deu, é uma casa de praia, não é?

– Sim, recém-comprada. Mas o aspecto está ruim. Até eu que não entendo nada disso, posso notar que não está bom.

– É para você morar?

– Não exatamente.

Beatrice fazia muitas perguntas, ela queria saber para quem seria seu trabalho. O que a pessoa gostava, o que desejava, suas preferências... ela basicamente entrevistava seus futuros clientes. E Angelo falava bem, não enrolava. Ela descobriu rápido que ele era da Itália, mas sua família já não estava morando em vilas distantes

dos centros italianos há muitos anos. Eles ainda gostavam de suas casas na Itália, mas não estavam mais satisfeitos apenas com suas moradias no centro da cidade.

E com os negócios que eles precisaram mover, a família estava em parte vivendo nos Estados Unidos e agora ele também resolvera passar mais tempo aqui, perto de seus investimentos. Assim, a casa na praia era uma das novas moradias dos Pagani.

– Então vai ser uma casa familiar.

– Exatamente. Não é só pra mim, então.

Sim, porque a Mama, a quem ele se referiu com carinho, pretendia se mudar para lá com todo o seu séquito. Isso incluía crianças, adolescentes, cães, cunhada, etc. Por que não voltar para a Itália? *Ah, não. Só nas férias* – dissera Angelo abrindo aquele sorriso enorme e atraente.

Hartie ficaria para morrer se ela dissesse que achava o Sr. Pagani muito mais atraente do que Dave. Ora essa, ele fazia seu tipo, ué. Um moreno e tanto.

– Além do seu ótimo trabalho, eu quero algo que você tem acesso – ele disse, quando já estavam quase amigos de infância depois de tanto conversar.

Ela franziu a testa. Ok, isso era estranho.

– Eu calculei que você seria minha melhor opção, porque é a mais acessível de todos. E tem que concordar que sua família é extremamente inacessível. Você não simplesmente encontra um Ward e tem uma conversa sem um motivo.

– Sr. Pagani, estou começando a ficar preocupada com o rumo dessa conversa.

– Eu sei. Talvez você só me conheça por apelido ou sei lá como ela resolveu se referir a mim. Vai ser mais fácil se eu lhe disser que sou o pai da sua sobrinha.

Claro que Beatrice ficou paralisada, só encarando Angelo. E ela precisava falar com Tess. Imediatamente. Mas antes, ela ia tirar essa história a limpo.

\*\*\*

Depois daquele encontro, Beatrice ainda continuava com toda a história na cabeça. Ela precisava bater um papo com Tess, dessa vez seriamente. Ela já estava envolvida e ia continuar. Não ia deixar sua cunhada continuar com aquela bagunça que havia arrumado.

Outra coisa que não saía de sua cabeça era... Onde estava o seu maldito marido? Fazia uma semana que ele havia saído da cidade. Ele continuava mandando mensagens, mas os horários que elas chegavam estavam alterados. Claro que isso podia ser pelo fuso horário, mesmo assim, ela achava que havia algo acontecendo. Ele estava desaparecido. O que era muito estranho. Sean estava empenhado. Ela tinha que admitir, se havia alguém realmente comprometido em consertar as merdas que fez, era ele. Ela nem tinha vergonha de reconhecer que ele levava o prêmio de funcionário do mês no trabalho deles.

Então, apesar de tudo isso, ele saía do país e sumia?

– Ih, cara! Se liga no patrão, radical! Você o liberou do serviço pra ir fazer umas maluquices com o outro Ward bonitão? – disse Hartie, divertindo-se com algo em seu tablet.

Beatrice largou o garfo e balançou a mão para ele lhe mostrar a tela. Hartie virou para ela que com crescente terror, viu o que Sean estava postando no Instagram. Sim, ele postara umas três fotos. Uma era de uma vista linda e inóspita, com um céu azul e umas casinhas coloridas, rodeadas por nada além de uma imensidão branquíssima de neve e água azul escura ao fundo. E dizia “nossas locações na Groelândia. Em casa está ficando quente, mas aqui está perfeito”.

Depois havia uma foto de três pessoas agasalhadas, com gorros, óculos enormes de esqui refletindo a luz natural e segurando pranchas de snowboard. Se ela não conhecesse Sean bem demais, não saberia que ele era o homem do meio, com os óculos refletindo em tons multicoloridos e a prancha azul, verde, branca e com detalhes dourados. Dos seus dois lados estavam seus primos.

A terceira foto, ainda mais assustadora, era ele. No pico íngreme de uma montanha coberta de neve, olhando a imensidão de mar azul escuro e a paisagem completamente branca. Ela se arrepiou de terror só de olhar.

– Ele mal se curou de uma gripe! O que ele está fazendo na Groelândia?

– Sei lá, um churrasquinho é que não é – riu Hartie. – Achei sinistro! Sabia que o patrão gostava dessas coisas, mas essa foi radical.

Beatrice já estava ao celular, falando com Tess sobre o irmão dela estar recém curado de uma gripe e enfiado no quinto dos infernos, no meio do gelo. Ela até esqueceu a história do italiano que tinha para tratar com a cunhada. Afinal, seu marido que até poucos dias estava de cama e mentindo sobre já estar recuperado, agora estava no meio da neve. Num lugar escondido, um vilarejo no meio do nada!

BEA 16:34 O que você está fazendo no meio da neve?

SEAN 18:45 Não tenho internet boa aqui. Só quando conectamos o modem lá na base.

BEA 18:48 Você está no meio do nada. Não era pra resolver assunto do GW?

SEAN 18:55 Estou fazendo isso também.

BEA 18:57 Você está na Groelândia!

SEAN 19:05 Cheguei ontem. Telefone aqui também está uma droga.

Mal sabia Beatrice, que além de Jared e ele adorarem esquiar e praticar snowboard em locais diferentes do planeta, eles não estavam ali à toa. E quando chegou em casa e abriu o Instagram antes de dormir, ela viu um vídeo de um deles descendo aquela imensidão branca à toda velocidade e fazendo manobras pela neve sobre a prancha de snowboard. Era de parar o coração na garganta.

\*\*\*

Quando a campainha tocou, Beatrice voltou para a sala e aguardou. Alvez tinha ido checar. Eles estavam se dando bem, depois daquela confusão que ele presenciou era o mínimo que podia acontecer.

– Cadê a Tibby? – Beatrice olhou em volta de Tess, esperando a menina sair de algum lugar e se atracar a suas pernas.

– Despachei com minha mãe pra conhecer o estúdio da vovó – Tess deu um beijo rápido nela e foi direto pro sofá.

– Vou buscar um suco – disse Beatrice.

– Tem chocolate? É o único calmante que posso consumir, você sabe.

Sorrindo, Beatrice voltou com biscoitos de chocolate já que não tinha outro tipo em casa, estava tentando não sabotar sua alimentação. Se comesse besteiras em outros horários, como ia poder apreciar pratos deliciosos nas refeições? Não queria abrir mão de uma panqueca ocasional com Sean, um hambúrguer apetitoso numa saída de sexta ou pedir alguma sobremesa depois de um almoço no meio da semana. Gostava das suas escapadas planejadas.

– Dá pra você parecer menos desesperada?

– Beatrice, isso é um assunto delicado – Tess se moveu no sofá.

– Delicado uma ova. Sabe, eu acho que você precisa conhecer o Hartie, ele ia te mandar a real de um jeito inovador.

– Não, você já é suficiente para o que eu aguento.

– Não vá amolecer agora. Eu estou planejando pegar o projeto da casa de praia dos Pagani.

– O... o quê? – Tess balançava a cabeça, sem conseguir entender. Ela chegou até a achar que o nome era uma coincidência.

Quando Beatrice ligou e disse que precisava falar seriamente com ela sobre “aquele assunto” que agora era o segredo delas, Tess quis saber do que se tratava. E ficou em pânico quando a cunhada disse que tinha encontrado com o pai de Tibby. Só que Beatrice não explicou exatamente como.

– Os Pagani, estão pra comprar uma casa. É consideravelmente próxima à sua.

– O quê? – Agora sim foi aquele grito de ultraje.

– E devem baixar lá com a “Mama” e tudo mais.

– Beatrice! – Tess pulou de pé e começou a andar, ainda se expressando naquele tom de total terror e ultraje.

Beatrice continuou sentada calmamente e pegou um biscoito para mordiscar.

– Você sabe, sou multiuso. Uma hora faço uma empresa, outra uma casa urbana, depois uma casa de praia... Desde que as pessoas gostem do meu estilo.

– Você sabe que não estou falando disso! – explodiu Tess.

Beatrice cruzou os braços e as pernas e lhe lançou um olhar que ela devia ter copiado de Sean, afinal, a convivência causava isso.

– Sério, Tess? Você já está bem grandinha. Seu irmão te protege do jeito dele, sua mãe ainda não confia no amadurecimento da sua mente. Mas eu prefiro terapia de choque. Eu te falei que era melhor você abrir o bico.

– Isso é chantagem, Beatrice!

– Nada disso, não te ameacei.

– Ameaçou sim. Você disse que ia descobrir quem era e ia buscá-lo.

– Você está doida, Tess. E não disse nada disso. Eu disse que era bom você se resolver logo ou eu ia te dedurar pro seu irmão e aí ele ia achar o pai da Tibby até no inferno.

Thereza girou no lugar e a olhou com aqueles olhos esverdeados e enormes.

– Piorou! – ela gritou. – É muito pior do que você ir atrás dele!

– Eu sei. Mas não precisei. De qualquer forma, esse seu Pagani bonitão, quer falar com você. Ele me pareceu bem esperto. E eu não ligo de ele ter me usado pra isso, desde que me pague o que vou cobrar pela casa.

Tess voltou até o sofá e sentou ao lado de Beatrice, agarrando o braço dela.

– Você não vai trabalhar pra ele, Beatrice.

Ela virou o rosto e encarou bem a cunhada.

– Por que não? Ele pode pagar e uma casa de praia inteira vai ser bom pro meu portfólio. Além disso, posso descobrir coisas sobre ele. Imagino que nesse final de semana que você passou dando pro cara, não deu pra descobrir muito além do corpo sexy dele, não é?

– Pelo amor de Deus... – Tess se deixou recostar e cobriu o rosto.

Depois de aguardar um momento, Beatrice ofereceu o copo de suco à Tess para ver se ela se acalmava e tocou seu ombro para confortá-la.

– Eu não sei por que você está fugindo. De qualquer forma, não é justo fazer isso com a Tibby por causa dos seus medos, Tess. Pelo que você disse, esse cara não fez nada de errado. Tudo bem, ele te engravidou. Mas numa relação consensual, ambos são responsáveis por isso. E no final, quem sumiu foi você.

– Eu só tinha vinte anos e era uma bagunça. Além disso, menti minha idade. Ele achava que eu já tinha vinte e quatro naquela época.

– Quem nunca, né? – Beatrice revirou os olhos.

– Eu sei, mas... Você não entende, Bea. Você sempre foi você, só amadureceu. Eu... você não tem noção de quão baixo eu descii. Eu sou só uma ex-viciada, sempre com medo de cair de novo. A única coisa que me diferencia dessas garotas drogadas que vemos na rua de madrugada e ficamos com medo e até pena, é que meus parentes se importam muito comigo, trabalham pra caramba e pagaram meu tratamento. Fora isso, eu sou uma ex-drogada que ainda por cima engravidou.

– Você não é nada disso. Largar o vício não é fácil e depende de você. Não importa o que os outros façam, se você não quiser, não supera. Não se julgue com base nos outros e nem faça o contrário. Pode ir parando. Qual o problema, afinal? É muito mais maluco você esconder isso. Como se realmente fosse uma vadia e não soubesse quem é o pai. E quando a Tibby crescer e começar a perguntar? Você por acaso vai mentir e dizer que não sabe com quem dormiu?

– Não consigo nem olhar pra ele. Eu acho que você está certa, mas agora ele sabe e eu morro de vergonha de tudo que eu fiz. Os posts e boatos da internet não chegam nem na metade. Eu... a única coisa que eu tenho e que vale alguma coisa é a Tibby. E nem eu sei como ela nasceu saudável depois de tudo.

– Você largou as drogas antes de engravidar, lembra? Foi exatamente quando eu me casei com seu irmão. Eu lembro de você naquela época. Você mudou tanto, Tess. Está tão melhor agora, não



parece nem de longe aquela moça triste e pálida de quando te conheci.

– Foi a Tibby – Tess juntou as mãos sobre as coxas e ficou olhando para baixo. Surpreendeu-se quando Bea lhe deu um lenço de papel. – Eu acho que se não tivesse engravidado eu... não sei. Não sei se teria permanecido limpa. Não faço ideia. Eu estava sem motivos naquela época e descobrir que eu carregava uma vida, me deu um motivo pra continuar.

Bea segurou a mão dela e apertou.

– Eu sei que a Tibby é tudo pra você e sei o que ela significou pra todos vocês. E ela merece que você pense nela primeiro.

Após uns goles do suco e dois Kleenex, Tess levantou o rosto e olhou pra Bea.

– Eu sou uma covarde, Bea.

– E desde quando covardes vencem o vício e continuam vencendo a cada dia?

Tess ficou em silêncio por um momento.

– Eu fiquei idealizando o pai da Tibby eternamente. Até pesquisei sobre ele, especialmente depois que ela nasceu tão parecida com ele e olhá-la era um exercício de arrependimento porque eu nunca mais ia vê-lo. Como você quer que eu encare a realidade agora? Além do fato de eu ser tudo que um cara jamais iria querer como mãe de seus filhos.

– Encarando. Pelo amor de Deus, você é uma Ward. Vocês não se gabam de não parar nunca? De derrubar obstáculos, de não largar o osso, passar por cima e toda a sorte de mote que vocês usam uns com os outros. Você venceu o vício. Isso vai ser fácil.

Ela só ficou assentindo ao que a cunhada dizia, tentando buscar dentro dela essa tal força de vontade dos Ward que segundo alguns era até doentia. Ela realmente havia sido forte, havia vencido aquele maldito vício. Recobrou sua consciência e não tivera uma recaída sequer. E sua filha estava saudável e bem cuidada.

– Eu preciso confessar algo – disse Tess. – Eu nunca disse isso a ninguém. Mas agora você já deve ter notado que muito do que conversamos só você sabe.

– Pode dizer.

– Eu acho que fiquei tanto tempo idealizando o cara que agora morro de medo de encontrá-lo pessoalmente. Ele não deve ser perfeito e eu precisava fingir que era, afinal, ele é o pai da Tibby. E ela foi o meu milagre.

– Eu sei disso, Tess. Você acha que eu não notei que você manteve essa paixão platônica até hoje, talvez por algo que existe mais na sua cabeça do que na realidade? Não sou obtusa. Mas se te serve de consolo, ao menos a imagem dele com certeza vale a sua imaginação. Aquilo sim é um italiano feito em chocadeira de ouro!

– Beatrice! Eu te digo algo sério, do fundo do meu ser e você...

Bea começou a gargalhar e se recostou.

– Estou passando tempo demais com o Hartie! – ela disse, arrancando uma risada de Tess.

– Eu acho que quero conhecê-lo!

– Ótimo, vai gostar dele. Ele inclusive já conhece o Pagani. Está aprovado.

\*\*\*

Duas semanas. Beatrice tinha que admitir que mesmo com aquela relação estranha que vinha vivendo com Sean, quando ele viajava, ela pensava nele. E agora, estava morrendo de saudades dele. Ficar sentada em seu sofá num fim de dia enquanto Lately da Samantha Mumba tocava ao fundo, só piorava a situação. Havia até perguntado ao Rico se ele vinha falando com Sean, porque ontem ela tomou coragem e ligou para ele e o telefone só deu fora de área. E hoje de manhã foi a mesma coisa.

– Ele liga umas vezes ao dia e eu tenho que ficar louco, juntando tudo pra comunicar no horário que ele liga. Estou desesperado! – dissera Rico.

Só que Rico sempre estava desesperado, mesmo por baixo de seu cabelo coberto de gel e da gravatinha impecável.

O celular dela tocou e era um número desconhecido. Não havia como ela ter só um número, precisava de um pessoal e um de trabalho. Então alguém desconhecido ligando para o seu restrito número pessoal, ela atenderia pelo menos para saber quem era.

- Alô? – Beatrice grudou o celular ao ouvido e se soltou no sofá.
- Rico disse que você queria falar comigo. O que aconteceu?  
Como não reconhecer a voz de Sean? Mesmo numa ligação com um leve chiado de fundo e inesperada, não dava para confundir.
- Nada... Eu só... que número é esse?
- O telefone daqui. O que realmente aconteceu? Rico parecia achar que era urgente.
- Pro Rico tudo é urgente. Eu só disse que não conseguia falar com você.
- E você me ligou?
- Ontem – e hoje cedo também, mas para que citar, não é?
- No meu mundo, se eu viajo e você liga, algo aconteceu. Foi a Tess?
- Não, Sean. Não aconteceu nada. Eu só quis ligar. Você sumiu...  
A resposta dele demorou um pouco porque Sean estava franzindo o cenho e correndo os olhos em volta, estranhando aquilo.
- E como você está? – ele perguntou, ainda desconfiado.
- Não fui eu que saí de uma gripe e me enfiei no fim do mundo, cercado por neve e água congelada. Fiquei preocupada.
- É mesmo? Que coisa mais inédita. O telefone aqui é ruim, eu disse. Acabei de enviar um número pro seu Whatsapp, esse vai funcionar. Sempre.
- Você está planejando abrir uma filial do GW aí?  
Ele riu.
- Como vai seu trabalho lá no prédio daquele puto?
- Progredindo rápido.
- Ótimo. Imagino que você não tenha planejado mais nenhum jantar, almoço, desjejum ou até cafezinho.
- Não com ele.
- Quem mais vou precisar matar?
- O Hartie conta?
- Sinceramente?  
Agora foi ela que riu e depois ficou em silêncio.
- Quando você volta? – Ela finalmente perguntou o que queria.
- Eu preciso resolver uns problemas ainda.
- Esquiando na neve?

- Não, estou em Roma. Mas tenho mais uma parada para esqui.
- Eu não sabia que a recepção de telefone em Roma era ruim.

Não era, mas a dele estava. Assim como a de Jared e dos seus seguranças. A menos que estivessem usando seus celulares descartáveis e locais.

– Nem eu. Se eu soubesse que você ia sentir a necessidade de me ligar, eu teria dado um jeito.

– Você faz parecer que ligar pra saber se você continua vivo no meio do gelo é muito especial.

– Na verdade é. Já esquiei em locais muito mais perigosos e voltei vivo. Você só não sabia.

Mesmo que dessa vez ele não estivesse lá só esquiando isso não fazia diferença, afinal, ela não sabia disso também. Dessa vez porque ele estava escondendo, antes era porque parecia que ela não ligava para onde ele ia resolver fincar seus esquis.

– Verdade... – ela murmurou, sentindo o peso daquela relação. Segurando o seu lado da culpa por terem estado quase arruinados.

No momento, Beatrice preferia pensar que eles haviam recuperado algo, muito mais do que ela esperava antes de aceitar usar esse ano como a última oportunidade para recuperar tudo.

– Eu pensei em ligar e desisti – ela confessou. – Depois acabei ligando de qualquer jeito.

– Antes de começarmos a tentar, você pensava em me ligar?

– Às vezes.

– E não ligava – ele concluiu.

– Não. E também não tinha esperança que você ligasse.

– Parecia que você não gostava quando eu ligava.

– Eu odiava sua coragem de ligar enquanto eu era uma covarde.

– Eu odiava o jeito que você me tratava quando eu ligava, odiava os silêncios e o jeito como não fazia diferença.

– Eu também... mas fazia diferença.

– Sabe por que eu ligava? – ele perguntou.

– Não.

– Você sentiu minha falta alguma vez quando olhou pro telefone e desistiu?

– Sim, eu sentia – ela murmurou.

– Quando eu ligava já estava desesperado. Minha voz era firme no telefone, mas eu estava a um fio de perder. Eu precisava de qualquer coisa sua, mesmo a voz, até escutar sua respiração do outro lado da linha já servia pra me acalmar.

Ela engoliu a saliva e apertou os lábios por um momento.

– Eu devia ter tido coragem de pedir pra você voltar – ela confessou.

– Da próxima vez que você quiser pedir isso, é só me ligar.

– Eu vou – ela assentiu, como se ele pudesse ver.

– Eu preciso ir.

## Capítulo 5

*Gosto quando me dá aquele beijo cheio de desejo e já arranca o sutiã e cola os lábios nos meus. Adoro esfregar os seus mamilos e deslizar a língua pela sua boca.*

Dois dias depois, ela estava pronta para se render e fazer o que ele havia sugerido. E ele continuava viajando. Ao menos havia postado uma foto do heliporto do GW na Inglaterra, mas só. Até onde ela sabia, agora ele podia estar em algum outro pico coberto de neve e descendo em alta velocidade. Enquanto isso, ela estava no Zabar's fazendo compras de vários tipos, especialmente comidas que você só aquece e come. Sinceramente... Ela até sabia o que ia dizer se pegasse o celular agora: *Sean, estou comprando bolo de chocolate e banana e carne semi-pronta pra me empanturrar com comida deliciosa e esquecer que você está em algum outro lugar do mundo. Lembra que comprávamos no Zabar's quando passávamos o fim de semana juntos?*

Meu Deus, como era tudo tão ridículo. Pessoas apaixonadas faziam isso? Quando ela ligava para ele lá no começo, falava mesmo esse tipo de besteira, não falava?

Ela chegou em casa e olhou para o telefone da cozinha, mas guardou suas compras e foi tomar banho. Depois olhou para o telefone do quarto, mas voltou para a cozinha e jantou sozinha na bancada, como fazia nos dias em que comia em casa. Era verdade que só conseguia almoçar em casa nos finais de semana e vivia jantando fora. Acabou voltando para o quarto e deu de cara com o telefone.

- Beatrice? – Sean atendeu no segundo toque.
- Que horas são onde você está?

– Duas e vinte da manhã, então aí são umas nove e pouco da noite?

– Não queria te acordar.

– Não acordou.

– Uma vez te comparei a Carmem Sandiego. Em que lugar do mundo você está agora?

– Cheguei em Londres e estou sozinho na casa do Jared porque sabe-se lá pra onde ele foi dessa vez.

– E com quem – ela completou.

– Exato. Mas eu estou imaginando, por que ao invés de ver sua série, você preferiu me ligar.

– Você disse que eu devia...

– Sim, mas acho que foi por determinada situação.

– Estou nela.

– E agora, Beatrice?

– Vai me fazer dizer, não é?

– Ah, vou. São duas da manhã e você me ligou. Preciso de um agrado.

– Volta, Sean. Eu preciso de você aqui.

– Quanto?

– Muito. Eu estou sentindo a sua falta fisicamente, isso é possível?

– É o melhor jeito. Neste momento, eu preciso da minha boca entre as suas pernas. Estou sonhando em te chupar bem gostoso, por horas.

Ela soltou um suspiro, imaginando e quase sentindo o que ele dizia, de acordo com suas memórias de como era bom.

– Quando? – Beatrice perguntou, achando que a resposta devia ser “ontem”.

– Logo. Essa semana – ele conseguia dizer aquilo como se não lhe causasse sofrimento físico. Ele tinha que ser tão enervante?

– Hoje é domingo... – ela murmurou, ou seja, havia seis dias à frente deles.

– Eu sei, programe sua semana porque eu quero você assim que eu chegar. No meio do dia.

– São seis dias, eu nem sempre estou no escritório.

E ele não estava dando a mínima para isso, era fato.

– Quero ver você sair cedo, durante o expediente. Só pra me encontrar, quão inédito é isso? – ele disse, provocando-a, mas falando sério.

– Então me diz o dia – pediu Beatrice, ainda querendo manter um pouco do controle naquela negociação.

– Não, você vai ter que fazer do nada. Só pegar sua bolsa e ir – ele dizia isso calmamente, como algo estabelecido.

Beatrice engoliu a saliva e também sua mania de objetar tudo.

– Tudo bem... – ela disse cautelosamente, afinal, ele estava aprontando das suas.

Ele estava com um daqueles leves sorrisos satisfeitos que apareciam no seu rosto quando conseguia o que queria. Era meio de lado, um tanto convencido e ao menos com ela, geralmente vinha acompanhado de um olhar quente e levemente presunçoso, lançado por olhos entrecerrados e cheios de promessas. Dava vontade de bater nele e depois beijá-lo. Ela não podia ver, mas podia imaginar.

– E já que você quer tanto me ver dessa vez, quero negociar mais termos – ele anunciou.

– Mas eu nem pedi nada na minha parte da negociação.

– Nem vai, essa é a minha vez. E eu te quero em casa. Eu só volto pra te ver lá. Quero te ver nua na nossa cama, gozando alto e pedindo mais. No dia em que eu voltar, só vamos foder se for lá.

Ela ia matá-lo!

– Só lá? Você não quer vir aqui nem uma vez? – ela propôs, querendo ludibriá-lo com a oportunidade de entrar no lugar que ele chamava de seu “novo esconderijo físico e emocional”.

– Quero você em casa. E vou jogar sujo pra isso. Eu estou louco pra ficar dentro de você de novo, enterrado até as bolas – ele chegou a pausar e soltar o ar, só de imaginar isso tinha arrepios de excitação e seu pau pulsava dentro do boxer, como se o lembrasse que estava plenamente de acordo com a ideia. – Você não faz ideia... Mas eu juro que só faço se você estiver em casa.

Beatrice se moveu na cama novamente, dobrando as pernas e depois as soltando repentinamente. Ele não ia ceder nesse ponto, estava claro em sua voz e em seu tom. E ela queria muito vê-lo.



Além disso, havia lhe dito que estava tão disposta a tentar que ia começar a concordar e ceder como não fizera antes.

- Eu vou – ela disse, mais rápido do que gostaria.
- Gostei do som disso, repete.

Só a voz dele, num maldito telefone que inclusive era uma ligação internacional, já estava excitando-a. Para ver o quanto estava fora de si. E pior, sentindo falta dele.

- Eu vou, Sean.
- E vai falar baixo assim quando eu estiver te chupando? Quero ouvir sua voz, nada de morder os lábios e ficar com vergonha, moramos num andar só nosso. Pode gritar quando gozar na minha boca.

*Podia ser agora?*

– Você sempre fica com essa boca tão suja quando negocia seus contratos do GW?

– Eu to negociando uma chupada com a minha esposa, pra que economizar?

– Droga... – ela murmurou.

– Eu sei, difícil dormir. Mas como você não está em casa, nada de sexo pelo telefone.

– Seu maldito.

– Eu disse que ia jogar sujo. Vou imaginar você se tocando enquanto pensa em mim. Quando eu voltar, quero saber os detalhes. Pensa em mim.

Depois de devolver o telefone à base, Beatrice soltou o corpo e a respiração. Ela o odiava. Como era possível ter sentimentos tão conflitantes em relação a alguém? Se ele estivesse ali agora, ela ia tentar lhe dar uma surra e descontar todo o ódio que sentia. Depois com certeza ia acabar o beijando e talvez mordendo, para descontar mais um pouco. Aí, podiam se beijar e se abraçar um pouco mais até a parte que ela ia descontar seu ódio ficando por cima no sexo e arranhando o peito dele todo.

\*\*\*

Até que aquele tempo ali na cidade não estava sendo ruim para Tess Ward. Era uma maneira de enfrentar novamente uma parte de sua vida de frente. Ela adorava sua casa lá na praia onde tinha paz e privacidade, mas sabia que não podia fugir eternamente. E já estava preparada para voltar à civilização. Era verdade que nos poucos dias que passou ali em Nova York, já encontrara antigos conhecidos que ela gostaria de não ter visto.

Em compensação, também encontrara pessoas que estavam genuinamente contentes em vê-la bem e não forçaram nada, só desejaram que ela continuasse assim. Ainda havia algumas pessoas naquele círculo social no qual sua família estava inserida, que não estavam apenas querendo comer o fígado de alguém ou vender uma fofoca para o jornal. Falando em jornal, fotos dela pelas ruas de Nova York já haviam caído na rede. Os sites de fofoca estavam fazendo um grande estardalhaço sobre a “Ward problemática” ter voltado.

Ao menos os comentários tinham um bando de desconhecidos dizendo para deixá-la em paz e que estavam torcendo para ela continuar “limpa”. Claro que fotos de Tibby agora não eram mais raridades, ela não ficou a escondendo enquanto passeavam e, no dia que foram almoçar, eles já haviam conseguido fotografar a menina no colo de Sean.

– Alô – disse Tess, ao atender o celular, sem se preocupar em olhar. Poucas pessoas ligavam para ela atualmente, era difícil ser alguém com quem não quisesse falar.

– Tess? Eu vi que você está na cidade – disse a voz ao telefone.

Ela puxou o ar e estacou, ela não escutava aquela voz há anos, tinha que estar confundindo, precisava estar. Só o som daquela voz a levava de volta à pior época da sua vida.

– Não adianta ficar muda, eu tentei te ver inúmeras vezes, mas não dá nem pra chegar perto daquela sua praia. Tess, me escuta. Eu só quero conversar.

– Cala a boca! Cala a boca! Me esquece! Seu maldito! – ela gritou para o telefone, apertando-o com força contra a orelha.

– Meu amor, por favor! Eu não faço mais nada, só preciso falar com você!

– Não! Acabou, eu nunca mais quero te ver! Eu não sei como conseguiu esse número, mas mando te prender se ligar de novo!

– Tess, você me largou lá!

– Você quase me matou!

– Foi um acidente, você sabe!

– Não! – ela gritou, mas antes que ela desligasse, ele conseguiu dizer.

– Eu quero a minha filha! Tenho direito de saber dela!

Tess sentiu como se sua temperatura houvesse descido a zero grau, um calafrio percorreu todo o seu corpo.

– Ela não é sua! – ela gritou. – Não é!

Eddy, o segurança de Tess, viu que ela estava gritando e se aproximou rapidamente, pegando o celular dela e a amparando. Tess se virou para ele e se segurou com força em seu braço. Aquela conversa desencadeou um ataque de nervos e o corpo dela tremia.

Justamente quando pensava estar pronta para voltar e receber o apoio de Beatrice para enfrentar de frente aquela história com o pai da sua filha, seu maldito ex-namorado aparecia. Seu pesadelo. A pior lembrança da pior época de sua vida. O homem que a fez se sentir um lixo, que bateu nela, a levou à overdose e ao fundo do poço. E ele ainda tinha a audácia de achar que era o pai da sua filha.

Por um bom tempo ela achou que ele estava morto, porque ele desaparecera da face da terra. Ela até achou que seu irmão havia feito algo com ele e por mais que ela preferisse nunca mais vê-lo, preferia saber a verdade. Mas só há um ano ela teve coragem de perguntar e Sean disse: Está preso, onde mais você acha que ele estaria? Ela preferiu não dizer que pensou que ele havia dado um fim nele.

Mas pelo jeito ele estava de volta às ruas.

Eles estavam a pé e longe do carro. Para conter o problema, Eddy se enfiou com ela num táxi e foram direto para casa e ele ligou para Candace. Eles as deixou sozinhas, mas antes deu uma olhada no número de quem ligou para ela, pois só pegara o final da conversa. A ligação viera de um telefone público e não deu em nada.

\*\*\*

– Sean? – Beatrice perguntou assim que atendeu, dessa vez o nome e a foto dele apareceram na tela do seu celular.

– Oi, Bea. Sentido minha a falta?

– Você sabe que sim, seu maldito. Não precisa tripudiar!

– Eu também estou louco de saudade, isso ajuda?

– Não! – ela pausou. – Você está aqui? Está ligando do seu celular.

– Não, mas estou quase. Liguei porque mudei de ideia.

– Sobre o quê? – Se ele dissesse que não ia mais voltar essa semana, ela ia matá-lo.

– Eu tenho essa fantasia em que eu sou um marido desejado e com uma esposa que sempre morre de saudade quando eu viajo. Então eu pensei: sempre que possível, as esposas e os maridos dos meus colegas de trabalho vão buscá-los no aeroporto quando eles chegam. Afinal, eles fizeram tanta falta... Você nunca foi me esperar no aeroporto, Bea.

– Fui sim, quando você ia a Baltimore.

– Preciso dizer quanto tempo tem isso e ilustrar o fato de que você não passou o tempo no carro sem sua calcinha ou com a boca ocupada?

– Não dava, eu estava dirigindo!

– É, agora você pode mudar isso e de quebra me fazer sentir um marido querido. Acho que estou passando por uma fase carente. Vai me buscar no aeroporto. E não, eu não vou te foder no carro, eu ainda te quero em casa. Esse é meu fetiche atual.

Ela já estava sofrendo antecipadamente. Tanto por querer vê-lo logo quanto por querer dar um soco no olho dele. O pior é que também estava se divertindo e disposta a consertar a fase carente dele.

– Quando?

– Eu ligo e aviso. Separe uma lingerie só pra mim. Afinal, sou um marido especial – ele teve a cara de pau de soltar uma leve risada sacana ao final.

Beatrice ainda não estava acreditando que estava concordando em ficar à disposição para quando *milorde* resolvesse ligar. Aquele filho da... No entanto, toda essa história soava como diversão garantida. O problema estava nos termos dele. Sabe-se lá o que passava na cabeça de Sean e os motivos por trás de suas ações e seus pedidos.

\*\*\*

Aquele clube ia dar um trabalho danado. Não porque fosse difícil criar a decoração dele, o local era bom e espaçoso. Mas as donas eram as mais cafonas que Beatrice encontrava esse ano. E não paravam de falar, nem de dar ideias absurdas. Se ela fosse confiar no que elas diziam, ia acabar fazendo uma decoração mais tosca do que o Coco Bongo do filme O Máscara. Só ia faltar o Jim Carrey com aquele terno amarelo ridículo e a máscara verde, dançando lá no meio para caçoar do pior trabalho da vida dela.

O pior é que as loucas tinham uma rede de clubes na costa leste. Faziam o maior sucesso na Califórnia e recentemente na Flórida. Agora iam abrir o primeiro em Nova York. E escolheram Beatrice porque ela era famosa na área, também iam lhe pagar uma fortuna. Hartie estava trabalhando nesse projeto e estava se dando bem com elas. Provavelmente porque ele era melhor em fingir loucura. Porém, estava demandando demais deles.

– Sabe aquela secretária em tempo integral? – disse Beatrice enquanto ela e Hartie ficavam perto da janela confabulando. – Vamos precisar de uma.

– Jura?

– Ué, você assina o contrato na segunda. Chega de escravidão de trainee.

– Ai, meu Deus! – Ele fingiu ter uma crise emocional. – Vou virar gente.

– Se quiser continuar fazendo as duas coisas, tudo bem. Economizo no salário! – ela provocou.

– Nada disso, agora eu vou ter alguém pra maltratar. Próximo passo na minha subida na carreira é arranjarmos um trainee pra eu

pisar!

– Acho que vamos precisar. Nosso volume de trabalho está impossível. Minha criatividade está entrando em crise e eu não sei mais quantos projetos já recusamos.

– Meu bem, minha criatividade está em crise desde que você me contratou e virei pet de luxo dos Ward. Mas sou ralé, tenho que dar um jeito. Arranja um maldito trainee pra eu sapatear na cabeça dele.

Os dois voltaram para o meio do clube, depois disso tinham que correr pra Campanale e hoje era dia de entrega dos móveis prontos. Ia levar mais uma semana para os móveis que haviam sido encomendados em cima dos desenhos deles.

– E eu acho que uma grande palmeira luminosa e piscante colocada bem aqui, representaria nossas origens – disse uma das sócias.

O celular de Beatrice tocou e ela ficou procurando o aparelho na bolsa e pediu licença para atender.

– Alô? – ela respondeu no susto.

– Oi, Bea – disse a voz sexy e muito conhecida do seu marido que ficava uma loucura ao telefone.

– Sean? Que número é esse? – ela falou mais baixo.

– É provisório até devolverem o meu pra esse chip. Aconteceu um acidente com o meu celular.

– Como?

– Se perdeu no gelo. Onde você está?

– Em Long Beach.

– Ótimo. Eu chego às treze horas.

– O quê?! – ela exclamou isso alto o suficiente para os outros escutarem.

– No La Guardia. Esteja lá. Em ponto – ele disse com aquela calma enervante de quem tinha absoluta certeza de que seria atendido.

– Já são dez horas! Vou levar uma hora só pra voltar a Manhattan – ela voltou a falar baixo, apertando ainda mais o celular ao rosto.

– E não se esqueça da lingerie. Quero algo pra admirar enquanto estivermos no carro – ele disse em tom de lembrete, totalmente despreocupado.

– Mas... Eu estou tra-ba-lhan-do em Long Beach! – Ela estava até se enrolando com as sílabas e tentando falar baixo para suas clientes não escutarem.

– Dá tempo até de um banho de espuma... hum... que inveja. Ia adorar fazer isso com você – quando ele fazia aquelas pausas entre as palavras, ela queria morrer.

– Não, não dá! Eu mal tenho tempo de voltar pra casa!

– Dá sim. Já entrou no carro?

– Estou trabalhando!

– Interessante, eu também. Tenho que desligar. Vou adorar ver minha esposa me esperando no aeroporto pela primeira vez. Até logo, Bea.

Antes de desligarem, ela ainda conseguiu ouvir um pedaço da risada baixa e cheia de más intenções que ele deu. Beatrice voltou correndo até onde os outros estavam. Depois de anos, ela ia voltar a fazer inconseqüências por causa dele.

– Ai, meu Deus! Olha a hora! Nossa, a visita estava tão boa que nem vi o tempo passar. Amei o espaço! Vamos ter o projeto parcial na próxima semana, não é, Hartie? – ela disse rápido.

Ele franziu o cenho, achando que ela estava louca.

– Claro que sim! As senhoras sabem como o seu projeto é uma de nossas prioridades – ele disse, mentindo descaradamente enquanto Beatrice lhe dava aquele olhar.

– Mal podemos esperar pela inauguração – Beatrice olhou o relógio. – Ai, meu Deus! Tenho médico. Estou com uma gastrite terrível – ela levou a mão ao estômago. – Preciso estar ótima para aproveitar seus famosos drinks na inauguração!

Ela apertou a mão das clientes e saiu andando rapidamente, ainda bem que hoje estava com suas sapatilhas preferidas do momento, um par colorido, preso no tornozelo e todo bordado, da Alberta Ferreti. Hartie ficou para trás cumprimentando e depois teve que correr atrás dela.

– Em que merda você se meteu agora? – ele perguntou, quando pulou para dentro do carro.

– Meu marido. Tenho um compromisso inadiável com ele – ela se inclinou. – Don, estou um tanto atrasada, pega o caminho mais

curto, por favor?

– E você se lembrou disso agora? Ele vai ficar danado da vida! – disse Hartie.

– Não. *Ele* me lembrou disso agora – ela estreitou os olhos, lembrando do telefonema.

– Mas que...

– Vou descer em casa e você vai pra Campanale encontrar o Nick!

– O quê? Você vai largar o trabalho pra encontrar seu marido desprezado? – Hartie estava pasmo. – Ele ameaçou sua vida? Devo chamar a polícia? Pedir proteção à testemunha? Sabe que ele vai te achar até na lua, né, meu bem?

– Não! Você vai ver os móveis lá na Campanale. Eu tenho um... um... problema sério para resolver com o Sean. Uma questão pessoal. Eu prometi e odeio quebrar promessas. Você sabe... – ela disse, mais cínica do que nunca.

Hartie ficou com o cenho muito franzido enquanto a olhava, depois ele passou uns dois minutos olhando pela janela enquanto o carro seguia, mas acabou se virando para ela novamente.

– O chefe não estava viajando? – ele perguntou, desconfiado daquela história.

– Chega hoje. E já cheio de compromissos! – disse Bea.

– Com você? – Hartie levantou a sobrancelha.

– Ah, sim – disse Bea num tom que fez logo Hartie imaginar o que estava por vir.

– Se você aparecer lá no escritório, chorosa e em depressão por ter passado horas dando pra Sean Ward de novo, eu faço o doido e te joga lá de cima! Já estou avisando! Não tô dando pra ninguém! Mas vou dar na sua cara se você pirar depois que aquele homem te deixar quase sem andar!

– Não é nada do que você está pensando!

– É pior, tenho certeza!

Por causa de sua maldita promessa, Beatrice ficou em dúvida se devia descer no seu apartamento ou no triplex. Acabou no segundo, porque se Sean perguntasse, ela queria esfregar na cara dele que esteve no triplex. E ainda ia mentir que tomou um maravilhoso banho de espuma e sem ele.



Ela chegou ao La Guardia antes do que pretendia e do jeito que estava, não sabia como ia ficar por lá sem chamar atenção. Mas que se danasse.

Sean saiu do desembarque só com Kevin logo atrás, porque eles haviam vindo no jato. Ele olhou em volta e bateu o olhar na mulher deslumbrante usando um vestido vermelho e leve demais sobre o corpo. Droga, ela era tudo que ele queria. E assim que o viu, estreitou os olhos como se soubesse que ele estava pensando algo inadequado e veio em sua direção. Ela estava chamando muita atenção, mas não parecia estar se importando nem um pouco.

– Meu amor! Morri de saudades! – ela disse alto o suficiente para quem estava bem perto deles escutar e o abraçou, apertando os braços em volta do seu pescoço e o deixando se virar para segurar seu peso.

Sean deixou a mala de couro que carregava cair e a segurou com um braço, mantendo-a fora do chão e depois a circulou com o outro. Ela beijou seu rosto duas vezes e quando seus saltos bateram no chão novamente, ela perguntou baixo:

– Sentindo-se um marido adorado e querido, Sean?

– Ainda não – ele respondeu, fingindo não estar nem um pouco impressionado.

Eles tinham acabado de fazer uma cena tão fofa que teve gente, mesmo sem saber quem eles eram, querendo filmar. Mas só eles sabiam do que realmente se tratava.

– Terrivelmente exigente – ela disse, antes de lhe dar um sorriso sacana e dar uns passos ainda segurando sua mão e depois soltá-la.

Sean pegou a mala novamente e a seguiu. Ela andava à frente com aquele vestido de seda num tom vermelho profundo. Ele era leve e solto, movia-se de acordo com o corpo dela e suas passadas sensuais sobre aqueles saltos altos e finos. E ela estava fazendo questão do movimento de seus quadris arredondados e havia prendido o cabelo num rabo de cavalo elegante, só para deixar suas costas à mostra. Afinal, era um vestido Versace e bonito de cair para trás, com decote na frente e nas costas. Feito para ser admirado. Claro que Sean estava mais interessado no que ele estava cobrindo e no fato de que ela ficava deliciosa o usando.

Beatrice chegou à porta do carro e se virou para ele, aproveitou para olhá-lo de cima a baixo. Ele chegou com roupas de viagem, calça de tecido, sapatos de couro e um suéter que era quente demais para o atual clima de Manhattan, mas ainda não tivera tempo de notar a mudança, quando ele tomou uma ducha no avião o ambiente estava bem frio.

– Pra onde? – ela perguntou.

– Casa. Entra – ele abriu a porta para ela, botou a mala para dentro e entrou logo depois.

Quando o carro saiu, Bea se aproximou dele e lhe deu um beijo nos lábios.

– Eu te odeio, quase morri de saudade – ela disse baixo para ele, agora sim num tom que ambos sabiam ser verdade.

Sean a observou por um momento.

– Sobe a partição – ele disse.

– Ah, Sean... levei quarenta minutos me arrumando toda – ela disse, só para provocá-lo.

Sean só virou o rosto e olhou bem para ela e sua expressão séria se suavizou por um sorrisinho sacana e transversal.

Bea apertou o botão que subia a partição entre eles e o motorista, os seguranças estavam no carro de trás. Assim que ficaram isolados, Sean a puxou de volta e a beijou, agarrando-a pelo pescoço e a segurando ali enquanto devorava sua boca num beijo que a fez esquecer onde estava. Ele ainda lhe deu uma leve mordida e soltou-a repentinamente, o que a fez ver tudo rodar e se segurar nele.

Mantendo um leve sorriso, Sean se desencostou e arrancou o suéter grosso que usava, ficando só com a camisa de mangas curtas. Não só estava mais quente ali, mas ela o fazia pegar fogo.

– Eu tenho uma reunião, Beatrice – ele disse de repente. – Tem uma camisa aí dentro da minha mala de mão. Pega pra mim.

– O quê? – ela estava muito ultrajada.

E ele estava puxando a camisa que usava como se fosse tirá-la para vestir outra.

– E a gravata também – ele indicou a mala jogada no chão do carro.

– Você me tirou do meu trabalho pra ir a uma reunião? Seu maldito tratante! Vai sonhando que vou ficar te esperando! – Ao invés de pegar o que ele queria, ela o atacou.

Ele não tentou contê-la e inclinou a cabeça, soltando uma gargalhada. Ela ainda estava o insultando e dizendo que ia descer do carro assim que parasse e deixá-lo a ver navios.

– Isso porque está morta de saudade – ele disse, segurando os pulsos dela, para impedi-la de bater nele.

– Vai se ferrar!

Beatrice queria matá-lo, mas ele passou o braço em volta dela e a puxou para cima dele, sentando-a em sua coxa.

– Você acha mesmo que eu ia deixar de ficar com você pra ir a qualquer outro compromisso? – Ele deslizou a mão pelo tecido luxuoso do vestido dela, parando em sua coxa onde segurou.

– Acho... – ela disse baixo, apoiando a mão no peito dele.

– Nunca – ele a beijou nos lábios.

Bea segurou o queixo dele e o beijou longamente, se agarrando a ele e o fazendo sentir como ela o queria. Ela segurou na nuca dele, puxando a raiz do seu cabelo escuro e o beijando com saudade, explorando sua boca e acariciando sua língua.

– Estou quase me sentindo aquele marido querido.

Soltando-a, Sean colocou-a no banco ao lado dele e desceu as alças do vestido pelos seus ombros. Beatrice empurrou as mãos dele e levantou o pé, empurrando a coxa dele. Ele a segurou pelo tornozelo e puxou o sapato, mas seu salto altíssimo de hoje era um Alberta Ferreti negro e preso nos tornozelos por fitas de cetim. Sean estava tendo ideias sobre fodê-la com aqueles saltos.

– Sabe, Sean... Eu adoro ganhar um bando de dinheiro pelo meu árduo trabalho – ela moveu o pé, soltando-o da mão dele e apoiando novamente em sua coxa. – Mas como você foi muito abusado, depois da nossa conversa, antes de você resolver que queria ser recebido no aeroporto, eu gastei o seu dinheiro numa lingerie tão cara, mas tão cara que chega a ser infame.

Ela desceu o vestido e mostrou o sutiã de renda da Carine Gilson. Era de seda, sem alças, todo feito à mão e caríssimo. Só que era uma peça diferente, porque o cetim levemente dourado cobria os

lados e a parte de baixo do seio, mas toda a área do mamilo ficava coberta por renda transparente e com alguns detalhes por cima.

Quando o olhar dele desceu por ela e parou, estava escrito em sua testa o que ele estava pensando e mais ainda o que queria. Devorá-la, ali, agora.

– Você disse que não ia fazer isso no carro – ela avisou e tentou contê-lo, levantando o pé para o seu peito.

– Vem aqui – ele disse, pegando-a pelo quadril e puxando para mais perto dele. Beatrice teve que afastar as pernas ou até o machucaria. – Eu quero ver tudo.

A seda do vestido subiu pelas suas coxas, foi puxada pelo seu quadril e revelou sua calcinha que seguia o padrão do sutiã. Mas era toda em renda transparente, só com uma faixa de cetim dourado escondendo a frente do seu sexo. E como ela era toda depilada, deixava exatamente o que imaginar.

A boca dele encontrou a curva do seu pescoço onde ele beijou e foi deixando um caminho úmido pelo seu colo, pelo vale entre seus seios e sobre a renda do sutiã. Ele abocanhrou o mamilo e o chupou junto com a renda, soltando-o com um som de sucção e deixando o tecido úmido sobre a pele dela.

Aquele sutiã não era do tipo que abria na frente, ele o puxou com força, estragando o fecho e o soltando do corpo dela. Beatrice chegou a se espreguiçar quando ele a livrou da peça apertada, o que levantou seus seios para ele. E Sean abocanhrou o mamilo direito, ele sugava com tanta fome que era impossível para ela não ser tragada pela sua paixão.

– Hoje você vai se render a mim, Beatrice.

– Eu sempre acabo baixando a guarda quando ficamos juntos.

– Não como deveria, eu a quero se entregando pra mim como antes. Você é toda minha e quero que prove isso pra si mesma.

– Vai ser divertido?

– Aham. Delicioso também. Primeiro eu vou arrancar essa sua calcinha cara e descarada e te chupar até você ficar exausta de tanto gozar. Aí, sim, eu vou te foder.

– E eu não torturo também?

– Hoje sou eu que mando. E eu escolho o que você vai fazer pra me deixar te dar prazer.

Ela colocou a mão no pescoço dele e segurou ali, depois subiu o olhar até encará-lo.

– Isso tudo pra mim? Pensei que ia ter que fazer muitos trabalhos extras pra você se sentir um marido amado e que fez muita falta.

Ele negou e abaixou, beijando o queixo dela e depois seus lábios antes de parar e observá-la.

– Esse é o ponto. Eu sinto prazer em vê-la entregue, totalmente sem pudor, gemendo e gritando meu nome. Confiando em mim com o seu corpo e gozando como se não houvesse barreiras entre nós. Quando você faz isso, tudo volta a fazer sentido; eu, você, nossa relação, a espera dos últimos anos, até a droga do mundo faz sentido.

Beatrice ficou o olhando e mordeu o lábio, sua mão desceu até ficar contra o peito dele.

– Você gosta quando meu mundo gira em torno de você, não é?

– Adoro – ele sussurrou antes de beijá-la novamente. – Mas você não vale nada, Bea. Você sabe que o meu mundo gira em torno de você o tempo todo e me mantém rodando bem longe de você.

Ela riu e o beijou. Sean apoiou uma mão na porta atrás da cabeça dela e desceu mais o vestido dela, expondo-a ao seu toque. Como o trajeto do aeroporto até o Clarence era curto, o carro parou em frente ao prédio.

– Sean, o carro parou – ela o puxou pelo cabelo.

– Eu notei – ele se endireitou e pegou o sutiã dela, parando para dar uma olhada na peça.

– Me dá isso.

– Pra quê? Não dá mais pra vestir. Agora é minha relíquia do primeiro dia que minha esposa foi me pegar no aeroporto.

– Vai começar a colecionar?

Ela olhou para baixo, colocando seu vestido no lugar. Sean se inclinou para ela e esticou o braço, soltando o trinco da porta.

– Sim. Vai ser uma tortura vê-la desfilar até lá em cima com esse vestido e sem sutiã.

Beatrice abriu a porta e ficou em pé do lado de fora, mas olhou por cima do ombro.

– Podia ser pior, eu poderia estar sem calcinha – ela provocou e deu um sorrisinho sacana.

Ela achou que ia se afastar, mas subitamente se viu sendo agarrada e puxada para dentro do carro e logo depois a porta fechou.

– Ótima ideia, você sabe que gosto de experiências plenas – ele disse.

Ele a puxou e colocou entre suas pernas, deixando que ela apoiasse as mãos em suas coxas enquanto ele colocava as mãos por baixo do vestido dela e capturava a calcinha. Beatrice se remexeu e ele se recostou no assento, o que a fez cair contra o peito dele. Ela sentia a calcinha apertada contra a sua pele, o tecido luxuoso roçando contra ela porque ele o segurava.

– Levanta – ele disse, falando das pernas dela, pois precisava disso para arrancar a calcinha.

– Eu estava brincando, minha calcinha não precisa entrar no jogo agora.

– É minha – ele disse contra o pescoço dela. – Totalmente minha pra arrancar e rasgar. Você vai querer do jeito fácil ou difícil?

Ela levantou os joelhos no ar e Sean conseguiu puxar a fina lingerie, segurou-a em uma mão e pegou o rabo de cavalo dela, virando seu rosto e beijando-a lentamente. Depois que ela retribuiu, ele foi soltando seu cabelo, até seu toque descer carinhoso pela lateral do seu pescoço, pelo seu ombro e deslizar até segurar sua cintura e afastá-la para ela poder sair do carro.

## Capítulo 6

*Gosto quando me beija depois de gozar na minha boca. É bom dividir o melhor gosto do mundo com você.*

Quando ela abriu a porta novamente, Sean já tinha guardado o sutiã e a calcinha na mala de mão. Beatrice ficou de pé na calçada, sentindo o vento que sempre parecia estar sendo afunilado ali. Ela não podia acreditar que estava de pé na calçada da Quinta Avenida e nua por baixo daquele vestido tão caro quanto fino.

Sean saiu do carro e jogou a mala por cima do ombro, depois a observou enquanto um leve sorriso sacana ia nascendo em seu rosto. Ele desceu o olhar por ela até seus saltos, deu atenção especial aos seus mamilos rígidos despontando contra o tecido leve e rubro. Ele até umedeceu os lábios e engoliu a saliva antes que começasse a salivar de antecipação.

Tudo que Beatrice via era aquela expressão de pura sacanagem que quase brilhava no rosto dele e o olhar desejoso. Sean levantou a mão e a tocou do lado do seio e seu polegar acariciou o mamilo rijo. Bea arregalou os olhos para ele. Estavam na rua, no meio do dia, mas ela sentia vontade de deixá-lo continuar o quanto quisesse, ela ansiava pelo toque dele.

– Eu tô louco pra ter esses mamilos lindos na boca – ele manteve o polegar sobre o mamilo dela, sabendo que agora estavam frios pelo vento da rua. – Prometo que eles não vão ficar rijos só pelo frio.

Ele moveu a cabeça, indicando que ela podia ir. Maldito Ward! Ela se virou lentamente, fuzilando-o com o olhar e foi à frente, desfilando pela calçada até a entrada do Clarence. O jeito como o quadril dela fazia o tecido balançar e mais ainda porque ele sabia que não tinha nada por baixo, era tão sexy que Sean estava a ponto

de ficar sem ar. Ela tinha que reconhecer que era excitante, mas ainda estava nua sob um vestido finíssimo em plena Quinta Avenida.

Uma coisa típica do Clarence era que você não encontrava vizinhos, era realmente raro. Às vezes fazia você sentir-se morando num prédio só seu. Vez ou outra até pegava alguém no saguão, esperando um táxi ou passando rápido. Só morando lá por anos para ir conhecendo os outros. Quando Beatrice passou pelas portas do prédio, encontrou a senhorinha do terceiro andar, o casal com três filhos pequenos do décimo andar, o cara que tinha um cachorro no quinto andar e até o maldito viúvo do quarto andar que parecia estar querendo algo com a idosa do terceiro.

E Beatrice estava nua sob aquele vestido.

*Meu Deus, por quê?*

Os Ward eram os moradores famosos do prédio, era legal dizer por aí "moro no mesmo prédio dos Ward". Citar que nunca os via era desnecessário. O importante foi que todos se viraram para olhar quando eles entraram. Encontrar um deles era raro. Encontrar ambos, missão impossível.

Não mais.

A primeira coisa que Bea fez foi cruzar os braços, tinha certeza que dava para ver que estava sem sutiã sob a seda. Beatrice estampou um sorriso e seguiu direto para a porta do elevador do canto. O casal com os três filhos estava tentando embarcar no outro elevador com crianças, um carrinho enorme, uma babá e brinquedos caindo.

O cara do quinto andar ainda não conseguira fechar a boca desde que ela entrara. O idoso do quarto andar não tinha mais coração para ver essas coisas e já estava considerando ir tomar seu remédio. A senhorinha do terceiro andar estava do seu lado direito lhe lançando olhares, provavelmente achando aquele vestido muito indecente.

Mal sabia ela que não havia nada embaixo...

Sean, aquele maldito, deu alguns acenos. Aparentemente ele até sabia nomes de vizinhos. Ele parou atrás dela e a envolveu com o braço, encostando-a ao seu corpo e dando um beijo em seu rosto antes de sussurrar:



– Acho melhor não termos companhia no elevador...

Tudo que Beatrice pensava era se enquanto ele veio desfilando atrás dela, deu para ver a ereção enorme que ela estava imaginando, porque estava sentindo em suas costas. Ela estava cismada que dava para perceber algo, então se virou rapidamente e colou-se a ele, assim escondia melhor. Sean manteve-a segura e abaixou a cabeça para beijá-la.

Ótimo, era tudo que precisavam. Os vizinhos nunca os viam e quando finalmente encontravam ambos, era para descobrir que eram um casal tarado que não conseguia parar de se agarrar por aí. Muito bom. Mas onde estava a droga do elevador?

O som abençoado do elevador chegando ao térreo soou e Beatrice parou o beijo abruptamente e entrou no elevador mais rápido ainda. Sean foi atrás dela e virou sua chave no painel dos números, pois era o único jeito do elevador ir até o terceiro andar do triplex.

– Tem câmeras aqui – ela avisou, encostada contra o fundo do elevador.

Ele só se virou para ela e como ela descruzara os braços, ele tornou a admirar o que havia à sua frente. Sabe o que é fodida mental? Foi o que ele fez com ela e só precisou de um olhar, mas aquele olhar dele dava todo um novo significado às deliciosas fodidas mentais que se tem ao longo da vida. Aquilo valia um orgasmo.

No terceiro andar do triplex, Bea saiu antes e foi atravessando o espaço em direção à frente do apartamento. Cristina apareceu logo depois.

– É ótimo tê-lo de volta! – ela disse a Sean. – Ambos! – Ela juntou as mãos.

– Ótimo vê-la também – disse Sean, abrindo um sorriso. – Trouxe umas coisas pra você. Se não quiser esperar até amanhã, estão na mala cinza – ele piscou para ela e do jeito que ele já conhecia Cristina, sabia que assim que Kevin e Don chegassem com as malas dele, ela iria encontrar seus pacotes.

E isso também a manteria em outro andar da casa.

Ele entrou na saleta que separava o quarto dele do de Beatrice e ela estava ali de pé, com os joelhos grudados e os braços cruzados.

– Que bonitinho, Sean. Foi pro shopping fazer compras pra Cristina? Trouxe algo pra Nadir também? Ela vai ficar com ciúmes.

– Jared tem uma assessora nova – ele disse e isso explicava tudo, a pobre mulher teve que fazer compras.

Ela sorriu, mas ele nem parou. Abaixou-se um pouco, passou o braço por baixo do traseiro dela e a levantou, levando-a de um lado e a mala de mão do outro. Bea se segurou a ele e percebeu tarde demais que eles não haviam ido para o quarto dele, aquele era o quarto dela. Aquele cômodo no qual ele costumava não ser bem-vindo e que para Sean representava um espaço que o desafiava todos os dias. E por isso ele queria tanto que fosse em casa, porque hoje ia fazê-la se entregar para ele naquele quarto. E ia exorcizar o maldito. Não ia mais haver esse tipo de espaço no relacionamento deles. Ele bateu a porta e trancou, largou a mala de mão e a deslizou para o chão.

Sean começou a beijá-la devagar, foi se virando, segurou seu rosto e gradativamente a envolveu num beijo longo até ela nem perceber que recostara seu peso no corpo dele e esquecerera todo o resto. Quando ele parou, ela até piscou algumas vezes, um tanto perdida.

– Eu precisava disso, Bea.

Ele abraçou-a apertado e a pressionou contra ele.

– Eu também... – ela confessou.

O sorriso satisfeito que apareceu nos lábios dele valia qualquer confissão. Ele afastou-a da porta e levou para o espaço de dormir, parou à sua frente e olhou-a intensamente antes de segurar as alças do vestido e descê-las pelos seus braços. Sean prestava muita atenção no que fazia, devorando com o olhar cada pedaço dela que desnudava.

A seda desceu facilmente, expondo os seios arredondados e com os mamilos rígidos despontando para ele. Beatrice se moveu, levando as mãos aos braços dele, onde segurou, o jeito como ele a olhava e toda a situação, era tão íntima. E toda aquela luz do dia claro que atravessava pelas grandes janelas logo atrás dele e

incidiam sobre ela, deixando-a sentir-se exposta e um tanto indefesa.

Ele levantou a cabeça e algo em seu olhar deve tê-la denunciado. Sean confortou-a, deslizou suas mãos quentes pelas costas dela, acariciando e trazendo-a para mais perto, inclinou-se e beijou seus lábios, tornou a acariciá-la com o olhar e depois a encarou. O olhar dela o focava e aguardava. E ele não a queria insegura, em nenhum momento, muito menos quando estavam juntos.

Era inevitável, depois de quatro anos e daquela relação difícil, ambos tinham seus momentos de dúvida ou embaraço, cada um do seu jeito.

– Você sabe que eu amo tudo que vejo aqui. E tenho adoração por tudo relacionado a você – ele sorriu levemente antes de dizer. – Não sou esse louco doentio à toa. Você me manteve afastado por muito tempo, mas se deixar, eu vou beijar o seu corpo todo, reverenciar cada curva sua... droga, sou capaz até de beijar o chão que você pisa. Só não se esconda de mim. Nem fisicamente e nem de outras formas.

– Eu sei que você vai longe demais outra vez – ela olhava-o nos olhos, já que Sean estava inclinado para ela.

– E quanto é longe demais pra você?

– Voltar demais... sei que vou me sentir daquele jeito de quando nos víamos só nos finais de semana. Era desesperador... e dependente e apaixonante.

Sean abaixou mais a cabeça e beijou o colo dela, depois passou o rosto ali lentamente, como alguém que finalmente tinha nas mãos algo que adorava e precisava, mas havia perdido, então ficava como um tolo comemorando ao encontrar novamente.

– Você vai ter que correr esse risco comigo outra vez – ele a olhou e suas mãos correram por suas costas, inclinando-a um pouco mais. – Você topa?

– Eu nunca soube. Você sabe disso. Aconteceu. Mas assim como antes, não creio que possa evitar. Eu sinto o que sinto.

– Eu sei – ele disse contra a pele dela e foi a beijando. – Eu também não posso evitar. E nem quero.

Era verdade que em algum momento ela achou mesmo que seria o fim, mas ele conseguira mudar isso e agora, olhando para ele e o escutando, era como se nunca houvesse pensado em desistir.

– Isso não quer dizer que eu não vou acabar com essas barreiras que você construiu.

Ao levantar a cabeça, seu olhar estava repleto de desejo e paixão e ele a levou para mais perto da cama e para longe da luz da janela, deixando-a sentada na beira do colchão. Sean a surpreendeu ao dar um passo para trás e olhá-la, daquele jeito do elevador. Só dava para tentar imaginar o quão sujo era o que com certeza estava se passando pela mente dele. E ia ficando mais sujo dava para ver na expressão dele e no sinal do sorriso leve nos cantos de sua boca.

Ele deu mais uns passos para trás e arrancou a camisa, tirando-a enquanto continuava olhando para ela fixamente, como se estivesse com o pensamento fixo em algo muito sério.

– Eu odiava esse quarto – ele disse. – Mas hoje eu saio daqui amando esse maldito cômodo ou o coloco abaixo de uma vez por todas. – Sean jogou a camisa em cima da poltrona que ele nem olhou e abriu a calça, empurrando e se livrando dela, das meias e dos sapatos.

E Beatrice só o encarava de volta, seminua, com o vestido em sua cintura e usando só os pequenos brincos de rubi e sobre os saltos negros. Ela engoliu a saliva enquanto ele tirava a roupa, colocando à disposição todo aquele corpo definido e gostoso demais para alguém ter o direito de ter. Fazia qualquer um se perder imaginando a hora de tocar naquela pele morena e quente; acariciar todas as entradas dos músculos rígidos, brincar com os mamilos pequenos que ela ainda achava que eram deliciosos e perfeitos para serem excitados com a pontinha da língua. Ela teve que engolir a saliva de novo.

– Eu senti demais a sua falta, Bea. Vem acumulando há um tempo... E me fez muito bem saber que você também sentiu a minha. Não foi?

Ele se aproximou e a olhou de cima como se a desafiasse a negar.

– Foi – ela respondeu.

Apesar do que ela respondeu, ele franziu o cenho pra ela.

– Acho que esse tempo longe de mim deixou os seus níveis de sem vergonhice muito baixos, precisando de um afago – e ele estava falando de todo o tempo, não só dessas últimas semanas.

– Afago? – ela perguntou como se já soubesse que vinha algo em sua direção.

– Sim. De pé – ele mandou.

Ela apoiou as mãos na cama e se ergueu em frente a ele, até ficar quase no nível dos seus olhos, por causa dos saltos altíssimos que usava. Sean a segurou pela cintura e arrancou o Versace do corpo dela, deixando-a nua. As mãos dele pousaram sobre o corpo dela e subiram, pressionando contra a pele, ele começou literalmente a afagá-la. Beatrice moveu os braços e respirou fundo, porque tinha parado assim que ele colocou as mãos nela.

A pele dela estava quente e seus seios estavam com os mamilos rijos demais e dessa vez não era o frio, mas Sean não achava que estavam duros o suficiente, ele os queria daquele jeito que chegava a doer, que a fazia implorar pelo toque e estremecer quando ele os segurava e depois choramingar de prazer. Ele afagou os seios dela, pegando-os nas mãos, segurando-os por baixo, mas sem tocar seus mamilos e ela se moveu, elevando o tórax como se pedisse.

– Não... – Ele balançou a cabeça. – Fácil assim não. Sabe como é sentir tanta falta de alguém que até a lembrança faz seu corpo se arrepiar de desejo? Não importa o que você faça, a necessidade é forte demais, ao ponto da loucura. Você quer se machucar pra ver se para – as mãos dele apertaram a carne macia do quadril dela. – E de repente você se odeia por querer tanto que nem consegue mais sonhar com a pessoa. Não adianta banho frio, apertar as bolas ou bater punheta até quase se machucar, logo depois volta. E nada, absolutamente nada se iguala, é só busca vazia.

Sean não parava de tocar seu corpo, ainda afagando, mas em alguns momentos pegava forte demais e a encarava enquanto continuava, como se a desafiasse a reclamar. Beatrice se segurou naqueles braços fortes e sentiu seu corpo se rendendo sob o toque dele e sob aquele olhar que queimava com um desejo forte demais, fixo e inabalável, quase obsessivo. Os joelhos dela se moveram e

quando as mãos dele subiram pelas suas costas, ela tremeu, infectada pelo que ele sentia e tomada pela própria necessidade.

Quando a viu retribuir o olhar daquele jeito, Sean a segurou e virou, colocando-a de joelhos na cama. Ele ajoelhou com ela, um pouco atrás e a abaixou até ela apoiar as mãos no colchão.

– Eu quero ouvir o quanto você sentiu minha falta – ele afastou seu cabelo, beijando-a no rosto, descendo pelo seu pescoço e mordiscando até a curva pro seu ombro.

– Muito – ela pendeu a cabeça, dando todo o acesso a ele. – Muito mesmo.

– Naquele dia depois do telefonema, você foi pra cama se tocar pra mim, não foi?

– Fui...

– E gozou?

– Sim. Eu imaginei sua voz.

– Só a minha voz?

– Não. Com certeza não.

– Você me queria fazendo o quê?

– Me tocando...

Ele estava a tocando agora, ainda provocando seu corpo e os mamilos dela estavam daquele jeito que ele gostava, doloridos e excitados, doendo como se a pele estivesse repuxada, mas era só necessidade pelo toque dele. Assim que ele tocou, Beatrice gemeu baixo e fechou os olhos por um momento, pedindo que ele continuasse. Ele só apertou o mamilo direito, esfregando-o entre os dedos e o mantendo assim. Bea deixou a cabeça cair e mordeu o lábio, estava desesperada pelo toque, super excitada e sensível. Ela também sentira muita falta dele.

– Você só faz isso escondida... Se toca agora, Bea. Eu quero saber se você está molhada como eu gosto. Ninguém está vendo, nem eu – ele incentivou.

Naquela posição, ele realmente não via. Sean usou seu joelho e afastou mais as pernas dela. Beatrice deixou uma mão no colchão e colocou a outra entre as pernas, se tocando, já sabia que estava muito úmida, mas se surpreendeu quando seus dedos deslizaram

por cima do seu sexo. Ela gemeu e continuou tocando, seu clitóris inchado a implorava para não parar.

– Eu tô completamente molhada, Sean... – ela murmurou para ele e trincou os dentes.

– Gosto disso. Quer que eu a toque?

Ela suspirou e respondeu baixo, rápido, quase implorando.

– Você quer os meus dedos entrando e saindo dessa boceta quente e apertada? Quer que eu esfregue o seu clitóris e o aperte entre os dedos até você implorar pra gozar? – Ele esperou ela assentir, o que foi imediato. – Não vai ser delicado como você está fazendo.

– Eu quero – ela disse, apertando os dedos contra o próprio sexo.

Sean se grudou mais a ela, apoiando uma mão na cama, colocou a outra entre as pernas dela, passou os dedos abertos pelos grandes lábios dela, empurrando-os, fazendo-os pressionar e prender o clitóris dela, mas não a tocou onde ela queria.

– Continua, Bea – ele moveu os dedos, pressionando os grandes lábios do sexo dela, escorregando contra seu clitóris. – Enfia dois dedos, um só não vale a pena.

Ela se moveu, ele podia sentir quando ela estava quase lá. Sean a mantinha presa por baixo dele, com o braço passando pela frente de sua coxa, bem preso entre as pernas dela, prendendo seus grandes lábios e os esfregando no seu clitóris. Bea gemeu novamente e ele a segurou no lugar, ela gozou ali, sem que ele a deixasse se mover ou tombar, bem presa, estremecendo no lugar.

Sean a soltou de repente e ela se deixou deslizar para o colchão macio, ainda surpresa por ele soltar do nada, desestabilizando-a. Ele ficou de pé e ela dava piscadas rápidas, de quem ainda ardia de desejo. Beatrice parou de ofegar e ficou olhando para ele, ainda queria muito o seu corpo. Sean entendeu o seu olhar de desejo, se aproximou da cama novamente e a segurou, colocou-a de joelhos e a beijou, afagando seus seios enquanto percorria sua boca com a língua. Ele esfregou os mamilos dela com os polegares, continuavam rijos e pedindo o toque, ela gemeu contra a boca dele, tão desejosa como se não houvesse acabado de gozar. E Sean a adorava assim,

responsiva e apaixonada, como ela sempre foi. Ele devorou sua boca até deixá-la completamente sem fôlego.

– Eu tenho um presente pra você – ele disse, quando parou de beijá-la.

Ainda de joelhos sobre a cama, ela o viu pegar algo de cima de sua mala de mão e voltar com uma caixa preta, dessas que guardam joias, mas era grande demais para um anel e não tinha o formato necessário para um colar. Talvez um bracelete, uma pulseira? E por que ele lhe daria isso agora. Sean lhe entregou e ela soltou a seda negra que formava o embrulho, era curiosa demais, mas ficou olhando o fecho, perdida. Ele mostrou a chave à frente do seu rosto. Era praticamente uma alusão infame, como se ele fosse o dono de todo o prazer dela. E o pior que ele era.

Beatrice abriu e empurrou a tampa, seus olhos se arregalaram e ela levantou o olhar para ele. Sean só levantou a sobrancelha. Era uma joia mesmo. Porque tinha um diamante dourado na base dela. Mas Bea sabia bem o que era aquilo, um plug anal. Conhecido no mercado como “plug da princesa”. Era bonito, com a base bem achatada, com uma pedra de enfeite, no caso dela, um diamante de verdade que deve ter custado uma fortuna. O plug dela era no tamanho médio, tinha o formato de uma gota, fina e rombuda na ponta e engrossando enquanto fazia a perfeita forma de gota até fechar na pequena base achatada que ficava para o lado de fora.

Bonito enfeite, belo, prazeroso e perverso.

– Devolve – ele disse.

Ela lhe deu, pelo tom dele não havia sido um pedido. E Sean lhe lançava um olhar sacana, divertido e pecaminoso, como uma espécie de recompensa a cada vez que ela fazia o que ele queria. E com aqueles olhos turquesa e o olhar entrecerrado e sombrio, ela ficava mais excitada a cada vez que ele fazia isso.

Sabe-se lá para onde ele descartou a caixa, mas ficou com o plug da princesa na mão. Bea imaginava se era feito de ouro ao invés do usual aço cirúrgico, porque brilhava e era sua nova e mais sacana joia. Tão cara quanto as outras. Ele se inclinou e passou o braço por baixo das pernas dela, deitando-a na cama.

– Afasta as pernas – ele disse.



Ela as afastou e mordeu o lábio, dando a ele a visão perfeita do seu sexo úmido e ávido. Sean lhe lançou aquele olhar que deixava qualquer mulher segura de si, sem a menor dúvida de que o parceiro estava louco por ela. Ele subiu na cama e Beatrice o olhou fascinada quando ele colocou o plug na boca e manteve a parte em formato de gota lá e depois a tirou, úmida e quente.

Quando o sentiu tocar sua pele com o plug, sua respiração acelerou.

– Se era assim que você queria elevar meus níveis de sem vergonhice. Funciona...

A resposta dele foi um sorriso enviesado enquanto seus olhos estavam fixos no que fazia, percorrendo o vale entre os seios dela com o a ponta do que segurava, depois sua barriga até brincar em volta do seu umbigo e continuar descendo. Ela sentiu o formato de gota do plug sobre o seu clitóris, provocando seu sexo já úmido demais até ele a penetrar lentamente com o plug e repetindo uma, duas, três vezes... deixando-o úmido e escorregadio como ela estava.

– Afasta mais as pernas – ele mandou.

Até parece que a essa altura ela tinha alguma vontade de desobedecer. Ela afastou e ele provocou com os dedos, espalhando sua umidade pela entrada do seu ânus. Sean tirou o plug do sexo dela, o que a fez protestar e logo depois o sentiu penetrando lentamente, a parte fina da joia passando facilmente enquanto o resto ia escorregando até passar a parte mais larga da circunferência da gota. Estava úmido e escorregadio e ela tão excitada e relaxada que seu corpo se arrepiou quando ela sentiu a base encostando contra a entrada do seu anus.

Ele ainda segurava a base com o diamante, movendo o plug e a provocando, lhe arrancando mais gemidos. Bea moveu o quadril e fechou os olhos, podia senti-lo movendo o plug dentro ela, em círculos e mal podia se conter porque precisava de mais.

– Aposto que suas fantasias sobre mim não chegaram aqui – ele disse.

– Não – ela murmurou e se forçou a abrir os olhos.

Sean ficou de joelhos e a virou na cama, deixando-a de quatro e com o traseiro bem lá pro alto.

– Lindo... – Ele acariciou as bandas do traseiro dela e depois as apertou, a cada vez que as mãos dele, quentes e grandes, tocavam a pele dela, Beatrice queria derreter. – Eu adoro olhar pra você, Bea – ele deu um sorriso perverso. – De todos os ângulos.

– Você é tão... – Ela prensou os lábios quando ele moveu o maldito plug.

– Vai, diz – ele incentivou. – Senti falta de você me chamando de descarado.

Dessa vez ele parou de torturá-la e tocou seu sexo, ela só ficava mais e mais molhada. Assim que sentiu o toque dele, se moveu, pedindo por mais.

– Linda e faminta... – Ele tirou os dedos e os sugou, fechando os olhos por um momento. – Eu ainda vou castigá-la umas vezes por se negar isso.

Ele a deixou deslizar para o lado no colchão e ficou de pé, Bea o perdeu de vista só por um momento. Sean voltou à cama sem o boxer e com aquela ereção massiva que ela só estivera vendo pelo volume. Ele podia ter ideias para ela, mas Beatrice o olhou e só conseguiu pensar em colocá-lo na boca e chupá-lo até ele gozar, os olhos dele também ficavam lindos quando isso acontecia.

Sean a segurou e puxou para ele. Beatrice se arqueou quando sentiu o corpo dele contra o seu e demorou a perceber que ele segurava a seda negra que estivera na caixa do plug. A cada vez que se movia ela podia sentir o plug dentro dela, mantendo-a excitada e suspirando a cada movimento.

– Eu preciso sentir seu gosto, Bea – Sean a segurou e a puxou até ela ficar apoiada no seu peito. – Quero te chupar até você gozar na minha boca, gemendo alto e gritando, estremecendo de prazer, tão molhada que eu vou engolir até a última gota e continuar chupando até você gozar de novo. Eu não consigo me saciar do seu gosto, eu quero mais o tempo todo e só vou parar quando você estiver exausta de gozar tão gostoso pra mim que eu vou ter que te segurar no lugar.

Sinceramente, Beatrice estava quase gozando no lugar. Mas ela não podia, porque só queria gozar para ele, fosse na sua boca ou com aquele pau enorme e duro como estava agora, enterrado até as bolas dentro dela.

– Eu quero... Agora, Sean. Eu vou enlouquecer se você não me tocar agora.

Ele adorava ouvi-la pedir, ainda mais assim, com aquela voz cheia de desejo e o olhar fixo de necessidade. Mas ele não estava brincando sobre ela fazer o que ele queria por prazer.

– Você vai ter que ganhar seu primeiro orgasmo. Vai arrancá-lo da minha boca.

Ele deu a seda negra a ela, a puxou mais para cima dele. Beatrice olhou para ele e dessa vez foram os olhos dela que poderiam tê-lo queimado. Ela se segurou ao pescoço dele e o beijou, Sean a puxou com ele enquanto deitava. Bea o vendou com a seda, depois segurou seus braços, deslizou as mãos pelos seus bíceps fortes, pressionou os músculos com os dedos enquanto os levantava e descansava sobre a cabeça dele.

– Cavalga a minha boca, Bea. Eu quero te chupar agora, não me faz arrancar essa venda.

Sean deitou a cabeça e ela o tinha entre as pernas e ele a lambeu quando a sentiu perto e Beatrice levantou novamente, se afastando da boca dele, surpresa pelo choque de prazer que percorreu seu corpo. Ela se inclinou, apoiando uma mão no braço dele e desceu novamente. Ela que tinha o controle sobre os movimentos.

– Devagar e com força – ela pediu, prestando atenção até onde ia para ficar na direção perfeita.

Os lábios dele se conectaram com o seu sexo e ele deu um leve sorriso, abocanhando o clitóris dela e chupou com vontade para dentro da boca, mas devagar como ela havia pedido. Sean ouviu o gemido de prazer e alívio que ela soltou e continuou a chupando, provocou com a língua e moveu a cabeça quando ela começou a mover o quadril, esfregando seu sexo contra a boca dele.

A primeira vez dela não demorou, o ritmo das chupadas dele mudou abruptamente e ela estremeceu, tentando se segurar e gozando em sua boca. Sean tirou os braços da cama e segurou o

quadril dela, mantendo-a no lugar. Bea segurou os braços dele e os colocou para cima de novo, esticados acima da cabeça dele. Era ali que ela se segurava quando o prazer ficava demais para ela suportar sem apoio.

Ele voltou a chupar devagar e ela movia o quadril num ritmo contínuo, para frente e para trás, lentamente, contra a boca dele que a acompanhava. Ele fechava os olhos enquanto a lambia e engolia, sentindo perfeitamente seu gosto e deixando-a ainda mais úmida. Bea gemia em resposta, o som o torturava, fazia seu pau latejar a cada vez que vinha um daqueles gemidos impossíveis de conter e repletos do mais puro prazer. Ela abaixou o rosto e colocou a mão sobre a cabeça dele, acariciando seu cabelo escuro, podia ouvir os sons que ele fazia enquanto a chupava tão bem que ela não conseguia ficar quieta. Agora era ela quem se sentia dominando, mas estava completamente à mercê dele.

– Mexe esse quadril e fode a minha língua – ele mandou e arrancou a maldita venda, porque queria vê-la sobre ele, aberta e gozando sem parar.

Sean tirou um dos braços do lugar e apertou o traseiro dela, controlando os movimentos até ela se mover no ritmo perfeito. Bea segurou na guarda da capa, abriu bem as pernas e se ajeitou sobre ele, esfregando o seu sexo na boca dele. Os gemidos dela eram altos demais, seu corpo parecia descontrolado, sobrecarregado de sensações, arrepiando-se e estremecendo, levando-a ao limite. Quando ela acabava de gozar e a ponta da língua dele tocava seu clitóris hiper sensível, ela sentia a dor mais prazerosa do mundo e tinha certeza que não ia aguentar.

Ela apertou o braço dele e gemeu mais alto, ele segurou o plug e o girou dentro dela enquanto seu clitóris estava na sua boca e ela estremeceu sobre ele, com os olhos cerrados. Beatrice jogou a cabeça e soltou aquele gritinho de prazer que vinha do âmago, junto com o início do orgasmo.

Ele podia senti-la latejando contra sua boca e a acariciou levemente antes de passar os braços em volta de suas coxas e prendê-la no lugar. Quando Sean a soltou, Beatrice estava suada, ofegante e corada, sentindo dificuldade em aguentar o próprio peso.

Ela o olhava como quem queria mais, apesar de não ter conseguido recuperar a respiração ainda.

– Vem cá – ele ficou de joelhos e a segurou pela nuca. – Eu quero ver esses lábios lindos em volta do meu pau.

Ela também queria muito, por isso segurou seu membro e desceu a mão por ele. Estava duro demais, com certeza precisando de alívio. Ela colocou a cabeça macia na boca e chupou, Sean respondeu imediatamente, provando o quanto estava quase no limite. Bea passou a língua por toda a extensão, o deixando bem úmido, depois o colocou novamente na boca e começou a chupá-lo, gradativamente o colocando mais e mais até chegar à sua garganta e ela retirá-lo.

– Engole mais – ele segurou o cabelo dela e observou até ela engolir tudo que conseguia e ele sentia a pressão da garganta dela em volta do seu pau. Era tão bom que ele xingou ao mesmo tempo que um gemido escapou e o som saiu rouco.

Ela sentia tanto prazer quanto ele sentia ao chupá-la e aumentava enquanto ele puxava seu cabelo pela raiz e ditava o ritmo, gemendo alto enquanto ela chupava com vontade, acariciando-o com as mãos, afagando suas bolas e sentindo o gosto dele na boca. Sean a puxou com força pelo cabelo quando começou a gozar e seu corpo todo se retesou, relaxando e voltando a cada jato de sêmen.

No segundo que voltou à Terra, Sean a puxou para cima e a beijou com força, esmagando seus lábios e apertando seu corpo rijo contra o dela. Ele a derrubou na cama, movendo-se sobre ela, pressionando seu corpo contra o colchão.

– Droga, Bea, você me deixa doido. Eu vou te foder tanto que nós vamos tirar três meses de atraso.

Ela se movia contra ele, tocando seu corpo e o segurando pelo cabelo quando ele desceu e chupou seus seios com vontade, deixando os mamilos molhados e avermelhados, ainda mais sensíveis. Beatrice quem o puxou para cima e acariciou as costas dele com as duas mãos, arranhando com as unhas. Sean se ajeitou sobre ela e a puxou pelas coxas enquanto ele apoiava os joelhos na cama e se inclinava sobre ela.

Beatrice sabia que Sean não simplesmente ficava por cima, ele montava e a prendia ali, penetrando até o fundo e não dava tempo de pensar em nada enquanto ele estava ali, grande e forte em cima dela, metendo sem parar, se apoiando na cama e a segurando, trabalhando com o quadril. As pernas dela nunca estavam para baixo, ele a queria até o último centímetro e possuía até arrancar um orgasmo furioso e de virar o quarto e sabia quando ir devagar e provocá-la até ela enlouquecer de desespero e prazer.

Assim que ele a penetrou de uma vez, ela sentiu o contato com o plug. A cada movimento que ele fazia dentro dela, a joia se movia e ela enlouquecia, empurrando o quadril contra o dele, em busca de alívio para tudo que sentia. Sean foi sem parar até o orgasmo dela vir com força, rápido, e ela gritar pelo nome dele, se agarrando aos seus braços, pulsando em volta do seu pau e prendendo as pernas com força em torno da sua cintura.

Ele a puxou para inverterem e ela quem montou sobre o quadril dele dessa vez, desceu sobre seu pênis úmido e apoiou as mãos no peito dele, movendo o quadril para provocá-lo porque agora ela quem podia. Mas com ele a penetrando nessa posição, o contato com o maldito plug era ainda maior. Ela o sentia ir e voltar, conforme o pau dele se movia dentro dela, especialmente quando ela levantava o quadril antes de aceitá-lo todo novamente.

– Sean... – Ela apertou as unhas contra ele e moveu o quadril. – Eu quero te sentir gozando, agora, bem lá no fundo – ele segurou o quadril dela e começou a gozar. Ela podia senti-lo perfeitamente, inchando e preenchendo-a. – Isso, bem aí! Mais!

Ele ainda ficava doido quando ela lhe pedia por mais e a puxou para ele, beijando-a apesar de ambos ofegarem um contra o outro e ele ainda continuar gozando dentro dela.

– Gostou do seu presente? – ele perguntou, ainda a segurando bem perto.

– Você lembrou de perguntar agora? – Ela sorriu.

– Eu quero ver enquanto te faço gozar de novo.

Ele a virou, dessa vez para o outro lado da cama, então ambos viam todo o espaço do quarto. Sean a colocou de joelhos e colou o corpo às costas dela, acariciando seus seios enquanto ela se movia

contra ele. Bea deitou a cabeça contra ele e colocou as mãos sobre as suas, acompanhando-o na exploração do seu corpo. Ela se inclinou para frente e ficou de quatro, movendo o quadril contra ele, Sean se esfregou contra ela que recebia cada movimento como um estímulo leve no plug.

Beatrice sentiu o membro dele, duro novamente, provocando entre suas pernas, alcançando seu clitóris e ele o segurava para acariciá-la. Ela ainda o queria dentro dela, continuava com aquele desejo ardendo em seu corpo, pedindo para nunca mais ser ignorado. Sean a penetrou devagar dessa vez e observou a vista, ele podia ver a base do plug se movimentando conforme ele entrava e saía dela e aquilo era excitante demais. Ainda mais por vir acompanhado dos sons de prazer que ela emitia.

Com os braços tremendo, Bea se inclinou e apoiou os cotovelos no colchão. Sean beijou as suas costas, acariciou seu corpo e foi voltando à posição, segurou no traseiro dela e aumentou as investidas, acompanhando o que ela começou a dizer baixo.

– Você quer mais forte? – Ele sorriu e enterrou o pau até o fundo, arrancando um grito dela. – Quer que eu foda essa boceta apertada ainda mais forte?

– Sim... Sim... mais forte – ela quase não terminou a frase, cerrou os olhos e pediu de novo. – Mais... droga, me fode! Sean! – ela gritou o nome dele porque não conseguia racionar mais nada com ele se movendo daquele jeito, no lugar perfeito.

Ele segurou o plug e o moveu, tirando e colocando e o rodando no lugar. Bea prendeu o lençol por baixo de suas mãos e não estava nem pensando em conter seus gemidos ou os gritos de prazer, especialmente quando começava a gozar. Era ótimo não ter vizinhos embaixo para escutar a cama ou gente por perto para escutar os sons.

O corpo dela estremeceu inteiro, se ainda estivesse apoiada só nas mãos ia tombar de cara. Beatrice apoiou a testa no dorso da mão e depois deixou a cabeça pender, sentia-se retesar sem parar em volta do pau dele enquanto seu corpo se entregava novamente e sua mente desligava, não conseguia parar de gozar. Não tinha controle nenhum sobre o próprio corpo, estava suada e sem ar,

tremendo no lugar e o apertando dentro dela, como se ainda estivesse faminta. Dessa vez Sean deixou ir, chegou a alcançá-la, saiu de dentro dela e Beatrice sentiu os jatos quentes contra a superfície do seu sexo.

Ainda ofegante, ela caiu na cama e abriu um sorriso quando o sentiu deitar ao lado dela e puxá-la para perto. Ela não conseguia parar de sorrir enquanto seu corpo ainda estremecia sob os efeitos do pós-orgasmo.

– Eu esqueci que você gosta de tentar me matar – ela disse baixo.

Sean virou a cabeça e lhe lançou um olhar sacana, mas havia um sorriso em sua face; ele sentia os efeitos do clímax tanto quanto ela. Ele se moveu e foi para cima dela, e ficou um longo tempo abraçado a ela só a beijando.

– Eu não consigo parar de te beijar – o olhar dele passou de afetuoso para desejoso. – E nem de te foder. Acho que estamos quites.

– Estamos ficando quites... – ela disse, passando a perna pela dele e a descansando sobre seu quadril.

Ele deslizou a mão pela coxa dela, agarrou seu traseiro e a puxou, deixando na posição que ele queria. Bea sentiu bem demais quando ele tirou o infame e maravilhoso plug.

– Eu vou substituir a sua nova joia pelo meu pau e acho bom ninguém chamar a polícia – ele sabia que eles estavam a ponto de ficar ainda mais barulhentos.

\*\*\*

Eles bem que tinham almoço esperando por eles, afinal, Cristina e Nadir estavam por lá e gostavam de caprichar quando Sean voltava. Depois, também tiveram lanche pronto, mas os dois não saíram do quarto. E nenhuma das duas nem pensava em ir lá na área dos quartos do terceiro andar. Cristina não ia saber onde pôr a cara se escutasse mais alguma coisa sem querer. Já era hora do jantar quando Sean apareceu, faminto e catou coisas pelos armários e da



geladeira da pequena cozinha auxiliar do terceiro andar e sumiu novamente.

Mesmo depois de sair do quarto e voltar, Sean viu que Beatrice não acordou. Tudo bem, ela estava exausta, ele assumia a culpa. Mas não era assim tão fácil recuperar uns meses de seca em uma noite. Ele achava que eles não iam recuperar nada, não dava, era como uma bola de neve. Mas falta de tentativa não ia ser.

Ele deixou a bandeja que trouxe para ela sobre a mesa e se recostou perto da janela do quarto dela, sem ser aquela que dava para o Central Park, mas a outra que dava à rua, de onde ele ainda podia ver o parque. Sean já nem se lembrava daquela vista, afinal, ele não passava o tempo naquele quarto. Talvez ele sempre fosse se ressentir um pouco daquele cômodo, mas a partir de hoje, se tudo desse certo, ia simpatizar mais com ele. Não podia negar que era bonito. Enquanto seu espaço lá do outro lado da sala era mais escuro e moderno, o quarto dela tinha cores mais variadas e estilos misturados. Ele não era nenhum especialista como ela, mas sabia dizer que era clássico.

Deixando a vista para lá, ele voltou e foi rodeando a cama, admirando enquanto Bea dormia. Ela mexia o pé, flexionando os dedos e ele ainda sabia que ela fazia isso quando estava perto de acordar. E também sabia que se a cobrisse e aquecesse, ela voltava a dormir e podia ficar assim por horas. Sean a cobriu e a viu se aconchegar, mesmo assim, ela abriu aqueles olhos dourados que ele tanto adorava e piscou algumas vezes antes de observá-lo. Sabe há quanto tempo ele não a via fazer isso? Pensar nisso o entristecia.

Apesar de tudo, de tê-la feito se render a ele, de ter exorcizado aquele quarto e de terem terminado exaustos e fazendo amor devagar, se olhando e murmurando carinhosamente um para o outro, ele ainda não sabia se a teria de volta. Olhá-la assim o machucava um pouco, fazia-o lembrar daquele tempo em que só tinham os finais de semana. Na época que ele sempre tinha a imagem dela, linda, nua, sussurrando para ele, rindo e se aconchegando ao seu corpo.

Bea continuava o observando, então, Sean deitou novamente junto a ela e passou o braço por baixo de sua cabeça. Ele não era

doido, sabia que o que sentia não era completamente saudável, mas era apaixonado demais por ela para se preocupar com isso. E atualmente sentia necessidade de ficar perto dela o tempo todo, o que era resultado da carência dos últimos anos daquele casamento de mentira.

Beatrice se virou mais para ele e franziu o cenho enquanto o olhava.

– Eu quero a minha garota implicante e provocadora de volta – ele disse baixo, encostando o nariz na testa dela. – Eu sinto tanto a sua falta.

– Você também mudou, Sean...

– Eu sei. Estou tentando – ele voltou a observá-la. – Você tem o poder de me mudar, Bea. Pra melhor ou pra essa droga que você não gosta agora.

– Eu não disse isso. Eu gosto de você agora, gostava antes, vou gostar como for amanhã e depois.

Ele a abraçou e sua voz saiu abafada contra o seu pescoço, mas perfeitamente audível:

– Eu ainda te amo. E essa frase ainda é curta demais para explicar o quanto preciso que fique comigo.

Ela ficou quieta e abraçada a ele. Aquele dia em que ele lhe disse isso pela primeira vez e ela aceitou se casar com ele, voltou à sua mente. Fazia um tempo que ela não evocava essa lembrança, porque preferia fugir de lembrar daquele tempo, tinha receio da dor e não negava isso.

– Eu não sei se quero me sentir novamente do jeito que senti naquele dia...

Ele afastou o rosto e perguntou baixo:

– Medo?

– Sim... o jeito que eu me sinto sobre você ainda me assusta e me espanta.

Ele a puxou para junto do seu peito e ficou acariciando suas costas.

– Só continue tentando junto comigo. Ainda temos muitos meses antes do nosso prazo.

Sean sentiu que ela assentia contra ele, concordando.

– Eu não vou desistir, Sean. Você já me mostrou que não consigo. Eu tentei, de verdade. E não queria mais, era demais pra mim. Por que não consigo parar de te amar tanto?

– Se eu soubesse, não te diria. Não posso perdê-la.

Ela continuou abraçada a ele. Sean sabia como era, sempre que chegavam à parte dos sentimentos as coisas ficavam complicadas, ainda havia tanta coisa escondida por baixo de suas armaduras.

**GENTE!! A CASA CAIU! OS WARD ESTÃO SE DIVORCIANDO!  
SOCORRO!!!**

Meus pesadelos estão se realizando! Saiu no Just Jared! Saiu no Hollywood Life! E isso antes do NY Life noticiar! Está no jornal! COMO?! Pelo amor de Deus, não faz isso comigo!

Segundo uma fonte, eles estão separados há muito tempo. Mas a bomba só estourou agora! Pelo amor de Deus! NY VAI PARAR!

Não, para o mundo! Dá pause! Cancela o Super Bowl! A gente tem que resolver isso. Os Ward não podem se separar. Vou fazer o que da minha vida com Sean Ward solto novamente? Meu Deus! Não consigo nem pensar na possibilidade. Estão dizendo até que um dos dois não está morando no triplex! GENTE! O triplex, o símbolo máximo da riqueza Ward nessa cidade e um dos dois desertou? Tô no chão! Me segura que eu to tremendo! Seantrice não pode acabar!

Vou checar minhas fontes, tomar meus calmantes e volto com mais informações.

– do famousnewyorkers.com (1559 comentários)

## Capítulo 7

*Sou tão louco por você que gosto mesmo quando me beija pelos motivos errados. Pode me ludibriar, me sacanear e caçar da minha necessidade por você. Pode vir pros meus braços de todos os jeitos errados do mundo, mas cola essa boca deliciosa na minha que eu esqueço tudo.*

Rico ia ter um troço. Ia ser hoje que ele ia morrer, se ele não morresse hoje, ia se tornar o último Highlander, porque nunca mais seria. Os telefones estavam enlouquecidos, porque algumas pessoas tinham o telefone direto da presidência. A maior parte ficava preso nas secretárias do atendimento geral e os jornalistas caíam nos telefones do departamento de Relações Públicas. Mesmo assim, até o celular dele estava enlouquecido.

Vocês estão sabendo da última bomba da high society? Os Ward estão se divorciando! Ao menos é o que dizem os sites de fofocas, baseados em fontes anônimas do convívio deles. Sim, estou tentando ser controlada! Quando eu finalmente consigo minha foto com eles, resolvem se separar? Eles estavam juntos naquela festa, juro! E saíram juntos de lá normalmente. Como que agora alguém abandonou o triplex?

Nem terminei de pagar meu Dior pretinho e Sean Ward vai ficar solto? A concorrência vai ser pior que a maratona de Nova York. Salve-se quem puder!

Mas e Beatrice Ward, gente?! Ou melhor... do que vou chamá-la agora? Ela é Bea-W até morrer. Como que uma pessoa vira ex-Ward? Tem essa categoria? Nunca ouvi falar! Vou chamá-la de Bea-EW? E será que ela vai continuar por aqui?

Olha, minhas fontes costumavam dizer que Sean-W se casou porque ele era doido naquela mulher dele. Como que tá se divorciando? Tá, eu sei que essa gente rica e famosa casa apaixonado e 6 meses depois separa. Até que durou 4 anos, mas... Gente. Tô xadrez pretinho!

– do uppersofnewyork.net (896 comentários)

Hartie entrou correndo no escritório, esbaforido, branco que nem um papel e com o cabelo loiro esvoaçando e foi direto à sala de Beatrice, ela não estava lá. Ele quase caiu duro. O mundo estava desabando em cima da cabeça deles e ela sumida. O telefone não parava de tocar. A fofoca estava para todo lado na internet. E Beatrice tinha sumido? E não atendia o celular!

– Hartie! Já ligaram até pra mim pra perguntar o que posso declarar como amiga dela! – dizia Elis, ao celular.

– Mulher, eu tô caído aqui ainda. Tô tremendo! Quem vazou essa merda?

– Mas... é verdade mesmo?

– Garota! Você começou a cheirar pó de anjo cedo? Ela tem outro apartamento, você achou que era por quê? Só porque ela é rica ia brincar de casa da Barbie em outro lugar?

– Mas, Hartie! – disse Elis, ainda chocada.

– Fica de bico fechado, baranga! Nada a declarar é sua frase padrão até ela dar sinal! – disse Hartie, antes de desligar.

Beatrice não acordou cedo o suficiente para passar no escritório antes do seu primeiro compromisso do dia. Ela saiu da cama depois de Sean e escutou o som do chuveiro e entrou no banho no segundo que ele saiu. Era meio da semana e eles não conseguiram tomar café juntos, ambos saíram apressados, cada um para um lado da cidade. Ela foi direto para o compromisso e ficou sabendo da novidade enquanto estava no banco de trás do carro e finalmente tirou o celular do silencioso e olhou seu WhatsApp. A reação dela foi começar a gritar em choque enquanto olhava a tela do celular.

No seu caminho, Sean não teve tempo de olhar a internet, mas atendeu ao celular e Rico estava beirando à histeria no seu ouvido,

ainda mais porque ele estava com o fone.

– Eles sabem! – Rico dizia, balançando as mãos no ar enquanto corria de um lado para o outro à frente da porta do escritório de Sean, como se fosse para ele pular lá para dentro e não ser atropelado.

Sean segurou o braço dele e o fez parar, depois entrou e o assessor foi andando, ou melhor, correndo atrás dele.

– Já saiu pra todo lado. Eu até esqueci tudo que precisava lhe dizer assim que voltasse. E a viagem foi boa? Ai, meu Deus! Vai ter divórcio mesmo? Dessa vez eu devo chamar os advogados?

– Se você não parar de falar, vai ter que ligar do além pra chamar meus advogados, depois que eu te jogar daqui de cima – avisou Sean enquanto dava a volta na sua mesa. Ele estava com aquela cara séria, até franzira o cenho e encarava qualquer coisa à sua frente de um jeito que se não fossem objetos inanimados, iam sair correndo. – Liga pro Derek.

– Ele ligou! – disse Rico, tentando se conter e ficou movendo as mãos no ar.

– Ótimo.

– É, é... só isso?

– Está na internet – disse Sean, abrindo seu notebook. – Só podemos conter a crise, não dá pra sumir com ela.

– Mas, mas... e o divórcio?

– Cancelado por falta de recursos – disse Sean, sarcasticamente e quase se divertindo por torturar Rico desse jeito.

Ao contrário do marido que estava entocado lá no topo do prédio do GW e com seu diretor de RP dando um jeito de conter a história, Beatrice estava na rua. E ela sofria outro tipo de assédio.

– Meu cabelo está bom? Tenho que sair gato nas fotos. Vão me tarjar como amigo íntimo que está dando seu apoio nesse momento difícil – Hartie se consertava, olhando no espelho do carro.

– Não vão pôr nada disso! – ela disse, com o celular grudado à orelha e dizendo a Terry para negar tudo, porque até nela já tinham chegado. Beatrice tinha poucos amigos “íntimos” na cidade que pudessem saber de algo.

– Claro que vão! Ou você acha que vão pôr na legenda que euzinho, desse tamanho, sou o motivo da separação? É só olhar pra mim pra saber que ninguém no universo largaria Sean Ward pra pegar esse loirinho esguio – ele se indicou.

Beatrice estava se sentindo de volta à época do seu casamento, quando ela era a novidade na fofoca local por se tornar uma Ward. Só que agora era pior. Ela era aquele tipo de famosa que não tem motivo para isso, não procura a fama e no seu caso, nem entendia como acabou nessa posição. Agora era it girl, socialite, designer famosa, adorada por mulheres que buscavam a beleza além dos padrões opressores, copiada em tudo que usava, autoridade no quesito decoração e ainda era casada com Sean Ward. E supostamente no meio de um divórcio bombástico.

Ela tentou fugir para casa, porque todo paparazzi e fofoqueiro que se prestasse naquela cidade, sabia onde ela trabalhava. Afinal, o endereço estava no seu site, na sua fan Page, no catálogo... Mas nem seu esconderijo ela ia poder ter mais.

– Dá a volta no carro, Don! – disse Beatrice, gritando para o segurança quando viu dois caras com câmeras circulando por Sutton Place South, onde ficava seu apartamento.

Ela chegou a se encolher no banco, como se o vidro não fosse fumê. Ela ficou espiando por cima do banco do Range Rover enquanto se distanciavam do seu apartamento.

– Tess! – ela disse ao celular. – Você vai ter que me salvar! Descobriram meu apartamento, não sei como!

– Mas já? – respondeu a cunhada.

– Eu realmente não sei como. Eu tenho estado escondida ali, os poucos para quem contei nunca diriam!

– Eles descobrem tudo. Não dá pra ter paz.

– Você vai ter que fingir que está morando lá no apartamento e que eu vou lá porque te visito. Já tem foto do prédio na internet!

– Que barato, um apartamento aqui na cidade! – disse Tess. – Vou adorar a aventura, a Tibby também!

– Não é uma aventura, estão me seguindo!

Don avisou no seu rádio que o apartamento estava comprometido e Kevin já avisara que o GW e o triplex também estavam. Apesar

dos esforços dos Relações Públicas que conseguiam remediar com os grandes sites de fofoca, com os blogs era outra história e eles eram as fontes dos boatos mais doidos e mais comentados.

Tess chegou ao apartamento uma hora depois, levando Tibby que usava óculos escuros cor de rosa e empinava o pequeno nariz, imitando a mãe enquanto eram fotografadas. Beatrice chegou meia hora depois, já eram seis e tanta da noite, mas ela colocou seus óculos escuros enormes e desceu do carro ignorando os flashes e as perguntas.

– Foi aquela vaca! – Bea dizia enquanto jogava itens pessoais numa malinha, o resto ia ficar para trás.

– Vai quebrar – avisou Tess, pegando da mão dela que estava jogando tudo com raiva.

– E eu já gostava daqui, era meu refúgio sentimental... – ela murmurou, arrasada por perder seu esconderijo de tudo. Era como ser jogada de volta aos leões e não estava falando dos fofoqueiros. Eram os leões dos seus sentimentos e problemas.

Como elas estavam armando, nenhuma das duas podia ser vista com malas, então o porteiro colocou uma mala num taxi e os seguranças estavam encarregados de despachar as malas na madrugada. Tudo isso por um boato que alguém começou.

Mais tarde, ainda naquela noite, Beatrice entrou no triplex e soltou o ar, arrastando sua bolsa pelo segundo andar. Um dia disso e já estava cansada. Ela subiu para o terceiro andar e quando chegou à sala entre os quartos, já tinha tirado seus sapatos e estava andando descalça por lá. Ela ouviu os passos e Sean apareceu na porta, ele apoiou o ombro no batente e ficou ocupado, soltando as proteções das mãos.

– Eu imaginava que você ia aparecer aqui essa noite, eu só esperava que você voltasse pra casa por decisão própria e não por causa da fofoca – ele puxou a proteção negra da mão esquerda e a flexionou no ar.

– Eles estão pra todo lado... – ela murmurou, virando-se para olhá-lo. – E por que você está tão zen? Está até falando devagar.

Ele ficou soltando a proteção da mão direita e como acabara de vir da academia, estava suado e parou, passando o antebraço pela



testa e afastando o cabelo escuro.

– Não é como se tivessem inventado isso. Só descobriram – ele moveu a mão esquerda no ar. Havia ficado um bom tempo dançando em volta da bola de socos, aquele equipamento de treino que era curto e preso ao teto, na altura da linha de visão, obrigando quem o usava a manter os braços para cima, socando ininterruptamente em movimentos curtos e repetidos para não acabar levando com ele na cara. Era óbvio o motivo para ele estar mais calmo. Socar algo sem parar sempre ajudava.

– Mas alguém contou – ela disse.

– A lista é bem longa – lembrou Sean.

Ela soltou um som de raiva e bateu o pé no chão, fazendo a bolsa bater no seu quadril.

– Conheço o sentimento – ele disse, desencostando e indo para o seu quarto tomar banho.

Ela cruzou os braços e o acompanhou apenas pelo canto dos olhos, talvez houvesse algo errado com ele. Será que a história do divórcio vazou o afetou de um jeito diferente do que aconteceu com ela?

Beatrice deixou sua bolsa no sofá e soltou seus sapatos ali mesmo. Seu corpo ia ser o próximo a cair por ali, mas ela bufou e atravessou o espaço da saleta, entrando no quarto de Sean. Ele estava no banheiro, então ela foi até lá e cruzou os braços assim que entrou.

– O antigo Sean iria dizer alguma coisa espirituosa sobre terem inventado um divórcio sem fazer ideia que nós inventamos antes – ela disse.

Ele jogou a camiseta cinza e suada sobre a pia e se virou para ela.

– A antiga Beatrice ia ter dez tiradas fantásticas sobre toda essa história.

Beatrice continuou com os braços cruzados e soltou o ar com irritação.

– Nós estamos ferrados.

Como até concordava com ela, Sean se livrou do resto da roupa e entrou no chuveiro, ligando a ducha e entrando de cabeça embaixo

da água. Beatrice descruzou os braços e pegou as roupas que ele largou, juntando-as para levar para a lavanderia do apartamento. Ele abriu o vidro e passou a mão pelo cabelo molhado, afastando-o para trás.

– Você vem? A água está bem quente.

Ela parou, ainda segurando as roupas e o olhou ali na entrada do box, segurando a porta de vidro, molhado, com água ainda descendo pelos músculos rijos do seu corpo e o cabelo empurrado para trás. Irresistível demais para alguém chamando outra pessoa pro banho.

– Tudo bem – ela assentiu, deixou as roupas dele lá e tirou as suas deixando-as ao lado. – Eu prefiro morna, você continua tomando banho com a água quente demais.

Sean desceu o olhar por ela enquanto esticava o braço para ajustar a temperatura da água. Ela estava com as mãos sobre os seios e olhava para a ducha como se a ameaçasse por estar soltando aquela água quente demais.

– Tira essa calcinha e entra no banho – ele deu espaço para ela. – Antes que eu cometa o grande pecado de estragar sua pele colocando-a embaixo da ducha pelando. Não é esse o motivo?

Ela tirou a calcinha, jogou para cima das suas roupas e entrou, levantando os braços para prender o cabelo.

– É esse mesmo – ela virou de costas e ficou embaixo da água. Ia ser difícil não molhar o cabelo, a ducha do banheiro dele vinha direto do teto rebaixado sobre o box, caindo perfeitamente sobre eles, ótima para um banho a dois.

Ele observou as costas dela, depois olhou para as prateleiras transparentes embutidas num espaço da parede e com um arsenal para o banho.

– Nós não fazemos isso há um tempo – ela disse, referindo-se a tomar banho juntos.

Era comum quando namoravam e só tinham os finais de semana para se encontrarem, agora ela nem lembrava a última vez que esteve com ele numa ducha. Lembrava que há pouco mais de um ano, da última vez que não resistiram um ao outro, antes de iniciarem essa saga de tentar salvar o casamento, eles estiveram

juntos numa banheira. Mas não na ducha. Sean lembrava quando fizeram isso pela última vez, já fazia uns três anos. Foi da última vez que viajaram juntos e dividiram o quarto de hotel.

– Era divertido... – ele disse atrás dela e pegou o sabonete líquido, esfregando nas mãos e espalhando pelas costas dela.

– Sabia que eu não uso mais sabonete? – ela perguntou num tom de quem contava uma grande curiosidade.

– E o que diabos você usa? – Ele desceu as mãos, espalhando a espuma até o traseiro dela.

– Creme de banho, um milagre.

– É um pecado muito grande usar esse sabonete hoje? – Ele ilustrou o que dizia, apertando o traseiro dela com as duas mãos e depois as deslizando pelo seu quadril, espalhando mais espuma. Ela riu e disse:

– Não, hoje não! Vou quebrar essa pra você não ter que sair pelado e molhado pelo apartamento pra buscar meu creme de banho! – ela já podia imaginar isso.

- A melhor parte seria eu escorregar – ele sorria, pensando na cena ridícula.

Bea se virou e pegou o vidro, despejando sabonete e esfregando nele para fazer espuma e começou seu trabalho pelo peito dele. Ela se distraiu completamente ao ensaboar aquele peitoral rígido, lavar os mamilos masculinos com as pontas dos dedos e ensaboar cada entradinha de cada músculo do abdômen dele, como se Sean estivesse muito sujo. Ela nem notou que ele estava se divertindo, olhando-a com uma expressão sacana.

Eles fizeram serviço completo um para o outro, espalhando mais sabonete do que o necessário e Beatrice tinha certeza que seu corpo recebeu muito mais espuma do que precisava, devidamente massageado por mãos fortes e escorregadias que a deixaram mais relaxada do que meia hora na hidromassagem.

Quando supostamente deveriam ter terminado, ela estava super excitada e ele estava com aquele tipo de ereção que não desceria de jeito nenhum sem uma boa “briga”. Mesmo com a água morna, o vidro do box estava todo embaçado e ficou marcado pelas mãos e

por eles se apoiando ali porque acabaram transando no chuveiro. Mas eles jurariam que não planejaram.

– Você chegou tarde, já jantou? – Sean perguntou enquanto enrolava a toalha em volta dela depois de finalmente saírem do chuveiro.

– Comi no meu apartamento que agora é da Tess. Mostrei a ela onde ficavam todos os suprimentos na cozinha. Dá pra acreditar que acharam tão rápido?

– Dá – ele pegou uma toalha para se secar, continuava não gostando de ouvi-la falar do “seu apartamento”. Aquele lugar não lhe pertencia, a casa dela era ali, onde estava agora. – Mas imagino que a Tess esteja gostando disso.

– Pior que está.

Ele também estava, mas não mudava o fato de que ela estava em casa pelos motivos errados. Sean só não ia ficar preocupado com esse ponto, já fazia tempo que ele aprendera a tirar o melhor das oportunidades, não importava como elas viessem.

Beatrice foi para o seu quarto e Sean foi procurar o que comer. Ele demorou por lá, mas comparado ao jeito que estava se sentindo quando chegou em casa e foi socar alguma coisa na academia, parte do seu apetite havia voltado e ele não estava mais tão miserável. E Bea estava certa, ele deveria ser capaz de caçar daquilo, mas hoje seu humor não estava colaborando. Quando estampavam sua falha pela internet inteira e até no jornal, ficava real demais. Como se antes já não fosse ruim o bastante.

Quando ele voltou para o seu quarto, encontrou-a na cama. Ela se virou e o olhou, depois voltou a puxar as cobertas e se encolher.

Quando foi para o quarto, Bea gastou seu tempo retirando a maquiagem e escovando os dentes como se fosse um dia normal. Mas no final, sentou em sua cama vazia com desânimo, pegou o seu tablet da bolsa e olhou com terror para as trezentas notificações no Facebook, as inúmeras mensagens, e quando tirou seu celular do silencioso, ele não parou mais de fazer barulhos. Ela largou seus gadgets lá, levantou e atravessou a saleta quase correndo e se enfiou na cama dele. Sean passou pela porta e a observou na cama, mas não disse nada, foi ao banheiro escovar os dentes e quando

voltou, parou ao lado da cama, arrancou a camisa e entrou embaixo das cobertas com ela.

– Posso apagar? – ele perguntou, falando do abajur perto da cama.

Ela assentiu e ele esticou o braço o apagando e se ajeitando logo depois. Beatrice se virou e chegou para perto dele, se aconchegando. Sean passou o braço em volta dela e a trouxe para mais perto, em resposta ela o abraçou e encostou o nariz no pescoço dele, respirando o seu cheiro.

– Eu pensei em voltar ontem, mas sou teimosa demais pra dar o braço a torcer.

– Não vou mentir que não acho bem feito você ser posta pra correr daquela sua toca.

Ela achou o tom dele engraçado e levantou o rosto.

– Nós podíamos mudar tudo se... der certo – ela disse baixo.

– Tudo o quê?

– Essa parte do apartamento. Eu preciso de certo espaço pra guardar minhas coisas. Mas posso pensar num jeito de mudar tudo com paredes falsas.

– E ter uma cama só – ele disse.

– Sim.

– Essas paredes de mentira conseguem isolar sons como as de verdade?

– Se usar o material certo e fizer o isolamento – ela franziu o cenho.

– Tudo bem – ele tinha um sorriso nascendo no rosto.

– Você não vale nada, Sean! – ela disse, finalmente entendendo.

O sorriso dele se alargou até se transformar numa risada e ele a apertou entre seus braços. Beatrice se deixou abraçar, depois descansou as costas na cama e colocou a mão no pescoço dele, deslizando até sua nuca onde ela enfiou os dedos por dentro do seu cabelo, segurando ali e o trazendo para mais perto. Sean se inclinou sobre ela e a beijou, deixando seu corpo ficar parcialmente sobre o dela.

Fazia muito tempo que eles não namoravam na cama antes de dormir. E era tão comum antes, fizera parte de suas noites juntos

nos finais de semana. O mais irônico era que antes, enquanto eles passavam esses anos separados, num casamento mais de aparências do que qualquer coisa, quando os jornais e as pessoas se referiam a eles, falavam sobre o casal lindo que formavam e da união estável. Agora que eles estavam mais juntos do que estiveram em anos, a notícia de estarem separados havia explodido Nova York e se alastrava rapidamente.

\*\*\*

Agora todo mundo tem alguma coisa a dizer sobre o divórcio dos Ward. Antes ninguém dizia nada, tudo com o traseiro apertado. Agora que a notícia do divórcio saiu, os monstros resolveram sair do armário também! E abriram a boca, é mole? Ô, gente malvada. Se vocês querem saber, eu adooooooooo o Seantrice e tô torcendo pra ser tudo mentira. Me julguem! Vai dizer que vocês querem o divórcio porque acham que Sean Ward vai cair na rede de vocês? Sonha que é de graça!  
– do blog famousnewyorkers.com (586 comentários)

O que Beatrice achava mais revoltante é que tudo só denotava como as pessoas eram machistas. Agora que todos achavam que ela ia se divorciar, ninguém falava do “lado bom” para ela. Era só “agora que Sean vai ficar livre”, “depois que Sean Ward se livrar da esposa”, “quem será a próxima sortuda que Sean vai escolher?”. E piorava! Tinha os “até que enfim que Sean Ward vai voltar pro mercado, já estava na hora”, “Sean vai ficar solteiro! Corram pras manicures e pro retoque na raiz que a guerra começou”.

E daí para pior. Ninguém dizia que ela ia ficar solteira e livre e podia até arranjar outro bonitão. Não! Nada disso, agiam como se fosse o fim, por que como é que alguém vai mais alto que Sean Ward? Não vai, né. Tudo que ela arranjasse depois iam dizer que foi um tombo muito feio. Ninguém lembrava que ele podia arranjar uma periguete de quinta categoria e levar um mega tombo também. As pessoas eram machistas demais para enxergar isso.

Como estavam dizendo, o raio não cai no mesmo lugar, ela não ia “dar a sorte” de casar com Sean e depois ainda pegar algo “similar”. Sim, não precisa dizer. Só ler uma declaração dessa é revoltante. As pessoas são assim. Dizem essas coisas. Bea queria matar alguém.

Eu acho bem feito pra ela. Sempre foi metida à besta, desde a época que eles só namoravam. Eu lembro muito bem, ela até o fez sumir dos eventos na época. Nem com os amigos ele não conseguia mais sair por causa dela. E desde então ele mudou muito. Vai ser ótimo pra ele ficar livre e voltar pra vida. Se divertir um pouco, sabe...

– fonte interna para o [newyorklife.com](http://newyorklife.com)

Rico quase caiu duro quando Derek Ward, diretor geral de Relações Públicas do Grupo Ward entrou no andar da presidência. Ele chegou falando ao celular por um fone no ouvido e mexendo na tela de outro aparelho em sua mão. Ele estava conseguindo contrapor aquele escândalo de divórcio que estava começando a ir tão longe que estava afetando o marketing da empresa, porque estava infestando a internet. E ao invés de aparecerem os resultados que eles queriam sobre os Ward e seus projetos, as notícias de seus investimentos, etc... só aparecia o maldito divórcio.

– Ele está aí dentro, Rico? – Derek perguntou, parando por um momento.

Pensa que só Sean e Jared ficavam extremamente ocupados com os assuntos do GW? Tente tomar conta de tudo que circulava sobre eles no mundo inteiro. Não só sobre o GW como sobre a família. Derek resolvia até os assuntos pessoais dos Ward. Se chegasse à imprensa, era problema dele. E seu trabalho não parava nunca. Era mais um escravo do monstro que eram os negócios da família. E sim, ele também gostava do que fazia. Desde o início foi avisado que os Ward não são normais. Lide com isso.

– Sim, está te esperando – avisou Rico, já sabendo que se Derek tinha viajado até ali, eles iam demorar lá dentro. Geralmente dava

para resolverem via videoconferência.

Derek tinha um escritório na sede do GW, mas ele não parava lá. Ele se dividia viajando entre as sedes e em geral passava metade do ano na sede europeia e a outra metade na americana.

Rico o observou seguir adiante e entrar no escritório de Sean. O engraçado dele é que o gene Ward era latente, mas a mãe dele conseguiu por uma interferência ali. Os traços, os olhos e o biótipo da família estavam todos ali. Mas Derek era um dos poucos Ward que tinha o cabelo mais claro, era castanho, mas ele veio abençoado com uma mescla de fios mais claros porque sua mãe era uma loira natural e conseguiu deixar ao menos essa interferência no maldito gene dominante dos Ward, que parecia nunca enfraquecer. E quando ele o penteava daquele jeito, meio de lado, jogado para trás, a mistura das mechas era linda de ver.

– Eu não consigo me decidir qual deles é mais bonito – disse a moça de pé, ao lado da mesa de Estella, terminando a frase com um suspiro.

– Vai decidir isso lá no seu setor – disse Rico, se recompondo e ajeitando a gravatinha. – Anda, some daqui. Nesse andar ninguém tem tempo pra suspiro. Já entregou o que trouxe, agora despacha!

Estela ficou rindo enquanto a garota corria para o elevador.

– Por que toda vez que tem reunião de W aqui em cima, eu pego uma suricato andando por aqui? – resmungou Rico, voltando para a sua sala.

Todo mundo sabia que isso ia acontecer alguma hora. E sinceramente, não sei por que o escândalo. Eles duraram mais de quatro anos. Vocês não acham que já está bom? E foi ótimo pra ela, agora acho que nem precisa dele pra manter o sucesso. Ela soube aproveitar bem, afinal, quem não quer uma casa decorada por Beatrice Ward? Eu só quero saber se ela vai mudar o nome artístico pra assinar suas criações.

– fonte interna para o [uppersofnewyork.net](http://uppersofnewyork.net)



## Capítulo 8

*Eu sei que há algo de podre em mim. Eu sou traumatizado, errado e um filho da mãe problemático. Mas eu me sinto completo quando você me abraça. Eu posso ser o que você precisa, se eu tiver mais uma chance e puder te beijar todos os dias, prometo que esses malditos demônios não nos alcançarão.*

Hartie entrou no escritório de Beatrice e deixou a correspondência em cima da mesa.

– Ai, não faz essa cara, amor. Assim fica difícil. Já desligou o celular? – ele perguntou.

– Claro que sim.

– Pois saiba que eu acho que o bofe é quem vai ficar doido com o divórcio e é azar o dele. Com essa fila de perigete e bicha de quinta que tem atrás dele, depois de você, ele só vai arranjar canhão. Nem com descarrego aquele homem pega outra do seu naipe.

– Amigo é pra dizer essas coisas – ela sorriu levemente e puxou o envelope rígido que ele acabara de deixar em cima da sua mesa.

– Uma pinoia! Se fosse mentira eu ia sair daqui de fino e ficar quietinho. E ainda ia torcer pelas suas costas pra ele resolver testar outras coisas. Mas como sou seu amigo e não furo olho das amigas, prefiro que ele continue hétero e com você. Até porque imagina o grau da minha inveja se ele resolvesse fazer degustação do lado colorido da vida e eu não estivesse envolvido! – Hartie fez cara de terror.

– Hartie, você quer fazer o favor de não colocar essa imagem na minha cabeça! – Ela riu e era justamente o intuito dele, melhorar o humor dela. – Eu prefiro manter a imagem dele bem hétero e olhando só pra mim.

– Ai, para, não faz inveja. Eu tô pra baixo, meu último não valia nem a depilação.

– Você não estava pegando uma loira que é concierge de um hotel?

– Estava. Saí dela e parei naquela porcaria. Devia ter me mantido no lado feminino mesmo. É muita injustiça no mundo eu parar naquele troço e não ter um Ward que caia pro lado de cá.

– Eu acho que esse gene não corre na família... – Ela sorria. – Além disso, como assim injustiça? Já viu como está a quantidade de homens para mulheres? É o lado de cá que está mais precisado, você não acha não?

– Ele pode ser bi que nem eu, ué. Assim a gente pega uma gata de parar o trânsito e faz um ménage de explodir a janela!

– Para! – Ela riu. – Se eu souber de algum te apresento. Mas tem tanto bofe maravilhoso nessa cidade.

– Maravilho não é a mesma coisa que selo Ward de excelência – ele saiu, ainda sorrindo.

Beatrice ficou sorrindo das invencionices de Hartie e abriu o envelope distraidamente e parou em choque quando o conteúdo se espalhou sobre a sua mesa. Eram mais fotos. A princípio ela achou que era coisa daquela vaca da Chloe, mas quando olhou melhor as três fotos, ela viu que não era. As reproduções haviam sido tiradas de certa distância também, mas o fotógrafo usou uma boa lente para aproximar. E ela notou que as três imagens estavam fora de ordem e as moveu sobre a mesa, tentando acertar.

Uma delas mostrava Sean falando com uma mulher de cabelo cor de areia. Ele estava parado de frente para ela e seu cenho estava franzido enquanto a olhava. A mulher parecia agitada porque mesmo pela foto, dava para ver que ela estava se movendo. Na segunda foto, ele estava a colocando em um carro. E na terceira, ele estava segurando os braços dela e falando com ela, aparentemente tentando acalmá-la. Foi aí que Beatrice percebeu que estava fora de ordem e a foto dele segurando-a vinha antes da foto que ele a colocava no carro.

Ele não estava a jogando no carro, ele aparentemente a levou até lá e a colocou lá dentro com cuidado. Como eram só três imagens,

não dava para saber se ele havia entrado no veículo também ou se só a despachara. Mas ao colocar as fotos em ordem e prestar atenção nelas, Beatrice foi franzindo o cenho especialmente para a segunda foto. E o choque a atingiu em cheio quando ela viu o que havia no braço da mulher. Era uma tatuagem e não era qualquer uma. O número quinze estava tatuado no braço dela, grande o suficiente para ser visto de longe, sem nenhum enfeite, apenas aquele número negro.

Beatrice podia até estar louca, mas ela conhecia outra tatuagem idêntica àquela, a única diferença é que o número era dezesseis e ficava nas costas do seu marido.

– Hartie! – Ela pulou da cadeira e correu para a outra sala. – Quem mandou isso?

– Sei lá. O entregador do prédio deixou aqui, não pediu assinatura nem nada, por quê?

Ela saiu correndo do escritório e foi direto para o elevador para tentar descobrir na portaria de onde viera aquele envelope.

Nós que o conhecemos desde sempre nunca entendemos como que ele ficou tanto tempo preso num casamento, ele nunca foi disso. E mais ainda com aquela garota, nunca fui com a cara dela. Acho bem feito, podia ter saído com mais dignidade. Mas também, agora ela já o usou pra conseguir sua fama de decoradora. Só quero ver o que ela vai fazer agora! \*risos\*

– autodeclarada amiga da família para o famousnewyorkers.com

O mais interessante era que dava para saber quem dizia o quê. Beatrice sabia que uma das declarações havia sido de Alva, que sempre a odiou. Maribel Petterson deu uma delas, outra daquelas peruas que ela conhecia desde a época que namorava Sean, deu essa última. Bea só não estava com tempo e cabeça para lidar com elas agora.

\*\*\*

Beatrice tinha tentado ficar calma quando voltou para o triplex, mas sua cabeça estava parecendo em plena finalização de leitura de um suspense sinistro. Talvez um daqueles livros do Harlan Coben que Sean gostava de ler. Aliás, Sean já chegara, mas estava sozinho lá na academia de novo, socando ou chutando, ou ambos. Ela andou lá perto e escutou os golpes no que imaginava ser o saco de areia.

Ela não queria ver a cara dele ainda, preferia tomar banho e... não podia dizer isso a ninguém. Ela nem sabia o que fazer. Enquanto ela saía do carro e tiravam fotos dela, esperando vê-la para baixo, preocupada ou mostrando de alguma forma que sua casca perfeitamente maquiada estava rachando; ela estava pensando em coisas muito mais importantes e complicadas.

– Bea, você não foi comer de novo? – Sean parou depois da entrada do quarto dela e ajeitou a camisa simples que ele colocara após o banho.

– Eu comi algo no escritório... E você?

– Derek estava aqui hoje, pedimos comida antes de sair.

– Olha só pra nós dois, nem saímos de nossos locais de trabalho pra comer – ela ficou olhando para baixo, para o que havia na frente dela sobre a cama.

– Vamos jantar juntos amanhã?

– Em casa?

– Ou onde você preferir.

– Prefiro aqui.

Ela ficou de pé, pegou o que tinha na cama e andou decididamente até ele e colocou as fotos contra seu peito, segurando-as ali até ele mesmo pegá-las.

– O que é isso, Beatrice? Você não está com mais fotos daquela...

– Não! São completamente diferentes.

Ele olhou para as fotos e Beatrice viu quando sua expressão mudou. O olhar dele se fixou e suas sobrancelhas, que antes estiveram franzidas, se levantaram e se ela não estava imaginando coisas, o corado saudável de pós-banho que ele estava apresentando se transformou em palidez.

– Quem é ela, Sean? – perguntou Beatrice, mesmo que já imaginasse.

Apesar de ela estar falando com ele, Sean olhou em volta como se estivesse procurando alguma coisa e se moveu rapidamente, afastando-se e foi até a base do telefone, mas Beatrice, como sempre, tinha largado o fone do telefone sem fio em algum outro lugar do quarto.

– Sean!

– Você vai ter que confiar em mim, Bea – ele não a olhou ao falar, seus olhos continuavam procurando um telefone.

– Não! – Ela correu e ficou à frente da porta, o encarando. – Dessa vez não! Você está escondendo algo de mim desde o início! Eu sei disso.

– Eu preciso salvar alguém! – ele disse a ela que arregalou os olhos e ficou tão surpresa que o deixou passar, mas correu atrás dele.

Assim que achou seu celular, Sean disse o comando que ligava para o seu primo e o coração dele batia rapidamente, porque se enviaram aquilo para Beatrice talvez fosse tarde. E haviam chegado perto demais dela.

– Jared, precisa ir pegar a Quinze. Se ela não estiver em casa, precisa encontrá-la – Sean disse ao telefone.

Ele deixou o telefone cair na cama e andou de um lado para o outro, depois voltou para onde Beatrice também andava sem parar.

– Eu não acredito em você! – ela disse, o confrontando. – Eu não sou cega, Sean! E nem surda! Você sempre escondeu isso, sempre houve esse lado que eu não podia tocar. E quando eu toco ou falo desse número que tem nas suas costas, você muda. Da última vez que toquei nele, você ficou tenso como se eu estivesse encostando uma lamina na sua garganta. É como se isso sempre houvesse ficado entre nós e houvesse nos afastado cada vez mais. Eu vi a foto, eu não sou tão boba assim. Não acho que cada mulher que me mandarem numa imagem com você vai ser sua amante! Ela tem um maldito quinze, idêntico ao seu!

Ele fechou os punhos e depois, os olhos, sua cabeça abaixou por um momento e ele soltou o ar, levantando-a novamente e se forçando a olhá-la.

– Eu não quero você perto disso.

– Se nós tivéssemos tido um casamento de verdade por todo esse tempo e vivido juntos nesses anos, você não acha que isso teria vindo à tona antes? Será que esse não foi um dos motivos para nunca termos estabelecido uma relação normal? É uma foto sua com uma garota que tem um número igual ao seu! E você pirou quando viu e correu pro telefone! E quer que eu esqueça e confie em você sobre isso? E como vamos tentar se vou passar meu tempo inteiro pensando nisso? E pensando mil e uma teorias sobre você estar com problemas. E sobre a garota! Eu nem sei se ela ainda está viva! – Ela se virou e foi andando de volta para o seu quarto. – Eu não vou deixar isso de lado dessa vez!

– É o meu número! – ele disse de repente. – Meu número de gado! Dezesseis é o meu maldito número de gado – ele completou, o que a fez estacar e se virar.

Beatrice ficou olhando para ele, ainda sem conseguir entender o significado completo daquela afirmação.

– É a minha identificação. O décimo sexto. Era mentira, eu menti todas as vezes – quando ele começou, não deu mais para parar. – Eu só não menti sobre ter esse maldito número desde a adolescência. Assim como ela. A mulher da imagem. É o número dela também – ele levantou o olhar e a encarou. – Eles a pegaram antes de mim e quando eu cheguei lá ela já tinha a tatuagem. Eu a encontrei e alguém tirou essa foto e mandou pra você e espera que eu consiga raciocinar bem? Ela acha que querem pegá-la. Na verdade, ela acha isso o tempo todo, ela nunca para de achar isso. A vida dela acabou quando ela saiu viva daquele sequestro, talvez fosse melhor não ter voltado. E agora eu também acho que querem pegá-la. No fim ela não está tão louca assim.

Ela voltou alguns passos, porque ele havia ficado ali parado e fechara os punhos. Sean só se moveu novamente quando ela chegou perto dele. Ele se afastou, deu alguns passos e passou a mão pelo cabelo, depois a deixou cair e bater em sua perna.

– Por que vocês não apagaram? – ela perguntou. – Sean...

– Sabe qual é a parte mais irônica dessa tatuagem? Eu nem sou o dezesseis. Na verdade, eu sou o dezenove. Tinha mais duas garotas, dezessete e dezoito. E um garoto, ele era o dezesseis. Porque eles

sempre pegavam mais garotas, era mais fácil de controlar quando nos moviam. E mais prazeroso pros filhos da puta. Mas o outro garoto morreu, elas disseram que ele morreu, porque nunca mais voltou e não pagaram seu resgate – ele pausou e riu, o que fez Beatrice se arrepiar. Ele realmente soltou o ar numa rápida risada sarcasticamente dolorosa. – Eles me pegaram com quinze anos. Eu fiz dezesseis lá. Eles sabiam tudo. Até isso. E ganhei um grande presente de aniversário. – Ele fez uma pausa muito curta e mudou seu tom, imitando alguém. – *Agora você vai ter dezesseis eternamente, Sean. Não é um ótimo presente? Quem não quer ser jovem pra sempre?* – ele imitou e foi tão diferente do jeito que ele falava, que com certeza era uma imitação perfeita de quem disse essas frases.

Ela ficou ali parada e seus olhos se arregalaram. Em dois minutos ela finalmente descobria algo que ela nunca entendeu sobre ele. E estava o tempo todo na cara dela, como se pedisse a ela para descobrir. Sean odiava aniversários. Ao menos os seus. Ela lembrava de cada vez que tentou, mesmo nesses anos que passaram vivendo uma mentira, ela ainda tentou que ele comemorasse o próprio aniversário. E antes, quando ainda namoravam, ele fez uma grande festa para ela e depois, no seu aniversário de vinte e cinco, fez uma surpresa e trouxe boa parte de sua família.

Lá no começo, quando ele fez vinte e oito, ela tentou lhe fazer uma festa surpresa. Ele ficou olhando para as pessoas e nem conseguiu sorrir. Ela entendeu que havia algo muito errado, mas ele nunca quis dizer, só disse que era um cara estranho, não ligava para aniversários, mas se importava com os dela. Ela só tentou de novo quando ele fez trinta, porque a irmã dele quem teve a ideia de pelo menos fazê-lo assoprar as velas. Mas só de olhar para ele, notava que não estava confortável. Nos anos anteriores ele simplesmente sumiu. Ela nem o viu quando ele fez vinte e nove. E não faltava muito para ele fazer trinta e um.

– Apaga isso – ela disse de repente, porque foi a primeira coisa que sua mente conseguiu conjurar.

– Não! – ele exclamou, olhando-a duramente.

– Pelo amor de Deus, Sean. Eles te forçaram a fazer isso!

– Eu não senti nada – ele disse, daquele jeito quase divertido que estava fazendo os pelos da nuca dela se arrepiarem. – Eles nos dopavam e já acordávamos com o número tatuado onde eles quisessem. Eu nem sei qual deles era o grande tatuador. Mas fez um bom trabalho, não é? Todos pensam que eu mandei fazer, você pensava. É bem feito demais pra ser uma droga de uma marcação de gado! – Ele mudou o tom de novo e ela sabia que ele estava repetindo algo que lhe disseram. – *Ficou bonito, não foi, garoto? Virou homem, aguentou sem chorar. Mas você não estava mesmo sentindo nada, estava?*

– Você vai apagar as duas!

– A segunda eu realmente mandei fazer. Não é tão bonita quanto.

– Sean, você tem que apagar isso...

– Não! – ele tornou a negar e ficou a olhando. – Isso é o que eu sou. Goste ou não, essa tinta vai morrer na minha pele, junto comigo. Eu gosto dela, Beatrice. Cada vez que sou obrigado a vê-la, eu lembro que não sou merda nenhuma. Faz bem saber o quanto você não significa nada no mundo, não importa de onde venha ou como viva ou quanto dinheiro tenha. Se alguém quiser, pode acabar com tudo num estalar de dedos. Faz você se sentir mais humano e humilde o suficiente pra não esquecer quem você é.

*E o que tem que fazer* – ele completou mentalmente.

Ele já havia aberto demais a ferida. Estava ali sangrando para ela, seus olhos brilhavam enquanto as palavras saíam. Tudo que ele nunca quis dizer a ela. Nesses anos havia errado demais e deixado de dizer muitas coisas, mas isso ele não se arrependia de nunca ter dito.

E agora não tinha como protegê-la da sujeira, havia chegado até ela. Era só mais um exemplo de que não importava quanto tentasse, não podia se proteger de tudo. Eles sempre conseguiriam um jeito de colocar suas mãos sujas em você.

– Para com isso, Sean – ela deu um passo para ele.

Podia ser ele quem estava sangrando, mas eram as lágrimas dela que estavam descendo porque as dele já haviam secado há muito tempo; não era fácil arrancar mais nada dele sem que ele quisesse.



Sean balançou a cabeça negativamente enquanto a olhava. Ele se virou e foi para o quarto dela, pegou as duas fotos que tinham caído lá e as amassou em suas mãos. Só de olhar as costas dele, era como se ela pudesse ver o dezesseis queimando através da camisa. Como se ainda sangrasse. Havia mais nessa história, mas ele não ia dizer a ela. E nem a ninguém mais, já falara uma vez e foi a única vez. E só uma pessoa escutou.

Não havia nada que o fizesse caçar todos os detalhes imundos do fundo de sua mente para jogar em cima dela. Ao mesmo tempo, Sean sentia que o túnel em volta dele estava se afunilando. Agora eram as malditas tatuagens. Amanhã ele ia ter que ir até o final. Mas e depois? Ele ia perder tudo.

– Quem fez os pauzinhos? Por que você não pode tirar pelo menos essa? – ela perguntou baixo, parada atrás dele, olhando diretamente para suas costas.

– A Dezoito. Ela fazia os pauzinhos na parede, ela chegou lá um dia antes de mim. Eles a tatuaram acordada, porque os gritos dela eram “engraçados”. Ao menos era o que eles achavam. Ela estava sempre gritando quando a tiravam da cela. Um dia antes de mim, ela voltou com o dezoito. Ela era bonita, mesmo presa lá dentro, naquele buraco de concreto. E eles diziam isso, de um jeito que ela passou a se odiar e vivia rabiscando com as pedras...

Beatrice não ia perguntar por que ele tatuou aqueles pauzinhos que a tal Dezoito fazia. Ela simplesmente não achava que queria saber mais isso. A cabeça dela estava completando as lacunas do que ele acabara de dizer e não estava ficando nada bonito. Sean se virou, ainda segurando as fotos e olhou para ela, mas desviou o olhar, procurando uma rota de fuga para fora do quarto dela.

– Eu não vou tirá-la, Beatrice. Nenhuma das duas. Ela contou os dias que ficamos lá. Alguém tinha que contar.

– E como você consegue olhar... eu não faço ideia de metade dessa droga e não quero olhar pra elas tão cedo – ela disse, levando a mão ao rosto, sem conseguir acreditar que um dia as achara bonitas. Porque elas eram. As duas tatuagens negras em suas costas masculinas, largas e musculosas, eram bonitas, como arte sobre uma superfície especial. E agora eram uma beleza aterrorizante.

– E quer saber? Você não tem que confiar em mim. Eu não sou...  
– Ele bateu do lado da cabeça com as pontas dos dedos como se tentasse lembrar a palavra certa – completo. Eu sou tão danificado quanto a Quinze. Ela só tem a liberdade de expor isso, ela pode viver na loucura dela, imersa em pânico e paranoia. E o que me mata é que ela estava certa! Eu não me arrependo nem por um segundo de ter mentido sobre isso. E eu vou continuar escondendo. Até o fim, eu ainda vou esconder alguma coisa, porque eu simplesmente não posso...

Ele pausou para respirar porque havia dito as últimas frases num fôlego só. Elas saíam num tom que Beatrice o escutou usar poucas vezes, dava para ver que não vinham facilmente. Os olhos dele brilhavam, mesmo que não fosse sair uma gota dali, era um olhar selvagem, como um bicho acuado e forçado a entregar suas fraquezas.

– Eu não escuto vozes que nem ela, eu não estou louco. Eu não confundo o que eu escuto com a realidade. Eu só lembro de tudo. E se não controlar, as imagens e os sons ficam vivos o tempo todo. E você... – ele pausou e quando a olhou daquele jeito, ela sentiu seu coração rasgar. – Você faz parar. Sempre fez. E eu me concentro só em você, foi assim que me apaixonei. Eu nunca vou deixar que isso te afete.

Sean parou e desviou o olhar, como se houvesse se obrigado a parar. Ainda estava apertando as fotos na mão esquerda e sua mão direita, que usara para bater os dedos ao lado de sua cabeça, ainda estava levantada. Ele descansou a mão direita sobre a cabeça, mas a deixou cair e se virou, dando um passo e segurando as imagens para olhá-las.

– Não, Sean. Chega – ela foi até ele e pegou as imagens da sua mão. – Para de... olhar pra isso. Como se fosse sua culpa.

– Me dá – ele pediu, estendendo a mão. – Eu tenho que encontrar a Quinze. Não posso deixar que a machuquem depois de tudo...

– Ela tem um nome?

– Pra que você quer saber o nome dela?

– Você a chama pelo nome quando fala com ela, não é?

– Sim...  
– Qual é?  
– Joce... de Joceline.  
– Então pare de chamá-la de quinze. Você não é o dezesseis. Não é mais. E definitivamente não é um número quando está comigo. Para com isso.

Ela chegou mais perto dele e o abraçou rápido, como se ele fosse tentar fugir, mas Sean nem se moveu. Ele só colocou a mão para trás e pegou as fotos de volta. O que era muito estranho para ela, porque não importava a situação ou o lugar, se ela o abraçasse, ele sempre a abraçava de volta, instantaneamente. Agora ele só estava ali com a testa franzida e o olhar distante, sendo obrigado a lembrar daquela época da sua vida em que ele não gostava de contato físico com quase ninguém, com exceção de alguns dos seus familiares.

– Eu confio em você – ela disse, o que chamou a atenção dele. – Eu sei que temos essa relação em ruínas, mas é diferente de nossos problemas amorosos. – Bea moveu o rosto contra o peito dele e levantou a cabeça para olhá-lo. – Eu confiaria minha vida a você nesse minuto.

Ele a olhou por uns segundos, com o cenho ainda muito franzido, era óbvio que havia um bando de coisa passando por sua cabeça. Mas ele a abraçou e acariciou suas costas, depois abaixou a cabeça e cheirou seu cabelo. Mesmo que tudo voltasse, ele ainda iria precisar senti-la entre os braços. Se existia algum conforto no mundo para ele, era poder ficar perto dela.

Depois de todo esse tempo, Beatrice estava finalmente entendendo o que era espantar os demônios dele. Ela nunca realmente havia entendido essa parte, por mais que soubesse o que aconteceu com ele. Apesar de sentir que estava entendendo, também sabia que faltava muito mais. E para realmente ser dona dos demônios dele, como ele disse uma vez que ela era, precisava saber e entender mais. Algo que não ia acontecer facilmente, porque sabia que ele ia mantê-la trancada do lado de fora daquela parte de sua vida.

\*\*\*

Agora que os Ward estão marcados para se divorciar, eu queria muito saber o que vai acontecer com o triplex. É uma curiosidade válida, vocês não acham? Porque se nenhum dos dois ficar, acho que vai ter que ser vendido pra algum sultão do petróleo, bem espalhafatoso e querendo um palácio nos ares! Vocês sabem quantos milhões vale aquele lugar? Eu me recuso a aceitar que teremos Mrs. Sean-W nº 2 morando lá.

Mas vocês perceberam que tem Ward demais na cidade? A irmã babado está aqui de novo, Madame Ward está com residência fixa e fontes me dizem que Jared-W está fora, mas Derek-W aterrissou. Quando os bofes Ward europeus baixam aqui, é babado forte, gente! Vejo divórcio nas manchetes muito em breve!

– do blog [manhattaninsiders.com](http://manhattaninsiders.com) (469 comentários)

No dia seguinte, Beatrice não estava com cabeça para trabalhar. Ela foi ver seu trabalho na Campanale e ficou extremamente distraída e ainda bem que Hartie, além de descarado, também era muito bom no que fazia, porque ele quem prestou atenção nos detalhes. E Dave apareceu lá quando eles estavam no andar da diretoria. Ele não estava mais dando em cima dela, mas também não queria cortar relações.

– Desculpe, eu vi. Está sendo um massacre – ele disse, sobre a fofoca do divórcio dela – Não me importa o que é verdade ou não é, mas eu não vou dizer uma palavra.

Claro que já tinham perguntado algo a ele, porque não fazia muito tempo que haviam pipocado fotos dela com Dave quando estavam acertando os detalhes do contrato e do projeto da Campanale. E alguns fofoqueiros fizeram piadinhas sobre a agenda dela estar concorrida por causa dele.

– Tudo bem, estou tentando ignorar – ela deu de ombros.

– Se vir aqui ficar incômodo pra você, não tem problema, eu entendo.

– Não vou deixar isso afetar meu trabalho – ela disse, cruzando os braços, se recusando a deixar as coisas se misturarem dessa forma.

– A recepção ficou perfeita – ele cumprimentou e sorriu.

– Obrigada – ela sorriu de volta.

Hartie se aproximou e observou Dave ir pegar o elevador.

– Olha só, se te pegarem com o loirão agora vai ser um banquete – ele avisou.

– Se escutarem você me dizendo isso, terão certeza que tenho um caso com ele.

– Bem que ele queria... Mas vai ficar só na vontade! Se ele estiver muito carente, tenho umas amigas fáceis pra apresentar.

– E você vai de brinde? – Ela riu.

– Eu não estou nesse nível de desespero! Minha proposta suja era só para Wards! Campanales não dominaram o mundo o suficiente pra eu entrar em modo vadia – Hartie empinou o nariz, como se fosse mesmo esnobar.

Depois do almoço, Tess ligou. Ainda estava adorando morar no apartamento de Beatrice, mas estava nervosa com outra coisa. Ela havia decidido ficar cara a cara com o pai de Tibby. Por que ela tomou essa decisão repentina, era um mistério para Beatrice, mas ao telefone, Tess soava muito nervosa, à beira de uma síncope.

– Imagina só quando você ficar de cara com ele! – disse Beatrice, piorando a situação.

Ela ainda não sabia quando seria, mas ele estava na cidade e era melhor encarar a questão de uma vez. Tess ia encontrá-lo e tentar falar com ele sem desmaiar de nervosismo. Só não sabia exatamente o que diria, mas queria saber como ele descobrira que Tibby era filha dele. Tudo bem que não era exatamente um mistério digno de Agatha Christie, era só ele fazer as contas e olhar bem para a menina. Mas ainda havia aquele fator de dúvida, porque os Ward também eram morenos, Tibby podia parecer com o tio. Só sobrava essa opção, porque com a mãe ela não parecia, Tess havia herdado o cabelo claro da mãe e seu tom de pele também não era como o de Sean e Tibby.

Eu acho isso tudo um exagero. Se eles fossem mesmo se separar já teriam se mudado ou algo do tipo. Eu me lembro deles quando namoravam, ela foi a primeira namorada que ele apresentou por aí. Na época, essas mesmas que estão aí alfinetando, entre elas gente que tinha sido dispensada por ele, disse coisa bem pior.

– fonte interna para o newyorklife.com

\*\*\*

Era de se esperar que depois do que teve que contar à Beatrice, Sean não estaria num dia bom. Ele não estava irritado, mas com aquele humor que Rico odiava, ele ficava introspectivo e não tinha interesse em nada além do trabalho sobre sua mesa. Ele havia ficado com aquelas fotos, havia mandado para analisarem, mas era basicamente isso. E ficava imaginando o que Beatrice estaria pensando agora.

De manhã, ele saiu do quarto dela e foi trabalhar bem cedo, tomou café sozinho no escritório e por mais estranho que parecesse, estava momentaneamente envergonhado. De todas as pessoas no mundo, ele tinha que ser obrigado a contar a ela desse jeito? Sempre imaginou que se um dia o momento chegasse, ele ia planejar e resumir bem em sua cabeça o que diria e o que continuaria escondendo. Bem, ontem não teve tempo, foram só palavras saindo aos trancos e barrancos.

E agora ele achava que ela o considerava um doido, problemático, um traumatizado e um caso perdido. Ou seja lá o que mais ele podia achar. Nem quando a conheceu naquela festa e ela se divertiu caçoando da cara dele, Sean não se sentira tão... embaraçado. Sabe aquele garoto de dezesseis anos que voltou do sequestro sentindo-se inútil, fraco, emasculado e desconfortável? Fazia um tempo que Sean não o reencontrava dentro de sua mente. Mas ele estava ali, tentando acenar para ele do canto de suas emoções.

– Patrão, tem visita.

– Estou ocupado, Rico.

– Dez minutos ou madame vai ficar muito irritada. Ao menos foi isso que ele disse.

Sean tirou seu par de óculos de aro negro e se recostou, apenas olhando pra Rico. Foi o tempo da porta ser empurrada e ninguém menos do que Hartie, entrar desfilando na sala.

– Vem, Mr. Gel. Qualquer coisa você fica de proteção – disse Hartie, avançando pela sala.

Rico se apressou a segui-lo, ainda com aquela cara de receio, como se Sean fosse pular dali e engolir os dois.

– Caraca, patrão! – Hartie olhava em volta com assombro. – Eu sabia que ia subir na vida quando entrasse aqui, mas caramba! Que palacete dos negócios, hein! Agora sei porque geral no GW chama isso aqui de Olimpo! Zeus, o senhor é destruidor mesmo, hein!

– Eu imagino que essa é a parte que você me diz porque estou recebendo essa visita tão inesperada – disse Sean, abaixando a tampa do seu ultrabook.

– Calma, tô em crise de pobretão entrando pela primeira vez no primeiro mundo. Me dá um segundo pra me recuperar. Tô até trêmulo e excitado – ele largou a bolsa cargo em uma das cadeiras à frente da mesa de Sean e olhou pra Rico. – Começo a entender por que você está sempre com essa franga descontrolada. Trabalhar aqui dever dar isso – ele zoou.

– Mostra logo a parada pra ele, criatura! – disse Rico, ajudando Hartie a abrir a bolsa para ir mais rápido. – Você não vê que isso aqui é área de risco? Eu te disse que ele não estava bom!

Hartie parou e olhou bem para Sean que continuava sentado, mas ele levantou lentamente e foi dando a volta na mesa, usando um daqueles ternos que Hartie amava comentar, mas só com o colete justo por cima, pois, o paletó estava pendurado.

– Se isso é a versão dele para não estar bem, as outras pessoas no Universo fazem o quê? Se tacam da ponte do Brooklyn e torcem pra bater na água de pé pro caixão poder ser aberto? – perguntou Hartie.

Sean apoiou o quadril na lateral da mesa e os olhou curiosamente. Rico lhe lançou um olhar nervoso e arrancou algo da bolsa de Hartie.

– Coloca logo! Eu te prometi dez minutos! – disse Rico.  
– Meu amor, pra madame ele sempre tem tempo, não é, bonito?  
– Só ela pode me chamar assim na minha frente, Hartie – lembrou Sean. – O que ela me mandou? Pelo que posso ver daqui não é de comer.

Hartie imitou algo que Rico havia feito para Beatrice há um tempo. Ele conectou seu smartphone numa pequena caixinha quadrada e saiu dali um som muito mais potente do que o pequeno aparelho dava a entender. E foi realmente cômico quando um ritmo animado e agradável começou e logo depois veio a voz bonita e potente da Joss Stone, acusando alguém de ser o seu “mau hábito”.

You're my bad habit  
I'm trying not to love you like I do  
You're my bad habit  
Somehow I don't wanna be rid of you

It's obvious to me your kiss is lethal  
Your drug of choice is love and I can't come down  
All the names under the sun're's  
You could be everyone but I still want you bad  
Some say it's sad

Always got someone out looking for you  
And sometimes I just wanna knock you out  
I think I've lost half of my brain  
Clinically I'm insane  
Cause I feel for you babe  
You're the best I've ever had

You've done me so wrong  
But you love me so right  
There's more than one reason  
Why you shouldn't be in my life  
To tell you I don't want you no more  
Would be a lie



So I gotta step back  
And accept the fact  
That you're my, you're my bad habit

Você é meu mau hábito. Eu estou tentando não te amar como eu amo.

Você é meu mau hábito. De alguma forma eu não quero ser livrada de você.

É óbvio para mim que seu beijo é letal. Sua droga favorita é o amor e eu não posso fugir. De todos no mundo, você poderia ser qualquer um, mas eu ainda iria o querer.

Alguns dizem que é uma doença.

Sempre tem alguém atrás de você. E as vezes eu só quero socá-lo.

Acho que eu perdi metade do meu cérebro. Clinicamente eu estou insana.

Por causa do que sinto por você, baby. Você é o melhor que eu já tive.

Você tem me feito tão mal. Mas tem me amado tão bem.

Há mais de uma razão pela qual você não deveria estar na minha vida.

Dizer a você que não o quero mais seria mentira.

Então eu tenho que voltar atrás. E aceitar o fato. Que você é meu, você é meu mau hábito.

– Eu imagino que na língua de vocês isso tenha sido um elogio...  
– disse Rico, levemente confuso enquanto olhava para o sorriso que Sean havia aberto, o primeiro do dia.

– Ela disse também que... – Hartie tirou um papel do bolso para ler, porque ele era desses que esquecia, por isso Beatrice escreveu o recado. – Espera que você se lembre do primeiro CD que ela te deu. E que poderia ter te enviado uma música melosa e boboca, mas que você sabe que isso é muito mais real para vocês. E que...

Sean tomou o bilhete de Hartie e ele mesmo ficou lendo ela dizer que era tudo verdade e para ele não ficar muito convencido. Depois ele enfiou o bilhete no bolso, enquanto Joss Stone continuava

cantando Bad Habit. E ele sabia que não era do álbum que ela lhe dera quando lhe mandou aquele presente e aquela mensagem que selou de vez o início do relacionamento deles. Mas Sean pretendia comprar esse outro álbum também, pois nunca o escutara.

– Rico... – Sean virou novamente para eles, depois de ter voltado para trás de sua mesa. – Vai encontrar o álbum que tem essa música. E Hartie – ele o olhou e os dois do outro lado paralisaram. – Obrigado – ele sorriu para ele.

Hartie se desmanchou todo, encenando aquele seu drama.

– Ai, o que eu não faço por um sorriso de um Ward... ou melhor, pra agradar o patrão!

Rico agarrou a bolsa de Hartie e depois o pegou pelo braço.

– Vem, você vai pra rua procurar isso comigo! – ele disse, enquanto o puxava para a porta.

– Ah, eu me recuso! Só piso com você na rua se tirar metade desse gel do cabelo! Seu cabelo está mais duro que pinto de tarado em festa na piscina!

Eles escutaram Sean rindo deles enquanto deixavam a sala com Hartie tentando pôr a mão na cabeça de Rico que fazia de tudo para se desviar.

## Capítulo 9

*Gosto de beijá-la demoradamente e depois esperá-la abrir os olhos. Quando me olha assim, com esses olhos lindos, sei por que espero por um beijo seu todos os dias.*

Derek Ward passou para ver Beatrice e agora ele estava até se divertindo com a situação. Já conseguira abaixar o fogo das colunas sociais dos jornais com essa história, a internet ainda seguia agarrada ao assunto, mas aí não tinha jeito, era território de ninguém. Beatrice estava sumida do Instagram, porque toda foto que ela postava, tinha gente perguntando.

– Vocês são quase um sonho – ele disse, inclinando-se e mexendo com a colher no seu potinho de sorvete.

Estava um dia abafado e eles estavam se refrescando no topo do triplex. Como ela estava fugindo dos fotógrafos e curiosos que estavam parando para vê-la e subitamente uma foto sua tinha subido muito no mercado dos paparazzi, eles preferiram o isolamento do apartamento.

– Quase? – Ela abriu a caixa que ele lhe trouxe, repleta de macarons da Ladurée, onde ele havia passado no caminho e comprara outros doces gostosos e delicados para ela e sorvete para ambos. Derek era desse tipo, atencioso e com boa memória. E diferente daquele olhar intenso de Sean, ele tinha olhos azuis bem claros e ternos. Em geral estavam como agora, adornando sua expressão charmosa, mas eram atentos e tinham aquele formato entrecerrado. Criavam um contraste atraente e chamativo com sua pele.

– Sim – ele tomou mais um pouco de sorvete. – Tirando a parte que vocês nunca são vistos juntos. É, eu sei, é terrível ser aquele que sabe todas as fofocas da família para dar um jeito de não deixá-las chegar à mídia. Eu me sinto o próprio futriqueiro – ele sorriu.

– Você é caro demais pra ser chamado de futriqueiro – ela riu dele e mordeu um macaron.

Ele fez uma cara engraçada que seria bem mais cômica se não estivesse estampada em sua face charmosa e bonita. Se ele era obrigado a se meter com as fofocas pessoais e profissionais dos Ward, já podia ser eleito o fofoqueiro mais gostoso da atualidade. Mas no mundo fora da família, ele era só o diretor de Relações Públicas, nada de fofoca.

– Eu não posso vir aqui sem fazer uma visita, mas vim mesmo convencê-la a pôr a fantasia de novo e voltar pra papagaiada.

Ela revirou os olhos e bufou, torcendo a boca numa careta.

– Eu sei que você pediu o divórcio e saiu de casa, fui obrigado a saber quando acharam o seu apartamento que agora é da Tess. Aliás, meu próximo encontro é com ela. Estou orgulhoso, faz tempo que ela não me dá trabalho.

– Você terminou aquele curso de psicologia? Porque pra “arrumar” todas as trambicagens que os Ward arranjam, você precisa disso. E você deve usar algum dom pra fazer todo mundo na família te contar tudo. Você fez o Sean falar isso pra você!

– Era só psicologia aplicada às relações públicas, mas sim. E o Sean não é um problema, ele entende o meu trabalho e colabora na medida do possível. Você tem que ver como é arrumar a fama de ganhão do nosso tio de sessenta anos. E o escândalo do Viagra aditivado ainda não saiu da internet. Só não chegou com força aqui nos Estados Unidos. Ele não foi bem dotado com o gene da família, as coisas caíram cedo... – ele disse, tentando ficar sério, mas acabou rindo no final e os dois morreram de rir.

– Tudo bem, eu vou. Mas você conseguiu convencer o Sean a ir?

– Claro, ele estava até animado – Derek deu um sorriso que parecia sacana demais.

Para falar a verdade, Beatrice não sabia onde Sean estava ou o que ele estava fazendo. Depois de lhe contar tudo aquilo, ele ficou inquieto e foi falar ao telefone mais uma vez. Mas voltou e deitou perto dela, o abraço dele estava apertado demais e só afrouxou quando ele adormeceu, mas ela só conseguiu mesmo dormir bem depois dele. De manhã, ele já tinha sumido. E desde então ele

estava fora do radar. Voltou para casa, seu humor parecia bom, eles jantaram ao som do tal álbum da Joss Stone que ele nunca tinha escutado, mas hoje já estava desaparecido de novo.

Separem os vestidos e os saltos, seus lindos! Hoje tem babado no baile de primavera da fundação Dalton. A lista confirmada está um escândalo, ao menos é o que disse o organizador do evento. Como eu não tenho dinheiro suficiente pra ser convidado e eles se acham muito para dar credencial de imprensa por aí, vamos ter que esperar o babado no pós-festa! Mas as fotos começam na chegada dos ricos e famosos, porque quero falar mal da roupa de todo mundo.

– do manhattaninsiders.com (486 comentários)

Desde que havia se tornado uma Ward, a única vez que Beatrice se lembrava de ter ido a uma festa ali na cidade com alguém mais da família, além de Sean, havia sido seu casamento e o aniversário dela de vinte e cinco anos. Desde então, as coisas entre eles só pioraram e no aniversário dela de vinte e sete, no começo daquele ano, ele lhe dera presentes e liberdade. Porque ele achava que no dia do seu aniversário, ela não iria sequer querer vê-lo. Além disso, foi um dia muito complicado para ele e seu outro trabalho.

Ela nunca dissera, mas a verdade é que por mais que tenha parecido desinteressada ao telefone quando ele ligou, ela ficou magoada. Se ela tivesse dito qualquer coisa, ele teria dado um jeito de aparecer.

Mas hoje, os Ward de Nova York estavam todos montados em suas “fantasias” de festa, ou seja, vestidos com suas melhores roupas exclusivas de grife, sapatos caríssimos, trabalhos perfeitos de cabeleireiro e manicure e joias que deveriam ter seguranças só para elas.

– Nem acredito que também posso ir! – disse Tess, animada e olhando-se no espelho. Estava linda de azul, com o cabelo claro preso num penteado lateral, bem maquiada e com joias delicadas completando o figurino.

Candace, impecável como sempre, tinha um leve sorriso de orgulho materno enquanto olhava para a filha de longe. Ela estava tão feliz de vê-la assim, bem e forte outra vez, disposta até a enfrentar os fofoqueiros e os flashes das câmeras. Parecia que Tess realmente havia completado sua reabilitação pessoal e reencontrara a autoestima. Estava tomando coragem para fazer um bando de coisas das quais vinha se escondendo.

– Vamos? – disse Sean.

Beatrice achou que ele ia dar um jeito de fugir disso, mas eram oito em ponto e lá estava ele, penteado, barbeado e pronto para dizimar corações e calcinhas, usando um smoking negro, feito sob medida para ele. As recomendações de traje para a festa eram as mesmas todo ano e isso não fazia diferença, ele podia ir toda semana que o efeito ia ser o mesmo.

– Vocês estão estupendas – ele disse, abrindo um sorriso para elas.

Quando ele sorria daquele jeito o efeito ficava pior. Era tipo explosão de ovários.

– Wow, Sean – disse Beatrice, se aproximando e olhando-o de cima a baixo de propósito. – Se já não fôssemos acabar na mesma casa, eu ia lhe fazer uma proposta indecente tipo... na sua cama ou na minha?

Ele a acompanhou com o olhar, aquele que você nunca mais esquece que esteve sobre o seu corpo. O que passava pela cabeça dele com certeza era sujo demais para ele dizer em frente à mãe e a irmã, mas para quê? Ela sabia, conhecia aquele olhar.

– Pra que esperar chegar à cama, Beatrice? – Ele sorriu pra ela.

– Ai, Deus – Tess foi andando e balançou a cabeça. – Imagina se não estivessem se divorciando, ninguém ia poder ficar junto com vocês!

Vocês não sabem o que eu vi passar aqui agora! Tô histérico! Minha rainha chique! A mulher mais chique desse país! Madame Ward passou aqui, linda, loira e mais conservada que a esposa do Drácula! Gente! E ela trouxe Tess Ward! Morri! Ela está linda e maravilhosa, quando envelhecer vai ficar a cópia

da mãe. Mas o babado não morreu! Seantrice veio! Socorro! E o divórcio, produção? Como é que fica! Eu tô hiperventilando. Não consegui nem reparar em que vestido Bea-W estava usando hoje, eu estava muito ocupado olhando pro marido dela. Ou quase ex-marido! Não sei, ninguém sabe! Só sei que é muita injustiça no mundo se aquela mulher for sozinha pra cama com Sean-W! Me leva, leva a festa toda. Mas sozinha com aquilo não pode! Além de concentração de renda, essa gente maldita ainda faz concentração de bofe gostoso!

– do famousneeyorkers.com (588 comentários)

Beatrice e Sean estavam de volta ao seu jogo. Antes só eles sabiam como era estarem em mais um evento, juntos, parecendo perfeitos, mas ruindo por dentro. Agora, todo mundo sabia, ou ao menos pensava que sabia. Ninguém sabia droga nenhuma, só que eles estavam enfrentando um escândalo sobre o divórcio. Claro que o porta voz deles já negara tudo. Mas todo mundo sabe que onde há fumaça...

De sua parte, Bea podia dizer que ia haver um fogaréu. Uma hora depois de estarem pela festa circulando e interagindo, ela sabia que ia incendiar alguma vadia muito em breve. Eles estavam ali juntos, mas sabe como são essas coisas, eles fizeram isso por anos, era fingimento. Agora todas as filhas da mãe com acesso a Sean também achavam que eles estavam só cumprindo o protocolo e a agenda. Ao menos até o divórcio sair.

E alguém tinha que ser a nova Mrs. Ward de Nova York, certo? Na opinião geral, o prêmio era de quem chegasse primeiro. Elas não estavam nem disfarçando para oferecer seus “currículos”. Era falta de respeito.

– Eu vou avisar que quem vai escolher minha substituta vou ser eu. E vou olhar histórico escolar, os podres na internet, checar se tem sextape solta por aí, se duvidar até marca de calcinha vai ser quesito de eliminação porque não tô aqui pra ceder minhas gavetas pra qualquer uma – disse Beatrice, mal humorada.

– Nem uma santa ia passar na sua avaliação – disse Tess, rindo e tentando disfarçar.

– Uma santa não chegaria nem a três metros do seu irmão – ela resmungou.

Depois de circular um pouco com Tess, Beatrice a deixou para se enturmar sozinha e Sean apareceu ao seu lado. Candace estava lá na mesa, de papo com Victor Prescott com quem encontrara lá.

– Se divertindo? – ele perguntou, dando uma taça de champanhe a ela.

– Você está me zoando, não é?

Ele sorriu e se aproximou, encostou os lábios no rosto dela. Com aqueles saltos altíssimos que ela usava, ele nem precisava se inclinar muito, o que tornava o movimento mais sutil. Sean ia procurar os lábios dela, mas Bea virou o rosto rapidamente e estreitou os olhos pra ele.

– Não se atreva, seu descarado. Esse batom foi aplicado por um maquiador profissional, com extremo cuidado e ele usou três tons pra chegar nessa cor – quem não os conhecia, realmente acharia que ela dizia isso porque o impediria de beijá-la se ele quisesse.

– Não preciso de cinco segundos pra ele borrar.

Ela lhe lançou um olhar de pouco caso e Sean desceu o olhar por ela, vendo seu decote de cima e ele continuou, dando aquela secada e depois a encarando.

– Se você borrar meu batom vou desfazer esse seu cabelo penteado, não quero saber se está sexy pra caramba.

Ele colocou a mão nas costas de Bea e chegou ainda mais perto dela, assim com certeza nenhum abelhudo ia escutar a conversa deles.

– Quanto tempo tem que nós vamos a esses malditos jantares, bailes e o cacete e voltamos pra casa pra dormir sozinhos? E nos separamos no meio do apartamento, com olhares de mágoa e desejo contido doendo pelo corpo todo? Quantas vezes eu entrei no seu quarto quando voltamos, só pra me torturar um pouco mais porque sou doentio assim? A dor da recusa valia a pena para olhá-la mais um pouco.

– Doía, Sean. Pra caramba.

– Como pinos martelados por cada poro do corpo.



– Eu te odiava, todas as vezes e me odiava, todas as vezes – ela olhou para baixo e apertou a taça de champanhe entre os dedos, cruzando o braço esquerdo à frente do corpo para segurar no direito.

– Hoje não, Bea. Vou entrar no seu quarto e arrancar esse vestido bonito, soltar o seu cabelo, te encarar por aquele maldito espelho, arrancar essa sua lingerie cara e te chupar até você perder os sentidos de tanto gozar. A melhor parte vai ser te foder de um jeito bem sujo com você usando essas joias. Quando eu te colocar de quatro, quero ver esse colar batendo no seu colo. E vou segurá-la por ele pra vê-la cavalgar o meu pau. Dane-se se arrebentar. Eu te compro outro – ele disse baixo, inclinando-se muito levemente para perto do ouvido dela.

Beatrice bebeu um gole de champanhe gelado e manteve o olhar em um lugar qualquer à sua frente, só para fingir que ele estava lhe falando sobre o tempo. Ela estava pronta para cavalgá-lo sendo puxada pelo colar de diamantes de um milhão de dólares que estava em seu pescoço. Ela conseguia se ver de quatro ou em cima dele, com o colar dançando em seu pescoço, sentindo-o enterrado até o fundo e estocando daquele jeito que a levava a um orgasmo que realmente era como perder os sentidos. Era louco e bom demais.

– Eu topo – ela engoliu mais um gole de champanhe.

Sean deslizou a mão pelo tecido luxuoso do vestido, descendo pelas suas costas até o seu cóccix e ela se arrepiou, como se já não estivesse úmida de antecipação. Se ele a quisesse nesse segundo, ela estava pronta. Ia ser uma longa viagem até em casa. Até porque quando ele se aproximou mais, ela sentiu o volume da ereção dele em seu quadril.

– Não era uma opção – ele disse, apertando a mão em sua cintura.

Eles se encararam por um longo momento, como se não estivessem no meio do baile e fossem uma das atrações da noite.

– É ótimo reencontrá-los aqui! – disse o Sr. Stone. Aquele mesmo do casal que sentou com eles da última vez que se dispuseram a ir a um evento social. – Faz tempo que não os via.

Bea desviou o olhar de Sean e usou toda sua força de vontade para fazer os seus músculos faciais voltarem a funcionar de um jeito normal.

– Também é ótimo vê-lo.

– Eu sinto muito por toda essa situação constrangedora – disse a esposa dele.

Sean deu um passo para o lado e pegou uma taça gelada, porque tinha levado a outra para Beatrice.

– Não se preocupe, nós estamos reagindo bem, não é, Bea? – Sean virou o rosto para ela e bebeu um gole do champanhe. O olhar dele, cínico e cheio de más intenções, dizia que ainda estava dentro daquele assunto que estavam tratando.

– Sim – ela assentiu e desviou o olhar pros Stone. – Na verdade, isso nos fortaleceu – ela declarou, certamente era o que o casal desejava escutar.

– Ah, que maravilha! – a Sra. Stone esticou a mão e apertou levemente a de Beatrice enquanto dizia. – Não deixe que esses abutres fofoqueiros a aborreçam. Eles não nos entendem, todos os casais têm bons e maus momentos, é só verem alguém num dia ruim que iniciam o ataque.

Sean olhou curiosamente para Beatrice enquanto ela assentia para o que a mulher falava e tornou a parar bem ao seu lado e tocar suas costas. Era a imagem do marido que estava de acompanhante perfeito, só por perto, sendo prestativo. Aquele cínico maldito.

– Não vou deixar – ela sorriu, fazendo de tudo para não ficar tensa enquanto Sean descia a mão por suas costas até descansá-la bem na curva do seu traseiro.

– Na verdade, passar por algo assim, faz com que um casal coloque muitas coisas na balança, pese suas atitudes, seus erros e acertos e mude seu comportamento drasticamente. Tudo para conseguir continuar junto – ele podia ter dito isso aos Stone, mas estava olhando para Beatrice.

Ela desviou o olhar para ele e disse:

– Nós até já mudamos umas coisas...

Agora Sean sorriu para os outros e trouxe Bea para mais perto, dizendo num tom divertido:

– Não viajamos mais sozinhos, na verdade, agora fazemos quase tudo juntos. A rotina louca e separada foi o motivo para todos esses rumores começarem. Agora mesmo, estamos aqui juntos, vamos jantar na agradável companhia um do outro e depois passar o resto da noite num programa de casal – e que os Stone jamais imaginassem o “programa de casal” que eles estavam planejando.

– Não há nada melhor! – disse o Sr. Stone.

Beatrice queria dar um soco naquela cara cínica, mas apenas sorriu. Os Stone os deixaram e Sean se livrou da taça na primeira bandeja que passou. Ele não disse nada, só levantou a mão e traçou o colar dela com a ponta dos dedos, entretido demais com o que fazia. Bea não conseguiu manter a respiração estável e só ficou olhando, vendo seu perfil másculo e a forma como aqueles olhos turquesa estavam fixos no que fazia. Sean levantou o olhar para ela subitamente e a pegou observando.

Ele segurou o colar e deu uma leve puxada, como se estivesse apenas testando. No segundo que o sentiu puxar, Bea prendeu a respiração por um momento e depois a soltou rápido demais, seu pulso acelerou e seu olhar não deixava o dele que havia mudado de curioso para travesso e repleto de luxúria. Sean continuou segurando o colar e a trazendo lentamente para ainda mais perto até os lábios dela estarem ao alcance dos seus e ele estava pouco se importando se alguém estivesse os olhando e com certeza estavam. Ele encostou a boca na dela, mas ao invés de beijá-la, Bea o sentiu sorrir contra seus lábios e dizer baixo:

– Esse colar não tem a menor chance contra o que eu vou fazer com você assim que sairmos daqui – ele avisou, ainda segurando os diamantes.

– Mesmo? Tô louca pra chegar, você ficou gostoso demais nesse smoking. Eu mal posso esperar pra chegar em casa, arrancá-lo do seu corpo e lambar um caminho pelo seu abdômen, por todas as entradas dos seus músculos até o seu peito – ela passou a língua pelos lábios. – E chegar nesses mamilos pequenos e masculinos, você sabe que eles são uma delícia pra morder. Você fica todo arrepiado... E duro como os meus diamantes... – ela sussurrou o final só pra ele.

O olhar dele chegou a escurecer e sua mandíbula tencionou.  
– Nós vamos embora *agora* – ele decidiu.

Eu não sei vocês, mas eu achei os Ward bem demais para quem está no meio de um divórcio escandaloso. Ok, o “escandaloso” fica por nossa parte. E eu sei que essa gente rica é expert em fingir, mas se eu estivesse me divorciando de Sean-W, danada da vida por isso e tendo que enfrentar a “agenda” e aquele bando de mulher em cima dele... Ah, minha filha, eu tinha dado um show! Era hoje que a vaca ia voar! Mas se eu não estivesse me divorciando droga nenhuma e eu que fosse voltar pra casa pra dormir com aquela coisa toda, eu também estaria rindo e desfilando minhas joias por aí, queridas. Beijo pra vocês!

– da fan page do manhattaninsiders.com (458 comentários)

Beatrice não sabia o que havia acontecido, mas pouco depois, Tess apareceu toda vermelha e afogueada, pronta para ir mais cedo com eles. Os dois foram embora mais cedo porque tinham “planos urgentes”, mas ninguém sabe por que Tess estava tão apressada.

Apesar de ter preferido não contar, Tess estava lidando com seus próprios demônios e os dela não eram como os de Sean. Além do demônio interno do vício que ela vencera, havia outro com nome e endereço. E agora estava cismado.

Ele havia tido a cara de pau de entrar em contato:

*Estou reabilitado também, Tess. Eu mudei, estou limpo. Logo você que vivia falando de segundas chances, vai me negar isso? Agora eu até tenho um emprego.*

*E eu vi pelas notícias, você e a nossa filha. Você a escondeu esse tempo todo. Não é justo. Antes eu nem conseguia acesso à internet para saber mais. Agora eu vi! E não vou ficar quieto, não é porque vocês são ricos e se acham impenetráveis que tem o direito de separar um pai de uma filha.*

*Vai ser muito bonito as novas manchetes, o pai negado da filha de Tess Ward, só porque ele não está à altura dos famosos Ward.*

*Vamos conversar sobre a nossa filha.*

Tess entrou em pânico. Ela não queria sua vida exposta desse jeito. E sentia sua pele encolher e a bile subir à garganta só de pensar em ver pelos jornais uma manchete dizendo que o pai da sua filha era Cole Lyndon. Era como reviver toda a idiotice da sua adolescência outra vez.

E o desgraçado ainda era mentiroso. Desde quando ele era pobre? Ele podia estar sem grana porque seu pai havia parado de lhe dar dinheiro. Mas antes, ele usava todo o dinheiro para comprar drogas, então ficou ambicioso e começou a vender também. Ele nunca teve competência para ser traficante, mas fornecia para o pessoal das festinhas e alguns alunos da faculdade perto.

Ela sabia que tinha sua parcela de culpa e não a negava. Pelo contrário, vivia e viveria eternamente culpada pelo que fez, até onde se deixou chegar, desafiando todas as tentativas da sua mãe e seu irmão de impedi-la. Mas o que Cole fez com ela... também não dava para negar. Ele a destruiu. Por um tempo ela foi um lixo nas mãos dele e agora que completara aquele ciclo de vida nova, ele não ia destruí-la outra vez. E Tess decidiu que ia resolver isso. Ela tinha que enfrenta-lo.

Tudo que ela pretendia era marcar um encontro com Cole e deixar bem claro que não ia admiti-lo em sua vida e que ele não era o pai de sua filha. Por estar decidida a isso, Tess adiou seu encontro com Angelo Pagani, porque as duas coisas ao mesmo tempo eram demais pra ela.

– Não, Bea. Agora eu não posso, eu tenho que resolver outro assunto primeiro – ela disse ao telefone, porque tinha dito à cunhada que ia ver Angelo nesse final de semana. E agora desistira.

Ela devia ter dito a verdade à Beatrice que ficou achando que ela estava com medo.

– Como assim aquele lixo acha que é pai da Tibby? – perguntou Beatrice, porque Tess só disse isso, não citou que já falara com Cole ao telefone, que ele enviara aquela carta e nem que ela pretendia olhar bem para a cara dele e dizer tudo que achava.

– Aquele idiota. Não sabe nem fazer conta pra ver que eu já não via a cara dele há tempo quando engravidei. E ele é um rato descascado, deve estar achando que ela é morena por causa da minha família.

– Não gostei muito disso... – disse Bea, franzindo o cenho.

– Nem eu! Olha, eu preciso ir, vou buscar a Tibby na natação. Ela estava acostumada com a praia, sente falta do mar aqui. Podíamos ir à praia, você quer ir? Ainda não é verão, mas tem tido uns dias bem quentes.

– Nossa, eu não vou à praia desde o aniversário da sua mãe lá na sua casa. Quanto tempo. Se estiver quente o suficiente no final de semana, podemos ir.

– Sorte a sua que a cor natural da sua pele não é pálida fantasmagórica, senão já estaria assustadora!

– Ei, eu disse que não vou à praia! Mas andei dando uns mergulhos na piscina aqui de casa.

– Isso foi antes de você sair de casa! – caçoou Tess.

– Só porque está no meu apartamento está convencida!

– Agora é meu apartamento! Você já tem o triplex! Não deixe Sean escutar que você está querendo o apartamento de volta!

– Não estou, pra você eu dou sem remorso.

Tess ainda estava sorrindo quando pegou Tibby da natação. Ela estava gostando de falar com Beatrice mais vezes. Não era possível vê-la sempre porque ela também tinha uma rotina doida e apertada, mas falar ao telefone já estava bom.

– Você gostou? – Tess levava Tibby pela mão.

– Adorei! Me colocaram com os maiores! Já sei nadar! – ela disse, toda orgulhosa.

O intuito de Tibby ir nadar com outras crianças era exatamente para socializar mais com pessoas da idade dela, porque se fosse só nadar, era mais fácil leva-la à piscina do triplex. Mesmo lá na praia ela não tinha muito contato com crianças da sua idade em seu tempo livre.

– Você é uma garota muito esperta – disse Tess.

– Eu adoro água!

Quando o carro as deixou em Sutton Place, elas estavam junto com Miles, o segurança de Tibby. Ele estava trabalhando com elas há algum tempo, mas viera transferido de outro setor da segurança dos Ward. Sean nunca colocava um segurança novato para fazer trabalho pessoal, eles sempre vinham de outro setor. E Marcus, que era o chefe de segurança, escolhia quem ia para onde.

– Como você veio parar aqui? – Tess perguntou, assim que passou pela portaria.

Ela estava cara a cara com Cole que esteve na área de espera, parecendo muito digno, vestido casualmente e até penteado. Ele estava tão bem com aquele jeito de mauricinho que o porteiro nem se preocupava em deixá-lo na área de espera.

– É emocionante vê-la bem, Tess.

– Cala a boca! Como você veio pra cá? Eu recebi a carta, já era suficiente – ela disse baixo, mas com agressividade.

Cole abaixou o olhar e sorriu ao ver Tibby, mas Tess a escondeu atrás dela. Como era muito ativa, a menina deu a volta por trás das pernas da mãe e apareceu do outro lado, olhando para o estranho, com o interesse que sempre tinha por qualquer pessoa que ela via conversando com a mãe.

– Eu vi na internet, eles ficam seguindo a sua cunhada, foi fácil. Eu quero falar com você, não precisa me delatar – ele disse, quando o segurança se aproximou.

– Sai daqui.

– Você só leu a carta e não acreditou em mim? Não me atendeu e nem respondeu. Eu sinto muito, Tess, mas estou falando sério. Eu vim aqui de boa-fé.

Ela soltou o ar e se virou, apertando a mão da filha. Não ia levá-lo para cima de jeito nenhum.

– Você vai embora. Vem aqui – ela apontou a porta lateral do prédio que dava no jardim. – Eu nem devia estar falando com você.

– Pode trazê-la, não vou forçar nada. E também não vai mudar nada, você já está me tratando como se eu fosse passar alguma doença pra vocês.

– Cala a boca, Cole – ela se irritou. – Já foi tempo que eu aguentava sua falação. A idiota que bebia suas palavras morreu –

ela se virou para o segurança. – Tudo bem, Miles. Fica aqui perto, está bem? Vou só dar um recado ao meu amigo aqui.

Miles assentiu e parou ao lado da porta, observando até onde eles iam, mas Tess parou logo depois, pois era um espaço não muito largo, era só a passagem lateral do prédio, que era enfeitada com plantas que levavam à parte traseira, onde realmente havia um belo gramado com uma vista linda para o East River.

– Escuta aqui, Cole. Se você chegar perto de mim de novo, eu vou pedir uma ordem de restrição contra você.

– Baseado no quê? Não estou te perseguindo. Eu só quero conversar sobre a minha filha.

– Ela não é sua filha! – ela gritou, perdendo o controle por um momento. Escutá-lo se referindo a Tibby desse jeito fazia com que ela perdesse a pose.

Tess viu a filha andando ali por perto, olhando as plantas e pisando na grama. Estava anoitecendo, mas o local era muito bem iluminado.

– Tibby! Olha lá o barco, vai lá ver, você adora andar de barco, não é?

– Podemos ir? – perguntou Tibby.

– Claro, qualquer dia. Vai lá!

A menina se adiantou mais, indo para perto da cerca de ferro para ver o barco que passava pelo East River. Assim Tess podia conversar sem correr o risco de ela escutar.

– Você vai mentir pra mim que ela não é minha? Só porque não quer saber dela metida com gente como eu?

– Para de drama. Seu pai já te perdoou por ser preso? Eu só soube há pouco tempo porque tive tanta paz durante esse tempo, você estava atrás das grades!

– Seu irmão armou pra mim. Não tinha acusação pra ficar esse tempo todo preso. Foi coisa dele.

– Duvido! Você foi deportado da Itália, seu idiota. Antes de ele me levar pra clínica.

– E como você acha que eu fui deportado? Ele fez tudo. Quando cheguei aqui fui direto pra cadeia. E agora vem você, fingir que não sabia e tentando me impedir de assumir a minha filha.



– Ela não é sua, seu idiota. Eu fiquei com você por um ano e não engravidei. Saí limpa. E você tem razão, se você fosse o pai da minha filha, eu ia negar até o fim.

– Mentira! Eu não te dividia, lembra? A putinha rica era só minha. Você era doida por mim e eu por você, Tess. A garota só pode ser minha.

– Não é! Ela é minha, só minha. E eu era só uma idiota metida à rebelde que achava legal namorar o babaca que minha família odiava.

– Você não via mais ninguém. E não ia ficar com aquele idiota do Kerry, ele injetava tanto que nem conseguia ficar duro. E era o único por perto.

– Não, eu aprendi. Saí do lixo e achei coisa bem melhor. Tão melhor que me deu uma filha.

– Qual é, Tess. Vai vir com essa agora? Quer saber, não quero nada não. Pode ficar com o seu dinheiro. Mas quero acesso à minha filha.

– Some daqui. Se você aparecer por aqui de novo, eu é que vou arrumar um escândalo pra te prender. E se mentir nos jornais, eu coloco um processo tão grande na sua cabeça que nem o seu pai vai conseguir pagar sua fiança. Você nunca vai pôr essas mãos sujas na minha filha. Não vai fazer com ela o que fez comigo! Vai embora!

Ele parecia mesmo que ia, até abaixou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos. De repente, ele a segurou pelo braço, o esticando, o que foi estranho, pois parecia que queria só segurá-la para fazê-la escutar.

– Eu conheço os meus direitos! Não importa o que eu faça, eles não podem prender um pai zeloso! Você é uma puta drogada. Nem seu dinheiro paga isso.

Tess deu um tapa nele e só sentiu a picada da agulha, quando olhou, ele já tinha apertado o embolo até o fim.

– Manda lembrança pro seu irmão. E manda arranjar o DNA.

Cole só tinha planejado até aí, porque ele queria dar uma lição em Tess pôr desprezá-lo e por denunciá-lo para as autoridades. E também naquele maldito irmão dela que providenciou tudo para ele ser preso. Mas ele realmente achava que Tibby era sua e isso era

mais um motivo para ele fazer questão de assumir a paternidade e esfregar na cara deles o passado que tentavam esquecer.

– Seu maldito! – ela gritou e deu um passo, mas caiu de joelhos, seus olhos reviraram e Tess perdeu o controle e seu corpo foi ao chão.

Miles entrou no jardim a tempo de ver Tess despencar no chão. Ele era um só e sua prioridade era mantê-las seguras. Eddy, o segurança principal delas, não estava lá, ele tinha terminado seu turno há uma hora. Quando viu o segurança vindo em sua direção, Cole correu para pular a grade. O número um de Sutton Place Sul ficava colado ao rio, entre as ruas 56 e 57. Ambas terminavam dos lados do prédio. A Rua 56 terminava só num espaço um pouco mais largo, mas dava em outro prédio e não havia árvores. Mas a Rua 57 terminava um espaço com o chão em tijolinhos vermelhos, camas de planta e muitas árvores. Um pequeno parque.

E foi para a Rua 57 que Cole correu, enquanto Miles aplicava os primeiros socorros em Tess que logo depois começou a convulsionar. Mas a ideia mais idiota que Cole já teve na vida, mesmo acima das idiotices que fez quando esteve drogado, passou pela sua cabeça. E ele correu até o gramado, pegou Tibby no colo e a levou com ele.

Miles viu, mas tinha Tess convulsionando à frente dele e um cara levando a garota. Era uma decisão difícil. Ele sacou a arma e tentou encontrar um bom espaço para tiro, mas não podia acertar a menina. Ele sabia que podiam encontrá-la, mas ele não conhecia Cole, não sabia que ele pensava ser o pai dela. Para pular para o outro lado, Cole passou Tibby primeiro e foi quando Miles atirou e o pegou na perna. Mesmo assim, ele pulou para fora, com o rasgo no jeans do lado direito, já começando a sangrar. Miles estava ao telefone, chamando a ambulância e apertava seu comunicador, passando o código vermelho para toda a equipe de segurança dos Ward.

## Capítulo 10

*Nos meus piores dias, em todos os momentos difíceis, toda vez que quero desistir dessa droga toda, eu penso na sensação dos seus lábios contra os meus. Eu fecho os olhos e posso sentir o seu gosto, quero vê-la no final do dia, quero senti-la aqui, mas você...*

Marcus, o segurança mais antigo de Sean, há quatro anos tinha se aposentado das ruas e agora coordenava toda a equipe de segurança. O que incluía aquele outro trabalho deles. Essa era a questão dos seguranças dos Ward; seus "garotos", como Sean e Jared chamavam, apesar de todos já terem mais de vinte e cinco e serem experientes no que faziam, eram treinados para rastrear e localizar sequestradores, depois faziam o resgate.

Era exatamente isso que Sean, Jared, Don, Kevin, Alvez, Eddy e outros seguranças faziam. Kevin ainda estava na ativa, Don saía para ficar com Beatrice. Eddy saía para ficar com Tess. Havia muitos outros trabalhando nisso. E Sean e Jared estavam envolvidos há anos.

Sean não teve a ideia, foi ao contrário, ela o agarrou para a causa e nunca mais o soltou. Quando ainda tinha uns dezoito anos, ele começou a investigar por conta própria, a princípio, estava interessado apenas em encontrar seus sequestradores e fazê-los pagar por tudo que fizeram. Mas o negócio cresceu sobre ele, as vítimas se multiplicaram sobre sua cabeça e ele entendeu que era algo muito maior do que sua suposta vingança. Mas o que um garoto de dezoito anos poderia fazer?

Bem, ele tinha dinheiro. Com dinheiro se compra recursos. E paga homens treinados e também investe no próprio treinamento. E seu primo entrou na história. Com vinte, ele já havia desistido de tentar chamar a atenção da polícia, do FBI ou de qualquer organização legal para os casos de sequestro.

No começo foi difícil, erraram muito, Sean quase morreu algumas vezes, mas a situação era como um monstro que cresceu sobre eles e nunca mais parou. Eles estavam tão envolvidos que não havia mais como sair. Nunca mais poderia dormir ou tentar ter uma vida normal se desistisse, não com seu passado o lembrando o que havia acontecido e o que muitas outras pessoas estavam passando.

Não importava para que e por que ocorria um sequestro. Se era por dinheiro, vingança, sadismo, maldade ou qualquer outra piração. Se eles conseguissem rastrear, eles iriam atrás. Era impossível salvar todo mundo. Eles não eram Deus. E saber disso era horrível, ferrava com a cabeça de uma pessoa. Mas eles só podiam seguir o mantra de salvar quantos pudessem e voltar vivos no final. Não era fácil cumprir nenhuma das duas partes.

Ele não precisava estar lá para a rede funcionar, ele fazia parte, mas depois de tantos anos, construíra uma rede desenvolvida o suficiente para continuar funcionando enquanto ele estava vivendo o outro lado da sua vida. Ainda que sempre voltasse para o trabalho.

Até hoje Sean estava lidando com os caras que o levaram, a organização deles continuava na ativa, mesmo com as baixas que ele já causara. E ele ia continuar até o fim, porque não havia um dia que não fosse lembrado do tempo que passou preso e que outras pessoas estavam passando pela mesma situação.

Eis o que eles tanto escondiam e os motivos para as viagens extras. E o que exatamente seu dezesseis tatuado nas costas o lembrava, que ele não podia parar, nunca. Sempre haveria alguém como ele, precisando de ajuda, preso num lugar e rezando para alguém tirá-lo dali.

Eles rastreavam redes inteiras de sequestradores internacionais, especialmente aqueles que davam preferência a crianças e adolescentes. Como aquela que levou Sean e Joce quando eram novos.

Imagina quanto tempo Cole tinha na rua levando Tibby...

\*\*\*

– Eu não quero saber o que a polícia acha – disse Sean, mantendo seu controle do melhor jeito – Eu quero a minha sobrinha, não quero saber como vão pegá-la dele e nem como ele vai terminar.

Era melhor Cole não terminar perto dele, porque nesse momento, iam precisar de mais de um para impedi-lo de matá-lo se colocasse os olhos nele. Ele só não havia saído atrás dele pessoalmente ainda porque era Cole. E o idiota achava que era pai de Tibby e pensava que estava com razão por levar sua filha. Descobrir isso com Eddy levou no máximo cinco minutos.

Tess sofreu uma overdose de heroína, misturada num coquetel com anfetaminas e cocaína, uma combinação conhecida nas ruas e que potencializava o poder da droga, assim como a chance de matar. Ela entrou no hospital Mount Sinai tendo uma parada cardíaca. Candace enlouqueceu quando Sean lhe disse o que havia acontecido com sua filha, mas ela ainda teve que aguentar o golpe que foi escutar que aquele maldito traficante havia levado sua neta.

– Traga-a de volta, Sean! – Candace o agarrou pela gola de sua camisa e o olhou bem. – Eu odeio esse negócio no qual você se meteu. Eu não sei direito como funciona, eu prefiro fingir que não sei de nada desde que você tinha vinte anos e eu mexi nas suas coisas. Mas você vai trazê-la de volta.

Ela pegou a bolsa e saiu correndo para ir ao hospital acompanhar sua filha. Sean se virou e deixou escapar um som de raiva, pegando seu celular logo depois.

– Rastreei, chefe – disse Marcus ao seu ouvido. – Ele saiu com o carro dele. Os garotos bateram lá no apartamento, ele não está. O porteiro chamou a polícia, mas contornamos.

– Eu quero ouvir que você encontrou esse filho da puta, Marcus. Minha irmã está morrendo no hospital e eu estou entrando no meu carro, assim que eu sair, quero as coordenadas pra minha sobrinha!

Eddy estava seguindo a pista, mas era um problema, porque o relóginho colorido que Tibby usava e onde estava aprendendo a ver as horas, tinha GPS e era a prova d'água, mesmo assim Tess sempre esquecia e tirava tudo que a menina usava quando a mandava nadar. Ela havia decidido que era paranoia demais colocar algum

outro item na filha para localizá-la. Pelo jeito, assim que fosse encontrada, Tibby ganharia brincos novos.

– Chefe, a casa de uma namorada no Queens – informou Marcus pelo viva voz do carro.

Quando Sean chegou lá, a tal namorada não estava nem um pouco feliz. Na verdade, depois de ver todos os homens que apareceram na sua casa atrás de Cole, ela ficou histérica e começou a xingá-lo de tudo quanto é nome. Tibby estava lá nos fundos, um pouco assustada e ludibriada pelo Mc Lanche Feliz que Cole lhe comprara com uns brinquedinhos ridículos e coloridos que ela disse que eram feios. Mas gostou de comer batatas fritas, porque não tinha muitas oportunidades já que fritura não estava incluído no seu cardápio normal.

– Eu não planejei levar a garota! – disse Cole, mais nervoso assim que viu Sean.

– E matar minha irmã, você planejou, seu puto? – Sean o pegou pela camisa e o bateu na parede – Se ela não acordar, você não sai vivo da cadeia!

– Ela morreu? – Ele arregalou os olhos e virou a cabeça para o lado que levava para onde Tibby estava – Então... eu quero ficar com a minha filha!

Sean estava tão além de tudo com sua irmã no hospital e o susto de ter Tibby sumida por quase uma hora que quando escutou Cole dizendo que ela era filha dele, ele agiu como sua irmã gostaria. Deu um soco nele e com a força que ele usou, a cabeça do cara bateu contra a parede e seu nariz quebrou.

– Ela não é sua, seu filho da puta idiota! – Ele o jogou no chão e o chutou.

– A polícia chegou – disse Kevin, tirando Sean de perto de Cole, antes que ele resolvesse que preferia matá-lo ali mesmo.

Sean conhecia o detetive Bosco há um bom tempo, então, quando ele entrou na casa e o olhou se afastando e viu o homem caído e com o nariz sangrando, sabia que esse era mais um daqueles casos.

– O que eu vou ter que fingir que não vi dessa vez, Ward? – ele perguntou, entrando na cozinha.

Eddy tinha tirado Tibby lá daquele mafuá no fundo do quintal e a trouxera para a cozinha da casa da namorada do Cole, que agora era ex. E a manteve ali com suas batatas, para ela não ficar assustada. Sean andou até lá e a pegou no colo. Ela ficou feliz em vê-lo, agora não parecia, mas havia chorado quando estava sendo levada no carro lá para aquela casa estranha.

– Me acuse de agressão, se quiser – disse Sean, olhando a sobrinha e passando a mão pelo seu cabelo – E agradeça ao meu bom senso por ele continuar vivo.

– E seus garotos, quebraram alguém no processo?

Sean foi andando na direção dele, levando Tibby no colo e o olhou.

– Duvido, mas isso você vai ter que descobrir. Tente fazer isso depois que prender esse puto por tentativa de homicídio e sequestro. Ah, a ex-namorada dele vai ter umas acusações extras também.

– Eles atiraram em mim! Tô com a perna furada! – Cole gritou, tampando o nariz quebrado.

Claro que Sean ia descobrir até multa de trânsito que ele tivesse para acumular tudo e enterrá-lo na cadeia.

– Tio, aquele moço vai voltar? – perguntou Tibby, já no carro. Sean estava no banco de trás com ela e Kevin estava dirigindo seu carro.

– Não... – Ele engoliu a saliva e o xingamento, porque não podia falar isso na frente dela. – Aquele homem vai ficar preso.

Eles chegaram ao hospital e Sean queria que Tibby fosse examinada só para checar, mas também queria saber como estava sua irmã.

– Sean! – Beatrice foi correndo para perto dele e tocou Tibby. – Ela está bem? Eu fiquei aterrorizada.

– Está – ele assentiu para ela, ainda carregando a sobrinha. – E a Tess?

– Estabilizaram. Vai lá ver sua mãe, ela não está levando isso bem – Bea disse mais baixo para ele e lhe deu um olhar significativo.

– Você pede a um médico para vê-la? – ele disse, passando a sobrinha para ela.

Bea assentiu e ficou com Tibby, ela foi até a recepção arranjar um médico para checar a menina e Sean foi ver sua mãe. Aquela noite estava sendo um pesadelo. Há muito tempo que ele não sabia o que era aquele tipo de medo, a sensação era horrível, libertava milhões de sentimentos antigos dentro dele.

– Não está doendo muito – disse Tibby, enquanto o médico checava seus sinais vitais e uma enfermeira lhe fazia algumas perguntas.

– É só pra checar – disse Bea, parada perto dela.

A menina só precisou de um curativo no joelho e um creme para dor, por causa da hora que Cole a passou por cima da grade e ela caiu do outro lado.

– E a mamãe? – ela perguntou, achando estranho não vê-la logo.

– Estão checando a mamãe também – simplificou Bea.

– Um moço também a levou? – perguntou a menina, alternando o olhar entre a tia e o curativo que o médico prendia no seu joelho.

– De certa forma.

Quando terminaram, Bea levou Tibby para a sala de espera onde tinha deixado Candace, mas quando chegou lá, nem ela e nem Sean estavam, provavelmente haviam ido atrás de mais informações sobre Tess. Mas Kevin estava na porta e Don chegou com ela, parando do outro lado. Eles pareciam não esboçar emoção, porque fazia parte do trabalho, mas estavam felizes por Tibby estar bem, especialmente Don, pois o fato de também ter filhas pequenas aumentava sua empatia. Já Eddy estava desesperado por Tess ter sido pega fora do seu horário de trabalho.

Sean voltou para a sala de espera e viu Bea ajoelhada, conversando com Tibby que estava lhe contando da batata frita, dos brinquedos feios e do que acontecera enquanto Cole esteve com ela.

– Mas aí, ele me deu batatas... E a moça disse pra não ficar com medo que minha mãe estava vindo – ela olhou para Bea e ficou com a mãozinha apoiada nela. – Ele disse que era meu pai... Ele é mesmo o papai?

– Não, meu bem – Bea sorriu para ela e a acariciou. – Seu pai é muito mais bonito.

– É mesmo?



– Claro!

Sean se aproximou e também se abaixou, fazendo o seu máximo para abrir um sorriso para a sobrinha. Candace entrou logo depois e quando viu Tibby, se abaixou rapidamente, se abraçando a neta e tentando não chorar para não assustá-la.

– E a Tess? – Beatrice perguntou baixo.

– Ainda estável, eles disseram que ela está respondendo bem ao tratamento. Eu estou preocupado sobre como ela vai estar depois que acordar – disse Sean, com a expressão tensa de preocupação.

Candace foi se sentar e levou Tibby com ela, Sean ajudou Beatrice a ficar de pé e alternou o olhar entre ela e Tibby e perguntou subitamente.

– Você já pensou em ter filhos, Bea?

Ela virou o rosto para ele rapidamente, surpresa com a pergunta.

– Eu... sim, eu pensei.

– E você gosta de crianças? Você falava muito dos seus sobrinhos... – ele completou.

– Eu gosto, não sei se levo jeito, mas a gente aprende. Você já pensou em ter? Nós nunca falamos disso...

– Já, quando me casei com você.

– Você gosta de crianças – ela afirmou. Pelo que vira dele com a sobrinha e com qualquer criança que chegava perto dele, como os filhos de Rose que ele conheceu na época que eles namoravam.

– Elas costumam gostar de mim também – ele deu de ombros e olhou para a sobrinha.

Para falar a verdade, ele sempre teve certo receio e toda vez que resgatava alguma criança, não conseguia deixar de pensar sobre como se sentiria se fosse o seu filho ali. E sobre como seus pais se sentiram quando foi ele. Mesmo assim, quando casou com ela, Sean pensou em segurar seus próprios filhos. Não seria logo, ele sabia disso, mas em algum momento ele achou que aconteceria. Talvez agora tivessem uma chance de planejar isso outra vez.

Bea apertou o braço dele e o puxou para se sentarem e esperarem. Não havia como irem embora antes de saber mais sobre Tess. Mas ia demorar e alguém tinha que levar Tibby para casa e lhe

dar um banho, alimentá-la direito e colocá-la para dormir no horário e tudo mais.

– Eu fico com ela lá em casa e você me liga pra falar da Tess? – sugeriu Bea.

– Claro – disse Sean. – Obrigada por ficar com ela, minha mãe não vai conseguir sair daqui.

– Eu também não conseguiria se fosse a minha filha.

Alguém segura essa bruxa que ela está colada nos Ward! Agora a irmã babado do Sean, Theresa Ward, mais conhecida como Tess, sofreu um acidente no prédio onde ela está morando aqui em Manhattan. Ainda não temos informações de como foi, mas parece que ela caiu ou teve um ataque. Mas saiu de ambulância e direto pro hospital. Eles ainda não deram nenhuma informação oficial do estado dela. Só babado, o que deu nessa família?

– do [newyorklife.com](http://newyorklife.com) (436 comentários)

Quando Tess foi levada para o quarto e estava apta a receber visitas, Bea voltou com Tibby. Tess foi levada para Eleven West, uma ala do hospital que mais parecia um hotel de luxo, pelo menos os pacientes sentiam-se numa viagem à cidade, com direito a vista para o Central Park e serviço de quarto. Tess, no entanto, sentia-se como um lixo. Havia chorado e se segurado ao irmão, sem conseguir soltá-lo até saber que Beatrice estava vindo com Tibby, o que a distraiu.

Candace estava exausta e tinha ido pra casa tomar um banho e descansar enquanto Bea ficava lá.

– Eu tenho que resolver umas coisas sobre tudo isso – disse Sean – Volto logo. – ele a beijou no rosto antes de ir para a porta.

Ele obviamente estava de péssimo humor, mas estava disfarçando por causa da sobrinha. Não era um humor ruim que o fazia dar foras nas pessoas, era daquele tipo que queima constantemente, te mantendo numa mistura de irritação e tristeza. Não ia conseguir engolir tão cedo que aquele filho da puta havia se desenterrado do passado da sua irmã e voltado para machucá-la de novo. Por que as

peessoas eram tão sem noção e se mantinham guiadas por maldade? Não bastou ser preso, deportado, ficar encarcerado por esses últimos anos e sair de lá sem nada? O cara não se contentava em não errar mais e tentar reconstruir a própria vida. Tinha que vir destruir a vida alheia. Sean não sentia a menor pena, ele não podia matá-lo, mas dessa vez ele ia apodrecer na cadeia e não havia apelação que o tirasse de lá.

– Não precisa ter pressa, descanse um pouco, vou ficar aqui com ela – disse Bea, observando-o partir.

Quando elas foram deixadas sozinhas, Tibby se inclinou e ficou deitada junto a mãe. Ela nunca tinha passado uma noite longe dela, então foi sua primeira experiência. Depois do susto de ser levada por Cole, tinha sido uma experiência estressante para uma menina de quatro anos.

– Por que está chorando, mamãe? – Tibby levantou a mão e tocou o rosto da mãe.

Tess estava tentando se conter, mas depois de ver a filha, a emoção foi mais forte do que ela. Ficar ali naquela cama de hospital lhe trazia lembranças amargas. Era como voltar ao seu período de desintoxicação. Ela havia lutado tanto para vencer, só para ser jogada ali novamente.

– Tudo bem, Tess. Vai ficar tudo bem – Bea segurou sua mão e a confortou.

– Agora isso está em meu sistema de novo – ela dizia, com as lágrimas descendo. – Eu não quero, não sou forte o bastante, não quero me sentir assim de novo. Eu me sinto suja por dentro – ela disse baixo, numa mistura de nojo e mágoa.

– Você é forte sim. E vai vencer mais essa – Beatrice pegou alguns lenços de papel e secou o rosto dela.

Um pouco depois, quando Tess conseguiu se acalmar, ela bebeu um pouco de água e tentou conversar com a filha.

– Então meu pai não é o da casa suja? – ela perguntou, ainda com aquela dúvida em sua cabeça infantil.

Tess olhou para Beatrice em busca de ajuda, porque ainda não haviam lhe contado os detalhes; na verdade, ela não chegou a ver

Tibby sendo levada. Ela pensou que Cole havia fugido sozinho. Sean só lhe contou hoje, mas não entrou em detalhes.

– Não, meu bem. Lembra que eu disse que seu papai é muito mais bonito? E tem uma casa linda, aliás, vou decorar uma mais bonita ainda pra ele.

Tibby ficou a olhando como se ponderasse a informação.

– Está pra todo lado, não é? Todo mundo já sabe... – disse Tess, olhando para suas mãos.

– É, vazou – confirmou Bea – Mas só uma parte da história, não sabem sobre a Tibby. Ao menos não ainda e sei que estão fazendo de tudo pra abafar. A imprensa acha que você sofreu um acidente.

– Eu não quero que saibam que foi overdose, se souberem vão pensar que eu...

– Não vão saber disso. Derek está na cidade e ele está em cima de tudo, pode ter certeza – Bea pausou e ficou a olhando – Aliás, ele disse que vem vê-la assim que limpar a bagunça.

– Tudo bem – ela assentiu. – Ele sempre tem umas histórias toscas da nossa família que alegram qualquer um.

– E tem mais alguém que quer vê-la...

Levou uns segundos, mas Tess ficou olhando para ela e acabou entendendo.

– Não, pelo amor de Deus! – Ela subitamente levou as mãos ao rosto e ao cabelo e se distraiu, o que fez Bea sorrir.

– Ele está muito preocupado. Desconfio que não acreditou muito nessa história de acidente. E quer vê-la. Depois dessa confusão, acho melhor dizer a verdade e lidar com isso tudo – opinou Bea.

– Beatrice! Olha pra mim, eu estou parecendo um fantasma, uma assombração. Estou fraca, pálida, com olheiras, tremendo hora sim e hora não como se estivesse passando por abstinência outra vez. Ainda estou ligada a aparelhos, chorando como uma boba, toda emocional e uma bagunça. E você acha que vou deixar logo... e/e me ver assim?

Bea deu de ombros e lhe lançou um olhar compreensivo, antes de sorrir levemente e dizer:

– Eu não sou muito de beber, você sabe. Mas da última vez que exagerei de verdade, seu irmão me resgatou de uma festa antes da

polícia chegar. Ele me carregou pra fora, me levou pro hotel dele, me deu um banho, penteou meu cabelo, escovou meus dentes e me botou na cama. Depois dormiu junto comigo. Ainda mandou minhas roupas pra lavar, me arranjou o café da manhã e isso depois de eu ter dado um baita bolo nele.

Tess abriu um leve sorriso com o que ela estava lhe dizendo.

– Viu, vocês foram feitos um para o outro.

– O que eu quero dizer é que, nós temos nossos problemas. Mas se você vai passar pelo estresse e angústia de se apaixonar por um cara, apegue-se àquele que quer vê-la e apoiá-la quando você estiver assim; pálida, sem maquiagem, fraca e realmente precisando do apoio. Não adianta nada um cara que só quer te ver quando você está toda perfeita, maquiada e bem vestida. Ele tem que querer levar os dois lados do pacote. Do mesmo jeito que você. E vou te dizer algo, eu acho que aquele seu Pagani lá, vai baixar aqui no hospital e ficar esperando – ela abriu um sorriso.

– Ah, Bea... – Tess tampou a testa com a mão. – Se isso acontecer você pode pelo menos pentear meu cabelo? E levar a Tibby pra passear?

– Claro, estou aqui pra isso – ela piscou para ela.

\*\*\*

Alguns dias depois, Derek aconselhou todos eles a agirem como se a vida estivesse normal e nada demais houvesse acontecido. Sean era ocupado e o seu normal era simplesmente continuar indo para o GW e deixando que tirassem fotos suas quando saía para almoçar e atender seus compromissos. Candace estava cuidando da neta, mas na sexta-feira ela foi gravar o seu programa.

Sobrou mesmo para Beatrice, a pessoa que mais aparecia da família ali em Nova York. Ela estava fazendo de tudo para suportar aquela perseguição, mas continuava sendo um saco. Não conseguia mais fazer nada, como se de uma hora para outra Nova York houvesse deixado de produzir fofoca suficiente para as pessoas se ocuparem com outras coisas. Tinha um bando de “famoso de verdade” como ela mesma chamava, morando na cidade. Com

certeza algum deles devia estar se separando ou de namorado novo, não é?

– Vamos nesse aqui! Tô doido pra ver a coleção nova! Sempre soube que vai uns bofes gatos e quero umas novidades no meu círculo. Modelo magricela eu tô aceitando também – disse Hartie, depois de ficar dez minutos analisando a pilha de convites de Beatrice, além dos convites que chegavam por e-mail.

– Você está tão na seca assim? – Beatrice levantou a cabeça do esboço que estava fazendo.

– Sei lá, não pego ninguém há dois finais de semana. E ainda passei aquela semana amargando limão azedo por causa daquele idiota que nem valia isso tudo. To precisando dar uma bombada. Você não tem que ir? Então! Vai levar o bofe Ward?

– Eu não! É numa quinta, não é? Ele chega tarde, deixa o coitado lá dormindo que ele trabalha muito – ela riu.

Hartie ficou balançando a cabeça e olhando para ela.

– Eu gosto de você por isso. Não tem um pingo de humildade. Tem baranga por aí rebolando o cupcake pra conseguir um bofe meia tigela e botando peruca de gente morta e o escambal pra ficar com o seu visual e você aqui com essa cara de pau, cuspiando no bofe que te come! – Ele abaixou e começou a catar os convites. – Quando não tiver ninguém pra dar um tapa no seu cupcake eu duvido que você fique aí fazendo essa cara!

– Ah, Hartie, para! Só porque você não põe cobertura no cupcake há duas semanas, tá assim! – Bea riu dele.

Nova York sempre tem pelo menos vinte “festas da temporada” para você ir. Especialmente se o seu nome é um daqueles que todo mundo quer confirmado na lista. Beatrice colocou um vestido de festa da Fendi, dessa vez ousado o suficiente para chamar atenção. Combinou um salto dez com meia pata de dois do Aquilano Rimondi, teve seu cabelo preso com uma joia quase imperceptível que uma joalheria lhe deu de presente porque queria lançar moda para essa estação mais quente. Ficou bonito, por baixo da joia uma onda de cabelo ondulado e em belos tons mesclados de castanho desceu pelas suas costas.

Hartie estava gato, seu cabelo loiro e esvoaçante estava brilhando, ele estava cheiroso e desejável num mix de peças formais e informais e com um paletó escuro. Estava muito pegável, para ambos os sexos, e hoje ele estava sem preferência.

– Morri nessa sandália – disse Hartie, ajudando Bea a sair do carro. – Se você não estivesse na minha friendzone e não houvesse Sean Ward em neon na sua testa, eu até pensava em te dar uma encoxada.

Ela passou o braço pelo dele e foi para a entrada da nova loja da Fendi no Soho onde ia ter coquetel, muita foto de Instagram, acessórios para os convidados experimentarem e tirarem fotos. Karl Lagerfeld, que já fizera dois vestidos para Beatrice e era o designer da marca, com certeza ia aparecer com alguma roupa extravagante. Hartie estava doido por uma foto com ele. E com certeza havia paparazzi na porta, pois Hartie já estava sorrindo para os flashes, porque ele gostava de parecer o braço direito feliz e amigo para todas as horas. E sim, as legendas dele nas fotos perto de Beatrice estavam saindo assim.

– Até parece que você aguentaria, Hartie – disse Bea, batendo nele com o ombro e rindo da cara que ele fez. – Além disso, você não faz meu tipo.

– Ah, é – ele revirou os olhos. – Esqueci que você só gosta de bofe grande, pauzudo e moreno.

– Hartie! – Ela riu baixo, tentando não ficar sem graça.

– Falei mentira? – Ele fez uma carinha sacana.

– Não é assim tão simples...

– Na minha atual situação, com essas três qualidades no currículo eu caso, pago promessa e saio da vida de crime.

Junto com Hartie era quase impossível não se divertir, ainda mais numa festa como aquela, cheia de motivos para ele soltar seus comentários. Bea posou para fotos com muita gente, Hartie conheceu pessoas para o seu círculo de festeiros e o babado estava rolando.

Quer dizer que apesar de divórcio, crises e misteriosos problemas de saúde, os Ward passaram a semana com a corda

toda. Sean-W foi visto desfilando aquele traseiro lindo a semana toda. Ele tem saído tanto do prédio que estou pensando seriamente em ir pra frente do GW fazer a tiete. Madame Ward assumiu o namoro com Victor Prescott! O bonitão-cinquentão (ex?)-pegador tem sido visto junto com ela o tempo todo. Até no hospital ele foi parar! E acabei de ver Bea-W com aquele seu assistente fofo (se ele me desse mole eu pegava) dando pinta na festa da Fendi! Aquela mulher não pode estar num divórcio! Como que alguém se separando de Sean-W ia estar gata, diva e desfilando por aí naquele vestido? Eu ia estar jogado no chão, embaixo da cama, cheio de sorvete seco na cara!

– do famousnewyorkers.com (410 comentários)

Eles resolveram sair da festa mais cedo e ir beber algo. Bea ia só para um drink e para ser apoio moral pra Hartie que estava de olho em duas pessoas que iam com eles e não se decidia em qual investir. Então, ele a convocou para ajudá-lo a disfarçar enquanto via em que lado ia cair. Além disso, a noite era uma criança. Até parece que amanhã eles não iam ter que chegar a Campanale às nove da manhã.

Alguém escolheu ir para o Le Bain, um bar e boate no topo do hotel The Standard, porque a bebida era boa, ficava aberto até às quatro da manhã e a vista para o Rio Hudson e Midtown era linda. Além disso, alguém conhecia gente de lá que podia garantir a entrada porque o lugar estava sempre cheio. Sem contar que o clima já estava quente, a banheira da pista de dança ia estar ligada, ia ter gente nua e todo mundo sabia que pegar alguém no Le Bain era fácil que nem escorregar na gelatina.

– Você está mesmo dizendo pro seu marido que você vai pro Le Bain à meia noite e meia? Eu devo incluir esse seu vestido na frase ou ele não é desses? – disse Hartie, no banco de trás do carro, enquanto Don dirigia, Alvez olhava pela janela e Bea digitava rapidamente no Whatsapp.

– Você vive dando perdido nos seus casos, Hartie! – disse Bea, sem tirar os olhos da tela. – Sean não liga que eu vá a festas desde



que namorávamos. Ele até ia me encontrar nelas.

– Para de dizer essas coisas por aí que você já tem fura olho demais na sua cola sem fazer propaganda. Conheço umas minas que depois que arranjam namorado viram bonecas sem pilha que só podem sair agarradas na bateria do bofe.

Ela ficou sorrindo enquanto digitava:

BEA 00:36 Acho que no máximo 01:30 eu caio fora. Cansado?

SEAN 00:37 Não, que tal 01:20 e eu te espero?

BEA 00:37 Faz diferença?

SEAN 00:38 Eu te conheço. Se marcar 01:30 você vai aparecer 01:40. No mínimo.

BEA 00:38 E se você beber alguma coisa comigo?

SEAN 00:38 Um convite a essa hora da madrugada soa como aqueles disque-trepada que as pessoas fazem quando estão sozinhas em casa e tem alguém disposto na lista de contatos...

Tá fazendo isso comigo, Bea?

BEA 00:39 Talvez... Só que eu tô na rua.

SEAN 00:40 Isso não é um problema.

BEA 00:40 Dirige até aqui?

SEAN 00:41 Te encontro em trinta.

## Capítulo 11

*Toda vez que eu sinto que você é minha, que vai durar e eu vou tê-la só pra mim, eu abaixo a guarda e sinto a perda outra vez. Mesmo quando meus lábios estão contra os seus e meus braços em volta do seu corpo, eu continuo brigando pra não perdê-la. Creio que eu jamais vou parar de brigar por você.*

Enquanto Hartie decidia quem ia pegar, Beatrice até se divertiu, deu uma passada pela pista e viu a banheira. Tinha uma galera muito infame por lá, gente se divertindo horrores e se pegando também. Ela passou um tempo sentada naquelas cadeiras em forma de cone, em volta dos pufes enormes e em frente ao vidro onde a vista para o Hudson, mesmo de madrugada, era linda.

Tinha uma tal de Penélope Verner, fumando e jogando a fumaça para o ar, ela espiralava e ia por cima do vidro. Ela tinha um papo interessante e era bonita, era pequena, se encaixavas nos tipos de garotas que Hartie pegava. Bea a achou mais legal que o Tomas, que também saíra da festa da Fendi com eles. O cara era lindo, do tipo rosto perfeito para capa de revista, talvez fashionista demais até para o Hartie. Mas tinha um humor bobo, era capaz de Hartie acabar a noite rindo da cara dele ou rindo com ele. Os dois bem que combinavam e tinham um bando de interesses em comum.

Havia mais duas pessoas e o Rave, que na verdade era Ramond Verner, irmão da Penélope, que também veio da festa, mas ele estava mais interessado em curtir a noite e beber uns drinks, assim, acabou acompanhando a irmã. Segundo Penelope, ele estava se recuperando de um fora. Ele não era exatamente o tipo que Hartie pegava, ele era masculino, atraente e parecia super sensual, sentado ali, segurando o copo, acendendo o cigarro com aquele isqueiro prata e com o olhar divertido. Bea nem sabia se ele curtia garotos,

mas se curtisse, ela dava tudo para ele pegar o Hartie. Seu amigo com certeza estava precisando de uma pegada de uma cara desses. Mesmo que fosse largá-lo acabado no final da noite, valia a experiência.

E pelo menos Hartie ia ter que parar de zoá-la por ela preferir caras grandes. Se ela fosse solteira e visse alguma coisa na sua frente além de Sean Ward, até ela acharia Rave tremendamente pegável e com promessas de uma noite louca. Só que ela estava ali com um sorriso bobo no rosto, pensando que Sean ia aparecer em vinte minutos e ela só queria ter noites loucas com ele. E mais tarde, eles iam ter que fazer trabalho em dupla para acordar no horário.

– Isso deve te dar um incentivo – disse Bea, enquanto ela e Hartie andavam pela parte interna do Le Bain.

Hartie estava era tirando fotos com o celular e postando tudo que via de mais tosco e indecente no seu Instagram.

– Ai, o mundo é injusto. Ele curte periquita. Depilada ainda por cima. Tenho certeza, quando bato o olho num espécime daquele, sei tudo – disse Hartie.

– Você não sabe nada! Mas e o cara de modelo? – perguntou Bea.

– É pegável! Acho que ele é dos meus.

Beatrice se afastou um pouco, com medo de uma daquelas pessoas bêbadas a empurrar para a água. Ela se virou e deu de cara com Chloe, de pé ali, arrumada como quem estava curtindo a noite e a olhando com uma feição irônica, de quem estava se divertindo muito por ver algo que lhe agradava.

– Olha só quem está por aqui... Você quer que tirem fotos suas nesse lugar repleto de sacanagem? Tudo bem, eu tiro – ela levantou o celular.

Ninguém tinha parecido notar Bea até agora, as pessoas estavam muito ocupadas com seus próprios assuntos. Além disso, a noite e o local com áreas escuras ajudavam.

– Me dá isso aqui – Bea deu um passo e tomou o celular dela. – O que você está fazendo aqui? Ainda me seguindo?

– Foi você que veio pra cá, eu vim de outra festa. Eu sinceramente achei que seu divórcio vazando seria o suficiente pra você tomar mais vergonha.

– Vergonha? Quem deveria ter vergonha é você! Acha que eu não sei que foi você quem começou essa história? Sua vadia fofoqueira e mentirosa. Doida também! – ela falava, apontando para ela com o celular.

Chloe teve a cara de pau de abrir um sorriso, desses que parece um gato que acabou de comer um passarinho.

– Algo dito aqui e ali. No ouvido das pessoas certas, gente que queria escutar há muito tempo que Sean Ward ia se livrar de você. Aliás, você tem ideia de quanta gente nessa cidade você já irritou? Desde que chegou aqui... – Ela sorriu e revirou os olhos ironicamente.

– Você é doida! Quero ver como vai ficar a sua cara quando nada disso acontecer – Bea quem deu um sorrisinho de triunfo dessa vez. – Ninguém mais vai acreditar em você. Contar fofoca errada por aqui é um problema sério, sabia?

– Me dá meu celular! – Demandou Chloe, esticando o braço.

Beatrice segurou o celular dela com as duas mãos, abriu, arrancou a bateria e a jogou para dentro da água da banheira onde estava o pessoal fazendo festa. Depois ela empurrou o aparelho para Chloe.

– Pega essa droga dessa bateria! – ela disse, irritada.

– E quem vai me obrigar? – disse Bea, botando as mãos na cintura.

– Vadia metida à besta! É bem feito tudo que está te acontecendo! – Chloe a empurrou e apontou para um cara dentro da banheira, para ver se ele via, afinal, a bateria bateu no ombro dele antes de afundar.

Hartie veio para perto de Beatrice e olhou dela para Chloe e arregalou os olhos.

– Vai achando que vai parar por aí. Todo mundo tem histórias pra contar sobre vocês. Vai ser mesmo engraçado quando eu desencavar algum podre que você não quer ver por aí. Porque você sabe que vou achar – Chloe abriu um sorriso. – Duvido que você seja tão santa. Anda fazendo o que depois do expediente com aquele Campanale, hein? Um idiota não basta?

Hartie tocou o braço de Beatrice e virou de costas pra Chloe.

– Vem logo, antes que essa cover dos infernos arranje outro celular pra tirar foto sua. Não dá pra encarar mais escândalo pela internet.

Beatrice fechou os punhos, cansada daquela mulher a infernizando. E ela sempre soube, desde o início, que toda aquela perseguição começou por culpa dela que espalhou aquele boato de divórcio por aí. Agora sua vida estava um inferno por causa disso, não podia mais fazer nada na rua e todos a julgavam baseado nisso e todas as suas ações tinham algo a ver com a droga do divórcio. E o resto da sua família ali também não tinha mais paz. Ainda bem que eles conseguiram esconder o incidente com a Tess.

– Eu estou de saco cheio de uma fulana desocupada que nem você me ameaçando – disse Beatrice, avançando e a empurrando.

Hartie foi pego de surpresa e até tropeçou.

– Isso aqui é Nova York, meu bem! Você já devia saber que aqui o buraco é mais embaixo. Se não aguenta, vaza! – Chloe disse com gosto.

Beatrice fechou o punho e surpreendeu todo mundo, inclusive ela, ao dar um soco de direita bem no olho de Chloe o que a jogou dentro da enorme banheira onde o pessoal estava curtindo. Foi um murro caprichado, até a mão dela saiu prejudicada do choque com o rosto da outra.

Chloe afundou e depois se agarrou às pessoas e chegou à borda, mas não via nada com o rosto molhado e só um olho funcionando. E seu cabelo e vestido estavam arruinados e os sapatos de salto ficaram em algum lugar no meio da bagunça ali na água.

– O buraco aqui é muito mais embaixo mesmo, vadia – disse Bea, olhando para ela do seu ponto de observação acima da água. – Você quem devia saber disso. Acho que ser jogada na calçada não foi suficiente.

Hartie não sabia se ria, se ficava pasmo ou se dava um jeito na bagunça antes que virasse escândalo, se é que isso era possível. Já estava todo mundo olhando e chegando para ver se ia rolar briga mesmo.

– Pelo amor de Deus, Mike Tyson do peso pena, temos que fugir!  
– Hartie ainda não acreditava que ela havia dado um soco na cara

da mulher.

Don apareceu no ar, era o único jeito de explicar como ele simplesmente apareceu ao lado deles, apesar do bando de gente em volta dificultando a passagem.

– Vamos – ele pegou ambos pelo ombro e guiou para longe dali, abrindo caminho pelas pessoas.

Eles fugiram para o lado de fora do terraço, com Hartie rindo sem parar e Beatrice ainda chocada e mais rindo da risada dele do que da situação.

– Meu Deus! Você enfiou um soco de direita na cara dela! Será que alguém registrou isso, pelo amor de Deus! Eu estava chocado demais pra filmar!

– Tomara que ela fique sem ver nada por uma semana! – ela disse, ainda revoltada.

– Vai sair daqui carregada! – disse Hartie, pasmo.

Assim que eles se afastaram das pessoas, Bea viu Sean aparecer do lado de fora, olhar em volta e franzir o cenho. Eram 01:45h, ou seja, ela já estava atrasada. Bea foi correndo para lá e se abraçou a ele, escondendo o rosto no seu peito e dizendo baixo:

– Sean, eu bati em alguém, o que eu faço? – ela disse baixo.

Ele inclinou a cabeça, tentando entendê-la melhor.

– Você bateu em alguém? – ele perguntou, já que ela nunca foi chegada a agressões físicas.

– Bati!

– Muito?

– Não muito...

– A pessoa mereceu?

– Muito!

Ele deu de ombros, como se aquilo já respondesse.

– Será que vai dar polícia? E agora? – Ela levantou a cabeça pra ele e descobriu que Sean estava mordendo o lábio para não rir. – Não foi engraçado!

Ela virou a cabeça, procurando Hartie.

– Hartie! Diz pra ele!

– Ela deu um socão de direita na cara da vagaba – ele informou.

Sean inclinou a cabeça para trás e gargalhou, daquelas risadas que nem faz muito barulho, mas fazem aquele som repetitivo na garganta, como se tivesse ficado presa e esse tipo de risada sempre fazia os outros em volta terem vontade de rir também. Hartie voltou a rir na mesma hora, porque ele tinha se segurado só para ver no que isso ia dar.

– E por que você não filmou isso, Hartie? – Sean perguntou pra ele.

– Estava em choque!

– Você não sabe em quem eu bati! – disse Bea.

– Nem quero saber – disse Sean, tentando parar de rir.

– Se você tivesse a visto dando o soco, nunca mais ia parar de rir! A mulher caiu na água! – Hartie piorava tudo.

Bea olhou para trás e o empurrou um pouco.

– Vamos, Sean! Enquanto dá tempo de sair limpo daqui! – Ela virou para Hartie – Vai comigo ou vai pegar carona com uma das nossas companhias de festa?

– Eu não! Pra segurar vela? Tá muito cedo pra mim, vou voltar com a Penélope... ou sei lá com quem. Vai que... – Hartie piscou pra ela.

Bea só esperava que ele não colasse na carona errada e amanhã aparecesse lá na Campanale com cara de choro. Mas ela queria saber quem ele ia pegar das opções que vieram da festa da Fendi com ele, ou se ia acabar com alguém completamente diferente. Hartie raramente saía pra noite para ficar no zero a zero.

Fiquei sabendo que os Ward baixaram na Le Bain ontem. Tô pasma! Pintada de cinza na primavera. Quando que SeanW saiu de casa e entrou na história? Na festa da Fendi ele não foi. Mas calma... Soube que em determinada hora, BeaW meteu a mão na cara de uma periguete qualquer!! GENTE! PARA! Cadê vídeo? Preciso disso agora! Tô pagando pra quem tiver um vídeo disso. Aliás, eu e todos os sites de fofocas estamos oferecendo dinheiro por um vídeo desse acontecimento.

O que será que aconteceu? Será que a mulher apertou o traseiro de um bilhão de dólares de SeanW ou pegou nas joias

enooormes do bofe e Mrs. Ward não gostou? Mas tem gente tentando tirar um pedaço daquilo todo dia, agora que ela resolveu ficar violenta? Será que é estresse do divórcio? Será que ela viu coisa que não devia? A periguete a provocou? Tô me afogando nas teorias! Alguém me salva! Será o fim eterno de Seantrice?

– do uppersofnewyork.net – 668 comentários

Com essa história de acidente da Tess, o divórcio de Beatrice e Sean, o incidente no Le Bain e toda a boataria em volta deles, ficou insuportável circular pela cidade. E entrar na internet também. Parecia que as pessoas se divertiam e falar e opinar sobre isso era uma maneira de desestressar. Como se fosse seu passatempo depois de chegar do trabalho.

Uma semana já se passara e o interesse no possível acidente de Tess havia caído muito, afinal, não parecia ter um babado suculento por trás do incidente. Derek havia feito um belo trabalho criando distrações e soltando comunicados oficiais sobre o assunto. Em compensação, a história do divórcio ficava cada dia mais temperada. Agora estavam desencavando história antiga do relacionamento deles e a nova obsessão eram os motivos para eles terem parecido tão separados nesses anos.

Estranhamente, Chloe não prestou queixa de agressão e nem deu um show público, mas assim que amanheceu o dia, Beatrice ligou para Gregory Ward, o advogado da família que resolvia todas as pitimbas em que eles se metiam. E contou o problema, ele já estava preparado para a defesa, mas nada aconteceu. Sean não gostou nada de saber só depois.

– Beatrice, com toda essa bagunça que está aí, você vai mesmo vir pro meu aniversário? – perguntou Rose, ao telefone.

– Vou, eu prometi, não é? Eu preciso fugir daqui! A Tess foi se recuperar na praia e eu estou aqui no meio desse caos. Sinceramente, eu tento não olhar, mas é um saco.

– Ai, meu bem, vai ter bolo e as comidinhas gregas do Papa. E vovó está com saudade. Ela não foi aí no final do ano com nossos pais.



– Não me faz sofrer! Eu vou... Assim que resolver umas coisas aqui – prometeu Bea.

Na terça-feira, Beatrice tinha uma entrevista para a Cosmopolitan, estava marcada bem antes dessa confusão começar. Mas era exclusivamente para a seção de beleza, porque o hype em volta das coisas que ela usava só aumentava. Então, não iam poder perguntar nada sobre seu divórcio. Na terça, ela ia dar outra entrevista para a Vanity Fair, para falar mais sobre sua carreira e seus gostos do que só sobre beleza, especialmente sobre a empresa de designer de interiores que levava seu nome e crescera sem parar desde que ela começara, há quatro anos.

Ela sabia bem qual fora o preço desse sucesso todo, quando tudo deu errado, o trabalho foi seu único escape e onde ela se escondia do relacionamento problemático e acabou tão escondida que sua dedicação ao trabalho foi um dos pontos que ajudou a desmoronar o casamento. É claro que nada disso seria dito na matéria sobre ela, já fora bem instruída por Derek na parte do que dizer e ele também a treinara bem para manter a imagem publicamente. Na matéria, ela seria Beatrice Ward, estilosa, criativa, empreendedora e responsável pela decoração das residências e negócios mais em alta da cidade.

E o casamento com Sean Ward tinha que ser representado nas matérias só como uma inspiração para seu sucesso, já que os Ward contaminavam qualquer um com seu talento para os negócios. E, diziam as más línguas, contagiavam também com sua natureza predatória, havia quem dissesse que Beatrice estava tirando o trabalho de outros, ainda mais agora que ela havia dito que pretendia expandir a empresa para atender a mais projetos e aumentar a área de trabalho além de Nova York e Nova Jersey.

– Estou achando isso um barato! Você fez até uma listinha para não esquecer nada. É claro que eu vou comprar tudo que meu salário permitir.

– Ai, Hartie, pelo amor de Deus! Não vou aguentar você usando meus cremes!

– Você não vai revelar todos os seus segredos de beleza, não é?

– Meu segredo foi ter nascido assim – ela caçoou.

– Isso e gastar horrores pra manter essa pele de pêssego, né, gostosa?

– Tudo no mundo tem seus segredinhos – ela piscou para ele.

As duas páginas do especial de beleza ficaram ótimas e a repórter se contorceu, enlouquecida para saber alguma coisa sobre Sean, o divórcio e tudo mais. Só que não dava para incluir esse assunto no meio das dicas de beleza, dos cremes, xampus e esmaltes. Já a repórter da outra revista, teve mais oportunidade de tocar no nome de Sean, mas não no suposto divórcio.

Gente, eu não aguento com esse pessoal rico. A mulher está no meio do divórcio do ano, perigando largar aquele monumento que é Sean Ward, mas arruma tempo pra dar dicas de beleza para as mortais aqui. Amoor! Acorda, eu não tenho Sean-W e nem W nenhum acabando comigo na cama todo dia. Isso é que dá beleza! Mas vamos combinar, assunto do dia... a mulher não usa sabonete! Gente, socorro! E eu acabando com minha pele todos esses anos. E ela usando creme de banho francês sem sabão e a base de produtos naturais que não agriDEM a pele e limpam tão bem quanto (sim, eu copiei e coleí isso).

– do blog [uppersofnewyork.com](http://uppersofnewyork.com) (356 comentários)

Como Sean deu uma sumida da área depois que Tess voltou para os Hamptons, Beatrice ficou solta demais. E com toda aquela fofocada em cima dela. Mas agora eles tinham passado a se comunicar durante o dia.

SEAN 17:45 Eu vou jantar no escritório com o Derek, tudo bem?

BEA 17:48 Sim, também vou comer fora com o Hartie.

SEAN 17:49 Eu falei com a 15. Ela está bem.

BEA 17:50 Joceline.

Como Sean parecia estar ocupado demais com coisas super importantes como o GW e salvar a vida de sua amiga Joceline,

Beatrice decidiu que não seria um problema ela seguir com seus planos e lhe dar espaço para resolver as coisas dele. Pelo que tinha espionado na agenda dele, havia uma viagem marcada, compromissos diários, alguns fora da cidade, além do trabalho diário. Ainda não seria agora que eles voltariam àquele assunto. Mas ela sabia que cedo ou tarde, ia acabar tentando arrancar mais coisas dele.

\*\*\*

Quando entrou no seu escritório na terça-feira depois do almoço, Sean viu em cima de sua mesa a correspondência que Rico havia separado. Ele já havia visto as caixas que chegaram de manhã, mas sentou em sua cadeira e viu os envelopes. Antes de retomar seu ritmo de trabalho, ele abriu um ao acaso e deixou do lado, até sorriu ao ver um dos convites que passou pela triagem do seu assessor pessoal.

Ele abriu um envelope vermelho, porque a cor o atraiu e quando o virou caiu de dentro um pedaço de papel sobre a mesa. Sean puxou o outro papel de dentro do envelope, esse era um pouco mais rígido e quando ele o desdobrou, suas mãos tremeram assim que seus olhos bateram no que havia ali e seu cérebro entendeu imediatamente o que era. Ele agarrou o papel que havia caído e o corpo dele congelou quando as palavras fizeram sentido.

*Vai ficar lindo naquela pele macia*

Sean voltou a encarar o papel rígido. Havia dado pinceladas vermelhas sobre o fundo branco do papel cartão. Elas não cobriam completamente o papel, mas eram bem feitas, por alguém que sabia manchar um fundo. A tinta tinha um tom de vermelho forte, mas fosco. E em letras negras, bem no meio, em destaque, estava apenas um conjunto de números:

Quem havia feito aquilo sabia que qualquer outra pessoa que olhasse para o conteúdo daquele envelope, não entenderia o significado. Mas Sean entendia. A outra pessoa que entenderia não morava ali. Então era só para ele.

– Rico! – Sean apareceu na porta da sala do assessor e foi tão subitamente que Rico deu um pulo na cadeira. – Você abriu isso? – Ele mostrou o envelope. – Você tocou nisso?

A pergunta dele tinha tom de urgência, era uma demanda e seu tom estava firme, mas se não fosse por seus olhos um tanto selvagens, ninguém diria que Sean estava minimamente alterado. Só que Rico já trabalhava com ele há muito tempo.

– Toquei, quando coloquei lá. Não tive tempo de abrir tudo essa tarde.

Sean o deixou e foi se afastando a passos largos para o andar da segurança, ele queria as imagens das câmeras, queria ver quem deixou aquilo ali. E queria que examinassem cada parte daquele papel para digitais. Mesmo enquanto andava, ele sabia que não encontraria nada. Era sempre assim. E estavam brincando com ele, mas com algo sério demais para ele rir da tentativa.

– Don – Sean abriu a porta da escada, estava agitado demais para entrar no elevador com outras pessoas. – Onde vocês estão?

– No Brooklyn. Por quê?

– Merda. Leva ela pra casa.

– Agora?

– E avisa ao Alvez.

– Com ela ciente ou não?

– Não! Ela não... Não é pra ela saber de nada. Traga-a de volta pra Manhattan!

Ele desligou e saiu no andar de baixo, em frente às janelas e parou, atingido pela luz. Sean franziu o cenho, olhando novamente para o que tinha nas mãos. Na verdade, o 221 que parecia estar olhando para ele, como se fosse pular da folha a qualquer momento. Ele não tinha como saber os números exatos, mas ser informado que aqueles malditos estavam atualmente em duzentos e vinte pessoas sequestradas ou algo bem perto disso e estavam guardando um número especial para...

Eles queriam colocar um número de gado nela. Sean não estava se enganando, ele não estava lendo aquela mensagem errado. Eles queriam tatuar um maldito 221 na sua esposa.

## Capítulo 12

*Você é sacana, abusada, teimosa e seu esporte favorito é me enrolar. Então, por que toda vez que a vejo a minha frente, com esses olhos fantásticos e essa boca gostosa tentando me enrolar outra vez, só consigo pensar em beijar seus lábios, rasgar suas roupas e te calar com um orgasmo?*

Beatrice estava pronta para ir para casa depois de ter passado a última hora com um sorriso colado no rosto para um bando de gente que ela nem conhecia. Elis finalmente havia conseguido aquela exposição que ela queria e pelo jeito havia dado muito certo, porque ela estava com trabalhos encomendados e obras vendidas.

Não havia dado tempo de conversar muito com ela, pois a artista da noite era sempre requisitada para conhecer seus compradores e novos patronos. Bea havia praticamente feito presença premiada, como essas pessoas famosas e importantes que vão nos eventos dar uma força ou são pagas para isso. Ela foi porque Elis era sua amiga e ela adorava seu trabalho.

– Gastei quase toda a minha parte da venda daquele apartamento no East Village nesse quadrinho ridículo – disse Terry, mostrando um dos quadros pequenos.

– Deixa de história que seu parrudão te deu de presente – disse Hartie, enquanto eles desciam as escadas.

– Ele é um amor, mas não entende bulhufas de arte – disse Terry, rindo do marido que havia descido um pouco antes para pegar o carro. – É tão casca grossa, mas um amor! – Ela sorriu ternamente.

– Amigo é pra isso – disse Bea, apoiando a mão no ombro de Hartie enquanto descia com os saltos que se obrigou a usar hoje, já que era um dia especial – Mas sabe que o Sean, que não é exatamente um casca grossa padrão, também não liga pra artes? Ele

só sabe se olha e gosta, escolhe por puro instinto. Disse que achava as matérias de artes do colégio um saco! – Ela sorria.

– Gente! – disse Terry, parando no térreo e colocando as mãos na cintura. – O que diabos deu em você? Hartie, qual foi a última vez que ela ficou com esse negócio de “sabe que o Sean isso, o Sean aquilo”.

– E isso é porque está se divorciando, hein! – caçoou Hartie. – Voltou pra casa corrida dos paparazzi, está lá há poucos dias e já não para de falar do marido bofe!

– Ei! Eu não tô falando dele coisa nenhuma! – defendeu-se Bea – Só lembrei disso agora.

– Por isso que eu odeio essas bichas sortudas, malditas, casadas com bofe gostoso. É só ficarem um pouco embaixo da asa dos malditos que pronto! Ficam vendo rouxinol – reclamou Hartie.

Terry não parava de rir da cara de Bea enquanto eles seguiam para o lado de fora.

– Você gostava quando eu fazia fotossíntese, né? – perguntou Bea, caçoando de si mesma.

– Era fotossexo, amor. Só que sem foto, sem sol, sem sexo, sem nada. Era muito triste, não desejo isso pros amigos – zoou Hartie.

– Já passei por essa fase do fotossexo no meu casamento... – comentou Terry, fazendo cara de tristeza.

– Hum, agora essa aqui tá dando mais que...

– Não continua essa frase! – disse Bea, tampando a boca dele. – Não tô fazendo nada disso! Vamos beber ou não vamos?

– Quem escuta isso, acha até que ela consegue beber... – Terry fez pouco caso.

– Afinal, pra onde a Elis vai? – indagou Hartie.

– Ela disse que tinha recebido uma proposta, algo assim... – comentou Bea.

– Proposta indecente? Se não for, nem saio de casa – sorriu Terry.

Eles acabaram indo para um pub no Gramercy, beliscar uns quitutes, beber uns drinks e conversar um pouco. O marido de Terry era tímido no início, mas depois que desatava a contar todas as maluquices do trabalho que pareciam só acontecer com ele, era

diversão garantida. Hartie e Terry zoaram demais quando Sean ligou, querendo saber que horas Beatrice ia chegar em casa.

– Diz que hoje você não volta! – disse Hartie, balançando o copo.  
– Bofe, hoje não!

– Ela mal voltou pra casa e já vai dar perdido! – Riu Terry.

Ao telefone, Sean conseguia escutar os dois rindo e brincando. Ele disse baixo, como se houvesse alguém por perto ou eles pudessem escutar:

– Beatrice, já passou da meia-noite...

Ela teve vontade de rir do tom dele.

– Como foi seu jantar chato? – ela perguntou, porque ele também teve um compromisso essa noite, mas foi com alguns investidores das empresas de bens de consumo do GW.

– Com certeza bem menos divertido que a exposição – ele respondeu de lá.

– Ah, você não curte exposições. Ia achar chato do mesmo jeito. Eu já tô indo.

– Se eu bem te conheço, o seu “tô indo” leva duas horas... – Bea não podia ver, mas ele franzira o cenho ao dizer isso.

Dessa vez ela riu e disse que já estava indo mesmo e Terry disse ao fundo que o marido dela dormia cedo e ele desmentiu, dizendo que ela batia na cama antes.

– Só eu que vou pra casa sozinho hoje, gente? Assim não dá – exclamou Hartie. – Eu gostava mais de você quando seu marido era de mentira!

Eles saíram de lá ainda rindo e foram para suas casas, Bea tinha acabado de apertar o botão do elevador no Clarence quando o seu celular tocou.

– Bea! – gritava Elis ao celular, tão alto que parecia até viva voz. – Socorro!! Aconteceu uma desgraça!! Ele ta caído aqui! E estava se tremendo todo! Ele caiu em cima de mim!

– Calma, que diabos? O que foi?

– Me ajuda! Ele disse que ninguém pode saber! Vem me ajudar!

– Quem, criatura? Ele está falando?

– Justinho!! – ela gritou.



Beatrice ficou em choque por um momento, mas se virou e saiu correndo de volta para o carro.

– Don! Don! Volta pro carro! – ela disse, parando na rua. – Cadê o carro? – Ela olhou em volta e Alvez e o veículo já tinham sumido.

– O que foi agora? – Don lhe lançou um olhar desconfiado.

– Justinho está tendo um treco no apartamento da Elis! Aliás, eu nem sei se é lá!

Não era dever de Don saber que Justinho era Justin Petterson e que isso significava problema, porque ele era casado com Maribel e que Elis estava envolvida nisso de um jeito pior ainda. Mas ele sabia, afinal, num trabalho como esse, informação te mantém vivo, ou melhor...

– Táxi! – gritou Bea, levantando o braço.

– Nem pensar – disse Don que já estava vendo Alvez retornar ilegalmente, porque havia o chamado pelo rádio.

Don ainda não sabia exatamente o que estava preocupando Sean, mas ele havia mandado os dois seguranças ficarem com ela. De novo.

Sorte que já era tão tarde e o trânsito estava livre nesse horário, eles chegaram rapidamente ao Maritime Hotel, onde Elis disse que estavam quando Bea ligou de novo. Não era caríssimo ou cinco estrelas, mas também não era nada barato e era temático, com decoração marítima, mas tinha a praticidade de ser muito perto da galeria onde foi a exposição. Quando Beatrice chegou na porta do quarto, ela viu Hartie entrar correndo pouco antes dela.

– Como diabos você chegou aqui antes de mim? – ela exclamou.

– Me meti num táxi ungido do inferno! Achei que ia morrer! Tudo porque essa bicha maldita não consegue se livrar desse tio! – dizia Hartie, ainda alterado pela corrida insana do táxi.

Elis veio correndo, de calcinha e sutiã, com o cabelo negro todo bagunçado e mais pálida do que os figurantes da noite dos mortos vivos.

– Ele morreu! – ela gritou.

– Ele estava vivo há três minutos quando você me ligou de novo. Para com isso! – Hartie atravessou a pequena antessala e foi para o quarto.

Todos eles acabaram no quarto, Hartie pulou para cima da cama e balançou Justinho que estava lá todo se tremendo.

– Essa bicha ta viva! – Ele começou a fazer massagem cardíaca.

– Eu não sei fazer primeiros socorros! – gritou Elis, ainda histérica.

Beatrice checou a respiração dele e seu pulso.

– Eu não vou fazer boca a boca nele! Me recuso – disse Hartie. – Vai que ele estava com a boca nas coisas da Elis! Eu não quero esse passa-repassa de perereca que não fui eu que escolhi cair de boca!

– Ele vai morrer! – gritou Elis.

– Gente, o que você deu a ele? – disse Bea, tentando fazer Justinho voltar a si.

– Nada! – gritou Elis. – Só champanhe...

– Esse bofe velho tomou viagra com champanhe? – exclamou Hartie, de joelhos ao lado de Justinho, ainda fazendo massagem cardíaca, mas ele parou e botou as mãos na cintura – Eu não acredito numa coisa dessas, sua parva!

– Ele não é velho! – Foi tudo que Elis conseguiu responder.

Bem, ele não era velho, estava perto dos cinquenta, podia até ser pai de Bea ou Hartie que ainda não haviam chegado aos trinta, isso com certeza não o tornava um idoso. Mas o colocava na categoria de “tio” para Hartie.

– Justin! – Beatrice deu um tapinha no rosto dele que se encolheu, ela se virou para os outros. – Me dá aquele balde de gelo ali!

– Isso, boa! Como se o bofe já não estivesse todo duro se estrebuchando, vamos tacar gelo nele pra congelar e não feder o defunto – Hartie pulou da cama e pegou o balde de gelo porque Elis estava paralisada.

– Ele tá duro mesmo... – disse Bea, com cara de nojo. – Eu não acredito que estou vendo isso!

– Puta merda! O babado azul funciona mesmo com o cara morrendo. Será que se ele bater as botas vai ficar esse troço pra cima? – Hartie olhava horrorizado para o volume levantando o lençol.

– O balde, Hartie! – gritou Bea.

Ele deu o balde para ela que passou o gelo na testa de Justinho.

– Ah, viada! Você pediu pra isso? Para com essa delicadeza! – Ele tomou o balde dela e derramou tudo em cima de Justinho que começou a se estrebuchar de novo e agora parecia um peixe fora da água.

– Alguém chamou a maldita ambulância? – disse Bea, olhando em volta, procurando o telefone.

– Não! Não! – gritou Justinho, de um jeito muito estranho e engasgado. – Maribel vai saber!

– Seu filho da mãe! – disse Hartie, revoltado e depois se virou pra Elis. – Como é que você foi dar pra esse bofe enrolado de novo? Ele nem é tão gato assim! Se ainda parecesse com o George Clooney! Brad Pitt! Até o Richard Gere já todo caquerado serviria mais!

– Eu estava carente... – choramingou Elis. – Ele me iludiu com uma noite romântica e especial. E na verdade, nem deu tempo de dar nada.

– Filha da puta, você ganhou dinheiro pra caramba hoje! Ninguém fica carente no dia que ganha uma fortuna, desgraçada! Que síndrome de pobre é essa? – Hartie ficou com pena e acariciou as costas dela, a consolando.

– Não quer ambulância, vai morrer aí – disse Bea, já segurando seu celular.

Ela levou um susto quando o celular começou a tocar e era Sean, querendo saber onde ela se meteu até agora se havia mandado um whatsapp para ele dizendo que estava entrando no elevador.

– Justinho tomou viagra e está aqui tendo um troço! – ela disse ao telefone.

– Pra ele não! – gritou Justinho da cama, agora sim ele estava parecendo um presunto que acordou naquela mesa super iluminada de um episódio de CSI.

– Escuta, vamos chamar a ambulância agora! – disse Bea – Não quero saber se ele não quer! Ele está estirado na cama, não tem voto!

Como se não pudesse ficar pior, Don entrou e parou estático na porta ao ver a cena. Ele não era severamente treinado em resgate, sobrevivência, lutas e armas de fogo para ver essas coisas. Elis

ainda estava pálida e agora chorosa enquanto usava só calcinha e sutiã e seu cabelo ainda parecia um ninho de pombos. Hartie estava ao lado dela com o balde de gelo na mão, como se fosse dar com ele no morto a qualquer momento. E havia o morto-não-morto na cama, ainda se tremendo em certas ocasiões e deitado de um jeito estranho e com uma coisa no seu quadril que Don resolveu que era um volume não identificado.

– Alguém avisou aos paparazzi, já tem uns três aí na frente – ele avisou.

– Ai, meu Deus! – exclamou Bea. – Agora como que faz pra sair daqui sem ser visto?

– Como que a gente vai sair daqui? – perguntou Elis, com olhos enormes.

– Meu bem, você ganhou dinheiro, mas não tanto assim – Hartie largou o balde de gelo. – Eles estão atrás dela – ele indicou Bea. – E se souberem que ela está num quarto com um quase defunto de pinto duro, uma artista ex-falida que é amante dele e eu, essa gostosura loira, vão achar que é uma suruba selvagem. Vai sobrar até pro Don que vai entrar na festa como negro gostosão!

Beatrice tampou o rosto, ela não podia acreditar que estava metida numa coisa dessas. E logo agora que estava sendo tão perseguida, se isso caísse na internet ela estaria ferrada. Don cruzou os braços, lançou aquele olhar sério para Hartie e voltou para vigiar a porta para ninguém ver que ele estava quase rindo.

– Sean? – Bea voltou ao telefone. – Eu preciso de ajuda – ela disse baixo.

– Eu percebi – ele respondeu do outro lado, porque esse tempo todo, desde que ela atendera, ele havia escutado tudo.

– Se ele baixar aqui vai completar a cota de bofe gostoso da orgia... – disse Hartie. – Mas pelo menos, vai dar pra dizer que você estava com seu marido ciente!

– Como é que faz pra tirar todo mundo daqui? – perguntou Elis.

– Pelo amor de Deus... – disse Justinho, com aquela voz de quem estava morrendo. – Não deixa o Sean saber!

– Você vai ter que escolher, colega – disse Hartie, o puxando para tirá-lo daquela posição de cabeça pra baixo. – Sua mulher, o Ward

ou os paparazzi!

– Paparazzi não! – Justinho gritou, aterrorizado. – Pelo amor de Deus, não!

Quando ficou na posição certa, o lençol saiu do lugar e Hartie soltou um grito de horror.

– Puta merda, Elis! Já não me basta ser amante desse bofe tosco o cara ainda usa samba canção!

– É confortável... – choramingou Elis.

– Tenho um plano novo! – disse Bea, com o dedo levantado.

Eles juntaram as coisas de Elis e só porque ela achava que havia arrumado um jeito de saírem dali, Don apareceu de novo.

– Madame... – Até ele estava sem saber como dar essa notícia. – A esposa do indivíduo apareceu lá no saguão. Alvez acabou de ver.

– Mas como? – Agora foi Beatrice que gritou.

– O inferno vai baixar nesse hotel agora! Aquela mulher é louca! – disse Hartie, pegando o balde de gelo de novo, como se precisasse se defender.

– Ela não pode entrar aqui, Don! – disse Bea.

Ele lhe lançou um olhar que dançava entre o sarcasmo e o divertimento.

– Devo usar de força com a pessoa?

– Dá com um negócio na cabeça dela! Eu não quero ver essa mulher! – Elis parecia ter acordado, porque passou a mão pelo cabelo e foi até a cama. – Isso é tudo culpa sua! Seu maldito! Desgraçado! Você disse que não precisava de remédio! E que tinha um casamento aberto! – Ela batia nele.

– Era uma noite especial! – Justinho colocou a mão no peito e caiu para o lado de novo, ficando todo vermelho.

Hartie largou de novo o balde de gelo e se afastou da cama.

– Ele vai empacotar, gente! – Ele se agarrou ao braço de Bea. – Eu não quero ver ninguém morrer! Eu tenho medo de gente que morre assim! Nos filmes eles voltam pra te pegar. Não quero!

Para a situação ficar ainda pior, pouco depois Sean entrou no quarto e do mesmo jeito que Don fez, ele parou assim que seus olhos assimilaram o que estava ali. Mas ele soltou o ar e foi até a

cama, virou Justinho e testou seus sinais vitais, com jeito de quem já fizera isso umas vezes.

– Eu acho que ele está enfartando, de verdade – ele disse, soltando-o e franzindo o cenho quando bateu com o olhar no volume na samba canção. – Precisamos tirá-lo daqui. Cadê a ambulância?

– Ele não me deixou chamar – disse Elis, agora estava desesperada de novo.

– Maribel... – disse Justinho, com a voz estrangulada.

Todo mundo se virou para a porta, temendo que a mulher houvesse simplesmente aparecido no ar.

– Credo, gente, ele já está vendo assombração! – disse Hartie, se afastando ainda mais da cama.

– Ele estava enfartando esse tempo todo? – Bea foi para perto da cama também.

Sean deu de ombros, puxou o lençol e passou em volta de Justinho que agora realmente parecia estar tendo um troço. Pelo jeito a notícia dos paparazzi e de Maribel foi demais para ele. Até o “volume estranho” já não estava mais tão alto.

– Alvez avisou que a mulher está indo pro elevador – disse Don.

– Ela te viu? – Bea perguntou a Sean.

– Não, estava ocupada gritando com o pessoal da recepção para descobrir onde o marido está – ele abaixou e levantou Justinho por cima dos ombros, parecia que estava carregando um saco de batatas – Cacete! Você é mais pesado do que parece.

Don balançou a cabeça quando Sean chegou à porta, ele ajudou a carregar o peso morto para irem mais rápido. Tinham que passar pelo corredor e ir para o outro elevador antes que Maribel chegasse ali. Beatrice ainda queria saber quem era o maldito que havia avisado e como ela descobrira que Justinho estava ali. Hartie passou correndo, puxando Elis que estava descalça, carregando as sandálias e com o vestido aberto.

Eles iam ter que dar a volta e sair do outro lado do corredor no hall dos elevadores e entrar em um enquanto Maribel sumia no corredor onde eles estiveram. Ela não podia nem sonhar que Beatrice estava metida nisso, senão ia ser um escândalo de proporções astronômicas.

– Ela passou! – Hartie correu e segurou o elevador, mas teve que deixá-lo fechar a porta.

Maribel não conhecia bem a cara dele, mas também não podia vê-lo entrando no elevador para segurá-lo, pois caso ela o encontrasse junto com Beatrice, podia se lembrar.

Sean escorou Justinho em Don e os dois olharam pela quina do corredor como se estivessem vigiando uma situação muito perigosa e se preparando para atacar.

– Eu não acredito que estou metido numa coisa dessas – Sean disse baixo.

– Por mim! – pediu Bea, juntando as mãos.

– As coisas que eu faço por você... – ele zou e balançou a cabeça.

Hartie saiu do elevador e se esticou para olhar, mas ficou segurando a porta.

– Ela tá batendo na porta do quarto, gente!

– Segura o elevador! – disse Sean.

Dessa vez Don que levantou Justinho no ombro, Sean ajudou a colocá-lo para dentro do elevador, depois ele colocou Elis lá também, Hartie passou e quando ele e Bea iam entrar...

– O que diabos vocês estão fazendo aqui? – disse Maribel, lá da entrada do corredor.

Beatrice fechou os olhos e fingiu que não tinha nada dentro do elevador, Sean se virou para Maribel e abriu aquele seu sorriso de um bilhão de dólares que chegava a ofuscar a pessoa. Deve ter surtido efeito, porque Maribel ficou ali parada olhando para ele e o elevador fechou as portas, levando os outros, junto com Justinho.

– Ora essa, Maribel, você foi convidada também? – perguntou Sean.

Ele puxou Bea para perto e passou o braço em volta dela, descansando-o do outro lado, sobre seu ombro e ficando com a mão em seu colo, de um jeito íntimo demais para pessoas que estavam supostamente se divorciando. Maribel percebeu tudo isso, enquanto Bea deixava seu peso descansar contra o corpo de Sean.

– Convidada para o quê? – ela exclamou. – O bacanal que está tendo nesse hotel?

– O quê? – Bea franziu o cenho como se não estivesse entendendo nada.

– A pós-festa daquela artista, esqueci o nome dela... Eu não sou muito bom com esses nomes de pintores – ele disse, clinicamente.

– Meu marido está aqui! Com aquela cachorra! E chego aqui e encontro vocês!

Sean lhe deu um sorrisinho sacana e virou Bea para ele, abraçando-a junto ao seu corpo. Ela foi de bom grado e se abraçou à cintura dele, movendo o corpo contra o seu e inclinando a cabeça para olhá-lo.

– Sei lá de Justinho, eu vim depois porque queria... – ele pausou e ficou olhando para Bea, beijou seus lábios levemente e ela sorriu pra ele. – Passar um tempo com a minha esposa, num lugar diferente.

Os dois se beijaram e demoraram de propósito, só para deixar Maribel ali, presa e sem graça. E desviar um pouco os pensamentos dela. E assim dava tempo dos outros irem embora, caso ela resolvesse descer.

– Espera aí! – ela gritou isso. – Vocês não estavam se divorciando?

Sean levantou a cabeça, mas ficou olhando para Bea por um momento, ele deu uma leve mordida no lábio inferior dela como se não estivesse nem aí que Maribel visse exatamente para onde seus pensamentos estavam correndo. O que não era fingimento nenhum, eles ainda podiam ir para casa, gargalhar um pouco daquilo e terminar na cama. Com essa ideia, agora ele queria muito se livrar logo de Maribel.

– Estamos... não é, Bea? – ele piscou para ela.

– Claro que sim – ela passou os braços em volta do pescoço dele e continuou ignorando Maribel – Todo dia.

– Apimenta as coisas – ele sorriu.

– E como! – Bea revirou os olhos e mordeu o lábio para não rir.

– Você deveria experimentar – Agora ele olhou Maribel. – Assim que você encontrar o seu marido, claro. Vai ver ele já foi. A festa acabou agora pouco.



Bea virou a cabeça e a descansou no peito de Sean enquanto a olhava.

– Acho que você se desencontrou dele...

Maribel fechou os punhos, danada da vida. Ela queria acusar Bea de estar usando o divórcio como golpe de marketing e de ser uma fingida, mas com Sean ali ela nunca diria uma coisa dessas. E ela não tinha motivo algum para achar que os dois fariam qualquer coisa para salvar o traseiro do seu marido, mas ela não sabia que Bea salvaria Elis e era isso que ela estava fazendo, queria que Justinho se ferrasse, mas não podia deixar Elis ferrada na história. Maribel podia complicar muito a vida dela.

– Aquele maldito está aqui! Nesse andar! Trepando com aquela cachorra! E pelo que sei você a conhece! Você é metida a conhecer um bando dessas artistas – ela disse essa última palavra como se fosse um palavrão.

– Eu estava um pouco ocupada... – disse Beatrice, com um olhar sacana – Mas é capaz de ela ainda estar por aí, terminando a festa.

Maribel voltou pelo corredor e louca como ela era, era capaz de bater em todas as portas até achar a “festa”. Sean apertou o botão do elevador e os dois caíram fora dali assim que um chegou ao andar.

– Eu vou matar a Elis por me meter nisso e por ser uma burra que teve uma recaída justamente com aquele tosco do Justinho! – dizia Bea, enquanto desciam.

Lá embaixo, eles encontraram Alvez e Don os esperando. Hartie e Elis tinham ido no carro de Sean com Vini dirigindo direto para o hospital. Don havia arrastado Justinho até a saída de serviço e lá Vini o ajudou a colocá-lo no carro.

– O que será que eles vão achar que estamos fazendo aqui? – Bea perguntou, enquanto seguia com Sean para a saída.

– Seja lá a teoria que inventem, duvido que imaginem o que realmente aconteceu nesse hotel – disse Sean, ainda se divertindo.

Eles saíram rapidamente do hotel e entraram no carro juntos, ao menos servia para ajudar a desmentir o boato de divórcio, afinal, seja lá o que eles estivessem fazendo, estavam juntos.

- A menos que vendam o vídeo de segurança do elevador... – disse Bea, se ajeitando ao lado de Sean no carro.
- Nós não entramos no elevador com eles...
- Mas você aparece deixando o corpo lá junto com o Don! – riu Bea.
- Torce pro Justinho sobreviver, assim nenhum de nós vai ser considerado suspeito do assassinato. Não é, Don? – zoou Sean, para o segurança que estava no banco da frente, eles estavam voltando no Range Rover de Bea.
- Não sou pago pra essas coisas... – ele resmungou, fazendo os dois gargalharem enquanto ele ficava com um sorrisinho leve.

Alguém pode me explicar o que diabos os Ward estavam fazendo no The Maritime no início da madrugada? Era festa de marinheiro? Porque sinceramente! O que ELES teriam pra fazer ali? Ouvi dizer que foi festa daquela pintora amiga da BeaW, a Elis Sanchez. Mas que péssima escolha de lugar. E Justin II saiu de lá carregado, ao menos é isso que estão dizendo. Ele está lá no hospital e Maribel Patterson disse que foi um porre brabo. Mas tenho fontes quentíssimas que disseram que ele estava lá com a AMANTE!!

– manhattaninsiders.com – 398 comentários

Eles bem que estavam tentando esconder tudo, mas já tinha vazado que Justinho enfartou. E agora a história da amante estava no meio. O escândalo que Maribel fez no hotel também tinha caído na roda. E tinha gente dizendo que havia sido convidado para a tal festa no The Maritime, a mesma festa imaginária que os Ward haviam comparecido.

Claro que isso não os ajudou em nada. Afinal, o que diabos eles estavam fazendo em festinha underground de pintora em hotel temático e bem no meio de um escândalo de divórcio? Havia teorias intermináveis sobre isso. E nenhuma delas era legal.

\*\*\*

Depois de cumprir sua missão cupido para Tess, Bea colocou seu plano de férias relâmpago em andamento. Antes, ela espiou a agenda de Sean de novo e ele continuava com o mesmo cronograma. E ela estava novamente andando com Don e Alvez para todo lado. Ela já havia dito que era desnecessário e quando arrumou seu plano de férias, disse para Don que iam só os dois. Nem adiantava, ela não ia obrigar Alvez a sair da cidade também. Além disso, era um segredo, gente demais era difícil esconder. Só que ela conhecia Sean. E conhecia bem essa parte dele que ia ignorar o fato de que estava tão ocupado que não tinha tempo nem de discutir com ela ao telefone. Portanto, deixou um recado quando estava no limite para fazê-lo.

BEA 10:27 Hey, Sean! Eu vou dar uma passada em Baltimore. É aniversário da minha irmã, não posso faltar. Volto logo, ok? Está tudo ótimo. Digo que você mandou beijos. Não exagere muito no trabalho enquanto eu estiver fora ;)

SEAN 10:29 O quê?!

SEAN 10:32 ????

SEAN 10:35 Atende o telefone!

SEAN 10:39 Beatrice!

SEAN 10:40 Sozinha? E logo agora?!

Fazia um tempo que Beatrice não pegava um voo simples, até porque no último ano ela não conseguiu viajar. Mas o La Guardia ainda era do jeito que lembrava e até que não passou vergonha com os procedimentos chatos pelos quais todos os mortais tinham que passar.

– Estamos no horário – disse Don, andando ao lado dela e escaneando os arredores.

É claro que não deu para se livrar dele. Agora ela seguia pelo longo e largo corredor, usando óculos escuros enormes para tentar passar despercebida. E Don fazia a mesma coisa, mas era meio difícil um negro alto e forte como um armário, usando óculos escuros e carregando uma mala, passar despercebido. Eles haviam

despachado a bagagem e ela levava uma bolsa de ombro, afinal, era só uma viagem de umas quatro horas.

– É aniversário da minha irmã – ela comentou. – E mal tive tempo de comprar um presente perfeito.

Ao menos sem que parecesse que todo mundo era um fofoqueiro em potencial pronto para tirar uma foto sua. “Oh, vejam como Bea-W se consola do divórcio: Comprando mais roupas”. Que droga!

– Tenho certeza que ela vai gostar. Na verdade, compramos bastante presentes – respondeu Don.

– Vários pra minha avó!

– Minha avó também adora presentes, nunca vou lá sem um – ele comentou.

– Você ainda tem avó! Que bonitinho, Don. Garanto que as meninas a adoram.

– Adoram, mas ela é durona com elas também – ele sorriu, afinal havia sido criado pela avó e tinha saído esse cara enorme e duro na queda.

Eles entraram no avião e não deu para reservar um lugar junto, ela sentou na janela e Don na poltrona do outro lado do corredor, entre eles sentou um homem com óculos enormes e grossos. Ele foi analisado por Don e ficou com certo medo de sentar tão perto do segurança, afinal, só havia o corredor fino entre eles. O cara deu uma olhada em Beatrice e até se animou com a perspectiva de uma companheira de assento tão atraente, apesar de ela estar se esforçando para parecer muito antipática.

O avião estava demorando a sair, estava marcado pra decolar ao 12h45 e já eram 12h58. Quando entrou um senhor desesperado e esbaforido, Beatrice achou que iam fechar as portas e decolar. Mas aí apareceu uma moça com três crianças e pouco depois entraram dois caras altos e vieram pelo corredor, mas ela mantinha o rosto virado para a janela, temendo ser reconhecida.

Pelo menos a movimentação dos comissários parecia promissora para decolarem. Enquanto uma das comissárias checava os assentos e eles iniciavam aquelas instruções, o cara do seu lado levantou rapidamente. Pouco depois, o cara de boné que tinha entrado

atrasado sentou ao seu lado e quando virou o rosto para ele, Beatrice soltou um gritinho de surpresa.

– Sean! O que você... Como... Cadê o cara daqui?!

– E você ia viajar sem mim? – ele perguntou, ignorando a pergunta dela.

– O que você fez com o coitado do homem? – Ela continuava sem conseguir ignorar isso, vindo de Sean, até dentro de um avião ela podia imaginar as piores coisas.

– Dei uma grana ao cara, ele está no meu lugar – ele disse, como se isso fosse totalmente irrelevante – Você achou mesmo que ia entrar na porra de um avião comercial, se mandar pra Baltimore e me deixar aqui?

– Você tem um jato! – ela sussurrou de volta. – Pode voar a hora que quiser!

– Então por que estamos ambos metidos nesse avião apertado, sem segurança e lotado, voando pra Baltimore? Você não podia simplesmente pegar a droga do jato para a viagem?

– Eu não quis. Posso muito bem viajar aqui. Eu decidi isso como uma compulsão! Resolvi ir antes.

– Porra nenhuma – ele tirou os óculos escuros dela. – Conversar com você olhando pra essas lentes gigantes me enerva.

Ela tomou os óculos de volta e franziu o cenho, olhando para o boné dele. Sean tinha estado de óculos e boné, mas não recolocou o primeiro quando passou na revista. Afinal, não queria ninguém achando que ele era algum mau elemento. Isso ia estragar sua passagem discreta pelo aeroporto.

– Sean, pelo amor de Deus! Volta pra lá! E aquela sua agenda insana?

– É um pouco tarde, não acha?

Enquanto eles estavam metidos naquela conversa de sussurros, o avião já havia desacoplado e estava manobrando em direção à pista de decolagem.

– Eu vou passar uma semana em Baltimore e você não pode me impedir. Já deixei todo o meu trabalho adiantado e o Hartie responsável por tudo.

– E quem falou em impedir? – Ele se moveu no lugar, claramente desconfortável – Essa droga de você achar que sabe o que eu quero ou o que farei me deixa puto. Sabia que geralmente os homens que são acusados de fazer isso?

Beatrice se inclinou e olhou Don.

– Isso é culpa sua! Você deu as informações a ele, não é?

Don estava recostado no assento e nem olhava para eles, estava se preparando para a decolagem, a parte que ele menos gostava. Mas era óbvio que ele havia falado, ela estava com a segurança dupla e em alerta. Don não era dedo duro, o trabalho dele era mantê-la segura para viver sua vida e fazer o que quisesse e não para ficar dizendo o que ela fazia. Mas nesse caso ele foi obrigado. Fazia dois dias desde que Sean mandara trazê-la de volta para Manhattan imediatamente. Don tinha amor à própria vida.

Imagina só se eles saíssem da cidade, do nada e Sean simplesmente descobrisse que sua esposa tinha viajado e Don não tinha dito nada. Ele ia ser assassinado. Nesse caso, Don preferiria pedir perdão a ela ao invés de permissão.

– Ele não tem nada com isso, mas fugir de Nova York porque descobriram nosso segredinho e me deixar lá é realmente um bom plano – ele disse, ironicamente.

– Eu não queria te atrapalhar e eu precisava vir. E vai ser aniversário da minha irmã. Será que eu não posso fazer coisas inesperadas?

O avião se posicionou e partiu para a decolagem, eles pararam por um momento e assim que a nave se estabilizou no voo, Sean se virou novamente para ela.

– Já que não posso sair de Nova York, devo ter perdido a cabeça quando entrei num voo pra Baltimore – ele disse. – Aliás, é a segunda vez na minha vida que perco a cabeça e me pego indo pra Baltimore por sua causa.

– Você perdeu! Em ambas!

– Não, você perdeu. Ir visitar seus pais, ficar dias fora e me largar em Nova York, bem no meio dessa crise. Só na sua cabeça, Beatrice – ele soltou o cinto e tentou se ajeitar, mas o espaço era muito apertado para um cara alto como ele. Seus joelhos já estavam

colados à bancada à frente deles. – Não dava para você pelo menos pegar o assento lá da frente ou da saída de emergência? Eu não dou aqui! Isso é muito apertado – ele bufou, procurando mais espaço para os joelhos e se remexendo no assento de um jeito engraçado.

Ela teve vontade de rir com ele tentando se ajeitar e soltando a poltrona sem querer, fazendo-a pender pra trás enquanto os joelhos dele pressionavam as costas da poltrona à frente.

– Além de ser apertado como o inferno, se eu não te conhecesse, como ia viajar com meu ombro em cima de você? – Ele se moveu e também era grande demais para a poltrona fina, seus ombros largos sobravam ali – Não gostei disso não, Beatrice. Aquele babaca com aqueles óculos enormes ia a viagem toda quase em cima do seu decote.

Agora ela começou a rir, foi inevitável. Quanto mais ele tentava se ajeitar, mais ela ria.

– Há quanto tempo você não pega um voo comercial? – ela perguntou, divertindo-se.

– Não faz tanto tempo, mas a última vez foi numa conexão fora do país. Eu juro que essas bancadas dos voos domésticos estão menores que a cadeirinha da minha sobrinha. Além disso, você olhou pra esse avião? Parece um teco-teco!

– Sean, para com isso! – ela riu. – Não vai cair.

– E você entrou nisso sozinha.

– Você é muito bobo, se tiver que cair, vai cair com ou sem você.

– Beatrice, dá pra não estragar? Eu sou homem e homens são bichos babacas que acham que sua presença faz diferença. Especialmente homens apaixonados. Nós temos esse delírio na nossa mente em que por estarmos junto com nossas mulheres, tudo vai ficar bem. Então, agora que embarquei na sua loucura, vamos chegar lá intactos.

Ela dava risadas tão boas que, se eles queriam mesmo continuar disfarçados, estavam sendo indiscretos.

– Ok, Mr. Salvador de esposas indefesas que voam em teco-teco, eu quero saber quanto vai durar essa maluquice.

– Quanto tempo durar a sua. Eu só volto quando você voltar. A partir de agora é assim.

– E quando você for cuidar das suas coisas fora do país?  
– Você sempre é bem-vinda, eu adoraria sua companhia, mas nós não vamos de teco–teco voador. Vamos no meu jato, até porque ele tem uma cama e é lá onde eu deveria estar agora, deixando marcas no seu traseiro por ser tão danada.

– No meu tra... – Ela deu uma olhadinha em volta, eles continuavam falando baixo, mas era um avião. Todo mundo ficava perto demais – Marcas no meu traseiro, uh?

– Não aja como se isso fosse novidade... – ele disse, lhe lançando um olhar de lado que ela conhecia muito bem.

Beatrice engoliu a saliva e achou melhor não pensar nesse assunto agora.

– Eu tinha esquecido como você fica gato de boné – ela comentou.

– Um elogio, Bea? Cacete... – Ele puxou-a de repente pelo rosto e lhe deu um beijo. – Não pense que esqueci o que você aprontou, mas eu gostei disso.

Ele lhe deu outro beijo e só para garantir, deu mais um. Antes que ela ficasse mimada, ele deu um mais forte e mordeu no final só para ela ver que falava sério. Só que como não levava desaforo, Beatrice mordeu de volta. Quando eles pararam com a brincadeira, a comissária estava do lado oferecendo bebidas. Os dois aceitaram o único suco disponível, já que suas gargantas estavam ficando secas.

O aeroporto internacional de Baltimore não era exatamente perto de onde Beatrice costumava morar, mas pela autoestrada Baltimore-Washington, o tempo de percurso era curto, pouco mais de meia hora. Eles só pegaram trânsito depois de chegar ao coração da cidade e finalmente pegar a Rua St. Paul que Beatrice conhecia tão bem e por onde já havia andado muito em sua adolescência.

A antiga casa dela era na Greenway, uma rua calma, com pouco trânsito, cheia de casas grandes e com longos e bem aparados jardins. Ficava ao lado dos Jardins de Sherwood, um parque verde e todo aberto onde todo mundo da área passava o tempo livre e socializava.

– Você não se lembra da última vez que veio aqui, não é? – ela perguntou, enquanto o carro seguia pela St. Paul para poder fazer o



contorno e pegar a Greenway.

– Faz um tempo, mas eu lembro daqui – respondeu Sean, olhando pela janela.

– É, já faz um tempo até pra mim que moro aqui, imagina você.

Ele virou o rosto para ela e franziu o cenho.

– Você não mora mais aqui, Beatrice. Você mora em Nova York, comigo. Você fala como se estar lá fosse apenas temporário. Eu não gosto de como isso soa. Nossa casa é lá, mas eu concordo que você precisa vir aqui visitar sua família mais vezes. Eu já fiz isso de não visitar muito e... Você sente falta. Eles também.

Beatrice ficou olhando para o caminho por um momento, até que o olhou também.

– É, você tem razão. Eu moro em Nova York, com você. É só que esse lugar de um jeito ou de outro, sempre será minha casa também. Mas eu não digo isso como se lá fosse um lar temporário, de verdade.

O carro alugado parou em frente à casa, é claro que eles conseguiram um carro do estilo que Don gostava e ele já tinha feito as reservas. Ele e Kevin iam ficar no hotel The Collonade, um Hilton que ficava a dez minutos de caminhada dali, mas de carro mal dava cinco minutos. Eles iam ter um bocado de tempo livre, porque Sean ia ficar com Beatrice e pretendia “trabalhar” de segurança pessoal dela.

– Chegamos, patrão – avisou Don que estava ao volante. Não era sua primeira vez dirigindo do aeroporto até a casa dos pais de Beatrice, mas também já fazia um tempo para ele e o GPS foi muito útil.

Beatrice virou-se para Sean e o segurou antes que abrisse a porta.

– Minha família não sabe do nosso... problema. Mesmo que tenham visto algo na internet, vão achar que é boato que a mídia inventa. Só a Rose sabe a verdade e ela não vai dizer. Meus pais e o resto da família não sabem da nossa situação. Então, nós vamos fingir, entendeu?

Ele estava olhando para ela cada vez com a expressão ficando mais divertida a cada palavra que ela dizia.

– Você quer que eu finja que tivemos um perfeito casamento normal esse tempo todo?

– Sim! Finja que tem sido tudo normal. Do jeito que fingimos quando eles nos visitam lá em casa. Ah! Minha família sabe que temos um sério problema de sermos muito ocupados e sabem que você viaja demais. E isso pode causar uma questão entre nós de falta de tempo pra ser um casal. Essa é nossa história base. Trabalhe em cima disso.

Sean achava que era diferente quando os pais dela faziam uma visita rápida lá no triplex ou a irmã dela aparecia e ficava uns dois dias. E em algumas dessas vezes, Sean ou não estava na cidade ou estava, mas seguia normalmente com sua rotina de trabalho, o que o deixava fora de casa quase o dia todo. Agora, eles estariam sob o olhar deles o tempo todo e por uma semana. Iam ter que “fingir” melhor.

– Ok, então estamos de folga, aproveitando esses dias para passar um tempo juntos. Certo? – perguntou Sean, pronto para o fingimento.

– Exato. E você vai embora amanhã ou depois de amanhã porque é muito ocupado – ela disse, entretida em formular a história.

– Eu não vou embora de jeito nenhum. Eu só volto quando você voltar.

– Mas e tudo que você tem pra fazer? Eu olhei sua agenda...

– Jared vai ter que se virar uns dias sem mim. Ele consegue – ele abriu a porta e saiu, depois ofereceu a mão a ela – Você vem?

## Capítulo 13

*Gosto de explorar sua boca bem devagar e esfregar minha língua na sua enquanto sinto seu clitóris inchar entre meus dedos. Te deixar úmida e louca de tesão com um beijo é minha tarefa diária.*

Eles foram pelo caminho de pedra que cortava o gramado. A decoração do jardim era simples, havia algumas plantas e grandes arbustos floridos, afinal seus pais não tinham tempo sobrando para cuidar de inúmeras plantas. A casa dos Stravos, ao menos na fachada frontal, era comum como outra da vizinhança; era grande, bonita e com jeito de aconchegante. Tinha aquela aura de casa de família.

Quem não conhecia a história da casa não entendia porque ela era engraçada. Quando os Stravos compraram aquele terreno bem comprido e grande, o local nem estava tão valorizado assim. E eles também não tinham tanto dinheiro para investir. Então, a casa foi crescendo conforme o tempo foi passando e o dinheiro, permitindo as obras. A casa era engraçada, toda costurada, com a sala de visitas que mudou de lugar, a grande cozinha gourmet que foi adicionada, os quartos no segundo andar que foram aparecendo e se multiplicando.

Na adolescência, as três filhas tinham quartos individuais, o que trouxe muito mais paz à casa. E agora eles tinham aumentado a piscina para os netos brincarem. A pequenina casa de hóspedes do fundo do jardim, foi o primeiro projeto completo que Beatrice fez antes mesmo de terminar a faculdade. Já recebera alguns hóspedes e era motivo de concorrência para quem ia ficar hospedado lá.

Eles tinham três filhas, todas podiam se manter, a mais nova estava podre de rica, mas os Stravos continuavam a todo o vapor e independentes. E inclusive fazendo mais uma obra, agora para

aumentar a área de serviço. A casa saíra do controle e ficara enorme como uma mansão, divertida e toda errada, mas foi tudo que precisaram.

– Bea! – disse Rose assim que abriu a porta – eu disse que ela ia aparecer hoje! – ela gritou para dentro da casa.

– Nem acredito que finalmente cheguei! – Ela soltou as malas e agarrou a irmã.

Rose também a apertou, mas seus olhos bateram em Sean que estava atrás, olhando-as como se a euforia das duas o agradasse.

– Meu Deus! Eu não acredito! Você trouxe o Ward! – A irmã se afastou dela e franziu o cenho para Sean.

– É, nós estamos numa política de um não viajar sem o outro, não é, Sean? – Bea lhe lançou um típico olhar de esposa, como se precisasse lembrá-lo de como se comportar.

– Sem dúvida – ele deu um leve abraço em Rose. – Bom vê-la pessoalmente.

– É... – Ela estreitou o olhar para ele. – Creio que nossas conversas deram resultado.

– Se deram... – Ele sorriu para ela, daquele jeito irresistível. Ainda bem que Rose já estava escolada.

Os dois chegaram num horário bom, encontraram Rose com os dois filhos mais novos, a mãe de Bea, sua avó, Matthew e Barret. A casa costumava ter familiares sempre visitando, porque eles moravam numa espécie de zona familiar. E aquela casa era no centro.

– Beatrice! Você veio mesmo! – exclamou Belinda Stravos, entrando na sala.

Ela tinha voltado a puxar a mala de rodinhas, mas a soltou e foi abraçar a mãe. Nem notou como os outros ficaram em choque quando Sean entrou com o resto das malas. A verdade é que até hoje eles não sabiam exatamente como lidar com ele. Ninguém sabia de nada, então, não tinham motivos para implicar com ele. E tudo que Sean sempre foi quando estava perto da família dela, foi simpático e charmoso. Até o pai dela superou a implicância inicial de um cara levar embora sua filha mais nova.

Mesmo assim, o que se faz com um Ward no seio da família?

– Essa menina leva um ano sem pôr os pés aqui e quando volta traz o marido podre de rico e não avisa antes pra gente botar o vestido de domingo – disse Agatha, entrando na sala e fazendo sons de batida com a bengala.

Agatha Stravos era avó de Beatrice e nem adiantava levar o que ela dizia ao pé da letra, porque se havia algo que a mulher fazia, era falar tudo que devia e não devia. Segundo ela, estava naquela idade que se morre engasgado com as palavras não ditas. E sua mente estava esquecida demais para ela guardar, tinha que pôr para fora.

– Vovó! Você não estava usando a cadeira de rodas? Rose disse que sua perna voltou a doer – Beatrice se abaixou e abraçou-a, beijando seu rosto carinhosamente. A última vez que Agatha esteve num avião foi justamente para visitar a neta em Nova York e ela estava sendo empurrada na cadeira e fazendo cara de patroa, colocara até óculos escuros.

Fazia tempo que Bea pagava um plano de saúde ridiculamente caro e cheio de frescura para a avó. É claro que Agatha caçoava disso, ela tinha mais cobertura do que a família inteira junto. Ela gostava de caçoar que não podia nem espirrar que já aparecia um médico na porta dela com um lenço. Ela adoraria fazer o mesmo pelos pais, mas eles podiam pagar seus próprios planos e estavam bem financeiramente, ainda mais agora que todo o dinheiro era para investir no próprio negócio ou fazer agrados a si mesmos e aos netos.

Agora, com todos os filhos criados e os restaurantes bem estabilizados, todo ano eles faziam uma viagem, só os dois. A Grécia sempre era uma parada obrigatória, mas depois iam para algum destino diferente.

– Eu já te disse que você cresceu demais? – disse Agatha, olhando para cima. – E eu não ia ficar em droga de cadeira nenhuma. Dependendo desses palermas pra me empurrar!

– Creio que lembra do Sean, não é, vovó? – Bea perguntou, não achava que a avó havia se esquecido dele, mas já fazia mais de ano que ela não o via.

– Eu estou esquecida, mas não estou maluca. Se eu fosse esquecer os maridos das minhas netas ia deixar o bonito e rico por

último. Além disso, eu me lembro da última visita dele aqui.

Sean se aproximou dela e abaixou para cumprimentá-la. Quando a encontrava ele costumava lhe dar um sorriso, pegava suas mãos e beijava uma delas, então, a olhava com um sorriso travesso. Ele a encarou e lembrou um dos motivos para ter gostado tanto dela logo de cara. Toda vez que olhava para ela, era como ver os olhos de Bea.

– Toda vez que eu a vejo, lembro que a senhora tem os olhos mais lindos que já vi, eu sabia que Beatrice tinha que ter puxado isso de alguém.

Além de Beatrice, Agatha era a única outra pessoa viva na família e com olhos daquele tom dourado e incomum e ela adorava contar vantagem disso.

– Ele me ganhou em um segundo. E vocês aí tentando há anos! – Ela riu e inclinou a cabeça, numa postura charmosa. – Ai, meus vinte anos – ela indicou Beatrice. – Seu avô era desses, desgraçado irresistível. Como sinto saudades dele.

Os outros apareceram na sala, o que não deixou a situação menos embaraçosa porque todo mundo ficava chocado quando via Sean.

– Vou avisar ao seu pai que você chegou – disse Barry, marido de Cherrie, antes de sair correndo com uma caixa enorme.

Matthew, marido de Rose, efetivamente corou quando foi cumprimentar Sean e recebeu um sorriso sacana. Pelo jeito os dois andaram conversando muito pelo Skype e ver Sean pessoalmente deixou seu cunhado encabulado. Ela adoraria saber o que eles falavam.

– Vai ser bom ficar uns dias aqui, sem trabalho, compromissos e tudo mais – Beatrice disse isso agarrada ao braço de Sean e com um sorriso sonhador, no final ela até encostou o rosto contra o braço dele.

Sinceramente, se eles não houvessem combinado lá no carro que iam fingir, ele ia achar que ela estava completamente louca. Ele até lhe lançou um olhar de rabo de olho, porque foi pego desprevenido.

– Vai mesmo – ele sorriu para ela e lhe lançou aquele olhar de marido cheio de ideias na mente.

– Para de ficar babando nesse seu marido bonito que ele vai ficar mal acostumado, vem cá pra eu dar uns tapas no seu traseiro – disse Agatha, indo se sentar no sofá perto da janela e fazendo sinal para Beatrice.

– Eu lhe trouxe um bando de presentes – ela disse, indo atrás da avó.

– Acho bom ser aquelas calcinhas caríssimas que você me dá, duram uma eternidade e ainda fico com barriga de quarentona – resmungou Agatha, soltando seu peso no sofá.

Bea fez um sinal para Sean ir se enturmar e ele olhou para Matthew e levantou a sobrancelha, seu cunhado fez um movimento com a cabeça e foi andando lá para trás com ele. Ele havia passado ali para encontrar com Rose e os filhos e depois irem para casa juntos.

– Você sabia que Matt tem ficado de papo no Skype com esse seu marido sem vergonha? – perguntou Rose, sentando na poltrona mais perto do sofá onde elas estavam.

– Ele não é sem vergonha! – Beatrice riu, porque sabia que ele era.

– Claro que é – interferiu Agatha. – Os sem vergonha são os melhores. Se ele não fosse, você não teria ido atrás dele lá para aquela cidade metida à besta.

Belinda entrou novamente na sala, ela havia vindo correndo lá de fora.

– Bea! Estamos com um problema! A casa do jardim está cheia de coisa por causa da reforma na área de serviço. Como vou colocá-los num lugar cheio de caixa e meio poeirento?!

– Mãe... ele não liga pra isso.

– Pelo amor de Deus. Até você vai reparar agora que mora lá naquele triplex. Você vai fazer o Sean ficar lá no seu quarto até tirarmos tudo de lá amanhã.

– Mãe, relaxa! Acredite, nós não damos a mínima. Você vive reclamando por que não aparecemos pra visitar, mas quando chega a hora, fica nervosa?

Esse era o problema com Belinda, ela tinha problemas sérios de não conseguir relaxar se tudo não corresse como ela planejava.

– Tenho que ir pro restaurante ver umas encomendas e contas, volto depois!

Ela já estava alterada com o aniversário de Rose chegando, porque ia ser ali e então Bea chegou com o Ward que sempre deixou Belinda nervosa. E sim, lá em Baltimore, entre a família, eles geralmente não o chamavam de “Sean”. Quando se referiam a ele era o “Ward”, o que Beatrice achava engraçado. Ao menos seus pais e suas irmãs já haviam parado com isso há uns anos, mas vez ou outra ainda saía assim.

– Amanhã eu o coloco pra limpar – Beatrice sorriu diabolicamente.

– Você vai colocar *e/le* pra limpar? Beatrice! – Ela o olhou como se aquilo fosse o oitavo pecado. Para Belinda, ele era a visita, não tinha que limpar nada.

Só que Bea estava se divertindo com a possibilidade de dar um espanador e uma vassoura na mão de Sean e mandá-lo se virar. Se contasse por aí ninguém acreditaria.

– Claro que sim, amanhã damos um jeito – ela piscou.

\*\*\*

Quando terminou de pôr as malas no canto, Sean olhou em volta e colocou as mãos no quadril, apenas observando. Ele nunca havia entrado no quarto de Beatrice na casa dos pais, eles não namoraram ali. Ele só conheceu a versão adulta de Bea, já solta no mundo, morando em outro Estado enquanto fazia faculdade.

– Seus pais não desfizeram seu quarto, isso é tudo que sempre quis pôr minhas mãos – ele já estava olhando uma boneca e interessado numa caixinha de música.

– Sean! Deixa a Dot em paz, ela era uma das preferidas! – Ela foi lá e botou a boneca no lugar. Era uma dessas bonecas que ficavam sentadas na prateleira e que acabam ficando de lembrança depois que os outros brinquedos são doados. – Eu fui a última filha a sair, acho que quiseram deixar. O antigo quarto da Rose é da vovó agora que ela foi obrigada a se mudar pra cá e o da Cherrie, agora é pra hóspedes. Mas o que sobrou aqui foram só algumas coisas.



Ele voltou a se interessar pela caixinha de música e foi andando pelo quarto. Até a colcha da cama era branca com um leve babado, como se uma adolescente que gostasse disso ainda estivesse por ali. E havia nove anos que Bea partira para a faculdade e não voltara mais a morar definitivamente em casa porque casou com Sean.

– Eu gostei mais ainda da sua cama de solteiro – ele comentou, já sabendo que eles iam passar a noite ali.

A cama era uma rainha Anne, daquelas mais largas que usam em hotéis para uma pessoa. Dava para eles ficarem sem problema, mas iam ter que dormir juntinhos, afinal, Sean ocupava um espaço considerável.

Eles desceram para jantar e naquele horário apenas Agatha estaria na casa, mas por hoje Rose ficou também e foi embora logo depois com os filhos. Quando eles subiram, Sean passou um tempo ao celular, resolvendo umas coisas para o dia seguinte, já que tinha deixado outras pessoas para se virarem em sua ausência. Ele tinha bons profissionais ao seu serviço, ninguém ia morrer ou derrubar o prédio porque ele tirou férias por uma semana. É claro que Rico ficou em pânico no início, mas isso era o esperado.

– O que você tanto faz aí dentro? Matando as saudades? – Sean parou na porta do banheiro.

Beatrice estava enrolada na toalha, mexendo em algo dentro do armário sobre a pia, eram três unidades finas e acopladas, com a do meio escondida por trás do espelho.

– Sabia que eu desenhei esse armário quando estava no colégio? Meu pai levou pro marceneiro e ele fez.

Sean se aproximou e olhou o móvel acoplado à parede, esticou o braço e abriu uma das portas.

– Ele é bonito, foi o seu primeiro?

– Sim, gosto dele.

Ele passou as mãos pela cintura dela, por cima da toalha e a segurou contra ele.

– Esse seu banheiro é bem legal. Inédito pra gente também – ele sorriu para ela pelo espelho.

– Nem pensar, Sean – ela lhe lançou um olhar divertido pelo espelho.

Como resposta ele virou o rosto e beijou seu pescoço, aproveitando que o cabelo dela estava preso no alto. Ela pendeu a cabeça e deu um leve sorriso enquanto Sean subia as mãos para soltar a toalha dela. Foi aí que ela escutou o som da água.

– Sean! Olha só, você me distraiu! – Ela correu até a banheira que ficava no fundo do banheiro, acoplada certinho no espaço ao lado do boxer de banho, ambos revestidos com azulejos pequenos e com bordas em um tom claro de cereja. – Transbordou!

Ela fechou a água e ficou olhando para a banheira fina, perfeita para um banheiro de garota.

– Cuidado pra não cair – ele se aproximou e olhou o pequeno estrago.

Bea se virou de repente e colocou as mãos nos quadris e o olhou.

– Nem pense em chegar perto de mim. Você não vai nem encostar.

Ele soltou o cinto e depois puxou a camisa, jogando-a para o lado.

– Eu aceito o chuveiro. Me comporte como um cavalheiro, temos a mesma cama de solteiro pra dormir, lembra?

– Sem chance. Já olhou pra configuração dessa casa? As paredes não são fininhas, mas é tudo perto. Sabe qual quarto fica ao lado desse aqui? Minha avó! Já pensou se ela sequer ouvir o menor ruído estranho e indecente? E você é maldito! Você sempre me faz ser... barulhenta!

Não era preciso dizer que Sean estava gargalhando.

– A porta do banheiro está aberta, alguém no corredor pode até ouvi-lo rir agora. E imagina só se a minha antiga cama de garota solteira e adolescente começar a fazer barulho e tremer o teto sobre a cabeça de alguém lá embaixo? Para de rir, Sean! – Ela brigou com ele, mas estava sorrindo.

Ele foi até a porta do banheiro e fechou.

– Não dá. E eu quero muito te castigar por fugir de Nova York e me deixar pra trás. Mas não consigo parar de rir.

– Nem nos seus sonhos! O único lugar meramente seguro é o banheiro e isso nunca será. Some, você não é confiável!

Se dizer isso já não fosse duvidoso, tudo perdeu totalmente a moral quando a toalha que estava sofrendo para se manter presa

num nó que ela deu sobre os seios, se soltou e caiu aos seus pés. O olhar de Sean acompanhou o tecido felpudo até o chão e logo depois voltou para cima.

– Ah, meu Deus! – ela exclamou e se virou. – Vai pro quarto e... não! Não faz muito barulho lá.

Ele queria mesmo tomar banho, mas queria muito mais se meter em algum tipo de situação prazerosa com ela ali dentro do banheiro, ainda mais agora que sabia que o banheiro era a única alternativa para essa noite. Sean se livrou da calça e ficou nu, para tomarem logo esse maldito banho e ele fazer o que quisesse.

– Você quer um banho, ok, vou te dar um banho – ele a segurou pela cintura e a levou à beira da banheira ainda transbordando com a menor agitação na água.

– Não, para com isso! – Ela tirou as mãos dos seios e segurou nos braços dele, estava com medo de escorregar.

– Você não quer? – Sean a virou de frente e se inclinou para a banheira.

– O barulho... Ai, meu Deus, o barulho!

Ele a colocou dentro da banheira de água morna e ela soltou um gritinho de surpresa.

– Isso definitivamente é barulho, Bea. Shii... – Ele levou o dedo aos lábios e entrou também.

– A gente não dá aqui! Você é muito grande pra minha banheira.

– Claro que dá. Vem cá.

Dava sim, mas de acordo com os planos dele. Bea ficou de joelhos e ele a puxou para cima dele, ela apoiou as mãos nos ombros dele.

– Conhece o banho de xampu? – ele perguntou.

– Eu não acredito nisso, Sean! – Ela riu.

– Imagina se descobrissem que ao invés do seu tal creme de banho metido à besta, hoje você vai tomar banho de xampu comigo – ele apertou o vidro de xampu que havia pegado, porque era o único que ele alcançava dali.

Sean já havia tomado alguns banhos de xampu na vida, era como voltar à faculdade, você fazia essas coisas, meio de ressaca depois do fim de semana, lavando o cabelo e tomando banho ao mesmo

tempo, correndo para chegar a tempo na aula. Por outro lado, Bea sabia da prática, mas sempre se recusou a tomar o tal banho de xampu. Agora, sua hora havia chegado.

Ele agitou a água cheia de xampu e começou a fazer espuma e abriu a torneira novamente, o que com os dois se movendo lá e tudo que já havia derramado, estava transformando o banheiro num lago.

– Você não está fazendo isso... – Ela não conseguiu conter, bem que tentou, mas começou a rir.

Ele se aproveitou disso e começou a dar banho nela, usando a água com xampu, aliás ele derramou mais xampu nela e esfregava, fazendo espuma e lavando o corpo dela. Bea pegou o xampu, ao menos o que restava no vidro e derramou nos ombros dele, começou a esfregar também e logo tudo era xampu, espuma e água morna transbordando.

– Acho bom esse xampu ser pro meu tipo de cabelo – ela brincou.

– Faz diferença?

– Faz!

– Não sei onde...

Ela era totalmente depilada em todos os locais importantes, então, não podia fazer diferença, a não ser que...

– Sean! – ela exclamou quando ele soltou seu cabelo e o molhou

– Para! – Ela levantou os braços o que deixou os seios dela ainda mais bem posicionados à frente dele.

– Deixa, Bea. Nós vamos sair bem molhados do banho de xampu. Você especialmente...

Ele a segurou pela cintura e abocanhou o mamilo dela, chupou devagar e levantou o olhar travesso pra ela. Estava com um leve gosto de xampu, o que o fez sorrir levemente enquanto continuava a carícia com a boca. Bea mordeu o lábio e relaxou contra ele, pegou água nas mãos e molhou o cabelo dele também.

Sean virou o rosto e tomou o outro mamilo na boca, descendo as mãos pelo seu corpo escorregadio, pegando suas coxas e a puxando para frente. O espaço ali era apertado, então ela estava em cima dele, era o único jeito de darem ali dentro juntos. E era exatamente o que ele queria. Bea se moveu contra ele e sentiu sua ereção roçando contra sua virilha. Ela moveu o quadril, o que causou atrito

entre eles e Sean tirou a boca dos seios dela e puxou o ar entre os dentes, fechando os olhos por um momento.

Puxando-a pelo cabelo, Sean capturou sua boca num beijo voraz e cheio de desejo, ela o segurou pela nuca e devolveu seu entusiasmo na mesma moeda. Eles escutaram o vidro de xampu cair no chão ao lado da banheira que continuava colocando água para fora. Ele desceu a mão entre eles e a tocou, esfregando seu clitóris com as pontas dos dedos. Por causa do xampu ela estava super escorregadia, tornando o toque dele fácil e rápido.

Bea apertou a nuca dele, pressionando as unhas, o que o fez dar um daqueles gemidos que saem de repente, por entre os dentes. Ela inclinou a cabeça e gemeu, movendo seu corpo e se esfregando contra ele, sentindo seu ventre escorregar contra o antebraço dele que descia por entre as suas pernas.

– Qual quarto é atrás dessa parede aqui? – Ele se referia à parede que fazia um dos lados da banheira, bem ao lado de onde eles estavam. – Porque você está fazendo esses sons deliciosos e eu quero mais alto.

– Não tem ninguém lá – ela disse num fôlego só e engoliu um gemido, apertando os ombros dele. – Ai, Deus, Sean! – Ela foi para trás, fugindo do efeito que ele exercia nela.

No segundo que seu cérebro funcionou, Bea empurrou a trava da torneira fechando a água, mas já era tarde demais. Ela tentou piscar, mas Sean ficou de joelhos, apoiou uma mão na borda da banheira, pegou o rosto dela com a outra e a beijou, o que a fez esquecer tudo de novo. Ele segurou o joelho esquerdo dela o levantando acima do nível da água e a tocou de novo. Ela jogou a cabeça para trás, apoiando-a na parede e fechando os olhos.

Quando os dedos dele mergulharam no seu interior quente, ela gemeu de prazer. Sentia seus músculos o apertando e não tinha espaço para se mover, mas ainda empurrou o quadril para ele.

– Não queria me trazer, não quer fazer barulho, me quer fora do banheiro... – ele disse baixo para ela, tirando os dedos de dentro dela e circulando seu clitóris e Beatrice chegou a se mover no mesmo ritmo, perseguindo o toque dele – Imagina se eu fizesse tudo que você quer.

– Eu quero... – ela disse baixinho, levantando a cabeça, oferecendo os lábios pra ele.

– Diz – ele se inclinou e deu um beijo sobre os lábios dela.

– Eu queria te trazer... não queria estragar sua agenda... – ela murmurou.

– Se você disser a palavra “agenda” de novo, vou te fazer gritar tão alto que sua avó vai chamar a família toda.

Nem uma ameaça dessas fez efeito, Bea colocou a mão entre eles e segurou seu pau, estava muito duro e precisando de atenção. Ela subiu e desceu a mão, passando os dedos sobre a cabeça macia e massageando, arrancando um gemido dele.

– Foda... – ele gemeu. – Continua.

Ele afundou os dedos curvados nela, retirando-os e penetrando novamente até o fim, cobrindo seu sexo com a palma da mão e esfregando. Bea gemeu o nome dele, mais alto do que gostaria, o que a fez pensar os lábios e causou um sorriso no rosto dele.

– Quer me morder pra gemer baixinho? – Ele a colocou do lado de fora da banheira e saiu também. Agora sim tinham espaço.

O chão tinha virado uma piscina e Bea engatinhou na direção da porta, chapinhando na água. Sean a capturou e a manteve naquela posição. Ele encostou o quadril no dela, subiu a mão pelas suas costas e a segurou pelo cabelo.

– Morde o lábio – ele mandou.

Ela abriu a boca para perguntar “o quê?”, mas ele a penetrou até o fundo, indo com facilidade porque ela estava úmida demais e ele estava tão duro que latejava. Ela deu um gritinho comprido de prazer e surpresa, seus joelhos dançaram sobre a água, mas ele a manteve no lugar. Seus corpos escorregavam por causa do banho de xampu, mas ele a segurou com força, apertando a mão na carne macia do seu quadril e saindo do seu corpo, penetrando tudo de novo.

Dessa vez Bea prensou os lábios, mas no final o gemido escapou baixinho. Ela queria gemer alto, sem controle e descobriu que a obrigação de se conter adicionava ao seu desejo. Mesmo o sentindo escorregar facilmente para dentro dela, também sentia seu corpo preenchido, se forçando a acomodar a grossura dele. Ele segurou

em seu ombro e a manteve no lugar enquanto estocava num ritmo forte que estava difícil para ela conter os sons. Pra ele também, mas seus gemidos saíam mais guturais quando ele os segurava.

– Sean... – ela murmurou – Droga, isso... bem aí! – Ela soltou um gemido junto a respiração e não conseguiu se manter sobre as mãos, apoiou-se nos antebraços e nos cotovelos, tremendo de prazer.

Eles escorregaram, indo para frente, com as metidas incessantes e o chão cheio de água. Já estavam perto da porta, mas acabaram perto demais. Os joelhos dela escorregaram um pouco e ele apoiou as mãos dos dois lados dela, com as arremetidas indo mais para baixo agora, fazendo-a aguentar sem ser empurrada.

Bea colocou as mãos para frente, seus seios estavam pressionados contra a água, sobre o chão, e seus lábios estavam machucados das mordidas. Os gemidos dela estariam bem altos se não precisasse conter, ao contrário disso eram choramingos de prazer, incessantes como o ritmo que ele usava para fodê-la. As mãos dela empurravam a porta a cada vez que ele metia até o fundo e isso acabou se tornando um ritmo. O fato de seus corpos não ficarem quietos por estarem escorregando contribuía para se chocarem.

Pensar em como ele devia parecer agora, todo retesado, com a pele úmida, a um segundo de gozar como um louco dentro dela e se movendo daquele jeito sobre ela, a deixava louca. E pelos movimentos, ele estava fazendo um sério trabalho de quadril ali. Só de pensar nele assim e do jeito que estava a tendo agora, o orgasmo dela explodiu e ela trincou os dentes, cerrando os olhos, emitindo sons baixos e empurrando ainda mais a maldita porta.

Sean deixou escapar um gemido daquele que chega a arranhar a garganta e estremeceu, parando por um momento enquanto gozava. Ele apoiou uma mão nas costas dela, seu corpo instintivamente voltou a se mover devagar, mas ele nem estava ali, estava offline no paraíso, se retesando e relaxando a cada novo jato de sêmen.

As mãos dela ficaram apoiadas contra a porta, estava ofegante, o esforço de conter os gemidos deixava o final mais cansativo. Pouco depois, Sean passou o braço em volta da cintura dela e a puxou para

trás, recostando-a contra ele. Beatrice deixou a cabeça cair contra o peito dele e aguardou até sua respiração se estabilizar.

– Você deixou as marcas que queria? – ela perguntou.

– Com certeza – ele respondeu, com a voz repleta de satisfação.

– E se eu quiser por um biquíni pra ir à piscina?

– Hum... – ele fez um som prazeroso. – Eu adoro admirar minhas obras primas.

– Eu devia te obrigar a secar o chão todo! E sozinho! – Ela deu uma batidinha nele com o traseiro e ficou de pé, pegou outra toalha e se enrolou nela.

Sean levantou e aceitou a toalha que ela estava lhe dando.

– Bea, e aquela história de casal em férias? Depois que eu secar vai rolar de irmos lá para aquela sua cama de solteiro pra eu me enrolar em você? Eu tô muito afim de um pós-sexo, daquele que você também gosta – ele fez uma cara de pedido que dava vontade de bater nele.

Ela ficou olhando para ele e soltou o ar.

– Eu te odeio, sabia? – ela se aproximou dele e se encostou ao seu corpo, levantando as mãos e tocando sua mandíbula enquanto o beijava devagar – Devíamos fazer isso mais vezes. Trocando o xampu por sabonete líquido, claro... – ela sussurrou, contra os lábios dele.

Sean abriu um sorriso daqueles bem satisfeitos e aproveitou que ela estava tão perto para lhe dar um beijo. Beatrice se afastou dele e foi até o ralo, empurrando a trava dele e a água começou a ir embora.

– Vem aqui, precisamos de sabonete de verdade pra nos limpar dessa bagunça – ela disse, apontando para o boxer.

Eles tomaram banho de verdade e logo o chão ficou só úmido, com a água que sobrava se concentrando em volta do ralo.

– Que tal se terminarmos de secar amanhã? Você quer ir pra cama, eu também, então... – Ela entrou no quarto e se enfiou embaixo das cobertas.

Ele a acompanhou e entrou na cama pelo mesmo lado, já que iam ter que dormir juntinhos mesmo.



No dia seguinte, depois de secarem o banheiro na surdina, apesar de ele ter praticamente secado sozinho por causa do seu ótimo caimento, eles desceram como se nada houvesse acontecido. Quando estavam no café da manhã, dessa vez com Nikko, Belinda e Agatha, a avó de Bea virou para a nora e disse:

– Vocês chegaram bem tarde ontem, hein. Escutei uns barulhos quando acordei pra beber água, um negócio batendo, uma porta, sei lá.

Beatrice engoliu o biscoito inteiro e virou metade do copo de suco para disfarçar. Nikko franziu o cenho, sem lembrar de ter feito barulho, exatamente porque achava que já estava todo mundo dormindo. Sean só mordeu sua torrada e lançou um olhar sacana para Bea e depois o desviou para Agatha.

## Capítulo 14

*Poucas coisas na vida me excitam mais do que te beijar até seus lábios tremerem contra os meus, enquanto você goza pra mim, ávida por mais, abafando os seus gemidos de prazer na minha boca, doida por mais um beijo.*

Depois do café, Bea levou Sean até a casa do jardim e eles entraram para ver a tal bagunça que sua mãe havia falado. Como sempre, ela exagerara, havia umas três caixas perto da porta com produtos que foram tirados da lavanderia da casa principal. O lugar só precisava ser espanado e arejado.

– Aqui, Sean – ela deu um espanador na mão dele que olhou para o item e depois olhou o cômodo, mas se virou para ela. – Faça o que com isso, Bea? Dou com ele no seu traseiro? Você não acha que ontem já foi suficiente?

– Não seja engraçadinho! Você sabe como usar. Abre as janelas e espana aqui na sala, depois passa o pano nos móveis que vou limpar a cozinha.

Ele olhou de forma desconfiada para a pequena sala, mas partiu para o ataque. Podia comandar o Grupo Ward, ser responsável pelo emprego de milhares de pessoas ao redor do mundo, sair vivo de operações de resgate e não podia espanar uma sala? Não ia deixá-la ficar caçoando dele por não saber limpar uns móveis. Depois Bea voltou e ao invés de dar um jeito na cozinha, ficou rindo dele e de seus esforços para limpar o móvel da televisão. Ela até tirou uma foto dele com o espanador em ação.

– Eu preciso guardar isso para as minhas memórias! Senão ninguém vai acreditar que Sean Ward espana coisas! – Ela ria.

– Eu acho que faço um bando de coisa que ninguém acreditaria – ele comentou.

– Vou enviar pro Jared! – ela disse, fugindo com o celular.

De tarde eles se mudaram para a casa do jardim que era a casa de hóspedes e algumas pessoas chamavam de casa da piscina. Não fazia diferença, era a casa que Beatrice havia planejado quando ainda estava na faculdade. Foi construída com o auxílio de um amigo arquiteto e ela decorou tudo. Desde então só precisara de retoques externos como calhas novas e reforço no telhado e recentemente havia passado por uma atualização na cozinha.

A casa era pequena, afinal, foi feita na medida para caber no fundo do quintal. Tinha um andar, a suíte ficava na parte de trás, a entrada dava na sala de estar e do lado direito tinha a pequena cozinha com uma pequena mesa de jantar de quatro lugares. Com os espaços bem aproveitados, parecia mais espaçosa do que realmente era. A decoração era uma mistura de cores claras e estilo moderno com tendências vistas em aconchegantes chalés de campo. Segundo Bea, era para honrar a beira da piscina e o jardim.

Na manhã seguinte, Sean saiu do quarto e assim que entrou na sala, escutou um som repetitivo vindo da cozinha que era logo à frente. Ele atravessou o cômodo e assim que entrou, viu Beatrice de frente à bancada, mexendo vigorosamente em algo numa tigela. Ela não o escutou e ele parou por um momento, admirando a vista. Ela estava com o cabelo preso num coque volumoso no alto da cabeça, descalça e usando uma camisa larga do Baltimore Ravens, o time de futebol americano que representava a cidade no campeonato do país. A camisa subia um pouquinho quando ela levantava os braços e por baixo havia só uma calcinha. Na opinião dele era o melhor bom dia do ano.

– O que você está aprontando agora? – Ele chegou por trás dela e encostou o nariz no seu pescoço, puxando o ar com força e depois beijando ali.

– Café da manhã! – ela disse, deixando a tigela sobre a bancada com o batedor dentro. Depois virou o rosto para o lado em que estava o dele e deu um beijinho no ar, só para ele ficar na vontade.

– E o que eu faço? – ele perguntou, olhando as coisas que ela tinha espalhado.

– Hum... – Ela olhou em volta. – Corta os morangos e limpa as framboesas – ela deu um sorrisinho antes de continuar. – Não vai se

cortar com a faca, hein.

Ele riu, parecia até que Bea sabia que ele se entendia bem com objetos cortantes.

– E o que você pretende fazer?

– Torradas francesas! – Ela fez um som de quem achava apetitoso. – Com creme de chantili, morangos e framboesas. Delícia!

– Wow, Bea. E de onde você tirou isso tudo?

– Você viu a cozinha gigantesca lá da casa, não viu? Tenho um pai chef de cozinha, aquele refrigerador duplo tem mais coisa do que deveria. E a dispensa é aquela porta no canto que a gente entra e se perde.

– Você assaltou a dispensa do seu pai? – Ele inclinou a cabeça e gargalhou.

– Se concentra nos morangos! – Ela apontou para ele com o batedor.

Ela mergulhou as fatias de pão no creme enquanto a manteiga derretia na frigideira e depois as colocou para dourar dos dois lados. Quando terminou, arrumou nos pratos e decorou com o creme, os morangos e as framboesas.

– Olha só, o talento corre na família – disse Sean, vendo como havia ficado bonito. Parecia até aqueles pratos que você vê no Pinterest e acha que ninguém realmente faz isso pela manhã. Ao menos no caso dela, havia sido algo fácil e rápido para preparar, bastava ter os ingredientes à mão e saber o que estava fazendo.

– Até parece que eu nunca fiz o café! Lembra quando fiz waffles super decorados? Com banana, chocolate e nozes fresquinhas. Ai...

– Ela revirou os olhos, lembrando de algo gostoso.

– Lembro, humilhou as minhas humildes panquecas do final de semana anterior.

– Ah, elas estavam ótimas!

Bea riu da cara nada convencida que ele fazia e pegou a pequena jarra da cafeteira que por vez só fazia o suficiente para duas xícaras. Nenhum dos dois era excepcional na cozinha, mas era engraçado porque ambos eram bons em receitas de café da manhã.

– Cappuccino? Acho bom aceitar, era o único pó que tinha, era isso ou café puro.

Sean estendeu a xícara, pronto para um pouco de cafeína.

– Eu já disse que adoro torrada francesa? – ele perguntou.

– Não.

– Anota, agora eu adoro. Isso está demais.

– Você só está faminto!

– Dá pra me deixar elogiar? – Ele cortou outro pedaço e comeu.

Beatrice começou a comer, mas catou mais framboesas e colocou em cima, deixando o seu prato super colorido.

– Eu estou tão faminta – ela murmurou antes de colocar outro pedaço grande na boca.

Ele concordou com um som gutural enquanto mastigava, estavam ambos famintos e se ocuparam mais em comer a primeira fatia, ficando mais sociáveis na segunda.

– E então, o que vamos fazer hoje? – Sean pegou sua xícara e bebeu um bom gole do cappuccino.

Beatrice se virou na cadeira e o olhou.

– Nada – ela prensou os lábios, segurando o sorriso.

Sean deixou a xícara e chegou para frente, ficando bem perto dela.

– O quê? Não entendi, não sei o que é não fazer nada... Repete.

– Nada.

– Mentira.

– Declaro oficialmente que estamos de férias por uma semana! – ela anunciou.

– E o que a pessoa faz quando não tem nada pra fazer? – Ele ficou a olhando, com uma expressão desconfiada.

– Nada. Nadinha. Nada, nada, nada, nada, naaaada! – Ela balançava a cabeça e sorria.

– Parece ótimo fazer nada com você – ele a beijou de leve nos lábios e ela devolveu o beijando no queixo.

– Na verdade, além de não fazer nada, vou ao mercado e depois vou dar uma socializada com meus parentes – ela contou.

– Todos eles ao mesmo tempo? – Sean franziu o cenho, lembrando bem da enorme trupe que era os Stravos.

– Nem que eu tivesse um microfone!

– Posso ir?

Ela fez uma expressão engraçada e levantou a sobrancelha direita para ele.

– E desde quando você é de socializar, Sean?

Com o tom dela, ele foi obrigado a rir um pouco.

– Desde sempre.

– Ah, tá! – Ela levantou e levou os pratos à pia, abaixou e enfiou na lava-louça. Abriu a torneira e começou a lavar o que não dava pra pôr na máquina.

Sean terminou o café e levou as xícaras até lá, ele abaixou em frente à máquina e colocou o que levaria.

– Eu sou muito sociável – ele levantou e colocou as cumbucas que ela lavou no escorredor de pratos. – Quando quero, claro.

Ela fechou a lava-louça com o pé.

– Isso é pra me enganar?

– Ei, eu posso ser extremamente sociável – ele a pegou pela cintura e a trouxe para ele, puxando uma toalha e secando as mãos dela.

Bea se virou rapidamente e foi andando, mas ele foi junto com ela.

– Em que situações? – Ela jogou a toalha para cima da cadeira antes de sair da cozinha.

– Bem... eu tenho uma espécie de botão que liga meu lado sociável.

Ela já estava rindo enquanto ia à frente dele.

– Ah, eu tenho um botão que me liga também, mas é mesmo um botão, fico até um tanto descarada – ela disse, totalmente sacana.

– Eu sei onde fica o seu botão – declarou Sean, entrando na dela.

– Não sei se sabe...

– Que tal começar a fazer nada com um banho? – Ele segurou a cintura dela, virando-a na direção do quarto.

– Claro, pra onde acha que estou indo?

– Lá eu te mostro onde fica o seu botão...

– Eu já sou sociável!

– Mas eu prefiro descarada.

Ela escapou dele e se adiantou para o quarto e ele a seguiu.

\*\*\*

Eles acabaram mesmo socializando com quem estivesse por perto da parte da manhã. E como o aniversário de Rose seria amanhã, pelo menos aquele nicho da família estava aparecendo o tempo todo. Nikko carregou Sean por um tempo enquanto levava caixas para o restaurante, assim ele podia pelo menos tentar conviver por uns minutos, sozinho com o marido da sua caçula e botar o papo em dia. Ao menos Nikko não era mais tão desconfiado dos “tais Ward” de quem agora, querendo ou não, era parente. Quando voltou, ele deixou Sean no mercado, onde Beatrice deveria estar.

Sean estava se divertindo com a mudança brusca no seu dia a dia, não só com a parte de passar mais tempo com Bea, mas eram férias. Supostamente, o melhor jeito de viver as férias é, além de descansar, embarcar em uma experiência diferente de sua rotina e era isso que estava fazendo ali. Nada o aborrecia, tudo era uma novidade e um divertimento. Desde bater papos muito doidos com os sobrinhos de Bea, receber conselhos de Rose, deixar Matt sem graça, carregar caixas para o pai dela, ver televisão com a avó dela e até ir ao mercado.

SEAN 16:48: Cacete, Bea. Larga essas compras e vem pra casa comigo, você tá uma loucura nesse short.

Ela pegou o celular de sua bolsa de ombro pequena e de alça comprida e o olhou sem o menor interesse, mas quando leu a mensagem, ela arregalou os olhos e se virou imediatamente, olhando em volta. Beatrice achava que estava muito normal, colocou um short jeans curto e não muito justo no traseiro, com a cintura alta e as beiras destruídas. Adicionou uma blusa leve, com botões e mangas  $\frac{3}{4}$ . E completou com um espadrille de salto que se prendia no seu tornozelo.

Era para ser despretensioso, mas se estivessem em Nova York ela ia ser fotografada para a seção de “roupas de verão” de alguma revista, já que tudo que estava em cima do corpo dela dava para ser

etiquetado pelas blogueiras de moda, eram roupas que estavam na coleção de algumas marcas para a estação quente.

BEA 16:49 Gostou?

SEAN 16:50 São pernas pra um mês inteiro. Acho que fiquei tão louco de tesão que não estou nem aí que você resolveu pôr as joias da família na rua.

Bea riu da mensagem e tornou a olhar em volta.

BEA 16:51 Onde você está? Aparece aqui com um pacote de açúcar.

SEAN 16:52 Estou ocupado imaginando essas pernas em volta da minha cintura.

BEA 16:53 E mel!

SEAN 16:54 Sério? Como se a minha mente já não fosse suja sem ajuda do mel

BEA 16:54 Se trouxer rápido, talvez sua imaginação vire realidade assim que voltarmos...

Ele apareceu um minuto depois com açúcar que teve a sorte de já estar no corredor de onde ele estava a olhando e o mel que foi fácil de achar.

– Você sabe como me controlar – ele disse, colocando as coisas no carrinho.

Beatrice virou de costas de propósito, afinal, o traseiro dela e aquele quadril que sempre acabou com ele, estavam bonitos demais, bem embalados naquele jeans.

– Ainda temos alguns itens antes de voltar – ela avisou.

– Você não me quer testando a resistência desse short na seção de doces. Ia ter jujuba e chocolate pra todo lado.

Ela começou a rir.

– Vamos cair fora daqui em cinco minutos. Meu máximo – ele avisou.

Ela andou à frente dele, balançando o quadril ao ritmo dos passos.



- Imagino que não vamos acabar na cama, não é?
  - Nem pensar, hoje você vai usar bem a chave de pernas.
  - Eu não acredito que estamos falando disso ao lado desse bando de iogurte infantil com esses bichinhos fofos nos encarando! – ela riu.
  - Não estou vendo nada disso. Acabei de perceber que os bolsos desse seu short são de enfeite.
- Ela estava tentando não rir enquanto passavam as compras pela registradora.

Alguém viu os Ward por aí? Eles simplesmente sumiram! Ninguém sabe, ninguém viu! Será que foram se divorciar na Suíça e aproveitaram pra dividir a fortuna em território internacional? Alguém dá conta deles que minha seção Ward está parada! Até a irmã babado dele sumiu depois daquele acidente! Dizem as más línguas que ela foi vista nos Hamptons com um moreno de mandar parar as ondas da praia! Até onde eu sei a mulher não tem pegado nada. Então, se o cara não tava dando um encoxa nela, pode muito bem ser um dos Ward, porque além de dinheiro e escândalo, morenos gostosos são o que aquela família mais produz.

– do famousnewyorkers.com – 327 comentários

\*\*\*

O dia seguinte era um sábado e de manhã a cozinha da casa já estava a todo vapor para o aniversário de Rose. Beatrice deixou Sean respondendo seus e-mails lá na casa do jardim e entrou na cozinha, disposta a ajudar.

– Mãe, cadê a vovó? Achei mais esse pacote pra ela na minha mala – Ela mostrou um pacotinho pequeno e o deixou lá em cima do armário antes de se aproximar do balcão gourmet. – Posso ajudar? Cadê o papai?

– Seu pai foi buscar umas encomendas. Pega a faca e descasca essas maçãs. E sua avó saiu. Aliás, amei meus presentes, já mandei você parar de gastar seu dinheiro me comprando coisa, Beatrice.

Toda hora é FedEx batendo aqui, eu prefiro que ele traga você mais vezes.

Beatrice ficou sorrindo com o tom de reprimenda da mãe.

– Vovó saiu pra onde? – Bea pegou as maçãs e começou a descascar.

– Ah, tinha um compromisso com algum amigo dela. Sabe que sua avó anda com ideia de namorado.

– Vovó? – exclamou Bea, afinal, era sua avó. Nem quando era mais nova ela não quis saber de namorado, queria agora?

– Diz que esse bando de casal na família está a influenciando. Imagina só se ela escutar o que você e esse seu marido andam fazendo.

Beatrice chegou a se engasgar e a maçã quase caiu no chão.

– Como você pode saber o que temos feito?

– Ah, Bea. Soma dois mais dois. Um casal muito ocupado que finalmente sai de férias juntos, o que mais eles podem fazer? – Belinda revirou os olhos.

– Muita coisa! – disse Bea, rápido demais.

Belinda lhe lançou um olhar óbvio e botou os legumes picados dentro de uma das panelas altas de Nikko.

– Então você anda fazendo algo errado. Porque seu pai e eu não somos de alta sociedade nenhuma e nem temos empreendimentos mundiais, mas somos muito ocupados. E sei bem o que fazemos quando tiramos um feriado, um fim de semana, uma folga...

– Não me dá os detalhes, mãe – disse Bea.

– Você gostou de nascer, não gostou? Como você acha que foi? O coelhinho da Páscoa te trouxe numa cestinha de chocolate?

– Não precisa me zoar, mas isso explicaria minha afeição por doces – disse Beatrice rindo – É só que nós temos muitas coisas pra fazer... – E ela não ia confessar à mãe o que andou fazendo no banheiro do seu antigo quarto ou nas duas noites passadas. E em algum momento do dia anterior quando voltaram do mercado. Mais um pouco e eles iam mesmo parecer coelhos. Mas dá um desconto, eles tinham uma mega seca a compensar.

– E com aquele seu marido – Riu Belinda, implicando e rindo ao mesmo tempo – Isso que eu chamo de casar bem. Fico me sentindo

aquelas mães do século dezoito, mas dane-se. Aquelas suas tias metidas à besta, com as filhas mais esnobes ainda e aquelas suas primas com o rei na barriga... esfrego bem na cara delas que você é o máximo e ainda arranjou um bofe que é um arraso. Elas quase morrem! – Ela riu e pegou uma massa que Nikko deixara descansando – Mas não fique se achando tanto, viu? Matt é um dos melhores advogados de Baltimore. Aqui não é glamoroso como Nova York, mas ele está arrasando.

– Eu soube que ele está bombando por aqui! – disse Bea, animada.

– E o Barry até voltou mesmo a cantar, viu? Ainda não gravou nada, mas voltou às apresentações ao vivo. Pequeno ainda, mas ele custou pra resolver. Ele gosta mesmo é de cozinhar no dia da comida do sul – Riu Belinda.

E Cherrie devia ficar para morrer com isso.

\*\*\*

Quando ficou sozinho na casa do jardim, Sean se encontrou com Kevin e atendeu Jared pelo Skype. Eles tinham novas pistas e boas e más notícias. Segundo o garoto com quem Jared conversara e que fora o último que eles resgataram do bando que costumava pegar adolescentes, o mesmo que pegou Sean, eles seguiam com o mesmo ritual de “purificação”. O que deixava Sean arrepiado só de lembrar e ele se esforçou para não deixar as lembranças tomarem sua mente, porque Bea podia voltar a qualquer momento.

Mas estava cada vez mais claro que eles haviam descoberto que Sean, Jared e os rapazes estavam por trás das baixas que vinham sofrendo. Ainda não era certeza, mas pelo que Sean recebera, não podia ser coincidência. Ao menos passar o tempo perto de Beatrice o deixava mais calmo, ele praticamente não a perdia de vista e pelo pouco tempo que se afastava, ela nunca ficava sem Don.

– Sean, o aniversário vai começar às sete... – Beatrice entrou e olhou para eles. – E aí, Kevin, tudo ok?

– Curtindo as férias – ele lhe deu um leve sorriso.

– Jura? Você também? E o Don?

– Passeando com a patroa enquanto está fora do turno – ele sorriu mais.

– Ah, ela veio mesmo! Passeio romântico ou trouxe as crianças?

– Romântico, o cara sabe o que faz – Kevin tinha uma expressão cômica.

– E você, já arranjou algum encontro por aqui? – Quis saber Bea, já informada da fama de garanhão de Kevin.

– Provavelmente já saiu com metade do hotel – comentou Sean.

– Verdade que você já saiu com pelo menos um andar inteiro do GW? Como faz pra entrar lá sem apanhar? – perguntou Beatrice, curiosa.

– Isso é exagero... – disse Kevin, tentando parecer sem graça para ela. – Eu prefiro garotas de departamentos diferentes. O prédio é grande o suficiente.

Beatrice riu dele e foi para o quarto escolher algo para vestir na festa.

\*\*\*

Mais tarde, Beatrice saiu da casa da piscina levando Sean pela mão e de longe viu sua irmã, Cherrie, conversando com uma das suas tias. Ela se virou para ele, ficou na ponta dos pés, se segurou aos seus ombros e o beijou. Tudo bem, Sean estava feliz ganhando beijos inesperados. Só que ela o beijou de verdade, seus braços envolveram seu pescoço e ela aprofundou o beijo, passando a língua pela sua boca e lhe dando aquele beijo bom e excitante.

Quando o soltou, Beatrice o olhou e suspirou, depois virou um pouco o rosto. Ela estava indo muito bem no fingimento público, o problema era que ele não estava fingindo.

– Se você estiver fingindo tudo isso, nós vamos ter um problema – ele avisou.

– Claro que não estou, é só a oportunidade certa – ela disse, tomando o caminho que levava até a piscina, eles precisavam passar por lá para chegar à casa principal.

Ele a segurou pela mão e ela teve que voltar um passo.

– Não estou muito convencido – ele negou com a cabeça.

Ela voltou até ele e lhe deu aquele olhar meigo que ele odiava porque o comprava fácil, ela nem precisava se esforçar muito. Ele até se preparou para não ceder nessa questão, seja lá qual fosse a trama que estava passando pela cabeça dela. Beatrice era um problema, quando não estava ocupada em escorregar das mãos dele, estava o enrolando. Como agora, que estava o beijando de novo, sabendo que isso o distraía.

– Não seja bobo, só estou escolhendo os momentos oportunos para demonstrar minha afeição. E você quer fazer o favor de tirar as mãos dos meus seios!

– Nem percebi – ele disse, mas não moveu as mãos.

– Agora minha irmã vai fazer o favor de comentar no pior momento que você fica pegando minhas partes em público – ela disse, divertindo-se.

– Sua irmã não viu nada ainda.

Ele olhou para baixo, com aquele vestido leve e de alças, ela estava a personificação dos sonhos eróticos dele. Tudo bem que no caso de Sean ela era a personificação de tudo, usando o que fosse. O que não diminuía o quanto ele achava que ela estava atraente naquele típico vestido alegre de primavera.

– Beatrice! – disse Cherrie de lá. – Mamãe quer saber de você... pra variar – concluiu, naquele seu tom entediado. Depois desse tempo todo sem visitá-los, sua irmã ainda continuava achando que a caçula era a queridinha.

*Ai, Cherrie que se danasse* – pensou Bea.

– Mamãe sempre está me procurando, desde que eu era pequena – ela riu. – Quem mandou esperar tanto pra me ter? Minhas irmãs já estavam grandinhas e eu aprontando por aí!

Beatrice riu e o puxou pela mão de novo. Desde que chegaram a Baltimore, o que ele mais fazia era ser puxado por ela e andar atrás dela para cima e para baixo. E estava se divertindo muito com isso. Ia ser um saco chegar a Nova York e voltar a ser esquecido e deixado de lado. Ele não era grudento, até porque a maior parte do seu dia era tomado por compromissos, mas esses dias estavam sendo divertidos como férias deviam ser. E ele com certeza gostava de receber atenção dela.

– Eu imagino que você tenha puxado alguns namoradinhos por esse jardim enquanto sua mãe a procurava – ele disse, acompanhando os passos dela.

– Claro que não! Cherrie teria me dedurado, aquela maldita! – Ela ria e ao invés de levá-lo para o lado da piscina, o puxou de volta à parte de trás do jardim onde ficava a casa onde eles estavam. – Além disso, naquela época aqui atrás só havia árvores e banquinhos.

Beatrice o empurrou para o lado da casa e depois olhou para trás, para ver se alguém tinha os visto voltando. Ela encostou na parede à frente dele e o olhou.

– Agora que estamos sozinhos e não tem parte da minha família vendo você colocar as mãos nos meus seios... – ela começou.

– Se isso não vai terminar com as minhas mãos nos seus seios de novo, acho melhor voltarmos. Eu estou muito atrás dos outros genros na parte de puxar o saco da sua mãe.

– Ela não espera isso de você. Além disso, você já é o preferido da minha avó e isso bate todo o resto. Vovó fala mal do “Roys Royce” o tempo todo – Bea tinha dado esse apelido a Barry por causa do sobrenome dele e Agatha só o chamava assim. – E ela chama o Matt de escovinha até hoje por causa de coisa da época do colégio.

Sean inclinou a cabeça e riu.

– Mas ela também fala mal de mim – ele lembrou.

– Vovó é dessas – concordou Beatrice. – Ninguém escapa.

– Ouvir dizer que você é a neta preferida porque saiu a ela.

– Hum... ouvi dizer que vovó era da pá virada – ela levou as mãos às alças do vestido e as afastou. – Lá nos anos sessenta... imagina só.

Ele sorriu levemente e seu olhar acariciou-a, fazia tempo que não se divertia tanto.

– Época boa. Ela deve ter quebrado corações demais com aqueles olhos.

– Mais do que eu, posso garantir – Bea ainda o olhava como se estivesse a ponto de cometer uma grande travessura.

– Eu acho que meu coração vale por pelo menos uns vinte. E você o despedaça e ainda pisa nos cacos com o salto.

- Pobre garoto... Eis a minha proposta.
- Eu estou de férias, Beatrice. Propostas, só em particular e sem roupa.

O vestido dela era do tipo fácil, isso ele já tinha notado. Apesar disso, sua imaginação não era com ela abaixando a frente e mostrando seu sutiã de renda branca. Quem disse que branco não é sexy? A ereção que ele já sentia discordava firmemente disso.

- Eu deixo você tocar se prometer não fazer isso na frente dos outros.

Para que discutir e teimar que quem estava o beijando na frente dos outros era ela porque escolhia os “momentos oportunos”? Ele levantou as mãos e pegou nos seios dela, os segurando e apertando um pouco, chegando a levantá-los. Bea lhe lançou um olhar divertido e mal intencionado.

- Apressado... – ela provocou.

Sean deu um passo, pressionando-a contra a parede repentinamente e mantendo as mãos sobre seus seios.

- Eu gostei dessa rendinha branca – ele disse contra os lábios dela e a beijou.

Beatrice soltou o vestido e segurou nos braços dele, entregando-se ao beijo e depois soltando o ar contra ele quando sentiu seus dedos acariciarem seus mamilos por cima do tecido do sutiã.

- Te deixa excitada saber que alguém pode resolver dar a volta na piscina e me encontrar com as mãos nos seus seios a qualquer momento?

- Eu não sou assim tão pervertida...

- Ah, não? E o que está fazendo comigo agora? Vou jurar que você que começou.

Ela sorriu e abaixou as mãos dele, recolocando a frente do vestido no lugar, depois deu alguns passos para o lado, vendo se a barra estava limpa, então, o olhou por cima do ombro.

- Vem – ela esticou o braço e ofereceu a mão para ele pegar.

Sean definitivamente ia adicionar isso aos pequenos e belos momentos da vida. Ele deu dois passos e pegou a mão dela, que sorriu para ele e o levou pela frente da casa do jardim que só tinha a porta da frente de entrada. Eles entraram novamente e deixaram a

porta bater. Bea se encostou na parede entre as janelas que davam à área da piscina. Não era grudado, havia uma faixa de gramado separando, mas dava para ver se as cortinas estivessem abertas.

– Eu quero que você toque, mas só aqui – Bea se livrou das alças do vestido.

Ele se aproximou e abaixou a frente do vestido para ela.

– Tira esse sutiã – ele mandou.

– Mas você disse que tinha gostado... – ela até fez um bico para corroborar sua reclamação.

– Adorei. Tira. – Como Bea franziu os lábios para ele, Sean continuou. – Ou eu vou tirar e você sabe que prefiro o jeito mais rápido.

Ela colocou as mãos para trás e soltou o sutiã branco, descendo-o pelos braços enquanto o olhava e sabendo muito bem que isso o provocava ao ir desnudando seus seios lentamente, com a renda branca deslizando devagar, ficando rapidamente presa nos mamilos rígidos e caindo subitamente. Ele nem piscou enquanto a observava, devorando-a com o olhar.

– Só pode pôr as mãos aqui – ela passou os dedos por cima dos seios e os desceu pela lateral. Sabia muito bem que ele adorava ver aqueles mamilos pontudos, apontados bem para ele e pedindo para serem chupados.

Ele se encostou contra ela, prendendo-a contra a parede, segurou seu rosto e a beijou, exigindo espaço imediato, deslizando a língua pela sua e a obrigando a entrar no ritmo do seu beijo. Só depois de tê-la apertando sua nuca e se insinuando contra ele, o que era o sinal que ela já queria arrancar a roupa dele, Sean deslizou as mãos e pegou seus seios. Ele esfregou as palmas sobre eles, sentiu os mamilos protuberantes e os capturou com os dedos, esfregando-os entre eles, beliscando e os mantendo presos entre os dedos até ela ofegar.

– É só isso que você quer? – ele perguntou baixo.

Bea assentiu, ocupada demais com aqueles leves sons excitados que ela produzia e ele gostava. Ela agarrou o rosto dele e voltou a beijá-lo e acabou ficando na ponta dos pés com a coxa dele entre as suas. Sean parou de beijá-la e colocou a mão no colo dela, puxando-



a e a inclinando contra a parede. Ele abocanhou o mamilo dela, chupando-o sem preâmbulos. Bea sentia os seios sensíveis e com o toque quente de sua boca, ela gemeu mais alto e se segurou a ele.

– Nega o quanto você está molhada agora – ele levantou a cabeça para olhá-la.

– Não... – ela murmurou de volta.

– Não? – Sean franziu a testa e encostou os lábios nos dela, deixando um beijo leve. – Preciso trabalhar mais?

– Você não entendeu... – ela murmurou, porque já estava mais do que molhada.

– E você vai ter que se explicar melhor.

Beatrice engoliu a saliva e disse:

– Você está em violação dos nossos termos – ela disse, voltando para o jogo.

Ele riu e moveu o corpo contra o dela, puxando seu vestido para cima e a levantando sobre sua coxa, esfregando-a contra ele, podia sentir a quentura entre as pernas dela, mesmo sobre o tecido da calça. Ele arrancou o maldito vestido por cima da cabeça dela e a segurou pelo pescoço, encostando-a na parede e a olhando daquele jeito que conseguia até deixá-la ofegante. E excitada como já estava, com certeza estava respirando rápido demais com a mão dele sobre sua garganta.

– Você quer que eu brinque com seus seios, quer dizer onde eu posso tocar, decidir que horas vai me beijar e na frente de quem e até quando vai me usar pra ser uma sacana em público pra provocar a sua irmã.

O tom dele a acusava e também enumerava seus pecados, como se fosse lhe dar sua sentença. E Beatrice sequer se deu ao trabalho de negar, na verdade, ela não se mexeu, ele ainda estava a segurando.

– De joelhos – ele soltou o pescoço dela.

– Isso não é um castigo... – ela sorriu e umedeceu os lábios enquanto ficava de joelhos à frente dele e olhava pra cima.

– Agora – Sean abriu a calça e liberou sua ereção ávida e massiva. – Eu quero ver até onde você vai.

– Até o fundo, Sean. Sempre... – Ela lhe deu um sorrisinho sacana.

Ele mergulhou os dedos por dentro das ondas do seu cabelo e a segurou ali, chegou a puxar a saliva enquanto levava a boca dela para o seu pau, ela a abriu e abocanhou a cabeça, chupando-a com vontade. Ele a afastou e ela umedeceu ainda mais os lábios e levantou o olhar quente para ele.

– Abre mais – ele mandou e foi o que ela fez.

Sean devolveu o que ela queria, Bea colocou a mão por cima da dele e começou a chupá-lo, engolindo-o mais e mais e o retirando todo, para recuperar o ritmo. Ela tinha acabado de colocá-lo na boca novamente e o provocava com a língua pela extensão dura do seu pau, quando ele apoiou as duas mãos na parede atrás dela e levantou a cabeça.

– Cacete, Bea. Mais forte, engole até o fundo – ele disse e ela ouviu sua respiração pesada, Sean teve que engolir a saliva para continuar. Ele gemeu, mas esperou até sentir o fundo da garganta dela de novo. – Eu queria saber quão fundo você iria com metade da sua família do outro lado do gramado.

Ela o tirou da boca e arregalou os olhos, mas depois lhe deu um sorrisinho sacana. Sua mão subiu e desceu mais rápido, bombeando seu pau enquanto ela chupava sem parar. Ele não precisava pedir mais nada, ela sabia que estava o segurando quase no ápice e Sean gemeu alto. Ela tocou suas bolas, sentiu-as retesadas, acariciou-as e ele gozou com vontade na sua boca.

Beatrice passou as costas da mão pela boca e lambeu os lábios, pelo olhar dela era fácil ver que estava ainda mais excitada, acabar com ele dessa forma e levá-lo ao orgasmo tinha esse efeito nela.

– Vem aqui – ele a colocou de pé e a encostou na parede, grudando os lábios aos dela e a beijando com vontade. – Fico louco pra te beijar depois que você me faz gozar assim.

Ela lhe lançou um olhar divertido e lhe deu um beijo rápido.

– Você adora me ver de joelhos na sua frente, confessa.

– Adoro essa boca linda em volta do meu pau – ele agarrou o quadril dela e puxou sua calcinha, empurrando para baixo.

Beatrice chutou a calcinha para longe e agarrou a camisa dele, puxando do seu corpo enquanto ele ainda levantava. Ele a puxou para ele, seus corpos se apertando um contra o outro, os seios dela roçando no seu peito forte, os mamilos rijos o enlouquecendo contra sua pele.

– Mente que você não me quer te chupando agora e lambendo cada pedacinho dessa boceta deliciosa, você sabe que eu amo o seu gosto – ele colocou a mão entre eles e seus dedos penetraram entre os lábios do sexo dela, deslizando sobre toda a umidade.

– Não, não, não... – ela gemeu e moveu o quadril contra ele. – Esquece os termos! Por favor!

Ele caiu de joelhos à frente dela, afastou suas pernas e a tirou do chão, levantando-a contra a parede, apoiando suas coxas em seus ombros largos e enterrando o rosto entre suas pernas. Ele enfiou a língua na sua boceta quente e ávida, lambendo-a inteira e abocanhando seu clitóris, chupando-o com vontade, sem lhe dar nenhum tempo para aguentar o choque de prazer que varreu seu corpo.

Era ótimo ela não estar firmando o próprio peso, porque perdeu completamente a força nas pernas e por mais que ele a segurasse, ela fechava os olhos, gemia de prazer e achava que ia cair. Beatrice abriu os braços naquele fino espaço de parede, suas mãos ficaram uma de cada lado segurando no vão das janelas. Era como se estivessem escondidos ali atrás, com todas as pessoas do outro lado. E ela não conseguia parar de gemer e saiu bem alto quando começou a gozar na boca dele.

– Sean! – ela exclamou e deitou a cabeça, ele a tirou dos ombros e segurou seu corpo, trazendo-a para o chão. – Alguém me escutou... – Ela não fazia ideia se escutara, mas achava que estava gritando.

– Não... Você já fez mais barulho que isso – ele a levou para mais longe da janela, à frente do sofá, sobre o tapete. – Mas eu não vou te foder baixinho de novo, Bea.

– Se isso ficar mais sujo e barulhento alguém vai nos pegar! – Ela engatinhou sobre o tapete.

Ele a capturou, deitou-a de lado e se aconchegou ao seu corpo.

– Diz que não me quer – ele mandou e deslizou a mão pela coxa dela, levantando-a.

– Não quero! – Ela virou o rosto para ele.

– Me dá mais convicção, Bea.

– Meu Deus... o que eu faço com você?

Ele deslizou a mão pelo ventre dela, seus dedos brincaram com seus clitoris ainda sensível e ela respondeu imediatamente, se derretendo contra ele, doida pra senti-lo dentro dela.

– Você ainda não disse...

Ela desceu a mão pelo antebraço dele até segurar sua mão e ajudá-lo a tocá-la, isso respondia tudo que ele queria.

– Eu sei que você gosta assim... – ele disse baixo para ela.

– Você tem mais pra mim, Sean? – Ela moveu o quadril contra ele, sentindo seu pau, duro e grosso contra o seu traseiro.

– Tenho muita coisa acumulada pra você.

Ele segurou a perna dela no ar e ficou dentro dela devagar, torturando-a de prazer no processo. Beatrice já não queria mais saber de almoço nenhum, ela nem se lembrava disso enquanto o sentia preenchendo-a completamente. Sean adorava aquela posição, seu pau ia bem no lugar certo, ela ia à loucura e o enlouquecia junto.

Ele passou o antebraço por baixo da coxa dela, puxando-a para ainda mais perto de suas estocadas, ele não parava nem um segundo, mesmo quando ia devagar, só para ouvir aqueles gemidos ultrajados que ela não poderia conter nem para salvar a própria vida.

Beatrice apoiou as duas mãos no chão, cerrou os olhos e seu mundo parecia rodar. Ela mal podia dar conta de si mesma, gritava de prazer e nem era o tipo escandaloso, mas quando chegava a tanto, ele fodia com um sorriso no rosto. Sean podia senti-la retesando sem parar em volta do seu pau. Ela apoiou o pé na coxa dele, porque não tinha força para manter a perna no ar, seus músculos não respondiam. Ele esfregou seu clitoris com dois dedos e ela explodiu em êxtase, gritando e gozando, com uma mão enterrada no tapete e a outra segurando no quadril dele.

Ele tentou segurar, mas ela moveu o quadril contra o dele, apertando-o dentro dela, esfregando-se contra ele, ainda no frenesi do seu próprio orgasmo e ele não durou mais nada, gozou rápido e ela estava tão úmida que ele acabou gozando contra a entrada do seu sexo.

Quando parou de ver tudo embaçado, Beatrice se deu conta que estava deitada sob o tapete, suada e ofegante, seus olhos piscavam devagar e mal podia se mover. Ela escutava Sean respirando atrás dela, ele com certeza estava na mesma situação. Ela deitou a cabeça e o olhou por cima do ombro.

– Isso é tão bom, Sean.

– Bom não chega nem perto de descrever.

Sean passou a língua pelos lábios e deu uma risada quando ela concordou e seu pescoço pendeu, sem forças. Ele estava com aquele sorriso totalmente saciado e satisfeito e era algo tão sexy de ver no rosto dele que se ela não estivesse esgotada ia ficar excitada de novo.

– Já pensou se alguém olhar por aquele espaço da cortina agora?

– Bea sorria, mas ficaria mortificada se algum familiar a visse nua no tapete.

– Por quê? Está com medo que alguém dê uma boa checada nesse traseiro lindo? – ele brincou e deu um tapinha no traseiro dela.

– Não tanto... Já foi melhor – ela fez um bico, mas ainda se divertia.

– Mentira.

– Claro que sim. Sabia que desde aquela época que você me conheceu quando eu tinha só vinte e dois anos, já ganhei uns bons cinco quilos só de traseiro e quadril.

– Puta merda, Bea – Sean pegou o traseiro dela com as duas mãos, uma apertando cada banda, já que ela estava deitada de lado à frente dele. – Então agora você ficou ainda mais gostosa? Eu não tenho saúde pra aguentar isso, também já não tenho mais vinte e seis anos. Estou quase um ancião, bati trinta – ele zoava.

– Ei! Você já aproveitou demais – ela bateu no antebraço dele e moveu o quadril.

Sean passou o braço em volta dela e ficou bem perto, ela até achou que ele ia dizer algo sério.

– Eu também aumentei desde que nos conhecemos, não muito, eu creio, mas se for assim, também ganhei umas medidas.

Beatrice riu dele e apertou seu braço.

– Nossa, Sean... quanta saúde – ela foi apertando os bíceps dele, pressionando seus músculos e subindo até onde alcançava naquela posição. – Acho que você aumentou mesmo, seu sem vergonha! – Ela deu um tapa no braço dele. – Não é a mesma coisa!

– Claro que é. Pensa, somos o casal perfeito. A engorda e o aumenta! – Ele riu.

– Você é ridículo! – Ela encostou a cabeça contra ele e riu. – Vem, agora temos que tomar outro banho e arranjar outra roupa.

Eles ficaram de pé e quando Bea se virou, pegou Sean apenas a observando. Ela franziu o cenho para ele e fez uma cara engraçada, então foi chegando perto, olhando-o como se ele fosse um garoto levado e estivesse aprontando alguma coisa. Só por isso ele se moveu subitamente, sobressaltando-a e a capturou, abraçando-a e apertando-a entre seus braços, para ela ficar ali um pouco. Sean apoiou o rosto sobre a cabeça dela, ao contrário do que ela pensava, ele não estivera planejando nada, só constatando.

Sabe quando uma realização súbita toma a sua mente e você simplesmente se dá conta de algo? Sean tinha acabado de sentir que eles podiam dar certo de novo, de verdade. Dessa vez ia dar, eles iam conseguir recuperar todo aquele tempo e engrenar no caminho que deveriam ter seguido desde o início. E isso era o que ele mais queria na vida. Não ia mais conseguir continuar fingindo, vivendo uma mentira e mantendo as aparências.

Ela era tudo, era a ruína dele, seu motivo, sua salvação, sua razão, a única que conseguia mudá-lo, para melhor ou pior. E ele a queria de verdade, para sempre. E finalmente havia acabado de perceber que iam conseguir. Eles tinham uma chance e a tentativa estava dando certo. E Sean estava feliz de novo, especialmente enquanto ficava ali, abraçado a ela. Há quanto tempo ele não se sentia feliz assim? Não se lembrava, mas Beatrice estava se esforçando como ele e dessa vez, eles iam dar certo.



## Capítulo 15

*Se as segundas chances que você consegue do amor da sua vida não começam com um longo beijo, você está fazendo alguma coisa errada. Se não estiver errando e precisando fazer as pazes com beijos e fodidas selvagens pelo chão, na cama ou onde der, tem algo faltando. Com a gente só funciona assim, não é?*

Depois de tomar banho outra vez, trocar de roupa, fazer outra maquiagem e arrumar o cabelo mais uma vez, Beatrice estava pronta para a festa. Sean tinha ficado na parte de tomar banho, trocar de roupa e pentear o cabelo. E ele estava com um sorriso enorme enquanto contornavam a piscina, divertindo-se com o embarço dela. Só agora ela havia pensado se alguém ia notar que os dois estavam sumidos e demorando demais.

– Ah, a princesinha apareceu. Agora eu já ajudei – disse Cherrie, sentada na bancada da cozinha, terminando de embrulhar bolinhos de brinde.

– Onde você se meteu, Bea? Te chamei há horas – comentou a mãe, sem prestar muita atenção, enquanto passava bebidas para um cooler.

– Eu... fui tomar banho – disse Beatrice, com problemas para inventar uma mentirinha tão boba.

– Ela estava se pegando com aquele marido dela da última vez que a vi, só isso explica um banho tão demorado – disse Cherrie fazendo aquela cara sacana dela que era uma marca sua quando delatava alguém. Ela pegou a bandeja e foi saindo.

– É incrível como você foi a única que realmente veio com o dom pra cozinhar e é a única que não usa pra nada – respondeu Beatrice.



– Vocês duas não vão começar, não é? – A mãe fez aquela cara de que já lidara com isso por tantas vezes que não fazia mais diferença.

Quando saiu, ajudando a mãe com o cooler, Bea viu Sean, Matt e Barry no lado direito do jardim. Barry estava contando algo de forma muito animada, enquanto aquele seu rosto vermelho brilhava, Sean estava lhe dando corda para continuar falando e Matt estava segurando sua garrafa de cerveja, observando com crescente embaraço, seja lá qual era o assunto.

Aos poucos o resto da gangue Stravos de Baltimore foi chegando. A última vez que Beatrice viu todo mundo ali reunido para comemorar alguma coisa foi em sua festa de noivado. No ano passado, quando ela veio para o aniversário do pai, a festa foi lá no restaurante.

– Muito bom, Bel! Faz mesmo essa sua filha chique e rica carregar cooler pra ela não ficar mal acostumada! – disse uma das suas tias que gostava de fazer caçoadas e quando ela chegava todo mundo sabia.

– Já botei pra limpar casa e o caramba – disse Belinda, ajudando na caçada.

– Na verdade, eu botei meu marido pra limpar a maior parte – Bea disse baixo à mãe. – E ele espana muito mal.

– Pelo menos ele tenta! Afinal, ele precisa ter algum defeito.

– Você não faz ideia... – disse Bea, balançando a cabeça ao comentário da mãe.

Elas voltaram para pegar mais coisas e Beatrice nem sabia se ainda tinha prática nisso. Quando era mais nova ela sempre ajudava no serviço de buffet do restaurante, mas deixou de fazer isso desde que foi à faculdade. O Stravos, nome dos restaurantes da rede da família, podia ser fechado para eventos, ficava caro, porque já fazia um tempo que Nikko se tornara um chef conhecido no Estado e isso obviamente refletia no preço para ter o serviço exclusivo da sua equipe. Mas ali na casa, eles trabalhavam para eles mesmos. Se eram tão bons, para que contratar alguém?

– Cherrie continua inútil – disse Bea, depois de arrumar os pratos.

– E nem adianta ela dizer que vai quebrar as unhas porque agora eu

também tenho o mesmo problema e não atrapalha em nada.

Rose apareceu do lado de fora e parou na varanda.

– Atenção, súditos, a aniversariante chegou! – ela anunciou. – Podem começar a colocar os presentes aos meus pés!

Agora estava todo mundo lá e Beatrice se divertiu vendo que as coisas não mudavam muito e para que mudariam?

– Charisse, você já ajudou a mamãe a montar a mesa? Do jeitinho que eu fiz no seu aniversário metido à besta? – perguntou Rose quando passou pela irmã do meio que estava na ponta da mesa, bebendo algo de uma taça e fingindo que era de alguma ajuda.

– Charisse é a sua... – disse Cherrie, estreitando os olhos.

Ah é, o nome verdadeiro da Cherrie – como o pessoal da família chamava – ou Cherry, como ela preferia, era Charisse. Ela odiava que a chamassem assim. Atualmente ela se chamava Cherry Royce – ao menos era o jeito que ela assinava. Ela tinha trinta e um anos – e mentia por aí que tinha trinta, mas estava a ponto de fazer trinta e dois. Ela havia se casado um ano antes de Beatrice conhecer Sean e tinha dois filhos.

– Sua o quê? – Rose colocou uma mão na cintura e fez uma cara cômica. – Se for xingar a minha mãe não vai dar certo.

Apesar do tempo que havia passado, Cherrie ainda se achava por causa do seu casamento com um astro da música country. Sim, a parte do “astro” ficava por conta dela. Barret Royce, conhecido como Barry, teve um mega hit de sucesso. Depois seguiu com uma carreira bem discreta e esteve os últimos três anos bem parado e só agora estava disposto a voltar.

– Cuidado com ela, Rose. Charlene acabou de retocar a raiz, quando ela retoca, você sabe como ela fica – disse Bea, implicando horrores com a irmã.

Elas nunca iam parar de zoar Cherrie por ser a única loira oxigenada do seu lado da família. O problema não era pintar, ela podia ter o cabelo da cor que quisesse, mas na época que pintou, ela disse que era porque combinava mais com a esposa de um famoso músico country. Bea e Rose nunca esqueceriam isso e nem a deixariam esquecer.

E a irmã só havia piorado desde então. Como era a mais baixa das três, ela sempre estava montada em cima de um salto. Atualmente eram mais anabelas, porque o pé dela também não era de ferro. Ela achava um desaforo a caçula ter crescido mais que elas.

Há uns anos, ela adorava esfregar na cara de todo mundo sua boa situação, especialmente de Rose. Afinal, Barry tinha uma boa renda e na época que ele estourou, ele ganhou muita grana e como sempre foi um cara simples, não gastou com nada exorbitante. Era engraçado porque ele quem era famoso e era um amor de pessoa, vivia com aquelas bochechas vermelhas, rindo e adorava cozinhar. Cherrie era antipática pelos dois.

Agora Matt e Rose haviam consolidado suas carreiras. Com aquele seu jeitinho discreto, Matt ainda gostava de dar aulas de direito, mas focara mais no trabalho e como era bom no que fazia, recentemente havia se tornado um dos advogados mais bem pagos de Baltimore. E Rose ia bem no seu consultório, seu livro tinha virado um best-seller sobre relacionamentos. Podiam não estar podres de ricos, mas estavam muito bem, obrigada.

Até onde Beatrice sabia, Cherrie só trabalhava tomando conta dos assuntos artísticos do marido. Parcialmente, porque ele tinha um empresário para fazer a parte pesada.

– Você pensa que só porque ficou mais velha não vou te enfiar o Charlene pela goela abaixo? – perguntou Cherrie para Bea. Ela ainda odiava o apelidinho que a irmã caçula havia lhe dado na adolescência, tudo por causa do seriado “Família Dinossauro” e do Charisse.

Sem contar que Barry, que nunca foi um exemplo de beleza avassaladora, havia ganhado uns dez quilos nesses anos de casamento. Além de cozinhar, ele gostava de comer. Cherrie tinha trabalho para fazê-lo ao menos nadar na piscina da casa deles. Mas ela ainda o achava muito mais sexy do que o fofo Matthew Pearce, marido de Rose. Bea discordava, ela preferia Matt, ele era elegante e discreto, do seu jeito. Mas ela sempre gostou mais de Matt, torcia por ele desde criança.

E elas eram irmãs, claro que comparavam e implicavam umas com as outras. Mas tudo ia bem na dinâmica familiar, com Cherrie que se achava o último biscoito do pacote desde sempre, Rose apaziguando e racionalizando, Bea implicando, distribuindo apelidos e rindo da cara das irmãs e das primas.

Até Bea ficar adulta e mudar seus interesses e casar com Sean Ward. Cherrie não curtiu isso. Sim, ela era competitiva assim. Precisava falar que ele destoava completamente dos outros? Se alguém fosse se sentir deslocado na rodinha, ia sobrar para ele.

Agora era a vingança de Rose. A caçula, que sempre disse que não tinha interesse em casamentos e achava esse papo de namorar muito trabalhoso, tinha casado logo com quem. E Rose morreria, mas não contaria a ninguém dos problemas conjugais da irmã.

– Já está baixando o nível, Miss Sertanejo! – disse Rose para Cherrie.

– Fica quieta, velha! – Cherrie mostrou o dedo à irmã.

Rose se aproximou dela e beijou seu rosto, Cherrie a empurrou, mas sorriu. Era assim, como boa parte das irmãs, implicavam, faziam coisas que não deviam, se odiavam por um tempo e felizmente, independentemente de tudo que haviam aprontado uma a outra, ainda se amavam.

– Sai daqui! – Cherrie disse à irmã mais velha. – Deixei seu presente lá dentro junto com os outros. Não vou por nada aos seus pés!

– Olha só o que eu achei, Bea! – disse Rose, balançando duas revistas que ela havia comprado na vinda. – Mais revistas suas pra minha coleção – ela mostrou a capa de uma que tinha um casal de artistas do cinema em algum escândalo e do lado direito tinha Bea e Sean numa montagem. A outra tinha Beatrice na capa, era o rosto dela, bonito, bem maquiado e daquele jeito que parece de mentira. Era a Cosmopolitan que tinha as dicas de beleza dela, falava bem de seu trabalho e conquistas profissionais e um pouco sobre sua vida. Tinha tudo menos o...

Não deu nem tempo de Beatrice arregalar os olhos.

– Seu divórcio deve estar estampado por todos os jornais e revistas, não é? – Cherrie disse bem alto, de propósito.

Beatrice olhou para a mãe pelo canto dos olhos e se recusou a olhar para as suas tias e primas e quem mais ouviu.

– Está dando golpe de marketing, Beatrice? Pra quê? – perguntou Cherrie.

Como desde pequena ela vivia numa competição com Beatrice, não estava levando a sério essa história de divórcio. Afinal, Sean estava ali e ela mesma esteve reclamando que os dois não paravam de se pegar por aí.

– Boato – disse Beatrice.

– Você sabe como adoram inventar coisas sobre gente rica, bonita e famosa! – disse Rose, alto também, para os outros escutarem e também para alfinetar Cherrie.

Cherrie fechou a cara para ela e Rose virou a Cosmopolitan com o rosto de Beatrice para ela ver.

– Está linda, não é? Alguém nessa família tinha que sair tão bonito assim, vou mostrar pra mamãe – disse Rose, se afastando e estreitando os olhos pra Cherrie, porque ela obviamente jogou o divórcio no ventilador de propósito.

Cherrie bebeu um gole e olhou Bea.

– Onde tem fumaça tem fogo. Achei muito estranho você vir pra cá arrastando seu maridinho, assim, do nada. Só pro aniversário da Rose, sei... – Ela se afastou e foi pegar mais bebida.

Enquanto isso, Sean estava abaixado, ainda na rodinha com Barry e Matt, mas agora ele estava falando com os seus sobrinhos. O que era engraçado de se pensar, afinal, os garotos eram mesmo sobrinhos dele, assim como Tibby era de Bea e a chamava de tia. Os filhos de Rose já estavam há dias o chamando de tio, titio e tio Sean. Ele era uma novidade, crianças adoravam novidades.

Mais tarde, Belinda perguntou a Bea sobre essa história de divórcio e pareceu acreditar quando ela disse que era boato espalhado pelos fofoqueiros. Era feio mentir assim, mas ela ainda não queria mais ninguém sabendo dos seus problemas pessoais. Se acabasse acontecendo, aí ela teria que contar, mas agora não, eles estavam indo bem por enquanto.

\*\*\*

Sean tinha dificuldade em ficar parado, então ele gostou quando eles aproveitaram a tarde do dia seguinte para ir caminhar no píer. Betrice foi guiando, só que dessa vez eles estavam só passeando, aproveitando o fim de tarde, olhando os barcos e simplesmente tirando férias. Só de uma semana, mas era o que tinham. Sean não estava prestando atenção no caminho, estava só aproveitando enquanto ela o levava pela mão.

– Píer Cinco, a melhor vista daqui – ela ficou olhando, mas virou o rosto para ele. – Lembra? – a pergunta foi tímida, como se ela não estivesse certa de que ele lembraria tudo.

Sean virou o rosto para ela e franziu o cenho rapidamente, ele se aproximou dela e beijou seus lábios levemente. Bea correspondeu, chegando perto dele também, encostando o corpo ao dele e o beijando devagar. Ela estava com o gosto do sorvete de morango que estava tomando, ainda bem que ela já comera o suficiente para sobrar apenas dentro da casquinha ou teria o sujado. Algo que Sean não ligaria a mínima.

– Claro que eu lembro, Bea. E eu acho que depois desse tempo todo você ainda não sabe o quanto eu gosto de te beijar.

Ela balançou a cabeça enquanto sorria.

– Agora não é mais um jet lag. Virou uma turbulência duradoura e muito forte, já nem sei o que fazer! Mudou tanto.

– É uma turbulência boa? Talvez tenha só evoluído...

– É bem louca!

Ele apertou-a um pouco mais e tornou a beijá-la. Bea sorriu e se separou dele, dando uma puxadinha na sua camisa para ele também dar mais alguns passos para irem à beira do píer.

– Pelo menos dessa vez eu não te fiz ir ao Aquário e nem andar naquele ônibus que circula a cidade toda.

Ele sorriu e mexeu no bolso, tirando seu celular e mexendo na tela.

– Vira pra mim – ele disse, levantando o celular.

– Fala sério, Sean! – Ela passou a mão pelo cabelo, tentando abaixar o que o vento tirava do lugar.

Ele tirou a foto dela e ficou sorrindo pra tela, depois ficou com o celular em uma mão e levantou a outra para ela.

– Vem cá – ele chamou, dando um passo também.

Bea se aproximou dele e Sean a virou de frente para o celular, esticando o braço que segurava o aparelho.

– Mentira que vamos tirar um selfie! – ela riu.

– Verdade, sorria pra câmera, hoje eu que quero guardar.

Eles olharam para a tela e ela ficou bem recostada contra ele que segurava o celular com uma mão e passava o outro braço sobre o colo dela.

– Ficou boa? – Ele abaixou o aparelho, mostrando.

– Ah, não! Tira outra – Bea passou a mão pelo cabelo e voltou à pose.

Sean saiu rindo mais dela do que sorrindo mesmo para o celular. Ele a beijou no rosto e depois ficou olhando a tela enquanto digitava algo. Beatrice ficou olhando para ele enquanto mordida a casquinha do sorvete e comia o que sobrava dentro.

– Você está postando isso? – ela perguntou, surpresa.

– Claro, por que eu não postaria uma foto das férias com a minha esposa? – Ele olhou pra ela e sorriu levemente. – Você tá tão linda e feliz. Eu vou levar essa pro meu escritório.

– Jura? – Ela se inclinou para ver e acreditar, porque se tinha alguém que não era dado a postar esse tipo de coisa publicamente era ele. Não que eles tivessem tirado fotos juntos nos últimos anos que não viessem de curiosos, paparazzi ou fotógrafos oficiais de eventos.

– Juro e não dá pra ver onde estamos, é só um lugar ensolarado.

Pouco depois o celular dela apitou dentro da bolsa pequena e de alça longa que ela levava, avisando que ele havia marcado na foto.

– Às vezes é difícil acreditar que você tem um Instagram – ela comentou.

– Lá só tem fotos dos meus primos babacas esquiando e coisas do tipo. Mas agora consertei toda a feiura do perfil.

Ela terminou o sorvete e levou a mão à bolsa, mas Sean guardou o celular no bolso e pegou a mão dela antes.

– Você já viu – Ele a trouxe para perto e a beijou nos lábios, antes de mudar completamente de assunto – Lembra das salsichas? – Ele abriu um sorriso.

Beatrice começou a rir, lembrando-se daquele dia e das tais salsichas, as melhores da cidade, segundo ela. Naquele dia ela obrigara Sean a participar de certos programas que não eram muito comuns para eles e os dois se divertiram horrores. Era o terceiro encontro oficial deles, depois de se conhecerem em D.C. e Sean ter ido parar em Baltimore levado por um impulso louco de vê-la.

– Nossas férias ainda não acabaram! Temos mais dois dias pra voltar aqui, quero te mostrar o melhor cachorro quente de Baltimore!

– Feito. Mal posso esperar pra degustação.

Eles caminharam de volta pelo píer, olhando a vista e conversando, voltando para as áreas mais movimentadas, mas eles estavam muito ocupados namorando quando Don se aproximou mais do que vinha fazendo enquanto tinha os acompanhado de longe.

– Acho que alguém os reconheceu, uma moça tirou uma foto quando passaram. É um problema? – ele perguntou, como se os dois estivessem prestando atenção nele e não com seus lábios grudados.

– Até aqui? – Bea franziu o cenho e ficou recostada em Sean.

– Tanto faz – Sean deu de ombros. – Vamos voltar pra casa – ele sugeriu a ela.

– O quê? – Ela levantou a cabeça rapidamente – Você já quer voltar? – A cara de sofrimento dela era ótima.

– Sim, para aquela casinha no jardim que você fez. É nossa casa pelos próximos dias, não é?

Ela abriu um sorriso e o acompanhou.

– Da última vez que fomos embora daqui foi bem diferente. É bom saber que não vamos nos separar daqui a pouco – ele disse.

– Sabe, aquele dia foi... estranho. Até hoje eu lembro que não sabia o que fazer, ou melhor, não queria que você soubesse que eu queria muito poder passar mais tempo com você. Sabe como é, não queria parecer que o desejava demais e fazer a boba que não sabe



lidar com relacionamentos rápidos e casuais. É, eu era bobinha assim.

– Você não era boba. Foi naquele domingo que eu comecei a odiar todos os domingos que viriam depois. Eu entendi naquele dia que queria ficar com você o tempo todo. E isso não era nada normal pro cara que eu era na época. Agora é minha vida – ele tocou o rosto dela e acariciou levemente. – Domingos eram uma maldição. Toda vez que eu tinha que ir embora e deixá-la ou levá-la ao aeroporto, eu ficava destroçado. Eu odiava tanto que ficava deprimido até terça-feira porque na quinta eu já estava feliz de novo, pois ia vê-la na sexta à noite. E sempre queria matar alguém se tivesse que esperar até sábado.

Ela ficou o olhando e pensando que era bem assim, ela contava as horas até vê-lo de novo e tinha vontade de chorar quando terminava. Na verdade, muitas vezes ela ficou se achando uma completa tola. Tinha acabado de ficar com ele, mas quando entrava no avião de volta pra D.C ou o via entrar no carro para ir ao aeroporto e só voltar dias depois, queria até chorar. E era tão idiota, mas não dava para conter.

– Eu já chorei por ter que esperar até sábado... Sabe, sempre havia uma sexta-feira fria e triste, em que eu estava morrendo de saudades e quase desesperada. Mas você só viria no sábado à tarde. Eu odiava os domingos. Até hoje não gosto muito deles.

Sean a segurou pelo rosto e se aproximou dela, trazendo-a para ele também, mas ele a olhou seriamente enquanto a tocava.

– Não me esquece quando voltarmos. Pra mim, todos os dias foram domingos nesses últimos anos.

– Não vou esquecer – ela balançou a cabeça. – Eu prometo. Nunca mais.

O carro parou à frente deles com Kevin ao volante. Sean não perguntou porque os dois seguravam estavam lá, provavelmente algum encontro de Kevin não havia dado certo e ele resolvera vir com Don para passar o tempo.

– Vem, vamos fazer o jantar hoje – ela puxou a mão dele para entrarem no carro. – Viu como conseguimos ser ridiculamente

normais? Estamos até picando legumes em dupla! Quão normal é isso, Sean?

– Muito normal, já que não nos esfaqueamos no processo... – Ele entrou no carro depois dela.

– Não me dê ideias, daqui a pouco vou ficar na TPM, se prepare.

– Sei quinhentas mil maneiras de agradá-la.

– Inclui chocolate e outros doces absurdamente gostosos?

– Com certeza.

Era uma pena, mas eles só tiveram mais dois dias ali, pegaram o voo de volta a Nova York na noite do segundo dia. Nikko fez um jantar de despedida e Bea prometeu voltar logo e disse que nunca mais ficaria tanto tempo sem vir, mas queria que eles fossem visitá-la também para ela poder mimá-los como eles faziam quando ela vinha.

Agatha estava animada para mais um voo pra Nova York, ela adorava uma alteração e quando a levavam ela sempre causava. E passava pelo aeroporto de Baltimore se achando, porque da última vez que ela foi, Sean mandou o jato vir buscá-los. E ele disse que quando ela fosse visitá-los em NY, com certeza ia mandar buscá-la.

Gente! Vocês estão acompanhando o Instagram? Achei os Ward! Estão em algum canto do mundo, sendo lindos e... ROMÂNTICOS? Como assim? Roubei essa foto do Insta do SeanW. Olha ele, lindo agarrado com BeaW num lugar cheio de sol! Perguntei a todo mundo, mas não dá pra reconhecer. Depois BeaW postou no dela uma foto dos dois enrolados em cobertores, sendo os mais fofos do mundo. E assistindo Top Gun! Amoor, aquele homem não vai se divorciar. Bofe que está se divorciando não fica abraçadinho vendo filme velho no TCM! Top Gun, gente! Era todo mundo virgem nessa época! Desenterrou o Tom Cruise quando até ele era inocente! PARA! Cancela o divórcio!!

– famousnewyorkers.com – 668 comentários

\*\*\*

Depois das férias forçadas e de passar esse tempo junto com Sean, parecia que eles já estavam muito além da tentativa que iniciaram há uns meses. Fazia pensar se haviam simplesmente chegado ao momento certo e antes não teria funcionado ou se tivessem resolvido bater de frente antes, já teriam consertado toda essa bagunça sem precisar sofrer tanto.

– Vamos – disse Sean, saindo do closet enquanto fechava a abotoadura esquerda – Acho que esse vai ser o último antes de começarem as festas de final de primavera – ele disse.

Dessa vez, Beatrice ficou pronta antes dele, porque Sean chegara em casa atrasado. Ela ficou de pé e alisou seu vestido, hoje não era um longo, estava com mais liberdade de movimentos, era uma festa informal. Seu queridinho do momento era o estilista Alex Perry, era o segundo evento na temporada que ela ia com um vestido dele. Esse era modificado para ela, em tule e renda, com fundo branco com trabalho negro por cima. A parte branca ia até o meio de suas coxas e a leve transparência negra, toda trabalhada à mão continuava mais um pouco e a parte negra sobre seu colo não tinha nenhum adorno, só cobria levemente sua pele.

Bea havia dito a Sean para manter as mãos longe do vestido dela, pois ela amava a peça, era um trabalho único, personalizado, e se ele a puxasse ia rasgar o delicado trabalho negro. E ele dissera “deixo você despi-lo pra mim quando voltarmos. Prometo”.

Quando chegaram, deram de cara com uma festa animada, pronta para abrir o verão nova-iorquino com animação e estilo, apesar de ainda faltar meses pra estação mais quente. O boato do divórcio ainda estava dançando sobre suas cabeças e as pessoas só estavam esperando o anúncio oficial. Ninguém sabia onde eles haviam se metido nessa semana que passou e eles fizeram um retorno muito discreto; quando os fofoqueiros deram por si, o anúncio que saiu foi da inauguração dos novos espaços da Campanale feitos por Beatrice Ward.

Seria daqui a uma semana e não, eles não estavam todos convidados. Mas as fotos estariam na internet e o hall principal era aberto ao público. O melhor comentário sobre o anúncio foi:

Bem, ela assinou esse trabalho como Beatrice Ward. Então parece que eles entraram num acordo sobre o sobrenome, não é?

Assim que entrou na festa e avançou por entre as pessoas, Beatrice sorria para algumas, mesmo que não lembrasse seus nomes e fingia que não via outras porque sabia o que elas andaram dizendo sobre seu suposto divórcio. Mas ela estava sorrindo e levando Sean pela mão e dançava levemente ao som de Luxury, da Azealia Banks, enquanto dava passos curtos, tentando que ninguém pisasse nos seus saltos Zac Posen.

Sean estava sorrindo levemente enquanto a olhava indo à frente dele e balançando levemente seu braço conforme ela se movia ao som da música que ele desconhecia. Dessa vez ninguém conseguiu pará-lo antes de chegarem a um canto menos populoso, porque ele queria ir junto com ela.

– Isso não é uma festa da Maribel, é? – ele perguntou.

– Não! Ela é muito sem graça pra isso. Pra falar a verdade, eu vim porque a Nina me convenceu com aquele convite bonito.

Como se soubesse que havia sido citada, Nina apareceu perto dela.

– Você veio! – Ela a abraçou rapidamente. – Ainda bem! – Nina se aproximou e disse mais baixo, porque o som não estava tão alto, era uma festa, mas não era do tipo que deixa as pessoas surdas – Fiquei com medo de toda essa história prendê-la em casa. – Ela se virou para Sean – É bom vê-lo também!

– Se você se esconder fica pior – disse Beatrice.

– Maribel não concorda! Você sabe como ela tem andado escondida depois daquele escândalo do Justinho ter enfartando na cama da amante.

Sean começou a rir, ele não conseguiu. Só de lembrar da cara de Justinho e de toda a situação, não tinha como não rir.

– Ela veio hoje? – perguntou Bea, segurando o riso.

– Sim, sei lá onde está. Mas eu acho que ela ficou muito mais danada da vida com você.

– Comigo? – exclamou Bea. – O que eu fiz dessa vez?

– Se divorciou.

– Mas eu não me divorciei! Pra que eu ia trazer meu ex-marido pra festa? Pra ele esmagar minhas chances de pegar alguém? – brincou Bea.

– Eu ainda estou escutando – lembrou Sean.

Bea bateu o ombro nele e continuou conversando.

– Não! Eu sei, mas supostamente está! E esse escândalo abafou completamente a história do infarto do Justinho com a amante. Ela acha que você não a deixa nem ter uma desgraça decente.

– Meu Deus, ela precisa de outro tapa – concluiu Beatrice.

Não foi fácil pegá-los separados como era comum antes, até porque eles estavam fugindo de ter que dizer algo sobre o divórcio. E Bea ficou dançando perto de Sean ao som daquelas músicas que ele em sua maioria não ouvia, mas se divertia vendo-a e até colaborou, mexendo-se no ritmo certo da batida rápida da Trouble do Neon Jungle.

– Viu, não é tão ruim. Você nem está enferrujado – ela caçoou.

– Isso é um elogio?

– Eu devia ter trazido o Hartie também.

– Ele certamente ia dançar bem melhor do que eu – opinou Sean.

– E ele é mais malvado do que você nos comentários.

– Então seria uma diversão a mais pra nós dois. E se eu trouxesse o Rico?

Ela se segurou nos ombros dele e se inclinou, gargalhando.

– Não! Pelo amor de Deus! – Ela riu mais. – Ele ia passar gel no cabelo e tudo!

– E colocar uma gravata lilás! E apertada – Sean sorria.

– Talvez colocasse uma gravata borboleta! – Bea riu mais. – O Hartie ia caçoar tanto dele! E pior, ia chamá-lo pra dançar!

Sean ficou sorrindo e a segurando pela cintura enquanto ela se divertia à sua frente. E se divertia com ele. Era estranho alguém achar que eles estavam para acabar com tudo, logo agora. Era só olhar e como ele ia fingir o brilho nos olhos enquanto a observava rindo.

– Vou circular um pouco, Nina tem um bando de coisa pra me contar e quero ver a cara da Maribel – ela piscou para ele. – Vai lá

zoar um pouco esses seus conhecidos.

– Ok, nos encontramos em trinta? – ele falou, marcando meia hora para voltarem ali.

– Bem aqui – ela combinou.

Beatrice deslizou a mão pelo braço dele, se afastando, mas quando chegou ao seu pulso ele segurou e a impediu, trazendo-a de volta devagar. Ela se deixou ir e se encostou contra o peito dele, levantando o rosto pra ele beijá-la. Sean se entreteu um pouco demais no beijo e eles o interromperam abruptamente por causa de uma luz repentina que lhes chamou atenção, provavelmente um flash de câmera ou celular.

## Capítulo 16

*Posso ter errado pela minha vida toda, posso perdê-la por isso, até aceito que me deixe, eu corro atrás. Mas ninguém vai tirá-la de mim. Não sonhei com você todas essas noites, não beijei seus lábios todas aquelas vezes e nem te amei além do limite da sanidade para alguém tomá-la de mim agora. Não sem o meu sangue.*

Pouco depois, Beatrice encontrou Maribel junto com mais algumas das mulheres que ela conhecia. Nina não estava por lá, mas apareceu logo depois dela.

– Olha só quem veio, pensei que não ia ficar desfilando por aí com todo mundo a perseguindo como se o divórcio fosse um filme. Com tanta gente se divorciando... – Maribel revirou os olhos, fazendo pouco caso.

Beatrice alternou o olhar entre ela e a “companhia” que trouxera. Maribel estava era esfregando na cara de todo mundo seu amante novo e temporário, porque ela sempre arranjava algum para dar o troco em Justinho. E esse era o maior escândalo deles, ela ia ter que arranjar uns cinco para compensar.

– Enfartar na cama também virou algo bem comum – disse Bea. – Você já viu as estatísticas, especialmente entre homens de meia idade que fazem uso de Viagra? Não sei por que todos ficaram tão chocados – o lado direito de sua boca levantou num sorrisinho sarcástico quando terminou de devolver a alfinetada.

Nina colocou a mão na testa e tentou disfarçar, Maribel a fuzilou com o olhar e o acompanhante dela disse que ia pegar outra bebida.

– Eu quero ver se você vai continuar com toda essa pose depois que confirmarem seu pé na bunda. Nem você pode fingir por tanto tempo – Maribel disse baixo.

Quando o rapaz saiu, Beatrice se virou para acompanhá-lo com o olhar e Nina e uma outra mulher também deram uma olhadinha. Ele era muita areia para o caminhãozinho capenga de Maribel, mas também não estava com ela por amor mesmo. Bea se virou lentamente e tornou a olhá-la.

– Ele já fez vinte e um pra poder buscar bebida no bar? Se a mãe dele aparecer aí na porta eu vou dizer na hora que você que o colocou pra dentro – disse Bea.

– Você é insuportável, é bem feito estar passando por isso. Espero que fique pior e você não possa nem sair na rua – disse Maribel.

Beatrice se inclinou um pouco e agora a olhou seriamente.

– Eu sei que você deu aquela declaração sobre o divórcio e sobre eu ser insuportável. Sei o que andou dizendo pelas minhas costas, piorando toda a fofoca. Tenho anotado num caderninho o nome de cada uma que correu pra “declarar” algo. Ou você achou que eu não ia descobrir?

Ela se afastou delas e também foi pegar uma bebida, enquanto estava se afastando com sua taça na mão ela encontrou com Alva. A loira a olhou de cima a baixo e travou o olhar no seu, dessa vez lhe lançando um olharzinho de triunfo. De todas as pessoas insuportáveis que ela conhecia agora, Alva foi a primeira. E sempre a odiou, porque ela costumava dormir com Sean vez ou outra antes de Bea aparecer na vida dele. Era outra que estava no seu caderninho.

Apesar disso, Beatrice já estava acostumada a lidar com elas. Sua maior dor de cabeça era nova na cena. E ela achou que estava vendo uma miragem quando a mulher se aproximou dela. Será que todas as víboras da cidade haviam marcado um congresso ali e ela não foi avisada?

Hoje Chloe estava usando um vestido negro e justo, seu cabelo estava preso para cima, expondo os reflexos mais claros que ela tinha, para avivar a cor. Beatrice tinha deixado o cabelo solto hoje, mas adivinha de onde Chloe pegara esse truque no cabelo? Só que ela usava as suas bem demarcadas, no cabelo de Beatrice mal dava para notar longe dos flashes ou do sol.

– Eu decidi que vou conseguir uma ordem de restrição contra você – disse Beatrice, quando Chloe parou à sua frente.



– Baseado em quê? – ela deu um sorriso convencido. – Teria que contar sobre nosso pequeno desentendimento. E duvido que queira.

– Perseguição, tenho certeza que meus advogados conseguiriam fazer você parecer louca e delirante na frente de um juiz.

– Gostou das fotos?

Beatrice desistiu de se afastar e virou o rosto para ela, olhando-a seriamente. Chloe sacou o celular e mostrou o visor para ela. Ela estava com uma foto que Beatrice não esperava que houvesse vindo dela, até porque Sean tinha certeza que não viera.

No visor iluminado do celular, Beatrice olhava a quarta foto daquelas três que ela recebeu de Sean junto com Joce, a Quinze. Nessa foto ele tinha acabado de levá-la para o carro, foi tirada no exato momento que Joce estava começando a se abaixar para entrar no veículo e Sean estava com a mão no ombro dela. Ainda dava para ver boa parte no número quinze no braço dela, com a parte de baixo da tatuagem já encoberta pelo carro.

– Onde você conseguiu isso?

Chloe não sorriu, só puxou o celular de volta e o guardou em sua bolsa. Bea a segurou pelo pulso e a olhou, seu tom e seu olhar eram ameaçadores agora. Aquilo não era algo para aquela vadia brincar. Não era como fotos de mulheres perto de Sean que ela usava para irritá-la.

– Eu quero saber agora, de onde você tirou isso?

Mesmo com um puxão, Chloe não conseguiu soltar o braço.

– Eu tenho essa e muitas outras das namoradinhas dele – ela disse, a provocando.

– Essa não é uma das suas fotos, de onde você tirou isso? – Ela apertou o pulso dela com força e seu olhar era raivoso e pela sua postura, estava pronta para levar aquilo muito a sério.

Chloe se surpreendeu com a intensidade da reação de Beatrice. Era diferente de quando ela foi até aquele restaurante provocá-la.

– Não vou dizer nada aqui. Me solta, já estão olhando.

– Você vai dizer alguma coisa. Nem que eu arranque junto com seus dentes.

Beatrice a levou para longe da confusão, arrastando-a pelo braço e segurava com força suficiente para suas unhas terem começado a

deixar marcas na pele da outra. Chloe conseguiu se soltar quando chegaram ao fundo do salão do Tribeca Rooftop.

– Coloca pra fora – mandou Bea.

– Você parece bem menos ameaçadora sem um dos seus seguranças – desafiou Chloe.

Elas podiam ter se afastado, mas ainda havia muita gente ali para vê-las, só por isso que Beatrice não a pegou pelo cabelo e deu com a cara dela na parede. Mas ela a segurou mesmo assim e a puxou para perto.

– Não me obrigue. Sem os meus seguranças também não tem ninguém pra me impedir de quebrar a sua cara. Da última vez foi um deles que te salvou.

Chloe se soltou e indicou a saída ao elevador, Beatrice olhou em volta e decidiu ir com ela, ia resolver as coisas com aquela vaca e voltar logo. Sean nem precisava saber, ele pensaria que ela estava presa em alguma conversa com Nina e as outras.

Como já havia se passado quarenta minutos, Sean olhou em volta, procurando Beatrice, ele havia retornado para o local onde marcaram. Aquele lugar não era tão grande assim. E ali dentro, eles nem tinham seguranças para ele procurar o Don aparecendo acima das cabeças das outras pessoas. Seus seguranças estavam lá embaixo, pois o local tinha segurança própria. E sempre que ele estava junto com Beatrice, eles se permitiam um pouco mais de liberdade.

Ele tirou o celular do bolso e mandou um recado no Whatsapp, perguntando a Bea em que local da festa ela estava. Enquanto andava, tentando vê-la e Sean era bom em escanear um local com o olhar e encontrar pessoas com facilidade, ele viu Nina, com quem ele pensava que sua esposa estava.

– Você viu a Beatrice? – ele perguntou, parando ao lado dela e a sobressaltando, porque Nina vivia com esse ar de cabeça no céu.

– Eu... – Ela parou para pensar. – Ela tinha ido beber algo e parou pra conversar com uma moça. Eu até ia chamá-la, mas ela sumiu...

– Nina colocou os dedos sobre a boca e girou no lugar, olhando para

onde ela tinha visto Bea, porque queria falar com ela e ficou a esperando se despedir da conhecida. Mas não a viu mais.

Sean também olhou para o mesmo lugar e franziu o cenho.

Quando elas saíram no estacionamento, Bea estacou e cruzou os braços.

– Aqui está bom, não tenho tempo pra perder com você.

– Eu tenho mais fotos no meu carro. Não precisa fazer essa pose toda pra mim, eu sei dos seus segredos, quer ver as fotos ou não? Está tudo lá, eu não ia chegar numa festa carregando uma caixa – disse Chloe, mau humorada.

– Você não sabe de droga nenhuma, eu só quero saber como você conseguiu as imagens.

Os carros eram arrumados pelos valetes e Sean havia vindo com sua Ferrari negra e fosca que estava ali em algum lugar. Don e Kevin deviam estar no carro ali em frente, ou um dos dois estava no hall e vez ou outra olhando o GPS dos seus protegidos. Beatrice sabia que o dela estava aparecendo onde não devia e esperava que desse tempo de ela resolver seus assuntos com aquela mulher antes que Don aparecesse ali.

O rapaz da entrada do estacionamento pegou a chave dela do painel e ia se oferecer para buscar o carro, mas Chloe tomou dele sem a menor cerimônia e marchou por entre os carros.

– Ali! – Chloe levantou a chave e apertou o botão dela, ouviu seu carro fazer barulho, ela seguiu para lá rapidamente e abriu a porta.

Ela pegou uma caixa que estava lacrada e Beatrice franziu o cenho.

– Mas que porcaria é essa?

– É o que você quer. Deve ter coisas aqui que você não vai gostar. É provável que até eu esteja aqui em poses comprometedoras – ela abriu um sorriso.

– Como assim é provável? Você não viu? – Beatrice avançou para tomar a caixa dela. Ela não queria saber que joguinho Chloe ia fazer agora para jogá-la contra Sean, ela só queria saber como ela conseguira aquelas fotos da Quinze e se havia mais.

No momento que pegasse a caixa que Chloe segurava, Beatrice ia voltar para dentro e chamar Sean, ele precisava ver aquilo.

Assim que Chloe rasgou o laço, as coisas ficaram muito confusas para seguir. Ela caiu de repente e um homem se levantou de trás do carro. Beatrice deu um passo confuso, sem saber se recuava ou se avançava e descobria que merda era aquela. Mas não teve escolha, alguém agarrou seu braço. No susto, ela tentou puxá-lo e moveu a mão no ar, nem deu tempo de soltar um grito ou mesmo um arquejo, alguém tampou sua boca e seu nariz com um pano.

Beatrice parou de respirar e começou a se debater. O topo da sua cabeça acertou o queixo de quem a segurava, ela sabia por que doeu nela e o homem emitiu um grunhido. Ela não conseguia arranhá-lo porque ele estava de luvas e com mangas longas. O homem a puxou pelo braço e lhe deu um soco forte. Ela ainda lutou, mas o soco a deixou zozza e quando o pano voltou a tampar o seu nariz e boca, tudo começou a girar e ao pender a cabeça, Bea viu Chloe caída no chão, com o olhar confuso e chocado e gritando alguma coisa.

Outro homem chutou Chloe na cabeça e ela desmaiou, o que fez Beatrice, com o seu restinho de consciência, lutar para se soltar. E logo as coisas ficaram ainda mais confusas. Ela ouviu estouros e quem a segurava tirou o pano do seu nariz e ele caiu no chão. Ela estava zozza e flutuou para o escuro.

A van manobrou de uma das vagas e parou no lugar certo, com as portas traseiras abertas. Era a van branca que entregara os doces para a festa lá em cima. O homem que dera o chute em Chloe pegou Beatrice e a levantou no ombro, depois a jogou dentro da van.

Don vinha correndo, ele havia atirado e acertado o homem que esteve segurando Beatrice antes, mas outro saiu da van e ajudou o homem baleado a entrar no veículo que saiu cantando pneu, sobre os tiros de Don que estava levando fogo cruzado, porque alguém atirava nele da janela da van.

Assim que alcançou o local, Don analisou a situação em segundos, ele já estava no rádio desde que chegara ali e avistara Beatrice com aquela mulher. Ele pegou as chaves do carro de Chloe,

entrou e saiu cantando pneu, em perseguição a van que levava Beatrice.

O código vermelho apitou com força para todos os seguranças dos Ward. E eles nem tinham conseguido se recuperar do episódio com Tess e Tibby. Kevin tinha que proteger Sean, ou seja, numa situação como essa que havia obviamente sido muito bem planejada, deixar Sean era idiotice. Porque levar Beatrice podia ser só uma distração para tirar a segurança do alvo principal.

Mas ninguém acreditava nisso. E havia exceções. As chances de Kevin estar junto, caso acontecesse algo a Beatrice eram baixas, porque o trabalho dele era com Sean e quem ia tentar levar um deles justamente quando estivessem juntos?

Bem, o dia que a única exceção foi quebrada havia chegado. E as ordens que Sean dera a todos eles era para proteger Beatrice primeiro. E ele estava chegando ao estacionamento, com o coração acelerado, as pupilas dilatadas e o suor frio descendo por suas costas.

Sean estava aterrorizado, quando ele pegou as chaves, suas mãos tremeram. Nada no mundo podia aterrorizá-lo mais do que alguém levá-la. Muito mais do que se o pegassem de novo e, acredite, ele sabia bem o que podiam fazer com ele, porque já estivera lá. Mas ele preferia voltar do que saber que ela passaria por isso. Enquanto manobrava o carro, o 221 que ele recebeu estava marcado à frente de seus olhos em tinta vermelha. Era o número que eles iam tatuar nela. Seria seu número de gado, como o dele.

O GPS primário de Beatrice ficava em sua clutch e havia o do celular, dois lugares que a central de segurança comandada por Marcus podia acessar facilmente. E os sequestradores já imaginavam isso, portanto a bolsa foi jogada pela janela. O que matou o sinal que Don recebia e que estava na tela do carro que Kevin dirigia, perseguindo o sinal.

As pernas dela foram amarradas e eles passaram um pano pela sua boca, amarrando atrás de sua cabeça. Seu sapato era preso no tornozelo, mas o do pé direito saía e estava preso apenas pela tira.

Ela havia batido com a cabeça e o ombro quando foi jogada na traseira da van, mas estava desacordada.

– Onix vai gostar disso – disse o homem que chutara Chloe. Ele não estava nem sequer alterado por estarem em uma van em alta velocidade e sendo perseguidos. Estava acostumado demais a fazer esse trabalho. – É a joia daquele puto.

– Quem tira também perde – disse o outro que levara o tiro no ombro, enquanto se segurava. – Olho por olho, dente por dente.

– Temos que trocar de veículo e entregar o pacote, senão eles vão nos pegar. Eles cobrem toda essa área – disse o outro, que resgatara o cara baleado.

– Se a entregarmos limpinha assim, ele vai achar que pegamos leve.

– Nada... até ele chegar vamos ter tempo com ela. Pena que os filhos da puta que vem pegá-la no barco vão usar primeiro – ele a segurou pelo pano que prendia sua boca e a cabeça dela caiu para o lado, continuava totalmente dopada. – Gostosa essa e já está usada por aquele puto, finalmente uma que já passou dos dezoito. – O cara apertou o seio dela sobre o vestido, o tecido negro já estava rasgado.

– O Ariabata nem está no país pra marcar logo a putinha – ele sacou o canivete, falava do cara que agora fazia as tatuagens e tinha esse codinome porque era ótimo em planejar as probabilidades dos sequestros. – Vamos cortar o número na pele dela pra mandarem a foto do barco. O filho da puta vai ficar doido quando vir!

Eles tinham esse sistema de sempre mandar a prova do sequestro ou uma imagem perturbadora assim que conseguiam fugir com a vítima. A ideia parecia atraente, mas todos eles caíram de seus assentos com a batida que Don deu na traseira da van, lembrando-os de que estava coladinho neles.

– Vai ser depois! – disse o cara que tinha levado um tiro. – Deixa a garota solta, ela vai bater na van, vai chegar lá quebrada o suficiente pra não dar trabalho.

O cara que tinha acabado de amarrar os pulsos de Beatrice atrás de suas costas, a empurrou, soltando-a no chão de metal da van e com o balançar e as curvas, ela começou logo a ser jogada para um

lado e outro, batendo contra o chão de metal descoberto da van e contra as paredes e as botas dos homens. A van era mesmo de carregamento, então na traseira só havia um banco corrido do lado direito para eles sentarem e no resto era só o chão, onde costumavam ficar presos os suportes para as prateleiras de doces, mas eles haviam se livrado disso.

O relógio no pulso de Beatrice, que mais parecia uma joia cara e tinha um mostrador minúsculo, ficou preso por baixo das amarras, mas ele era um GPS emergencial, só rastreava. Infelizmente tinha um alcance menos potente, se a levassem além de Nova Jersey ia ser um problema.

Eles pegaram o túnel Holland que ligava Nova York a Nova Jersey e os carros estavam ultrapassando de longe o limite de velocidade. Quem entrava na frente era jogado para o lado sem pudor. Quando eles saíram do túnel o sinal do GPS no relógio voltou e Marcus começou a informar a todos para onde ir. O helicóptero decolou do topo do GW para dar apoio aéreo, eles só não podiam perder o sinal, porque uma van em meio ao transito de Nova Jersey, era fácil de esconder.

Don e Kevin eram bons no volante e o primeiro estava colado na van, instruindo Kevin que estava num carro mais forte a bloquear o caminho deles e tirá-los da rota. Porque nesse momento eles estavam seguindo, sem controle, se alterassem os planos dos sequestradores, iam conseguir alguma vantagem.

Don os seguiu quando saíram do túnel e eles viraram na Avenida Baldwin. Kevin pegou uma contramão e seguiu a toda, o que quase o matou. Eles viraram na Avenida Newark, nenhuma regra de trânsito estava sendo respeitada. Não fazia diferença se não podia virar, se havia sinal, obstáculos, era contramão ou qualquer outra regra. Eles estavam quebrando todas.

– Atira nesse filho da puta aí atrás! – disse o cara para o outro que estava no banco de passageiro.

Quando fizeram a curva, o cara lascou tiro no Corolla que Don dirigia. O utilitário que Kevin dirigia era a prova de balas, mas Don estava em um veículo comum. Mesmo assim, ele botou a arma para

fora e atirou de volta para acertar o cara do banco de passageiros ou o motorista. Mas tinha que ter cuidado, se acertasse a traseira, corria o risco de matar Beatrice.

Eles desceram pela Newark a toda e o motorista gritou.

– Não vai dar pra trocar no cemitério! O cara está na nossa cola!  
– O outro carro deles estava na porta do cemitério, mas nem deu para chegar lá.

Foi quando Kevin saiu da Avenida Palisade e os três carros se envolveram numa confusão no cruzamento, com os dois segurando atirando no vidro da van. O motorista se abaixou e xingou, mas ele também era bom no que fazia. O cara ao lado atirou de volta e o motorista girou o volante, entrando pela mesma avenida de onde Kevin saía de surpresa.

Sem perder tempo, Kevin girou o carro, levantando fumaça das rodas e agora era ele que estava colado na traseira deles, o que melhorava a situação em relação aos tiros que vinham da van, porque o vidro dele era à prova de balas. Don seguia logo atrás de Kevin, com o Corolla de Chloe cheio de tiros e amassados. Ele sentia a dor do tiro que pegou na sua coxa, mas continuou.

Marcus falava com Sean que acabara de atravessar para New Jersey na Ferrari, ele continuava aterrorizado ao ponto que uma pessoa normal simplesmente ia paralisar ou entrar em parafuso. Pela velocidade que seu coração batia, ele devia estar enfartando. Mas ele entrara em modo resgate. Do jeito que acontecia quando estava pelo mundo resgatando pessoas. E estava em modo destruição também, era tudo ou nada, mas ele não ia deixar que a levassem. Ninguém ia pôr um número na sua esposa.

Os carros subiram pela Avenida Palisade, era tarde, mas ainda havia tráfego nas ruas, suficiente para atrapalhar as duas partes e, pior, colocar em perigo a vida de outras pessoas. Pequenos acidentes aconteciam pelo caminho e carros de motoristas desavisados eram empurrados para fora do caminho deles. Os sequestradores estavam putos, porque eles haviam os tirado de seu curso. Segundo o plano, tinham que retirar Beatrice dali pela água, porque por terra seria bem mais difícil fugir da segurança dos Ward. Depois que se afastassem o suficiente da costa, eles sabiam que



seria difícil segui-los. Mas seu barco estava para o outro lado e Kevin e Don estavam os obrigando a subir pela Palisade.

Um dos caras passou um rádio, mandando o barco subir pelo Rio Hudson enquanto eles conseguiam tempo para fugir e entregar Beatrice na costa.

– Estamos subindo, precisamos pará-los – disse Don, ao rádio. – Eles devem estar no plano B. Mas vão mudá-la de veículo assim que der.

O pontinho do GPS de Beatrice piscava na tela novamente e enquanto Sean olhava para ele, era como ver os pontos do seu coração batendo numa daquelas máquinas de hospital. Porque certamente era para lá que ele iria, independentemente do resultado disso. Ele dirigia muito acima do limite de velocidade da Avenida New York, paralela à Avenida Palisade. Desviando de obstáculos e causando problemas e sustos em outros motoristas. E ele ultrapassara o pontinho, porque seu carro era muito mais veloz.

Era bom ele calcular bem o que ia fazer, porque se errasse, para cima ou para baixo, ia se matar ou acabar matando Beatrice. E na atual situação, ele não estava nem aí se errasse para o seu lado, desde que ela saísse viva. Porque se ele errasse e continuasse vivo, como ia sobreviver ao fato de que haviam a levado e ele falhara em salvá-la?

O helicóptero estava vindo pelo Rio Hudson e confirmando a posição do GPS. Ele só disse que ia parar a van, fez a curva na Rua Monastery Place, pisou no freio no último momento, o carro deslizou, mas ele sabia o que estava fazendo. A lateral da traseira da Ferrari bateu num carro estacionado onde não devia e o alarme disparou, Sean não viu nada disso. O olhar dele estava travado na rua à sua frente, determinado e mortal.

Se eles achavam que iam conseguir levá-la, estavam enganados. Sean não estava dando seu sangue há anos para que tomassem o sangue dela agora. Ele desligou tudo fora da sua mente. Havia começado com isso no cativeiro quando aprendeu que era o que precisava para não enlouquecer e foi assim que saiu vivo. Mas quando começava, só voltava quando terminava a missão. Para salvá-la, ele ia ao inferno e ia voltar sem piscar. Sean continuou

pisando no acelerador e seguindo o ponto na telinha pequena demais. Eles estavam quase no reservatório, Kevin dizia quantos metros faltavam e aconteceu.

A Ferrari saiu subitamente da Monastery PL e acertou em cheio a lateral da van. Foi uma batida rápida, ninguém esperava, chocou todos que estavam passando pela rua e assustou os pobres motoristas que estavam ignorantes do que se passava ali.

Sean não piscou, ele só fechou os olhos no momento que sentiu o impacto e a Ferrari acertou o lado esquerdo da van, fazendo as rodas daquele lado perderem contato com o chão. A van tombou com um estrondo. Kevin bateu o carro atrás, escorando a van e todos quase foram parar dentro do reservatório de água. Don saiu do carro com a arma em punho e se aproximou. Kevin fez a mesma coisa. Sean desceu da Ferrari, o airbag e o cinto de segurança o seguraram bem e a batida não tinha sido tão forte, ele não queria matar Beatrice, mas tinha que parar a van de qualquer jeito.

Só fechar a van não adiantava, porque criaria um impasse e Beatrice seria usada para negociação, ele não queria um impasse, queria uma decisão.

Ele balançou a cabeça e sua visão parou de girar, ele tirou a arma do carro e foi até lá, tão decididamente que não parecia ter acabado de intencionalmente bater o carro na lateral de outro. Se não estivesse tão decidido, estaria cambaleando e agindo de forma confusa, mas no momento era movido por algo muito mais forte. Ele escutou os tiros, era Kevin e Don neutralizando o motorista e o passageiro que saíram pela porta da van que ficou virada para cima.

Mas as portas que importavam eram as de trás. Elas abriram com o chute de alguém e antes que eles se piscassem sob a claridade do poste, Sean apontou a arma e atirou. Ele não queria dar tempo de usarem Beatrice para barganhar a saída dali. Ele não queria saber quem era quem da maldita organização que ele estava tentando fechar há anos. Ele só atirou. E Don apareceu por trás, atirando no braço do outro. Eles não piscavam para puxar o gatilho e nem pensavam em consequências, eles eram treinados para passar por cima disso e agir.

Em resgates nem sempre dava para deixar os sequestradores vivos para entregar à polícia com um pacote de provas de presente, o que não mudava o fato de que eram profissionais. Ao mesmo tempo em que sabiam disso, também sabiam que precisavam deixar alguém vivo para cobrir aquela confusão ali.

Sean se ajoelhou e puxou Beatrice para fora cuidadosamente, ele teve que engolir em seco e respirar fundo duas vezes ou ia pirar. O vestido dela, aquele que ela dissera para ele não puxar, estava arruinado, o tecido negro rasgara todo. A cabeça dela caiu para o lado, sobre o antebraço dele, ela continuava apagada pela droga e agora pela batida, mas estava viva. Vê-la toda amarrada, sangrando e maltratada assim era demais para ele. Sean podia sentir o gosto azedo da bile. Ele lidava com coisas abomináveis, mas com ela, o atingia fundo demais.

A mão dele tremeu outra vez, mas ele segurou a mordação e tirou da boca dela, para ela conseguir respirar. Só para sentir seu corpo todo estremecer quando viu o sangue descer pela lateral da sua boca machucada. Ele tocou seu pescoço e sentiu o pulso. Não estava demorando, levou menos de um minuto para fazer essa checagem, mas ele precisava daqueles segundos para voltar a sentir a própria pulsação.

Só por mais um momento, Sean ficou ali, de joelhos sobre a porta da van virada, segurando Beatrice nos braços de forma protetora, se achando um lixo porque agora era tarde demais para protegê-la.

– A polícia vai chegar – avisou Kevin e sinceramente, quando ele a olhou daquele jeito nos braços dele, até a sua voz saiu um tom acima do normal.

Don abaixou ao lado de Sean e cortou as amarras das pernas e dos tornozelos de Beatrice, para poderem tirá-la dali sem chocar alguém que não houvesse corrido quando viu a batida e escutou os tiros. Sean a carregou para o carro que Kevin viera. Ele nem sabia se a Ferrari ainda estava andando, ela estava com a frente amassada e ele não ia arriscar levá-la naquele carro.

\*\*\*

Lá estavam eles, de volta ao hospital. Foi difícil tirar Sean de perto de Beatrice para os médicos conseguirem socorrê-la. Não era como se ele não quisesse deixá-los cuidar dela, ele simplesmente não conseguia se forçar a tirar os olhos de cima dela. Então ficou ali no canto, olhando tudo que eles faziam e vendo-os expor cada ferimento dela.

Ela estava com hematomas pelo corpo, o ombro deslocado, uma concussão na cabeça, o tornozelo torcido, os pulsos luxados, costelas machucadas, escoriações e arranhões do chão de ferro que era cheio de listras em alto relevo. Alguém havia batido nela, dava para ver pelo seu rosto, Sean conhecia marcas de soco. Seu rosto batera em algum lugar e cortara seu lábio, mas estava viva e sem um maldito 221 tatuado nas costas. Era melhor nem tentar acalmá-lo lhe lembrando do "lado bom". Ele provavelmente voaria no pescoço de quem lhe dissesse isso agora.

Ele ainda estava com aquele olhar assassino, a enfermeira não teve coragem de chegar perto dele. Afinal, ele estava com um machucado na testa, da batida. Mesmo com o airbag, batera em algum lugar, mas quem ia tentar cuidar dele agora?

Ele não estava bem nem para receber os relatórios da sua equipe, mas eles podiam se virar sozinhos, a operação era sofisticada o suficiente. Eles hackeavam sistemas, apagavam imagens de câmeras e substituíam por uma repetição. E o helicóptero seguiu o barco, quando eles saíram do Rio Hudson, foram cercados, mas eram só dois. Os homens da van foram levados para o hospital, não dava para rastrear as armas e eles lidariam com o que viesse depois.

Então a polícia de Nova Jersey ia ter que se resolver com a de Nova York para investigar toda aquela confusão. Porque para abafar tudo, os sequestradores acabaram misteriosamente de volta a Manhattan e eram agora problema do detetive Bosco que não ia abrir mão da jurisdição. O outro lado do rio que se danasse com os acidentes de carro e as infrações de trânsito.

Ia ser uma bagunça, mas os advogados dos Ward já estavam trabalhando e aquela prisão podia ser a condecoração do detetive Bosco. Era só ele trabalhar antes do FBI aparecer, porque pelo

menos um daqueles homens era procurado internacionalmente por sequestro e assassinato.

Era obvio que na manhã seguinte os detetives de Nova Jersey estariam dizendo que os detetives de Nova York estavam sentados em cima do caso. Bosco estava rindo de orelha a orelha, ele acabara de “prender” um criminoso internacional. Ia julgá-lo ali porque o promotor já estava se vendo nas manchetes. Eles iam “sentar em cima” de tudo que desse, não adiantava reclamar.

\*\*\*

Candace chegou ao Mount Sinai e viu o filho esperando. Não havia ninguém o acompanhando porque não podiam chegar perto de Sean no momento. Quando eles colocaram Beatrice no oxigênio e levaram para tomografia, ele conseguiu sentar e se forçar a esperar.

Ele estava com os cotovelos apoiados na mesa, dava para ver seus ombros subindo e descendo, seu coração não voltara ao ritmo normal e seu olhar... Era algo que não podia ser posto em palavras. O tom turquesa estava escuro, parecia estar úmido por emoção, mas estava duro e gelado como um iceberg e ainda assim, queimando profundamente. Direto do ódio que se avolumava até a sua garganta.

Kevin olhou bem para Candace e balançou a cabeça. Ela olhou para o filho, ele era uma ilha inabalável, sentado ali e aguardando, sem pirar ou perder a cabeça. Mas estava tão sozinho agora. Ela não podia deixá-lo assim, mas tinha medo de pôr a mão nele e vê-lo desmoronar como um castelo de cartas.

– Eu sinto muito – ela disse baixo e sentou ao lado dele.

Ele não olhou para ela, mas abaixou a cabeça e encostou a testa nas mãos entrelaçadas que mantinha à sua frente, tão apertadas que as pontas dos seus dedos estavam brancas.

Candace sabia que sua paz havia acabado. Era como voltar no tempo, quando devolveram o seu filho depois daquele sequestro. Ele mudou. E agora estava a ponto de mudar de novo. Ela não sabia exatamente o que ele fazia, mas sabia que fazia. E agora ela também sabia que assim que aquele ódio que o estava dominando

parasse de queimar tanto que o impedia de se mover, ele ia levar isso até o fim. Mesmo que fosse o fim dele também.

– Ela vai ficar bem, Sean – disse Candace. A voz dela saiu fraca, ela não queria perder seu filho. De novo não, dessa vez era ela quem não ia aguentar.

Ele sabia que ia. Assim que ele acabasse com aqueles homens. E com a ameaça que ele era para ela. Ou qualquer outra ameaça. E assim que sua cabeça voltasse a funcionar direito, Sean sabia que ia ter que encarar o inferno para acabar de vez com aquela história. Voltar ao passado era doloroso, mas ele não tinha opção, o passado viera lhe buscar.

## Capítulo 17

*Nenhum dia pode começar melhor do que aqueles em que acordo para os seus beijos no meu rosto. Só me abraça e me pede pra ficar e eu nunca mais vou partir. Mas se eu for seu, dessa vez eu a quero completa, entregue, só minha. E eu nunca vou deixá-la ir.*

Pelo menos dois jatos dos Ward aterrissaram em Nova York naquela manhã. Jared chegou primeiro, porque estava mais perto. A história estava começando a vazar de um jeito totalmente diferente do que realmente aconteceu e era bom que Derek Ward já estivesse na cidade para controlar os danos. E a polícia estava querendo saber o que diabos Sean aprontara com seus seguranças e também os detalhes de como Beatrice se envolvera nisso.

Era aí que entrava Gregory Ward, o advogado de quase toda e qualquer merda que a família se envolvia. Se não fosse a especialidade dele, seria de alguém que ele conhecia ou empregava. Ele parou toda a interferência de promotor e da polícia, ainda nem sabia os detalhes, mas ele era assim. E queria tempo para Sean lidar com isso. A esposa dele mal acordara e os urubus já estavam em cima? Nem pensar. Ele mal pisou em Nova York e acabou com a graça.

Quando Beatrice acordou, Sean sequer estava falando, havia se fechado como uma tumba, para manter seus cacos presos, porque a cola estava começando a dissolver.

– Eu não me lembro de quase nada depois do estacionamento – Bea disse baixo. – Só de flashes confusos. Lembro-me de sentir algo prendendo meus braços. E de não conseguir respirar direito porque algo prendia minha boca. Eu achei que ia sufocar, mas não conseguia raciocinar para me livrar.

Os olhos de Sean estavam presos nas marcas dos machucados no pulso dela. Haviam a prendido com aquelas algemas de plástico, usaram duas, como se ela fosse alguma grande ameaça. E do jeito que prenderam, além do plástico, o próprio relógio dela havia a ferido.

– Tudo bem, já passou, meu bem – Candace apertou levemente sua mão.

– E aí eu comecei a bater de um lado pro outro, sentia gosto de sangue, mas apaguei de novo.

Sean virou o rosto, escutá-la narrar o pouco que lembrava era como ter alguém rodando uma chave de fenda cravada no peito dele.

– Você me tirou de lá, Sean? – ela perguntou, olhando pra ele.

Ela estava com uma droga de um curativo na testa, alguns hematomas visíveis, cheia de remédios para dor, falando com cuidado por causa do lábio machucado e inchado, com o braço imobilizado por causa do seu ombro e lhe lançando aquele olhar confuso e ainda magoado e assustado pelo que passara. E ele queria matar alguém.

– Com o Don e o Kevin... – ele disse, mal abrindo a boca, como se seu maxilar estivesse duro.

– Isso é sangue seco no seu rosto? – Ela continuou o olhando.

Ele balançou a cabeça como se não importasse. Mas ele deveria ser visto por um médico, primeiro porque realmente deve ter chegado perto de enfartar, segundo porque se envolvera numa batida de carro e terceiro porquê... ele não estava bem. Não mesmo.

– Eu vou ligar pra sua irmã – ele disse de repente.

– Não, liga daqui... – ela disse, insegura de ficar sem ele por perto.

Ele puxou o ar e se controlou, chegou mais perto, segurou a mão dela e ficou em silêncio, apenas a observando. Ele estava com o cenho franzido e tentava controlar a própria respiração. Estava a ponto de pirar, mas não queria que ela notasse.

Bea deitou a cabeça e virou pra ele, olhando-o também e sentindo-se segura com ele por perto. Ela até fechou os olhos como se estivesse pronta para voltar a descansar agora que ele estava



segurando sua mão novamente. Ainda estava cheia de analgésicos para dor e a recomendação do médico era repouso total. Sean puxou a coberta e colocou o braço dela por baixo, depois desviou o olhar e deixou sua cabeça pender para trás. Ela sentia-se segura perto dele. E ele sentia-se um merda.

Era culpa dele, ele sabia disso, desde o início. Durou tempo demais, muito mais do que era para durar. Mas ele era fraco por ela, não conseguiu se afastar de vez.

– Você precisa ver um médico – disse Candace, alternando o olhar entre eles.

*Eu preciso matar alguém...*

Sean estava repetindo mentalmente que eles não iam pegá-la, que ele não ia deixar e que agora não ia perder a oportunidade, ia pegar o último que faltava. Mas era só ele fechar os olhos que as imagens inundavam sua mente, ao invés de escutar os gritos da Dezoito, ele escutava os de Beatrice. Quando ficou preso, ele apanhou até a inconsciência em todas as vezes que tentou salvar uma das garotas dos abusos. Eles as levavam exatamente para ele tentar bancar o herói, não suportar os gritos e se rebelar. Assim, eles o disciplinavam também.

E ele estava se sentindo assim de novo. Incapaz, sem força suficiente para impedir que a levassem.

As pessoas ainda tentavam não castigar suas mentes, minimizando abusos, especialmente se não fossem sexuais. Era uma forma de viverem suas vidas sem deixar o terror tirar seu sono. Só a promessa de cometer o ato, todos os dias, várias vezes, é um abuso. Psicológico e moral. Surras de quebrar os ossos e causar desmaios, todos os dias. Escutar o desespero alheio, sentir a dor das garotas sendo estupradas e abusadas de todas as formas para serem “purificadas”. E sem conseguir fazer nada.

Eles tocavam nele, o deixavam sem roupa e caçoavam do seu corpo de garoto de quinze anos, ainda em desenvolvimento. Ele podia ouvir as vozes na sua mente, os gritos das garotas, mas especialmente os da Quinze. E ele já falhara em salvar duas delas. A dezesete morreu logo no final da primeira semana, eles não sabiam

do quê. E a dezoito morreu quando os homens contratados pelo seu pai estouraram o local para resgatá-lo.

Dois sequestradores entraram na cela e sua missão era matar os reféns antes que fossem resgatados. Um bateu em Sean, que ao final das duas semanas já estava machucado demais para lutar e o outro bateu na Quinze até ela apagar. Os homens entraram na cela e atiraram no primeiro, mas o segundo cortou a garganta da dezoito. Sean agarrou o pescoço dela e segurou com força, tentando conter o sangramento. O corte era bem no meio da garganta e ele achou que podia salvá-la. Por mais quebrado que estivesse, ele não soltou a garganta dela até um dos paramédicos da missão entrar e segurar por conta própria.

Tudo isso, para ela não resistir e morrer no hospital. Mas agora a mente dele estava repetindo as imagens e ele só via Beatrice no lugar delas. Com o 221 tatuado em suas costas, no mesmo lugar que ficava o dezesseis dele. Eles destruíram as garotas. E o destruíram também. E ele não conseguia suportar a ideia de terem tocado na sua esposa.

*“Você tem sorte do Killa não estar aqui, ele curte garotas, mas também gosta de garotos bonitos que nem você, na flor da puberdade, bem assim”* – dizia um dos sequestradores, enquanto Sean, depois do banho de jato frio, ainda tremia e cobria suas partes íntimas com as mãos. – *“Mas ele vai chegar semana que vem”* – o homem avisou, sem nem imaginar que três dias depois o cativo seria estourado.

Sean ainda podia escutar a risada dele. O cara usava óculos escuros enquanto dava banho nele na sala do sol, porque era um cubículo embaixo do solo, super iluminado por canhões de luz. Em geral, depois de horas na penumbra, quando eram jogados ali uma vez por dia para o banho de jato que machucava pela força da água, os sequestrados ficavam momentaneamente cegos e não viam de onde vinha a água que os derrubava. Sean havia matado esse cara quando resgatou três adolescentes.

O tal Killa, que gostava de estuprar meninos também, ele já havia matado há anos. Pouco antes de conhecer Beatrice, na verdade.

Havia o encontrado responsável pelo cativo de três garotos. Da pra imaginar o estado que eles estavam quando os tirou de lá.

– Sean? Sean! – Candace chamou.

Os olhos dele, sombrios e selvagens, voaram para o rosto da mãe e ela contornou a cama para ir perto dele, mas ele se afastou. Beatrice tinha acabado de adormecer. Ele soltou a mão dela e saiu do quarto. Kevin foi atrás dele. Don estava fora de combate por hoje, porque tinha levado pontos na coxa por causa do tiro, mas Alvez e Vini ficaram na porta do quarto. Havia mais seguranças espalhados, eles ainda estavam em código amarelo.

Enquanto andava para longe do quarto, ele parecia dominado por um mundo alternativo. *“Faça parar, Sean. Faça parar”* – ele escutava a Quinze dizendo, agarrada ao braço dele. Ele tentava impedi-los de novo, apanhava até a inconsciência outra vez. No fim, quando pegavam a Quinze, ela já nem gritava, só chorava. A Dezoito sempre gritou muito.

*“Quando voltarem pro seu mundinho de privilégios, vão estar purificados”* – dizia o mais velho dos sequestradores, responsável por aquela operação. Esse cara era o mais doido, também estava morto, havia levado um tiro na cabeça em um dos resgates que Sean nem pudera ir. Fora Jared. Eles não iam lá para matar, eles preferiam entregar os caras. Mas esses caras do bando que havia levado Sean e gostavam de fazer o *“sequestro da purificação”*, esses sempre acabavam mortos.

O *“cara mais velho”* era conhecido como Opala por ter paixão por essa pedra e usar joias com elas. Mas ele se chamava Dillon e tinha um braço direito que ficou no comando quando ele morreu. Seu braço direito estava em Washington quando eles resgataram a garota que acabou morrendo no hospital há uns meses. Ele ia matar a garota e Sean se lembrava da voz do maldito como se houvesse acontecido naquele dia. Esse também estava morto, um tiro entre os olhos resolveu o problema e salvou a menina, só para ela também morrer no hospital. Ele ainda não conseguira esquecer essa perda, era recente, havia carregado a garota para fora e mesmo assim ela não resistiu. Ainda podia ver o rosto dela.

Sobrava o irmão do Dillon, Onix, que tinha esse apelido exatamente por causa das pedras do irmão mais velho. E só esse cara podia ter mandado pegar Beatrice. Porque agora que eles sabiam quem estava os derrubando um por um, era olho por olho. Mas Sean queria que ele descontasse nele.

– Chegamos – avisou Kevin, quando pararam na frente do Clarence.

Sean não viu o hall, o elevador, a entrada, nada. Ele andou até o escritório, de onde tinha que telefonar e começar a resolver aquela merda. Mas assim que passou pela porta e ficou completamente sozinho, ele perdeu o controle. Independentemente do que havia na mesa, ele empurrou tudo, coisas se espatifaram e ele bateu a mão ali, rasgou os papéis, quebrou as canetas, os lápis e a régua se partiu, cortando a mão dele.

O sangue fluiu por cima da mesa e ele soltou um urro de dor horrível, daqueles que vinham de um lugar fundo demais, escuro e machucado. Era um som medonho, doloroso e vindo do limite da razão de uma pessoa. As mãos dele tremeram, seu corpo inteiro estremeceu, ele não conseguia suportar a ideia de eles terem colocado as mãos nela. As mesmas mãos que causavam os resultados que ele era obrigado a ver e cuidar em outras pessoas. As mesmas que podem ter tocado nele, na Quinze, na Dezoito... Ele não conhecia os rostos de todos que participaram, só estava derrubando os chefes e quem mais aparecia no caminho.

Ele derrubou o abajur, sujando-o de sangue e a louça da peça espatifou no chão à frente da mesa.

– Sean! – Jared entrou correndo no escritório e nem hesitou antes de ir pra cima dele. – Para com isso!

Jared já lidara com ele, quando ambos eram adolescentes e Sean estava traumatizado demais para suportar emoções. E agora ele estava machucado de novo, tinham que tocar justamente na única pessoa que podia penetrar todas as suas barreiras e fazer seus demônios irem embora.

– Você vai se machucar! – avisou Jared.

Naquele dia, há quase quinze anos, Sean estava fragilizado e fraco e foi mais fácil. Agora ele era um homem, forte e treinado e

quando Jared tentou o controlar, sabia que ia apanhar no processo. Mas esse era o ponto, ele queria minar aquela agressividade destrutiva que seu primo não estava conseguindo abafar.

Eles brigaram, cada vez que Jared tentava o imobilizar, Sean o desarmava e o socava. Jared batia de volta e pelo menos Sean não estava tentando o imobilizar, não era isso que passava pela sua cabeça, ele nem estava realmente pensando. Jared esperava que ele voltasse logo, porque ele era bom o suficiente para brigar de igual pra igual com o primo. Porém Sean não só estava fora de controle, mas por motivos óbvios ele foi muito mais persistente nos seus treinos e tinha desenvolvido uma resistência assustadora para dor física.

– Sean! Ela está viva! Você não falhou – Ele bateu contra a parede quando o primo o empurrou, livrando-se dele. – Cacete! Ela precisa de você!

Sean o derrubou no chão, mas Jared o pegou e conseguiu girá-lo e o imobilizou com os braços e as pernas, prendendo-o a ele, mas Sean estava de costas para ele e por cima do seu corpo. Não era a posição mais favorável, se fosse uma luta real de vida ou morte, Sean conseguiria usar seu peso para inverter. Mas dessa vez ele não fez nada, se deixou imobilizar e Jared soltou um pouco o aperto em seu pescoço.

Eles ficaram parados ali no chão, apenas respirando, até que Jared estava apenas o segurando num aperto de conforto. Agora quem estava borbulhando de ódio era ele, já estava antes, mas agora estava mais. Ele não podia acreditar que depois de tudo que fizeram, depois de todo esse tempo, eles haviam machucado Sean de novo. Ele era seu irmão, primo o cacete, Sean era como seu irmão mais novo. Seu garoto que havia sido destruído há muito tempo e conseguira se reerguer. E Jared não conseguia engolir isso.

Ele sofreu com ele, quis inúmeras vezes que tivessem o levado no lugar de Sean. Ele escutou cada detalhe, foi com ele atrás dos malditos, treinou com ele para ser capaz de continuar no trabalho, chorou ao lado dele, tomou conta dele e o abraçou. Abraçou aquele garoto que voltou com dezesseis anos e tentava não ser uma vítima eterna. E agora isso? Jared decidiu ali que era ele quem ia matar

aqueles putos. Ia acabar com todos eles e ter certeza que Sean teria uma chance de viver longe disso. Quem sabe até ser feliz, do jeito que desse. Não podia ser muito tarde, não ainda.

– Tudo bem? – Jared perguntou baixo.

Sean manteve os olhos fechados e assentiu. Eles haviam acabado de lado no chão e Jared deu uma batidinha de incentivo no ombro dele. Devia ter ido ao hospital ver Beatrice, mas faria isso depois que sua raiva também já houvesse sido controlada. Eles não eram gêmeos, além de sequer serem irmãos, Jared era um ano mais velho, mas a conexão era tão forte que era como se um eco das emoções de Sean o atingissem.

– Acabou, Jared – disse Sean, de repente, apoiando-se nos braços e limpando o sangue da boca.

– O quê? – ele se sentou e o olhou.

– Esse foi o limite. Eu passei esse tempo todo mergulhado num mar de egoísmo. Desesperado pra ficar perto dela de qualquer jeito e continuar sentindo o alívio que ela causa. O perfeito alívio dos meus malditos demônios. Foi tão forte que assim que ela os ultrapassou eu me apaixonei por ela. Sem volta. Sem chance de ganhar a briga contra o que eu sentia por ela. Eu até aceitei esse casamento de mentira só porque precisava vê-la e ficar perto dela em algum momento. Mas agora chega. Eu sempre soube que não poderia tê-la para sempre. Eu só achei que... teria um pouco mais de tempo – ele disse a última frase em profundo lamento e esfregou a palma da mão sobre seu rosto machucado.

– Sean, não vai acontecer – Jared passou a mão pelo cabelo, empurrando-o todo para trás e o olhou seriamente. – Você não vai fazer isso agora.

A decisão foi tomada no minuto que ele soube que ela havia sido levada.

– Da próxima vez eles vão conseguir. Porque vai haver outra vez se eu não parar agora. Não posso acabar com a vida dela, fazendo-a viver presa e com medo. Eu sei o que é viver assim. E eu sei o que eles querem fazer com ela, antes de matá-la, porque não vão devolvê-la, eu sei que não – ele balançou a cabeça quando o primo

abriu a boca. – Não, Jared. Acabou. Há poucas coisas que batem no meu limite e essa é uma delas.

\*\*\*

Sean ligou para Rose e disse o que precisava, antes que vazasse algo e uma versão deturpada chegasse à família de Beatrice. Ele mandou o jato para buscar ela, Belinda e quem mais quisesse vir visitar Bea. Ele precisava que eles cuidassem dela, a apoiassem e a fizessem se sentir segura. Assim que souberam que ela estava no hospital e não deu para mentir totalmente sobre o motivo, apenas ocultar parte dele, os Stravos correram ao aeroporto.

Era muita piração para a mente deles escutar que sua filha estivera num sequestro relâmpago. Era algo fora do mundo deles. E isso era a parte mentirosa, porque só foi “relâmpago” porque a pegaram de volta. Se eles sonhassem com a verdade iam ficar mais chocados do que já estavam. Não dava nem para imaginar o que fariam.

Rose, Belinda, Nikko, Agatha e até Cherrie vieram. A irmã do meio, geralmente odiosa, só ficou lá quieta e segurando a mão de Bea, odiando vê-la machucada enquanto o resto dos Stravos, um tanto barulhentos, distraíam Beatrice. Pelo menos o segundo andar do triplex estava sendo usado, com os quartos de hóspedes ocupados.

Tem algo muito errado acontecendo com os Ward. Eles estão em peso na cidade, até Gregory Ward está aqui. Tem polícia no meio, a Ferrari negra do Sean-W se meteu num acidente em Nova Jersey e Beatrice Ward, pelo que vazou, está no hospital. Eles sofreram um acidente? Porque Sean-W está com um curativo e um hematoma no rosto, deu pra ver nessa foto que tiraram dele hoje! E ele estava com uns óculos escuros que com certeza era pra esconder coisa!

Gente, como que esse babado se catapultou de divórcio para acidente de carro? E o que eles faziam do outro lado do rio? Eles não param de me surpreender, vamos ter que pagar

detetives pra descobrir isso! Porque nunca vi família pra conseguir encobrir tanto babado!

– do newyorklife.com (668 comentários)

– Eu estou bem, podem acreditar. Só um pouco dolorida – disse Beatrice quando recebeu alta e foi levada para casa. Ela também estava chocada, mas como ela não se lembrava de boa parte do acontecido, as consequências mentais não estavam tão traumáticas.

– Eu estou velha demais pra você ficar me dando esses sustos, garota. Eu quase fiz xixi nas calças quando Rose veio com essa história de sequestro relâmpago – disse Agatha, sentando-se numa das poltronas do quarto de Bea. – Até escapou um pouquinho quando ela falou.

– Ainda bem que você tem esses seguranças meio agentes especiais pra te catar por aí – disse Rose, baseando-se no que Sean contara, que era uma versão muito bem editada, que inclusive diminuía a participação dele a só chegar depois e levar Bea para o hospital.

– É, ainda bem... – murmurou Beatrice que podia não se lembrar das coisas, mas ela tinha certeza que Sean estava muito mais metido nisso do que ele dissera.

No dia seguinte a ida de Beatrice para casa, Sean encontrou com Nikko, ele estava trazendo uma bandeja, provavelmente de algo que ele mesmo cozinhou pra filha. Ele a descansou na mesa e o olhou, na verdade, observou seu rosto que ainda estava machucado. Não só pela testa, mas a briga com Jared havia sido pra valer. Não dava para simplesmente ficar mudo, então Sean perguntou a única coisa que realmente lhe importava.

– Ela está bem?

– Melhor – disse Nikko.

O pai dela cruzou os braços, depois os descruzou, tão sem chão quanto ele.

– Está faltando coisa nessa história, não está? – ele perguntou.

Era estranho ficar ali de pé, sob o olhar do pai dela. A outra pessoa no mundo que talvez estivesse mais perto de entender como ele se sentia incapaz.



– Não – e mentir só o fazia se sentir pior. – Bem, eu não entrei em detalhes, mas eles a levaram, prenderam numa van e esse é o resultado.

– Ela disse que você ajudou a trazê-la de volta – disse Nikko.

– Eu a peguei no final... – disse Sean, novamente resumindo.

Nikko passou a mão pelo seu cabelo escuro e depois descansou a mão sobre a boca.

– Não vai acontecer novamente – disse Sean. – Eu não vou deixar que eles toquem nela, nunca mais – era uma promessa pesada, mas ele tinha que prometer isso a ele mesmo também.

O que o pai dela podia fazer? Ele pegou a bandeja novamente e ficou olhando para ele, depois moveu os ombros.

– Eu não posso mais levá-la embora, fechar a porta de casa e escondê-la embaixo das minhas asas. Essa época já passou, eu só posso... – Ele soltou o ar. – Nunca vi minha filha machucada assim, nem quando era pequena e caía de bicicleta na frente de casa e se esfolava toda. E eu tenho certeza que há muito mais que não sei.

– Não vai acontecer. Eu prometo que ela vai ficar segura – Sean empurrou com a ponta dos dedos a pequena terrina da bandeja que estava quase caindo.

Eles ficaram mais uns dias com ela, pelo menos até Bea parecer bem o suficiente aos olhos dos pais e seu ombro parar de doer. Hartie era presença constante no triplex, Terry e Elis também a visitavam sempre.

Os Stravos voltaram para Baltimore, mas Rose ficou pra trás por mais dois dias para ficar de olho na irmã. Ela e Hartie eram as melhores companhias para alguém se recuperando e precisando se distrair. E depois daquela festa da Fendi, Hartie já tinha galinhado um bocado por aí, tinha ficado na fossa porque aquele modelo lindo da festa o largou, então resolveu pegar uma gata, para mudar de ares.

– Eu sei que entendo do negócio – disse Rose. – Tenho vários casais homossexuais para aconselhar e dar jeito no relacionamento. Mas como que essa tal loira espetacular não para de te ligar, doida

atrás de você? Eu quero te apresentar pra um conhecido meu que seria seu par perfeito. Mas ele é um cara.

Hartie moveu a mão no ar como se aquilo fosse normal.

– Querida, eu sou gato – ele jogou seu cabelo loiro pra trás. – Gostoso – ele desceu as mãos pelo corpo. – Malhado – mostrou sua barriga chapada e apontou para os seus bíceps. Hartie era esguio, mas com músculos definidos. – Meu babado funciona – ele fez um movimento no ar e os indicadores apontaram para a frente da sua calça. – E eu sei muito bem onde enfiar. O mercado está brabo, não tá dando pra dispensar nada. Nem gato bi que nem eu. Elas me catam!

– Hartie, você é quase uma lady – disse Bea, do sofá, rindo de todos os movimentos dele.

– Sei usar bem a boca também, amor – ele piscou pra ela.

– E eu jurava que você estava caidinho por aquele cara da festa da Fendi! – disse Bea.

– É, do jeito que o negócio está, acho que até eu te pegava se não te conhecesse – disse Elis que hoje havia vindo com ele para visitar Bea.

– Eu não te pegava não, mocreia! Sei todos os seus podres! Conheço todas as bocas que andaram aí nos seus países baixos. E pior! Os pirulitos que você andou chupando! Não quero! – disse Hartie, fazendo cara de terror e causando gargalhadas.

– Todas uma pinoia! – disse Elis.

– Ah, é. As cinquenta que passaram aí antes de eu te conhecer eu não vi. Mas as cinquenta que passaram depois...

– Que mentira! Eu também conheço seus casos, sua piriguete de dois gumes! – acusou Elis.

Os dois começaram a se alfinetar e jogar os podres um do outro no ventilador, o que deixava tudo bem mais engraçado.

\*\*\*

Uma das coisas que Beatrice queria saber era por onde Sean andava. Ele não havia desaparecido da face da Terra, mas também não estava por lá. Ele arranhou tudo que ela precisava, ela estava

sendo mimada até demais e com certeza tinha companhia constante. Não ficou sozinha por nenhum dia, só quando ela queria. Jared havia a visitado e ele estava estranho. Ele a olhou com sincero pesar e disse:

– Eu sinto muito que você tenha passado por isso. Nós vamos dar um jeito, ok?

Com “dar um jeito” ele queria dizer que iam atrás dos caras que a pegaram? Mas eles não estavam presos ou mortos? Gregory manteve a polícia longe dela, mas a assistente do promotor a visitou e ela disse que não se lembrava de nada depois do estacionamento. O que a levou de volta àquela vaca da Chloe.

Só que Chloe não sabia exatamente no que havia se metido. Quando lhe deram aquela foto e lhe prometeram todas as outras, ela só queria infernizar a cabeça de Beatrice e separá-la de Sean. Ela se meteu num esquema muito bem montado sem fazer ideia que ia sobrar para ela. O que não a eximia da culpa, mas ela também foi parar no hospital com alguns machucados e uma concussão feia na cabeça que se mostrou mais séria do que parecia. Aquele cara havia chutado a cabeça dela para matar e era sorte ela estar viva. E estava sendo investigada como cúmplice.

Dessa vez era bem provável que eles nunca mais a vissem, ainda mais com a ordem de restrição que Gregory conseguira. E ele não ia parar aí, ia colocá-la na cadeia como cúmplice, não queria saber se não conseguiria a pena completa por causa de certos atenuantes que o advogado dela exploraria. Ele ia colocá-la atrás das grades por um tempo considerável. Você não simplesmente ajuda num sequestro, se associando a criminosos internacionais, com as consequências que toda a operação teve e sai andando por aí. Não no turno dele.

Ainda havia os danos que ficaram após aquela perseguição louca, carros danificados, patrimônio público destruído e até pessoas feridas. Felizmente nada sério. Sean tinha decidido pagar pelos danos aos veículos dessas pessoas que não tinham nada com o que aconteceu e também as multas pelos danos públicos. E Gregory estava trabalhando com o promotor por esses acordos sigilosos de indenização. Eles iam pagar os danos, mas isso significava que

processos e perguntas sobre o que aconteceu, ficavam fora da mesa. Era pegar ou largar.

Enquanto isso a mídia tentava cavar a história e Derek estava literalmente usando cada segundo de estudo e experiência que ele teve na vida, além de muito charme, propina, ameaças e contatos para manter tudo bem coberto. Sua estratégia atual de soltar a fofoca que ele preferia estava dando certo. Sequestro relâmpago era um termo generalizado, sem detalhes e que virara uma febre. E mesmo assim, era um boato que não dizia nada.

– Você está bem? – Sean perguntou a Bea, quando ela acordou e o encontrou sentado na beira da cama dela.

– Sim... – Ela pausou e ficou o olhando, mas Sean já estava sentado ali há mais de quinze minutos e continuou em silêncio. – Vou voltar ao escritório amanhã.

– Não é muito cedo?

– Já faz duas semanas, Sean. Eu tenho projetos para entregar, ficar fazendo trabalhos daqui não é a mesma coisa.

Ele não estava pronto para vê-la de volta às ruas, mas como ele mesmo dissera, não podia acabar com a vida dela, prendendo-a e deixando o medo dominá-la.

– Tudo bem...

– Por onde você tem andado?

– Bem aqui.

– Não, Sean. Você... no que você está metido?

– No meu trabalho.

Ela se sentou na cama e ficou olhando para ele.

– Em qual deles? Depois do que aconteceu, eu acho que você deveria me dizer a verdade. E dessa vez, a verdade mesmo. Don levou um tiro, Kevin foi interrogado, você apareceu todo machucado, alguns daqueles caras morreram, Jared disse que não podia me dizer nada até você falar... Vocês me trouxeram de volta, não foi assim tão simples.

– Não, Beatrice, chega. Isso já foi longe demais com você.

– Eu sei que você está me escondendo coisas sérias. E você não acha que eu mereço saber? Que diferença vai fazer agora, Sean? Seja lá o que for, já me tocou. Eu quero saber.

Ela não fazia ideia de como acabava com ele ouvi-la dizer que fora “tocada” pelos seus demônios. Era irônico porque, desde o início ela havia sido, desde a primeira vez que ele a tocou.

– É verdade, ao ponto em que chegamos, você precisa saber por que teremos de mudar umas coisas. E a sua segurança também. Acho que apesar de tudo que fizemos e dos erros que cometemos, eu deixei que isso me afastasse mais e mais de você ao longo dos anos.

Ela ficou olhando para ele, esperando para saber o que ele tanto escondia dela. Apesar de que, a essa altura e com o tempo que ela teve ali na cama para pensar no assunto e lembrar tudo que já havia visto e ouvido, Beatrice imaginava. Só que sua mente não conseguia conjurar o tamanho da operação real.

– Eu acho que você está envolvido com aqueles sequestradores, pelo que eles fizeram... – ela disse, começando a dar voz às suas conclusões.

– Eu resgato pessoas sequestradas – ele resumiu, porque era exatamente isso. – Faço isso há anos, antes de conhecê-la. E isso interfere muito na minha vida. Na nossa vida.

Ela franziu o cenho e continuou olhando para ele.

– Você está falando sério, não está? Você jamais brincaria com algo assim.

Dessa vez foi Sean que só assentiu.

– Como?

– Os seguranças são todos treinados, especialmente aqueles que você nem conhece.

– E você... também?

– Eu sei me manter vivo – ele não queria que ela desse importância demais a isso.

Bea ficou quieta, só juntando as peças de tudo que ela viu durante esses anos que esteve com ele e todas as situações sem explicação. E todos os seguranças. Ela entendia que pessoas como os Ward não podiam simplesmente andar por aí livremente. Não era só dinheiro, era muito poder concentrado em indivíduos conectados por laços familiares. Ainda assim, sempre foi uma operação sofisticada demais para serem só “seguranças” normais. Com o

tempo, ela se acostumou tanto que entrou em sua rotina e ela ignorava isso. Agora, tudo parecia muito mais claro.

– Tem um bando de coisa começando a fazer sentido agora. Suas viagens, algumas delas não eram por causa do GW, não é?

Ele negou com a cabeça.

– Tenho recursos demais para ficar parado sem fazer nada. Cada pessoa deveria escolher uma causa e apoiá-la. No meu caso, essa me escolheu – ele a encarou. – Nunca mais vai acontecer com você, Beatrice. Eu não vou deixar. Eu quero que você viva livremente e continue sua carreira, seus projetos e... tudo mais.

– Eu vou continuar – ela não sabia por que ele estava falando aquilo tão seriamente, provavelmente porque tinha receio que ela se deixasse intimidar pelo que aconteceu. – É uma boa coisa eu não me lembrar de tudo, não é?

– Sim, é ótimo...

Ele ficou de pé e ela notou que ele tinha chegado do trabalho bem tarde, porque já era quase meia-noite e ele ainda estava com parte do seu terno.

– Aonde você vai? – ela perguntou quando ele foi à porta.

Era muito estranho ele confirmar aquele segredo, admitir que andava por aí salvando pessoas de sequestradores e depois simplesmente levantar e sair, como se fosse algo que ele diria todo dia e não algo que escondia há anos e que continuaria escondendo do mundo. Estavam todos ocupados demais fiscalizando quanto dinheiro os Ward estavam doando para as causas que apoiavam para sequer imaginar que havia outra causa sugando muitos recursos que iam por baixo dos panos.

– Preciso de um banho – ele disse.

Ela fez uma pausa muito breve antes de perguntar:

– Você vai voltar?

Ele se virou e um leve sorriso até apareceu no seu rosto, o primeiro que ele dava desde a noite em que ela foi levada. Sean ficou ali a olhando por mais tempo que o necessário.

– Vou deixá-la dormir, ainda mais se pretende retomar sua rotina amanhã.

– Você não vai me machucar, Sean – ela disse, entendendo-o errado. – Eu voltei pra casa e você não dormiu comigo nem um dia. Age como se eu estivesse a ponto de quebrar – ela queria que ele a abraçasse e ficasse com ela, sentia-se mais segura perto dele, muito mais agora.

Ele respirou fundo, sentindo-se culpado e dividido. Ele queria tanto ficar perto dela, se cedesse ao seu verdadeiro desejo, ia ficar o tempo todo grudado nela. Ficar longe acabava com ele, ficava o tempo inteiro com aquela sensação de insegurança. Desde que a carregara para o carro e para o hospital, ainda não a tivera nos braços como gostaria. E isso o impedia de se acalmar completamente.

Só que Sean sabia como era fraco perto dela. Ele não ia mudar de ideia, mas era capaz de deixar sua fraqueza e necessidade adiarem o que já devia ter feito há muito tempo.

– Eu vou tomar banho, está tarde. Não vou acordá-la se você dormir.

Ela assentiu e voltou a se ajeitar na cama. Sean foi tomar banho e demorou um pouco no chuveiro, repensando e sem conseguir chegar a uma solução diferente. Como dissera, ele voltou ao quarto dela e Bea era teimosa, ela ficou com sono, mas não dormiu. E como ele ia resistir a dormir não com ela mais uma vez? A última, muito provavelmente.

Assim que ele se ajeitou na cama, ela se virou e se aconchegou a ele, descansando a mão no seu peito e deitando a cabeça perto do seu ombro. Ela também passou a perna por cima da dele e Sean gostava quando ela dava uma de espaçosa. Beatrice acariciou seu peito e esfregou o rosto em sua pele macia e quente. Ela sempre fez isso, esfregar o rosto nele em momentos como esse, especialmente contra seu peito e ele achava divertido. Mas no momento era bem torturante.

Bea se inclinou sobre ele e o beijou. Como se houvesse alguma chance de Sean não retribuir. Bem que ele queria ter essa força de vontade, mas passava muito longe. Ele desceu as mãos pelas costas dela que colou o corpo ao dele, podia sentir seus seios se pressionando contra ele e o deixando louco de vontade de tocá-los.

– Sean... eu senti sua falta – ela murmurou, puxando-o para ela e procurando mais contato, com os beijos e seus corpos se tocando sob o edredom, ela estava excitada e ele não estava agindo como de costume.

Sean apoiou as mãos no colchão, sem deixar seu corpo ficar sobre o dela. Se a mente dele ganhasse, pela primeira vez, desde que a conheceria, seria ele a não ceder. Claro que isso ficou somente na sua mente, quando ela o abraçou ele instintivamente beijou seu pescoço. Ela soltou a camisola e as mãos dele encontraram o caminho aos seus seios. Bea continuou o beijando por todo tempo em que ele a tocava.

Ele a distraiu quando desceu pelo seu corpo, beijando sua pele e excitando-a.

– Eu queria tanto de tocar de novo, beijar seu corpo... Te fazer gozar pra mim mais uma vez – ele disse, enquanto sua boca roçava pela pele dela.

Ele queria sentir o seu gosto mais uma vez, passou as coxas dela por cima de seus ombros e começou a chupá-la devagar, aproveitando todo o tempo que tinha, mas com vontade, sabia como tocá-la para levá-la a um orgasmo forte, mas lento o suficiente para ficar na memória dela também.

Bea gozou para ele e ficou sorrindo enquanto ele ainda a acariciava. Ela dobrou os joelhos, apoiando os pés na cama e o puxou, beijando-o assim que ele se aproximou. Ela o segurou pelo queixo e lambeu sua boca e sua língua, sentindo seu gosto misturado ao dele. Ele retribuiu e passou uma das mãos pelo seu cabelo, afastando de seu rosto para olhá-la.

– Eu acho que podíamos ficar com as duas camas e trocar às vezes, ia quebrar a rotina – ela disse para ele e passou as pernas pelas suas, sentindo como ele estava duro contra o seu quadril.

– Tudo bem... – ele disse, sabendo que ela ia ficar com as duas camas de qualquer jeito.

– Ei... – ela chamou baixo e franziu o cenho. Ele não estava distraído, mas estava estranho e Bea achava que era porque ele ainda achava que ela estava machucada.



Por um lado era. Ele se apoiou nos braços, mesmo quando ela empurrou a calça do seu pijama, porque não ia ficar em cima dela. Ela havia machucado as costelas, deslocado o ombro e ficado com o braço imobilizado, entre outras coisas. Ele sabia que era pesado.

– Beatrice... – ele disse, entre os dentes quando ela o segurou e deslizou a mão por toda extensão do seu pau, que ele sentia endurecer ainda mais sob o toque dela.

Sean mudou de posição, tombando na cama e ficando com as costas no colchão, colocando Bea sobre ele. Ela riu, divertindo-se com a mudança brusca e ele sorriu em resposta, porque era mais forte do que ele. Não podia escotá-la rindo assim e não reagir. Vê-la rindo o fazia feliz e era melhor ele guardar esse momento para sempre, porque não ia ter outro.

– Mas que homem teimoso... – ela implicou e usou o corpo dele como apoio, se ajeitando sobre ele.

Sean colocou as mãos nos seios dela, cobrindo-os e ao mesmo tempo a colocando no lugar. Beatrice apoiou as mãos no peito dele e ficou o olhando o tempo todo, sem ele precisar pedir.

– Eu já disse como senti sua falta? – ela perguntou baixo.

– Eu vou sentir sua falta todos os dias – ele respondeu.

– Não vai precisar...

Do jeito que ela estava úmida, com um movimento do quadril, ele ficou dentro dela de uma vez, o que a fez soltar um gritinho de surpresa e prazer. Bea se inclinou, apoiando o tronco no dele e os cotovelos na cama. Ela o beijava sempre que não estava gemendo em seu ouvido e movia o quadril no ritmo do dele, arrancando gemidos dele também.

Ela segurou no cabelo dele com as duas mãos e jogou a cabeça para trás quando começou a gozar, apertando-o repetidamente dentro dela, gemendo alto e movendo o quadril com força, demandando que ele a acompanhasse. Sean a segurou, impedindo-a de se mover, suas mãos tremeram e ele começou a gozar dentro dela, inundando-a com os jatos quentes de sêmen. Ele a abraçou apertado contra seu corpo enquanto ambos estremeciam e ela ficou de olhos cerrados, acariciando seu cabelo no mesmo lugar onde esteve puxando.

Quando conseguiu abrir os olhos, ela descansou os dedos dos lados da mandíbula dele e cobriu os seus lábios de beijos carinhosos. Pouco depois Beatrice escorregou um pouco para o lado, aconchegando-se a ele e deitando a cabeça no travesseiro, bem próxima a dele. Com a mão descansada sobre o peito dele, ela ainda sentia seu coração acelerado.

Sean segurou a mão dela e a beijou, mesmo sob a luz do abajur ele viu a aliança que ela ainda usava, assim como ele usava a sua. Ele beijou sobre o anel e tornou a deixar a mão dela no seu peito. No momento a mente dele não conseguia se decidir se ele era um cafajeste ou um idiota. O primeiro porque ele não tinha nada que ter dormido com ela agora, sabendo que iriam se separar. E ele com certeza era um idiota, porque qual o problema em dormir com sua esposa se ela queria dormir com ele?

– Você está estranho, Sean – ela disse de repente. – Você está muito estranho desde aquela noite da festa. Bem... desde que eu acordei depois daquela noite.

Ele ficou olhando para o teto por uns segundos.

– Vai passar, Bea.

– Afinal, você foi ao médico? Sua mãe disse que você tinha se recusado.

– Eu vi um médico, mas definitivamente não estou com problemas por ter batido a cabeça.

– Você já é insano, bater o carro de propósito daquele jeito... Eu li sobre o acidente com o seu carro, depois enganei o Don que não sabia que você estava escondendo de mim que bateu com o carro. Na verdade, acho que ele quis me contar...

– Insano eu seria se tivesse deixado te levarem. Eu teria feito coisa muito pior do que bater um carro.

Ela continuou deitada bem junto a ele, pensando sobre tudo que não sabia daquela noite. E preferia não saber algumas coisas, mas tinha curiosidade sobre certas partes. Sean tinha se fechado, o que tivesse acontecido, claramente tinha o afetado muito mais do que ele estava demonstrando. Por incrível que pareça, quem conversou mais com ela sobre aquele dia foi Jared. Ele parecia entender muito bem o que se passava com Sean.

Não foi um papo longo, Jared ficou feliz em vê-la bem e disse que eles iam mudar umas coisas na segurança. Ele fizera tudo para ela acreditar que agora que os caras estavam presos, ela podia se sentir segura. Mas sabe quando você sente que há algo mais? Beatrice sabia que havia. Jared também brincou e disse para ela nunca mais ir atrás de nenhuma louca para qualquer lugar, nem para o banheiro. Muito menos para um estacionamento.

– Lembra quando você dizia que eu seria sua ruína? Não é porque o fiz bater um carro, mas... agora é mais fácil entender.

Ele virou o rosto e apertou a mão dela.

– Você é a minha ruína. O que a torna a mulher da minha vida.

– De um jeito tão errado... – Ela até sorriu, eles eram tão errados que agora que estavam se entendendo, iam começar a achar divertido.

Ele virou de lado e a olhou. Ela o encarou, prestando atenção nos seus olhos turquesa refletindo a luz amarelada do abajur, o que os deixava mais verdes do que eram.

– Eu te amei tão errado, Bea – ele lhe disse baixo, mas seriamente. – Mas nunca mais vou amar tanto quanto eu te amo. E vou amar sempre.

Ela franziu o cenho. Talvez ele devesse ter dito que a amou errado, o que era verdade, mas ele devia ter dito que ia consertar ou continuar a amando para darem um jeito juntos. Parecia mais uma daquelas coisas que ele lhe dizia e não faziam sentido na hora, mas faria um dia, como quando ele lhe disse sobre ela ser sua ruína e a dona dos seus demônios. Só agora estava começando a se encaixar.

## Capítulo 18

*Eu soube que ia perdê-la no momento que me apaixonei por você. Assim como soube que ainda ia amá-la quando o fim chegasse. Falta pouco para eu perder minha consciência, meu autocontrole, meu orgulho e toda a minha dignidade. Não vou mais encontrá-la, nunca mais vou olhar pra você, então venha me beijar antes do nosso fim.*

Sean saiu do seu closet e deixou mais algumas camisas caírem na terceira mala que fazia. Depois ele abriu a gaveta do criado mudo e não se preocupou em olhar, simplesmente despejou tudo na mala de itens pessoais. Mas assim que olhou o conteúdo ele viu algo que lhe chamou atenção. Ele largou a gaveta sobre a cama e pegou o papel, o desdobrando.

Aquele maldito 221 o encarou de volta do papel, como se pudesse ameaçá-lo só por estar pintado ali. Quem quer que o fez, se esforçou em dar pinceladas vermelhas sobre o papel branco antes de fazer o trabalho negro em números. Como se lhe avisasse que ela ia sangrar quando aqueles números fossem gravados em sua pele. Era só mais um pequeno lembrete, um estímulo para ele tomar coragem e dar o passo mais certo e doloroso da sua vida.

Ele havia sangrado, mesmo que só houvesse sentido a dor depois que o efeito da droga passou. O tatuador podia ter um belo desenho, mas não se preocupava em não machucar suas telas. Talvez até fizesse de propósito. Ele havia dado o outro papel a Jared, porque estava escrito à mão, quase como uma provocação. Mas o "vai ficar lindo naquela pele macia" ia assombrá-lo eternamente.

Se o seu plano atual falhasse, era provável que ele nunca mais conseguisse dormir sem ajuda de algum remédio. Ou como dormiu essa noite, segurando Beatrice em seus braços. Mas ele não podia

segurá-la vinte e quatro horas por dia e nem em todos os lugares que ela fosse. Nem impedi-la de se relacionar com outras pessoas e muito menos era adivinho para saber quem seria o próximo filho da puta que acabaria enganado para levá-la a uma armadilha.

Sean tinha uma missão em duas fases. Uma já devia ter sido feita, ele sabia disso. E era isso que queriam, não é? Doentios. Ele sabia que eles eram assim, não adiantava só maltratar fisicamente, eles sempre gostaram de ir mais longe e deixar uma marca na alma e na mente. Ele tinha que acabar aquela história e sumir para encontrar o último que ainda não conseguira matar. Depois, os que sobrassem seriam todos novos no grupo.

Conseguindo ou não, a menos que desse a sorte de sumir com todos eles, era só mais um pedaço no quebra cabeça.

\*\*\*

Beatrice passou no triplex de tarde para tomar um banho e se trocar, pois tinha um compromisso mais tarde. O coquetel para a inauguração dos novos espaços da Campanale seria apenas para os convidados internos, só amanhã o público veria. Por causa do acidente dela, Dave cancelara a data anterior e deixara para essa noite. Só que por causa daquela noite, ela não tinha mais a liberdade de ficar sem seguranças em locais com segurança interna. Don ia ficar lá dentro, em algum canto e com os olhos sobre ela o tempo todo. Era óbvio que ela não gostava, mas entendia. E não pretendia ir a lugar nenhum sem ser o interior da Campanale; provavelmente, nessa sua primeira saída à noite, ia ficar com receio até de ir ao banheiro.

Ela escondia muito bem, mas estava nervosa por estar de volta às ruas. Era uma sensação muito ruim. Você se sentia incapaz e amedrontado. Num minuto estava tudo bem e no outro, alguém o apagava, amarrava e simplesmente levava, num piscar de olhos. Ela passara por isso por uma hora, nem chegara a ficar num cativeiro. Isso a fazia pensar o tempo todo no que havia acontecido com Sean.

E ele se lembrava de tudo. De absolutamente tudo. Ela pensava até na Joce, a Quinze, nem a conhecia e ficara impressionada com a

história dela e de como ela ficara depois. Sean a deixava impressionada. Ele escondia muita coisa.

Ela passou pela saleta e quando olhou para o quarto dele, viu uma das malas. Tinha uma viagem na agenda dele, mas constava como cancelada. Será que ele mudara de ideia? Curiosa como era, ela foi até lá e ficou espantada. Eram malas demais para uma viagem normal. Ele sempre levava uma mala maior e a outra de couro que ele carregava com ele. Parecia que todas as malas grandes dele haviam saído de seus lugares no closet.

\*\*\*

– Eu não sei como fazer isso – disse Sean, sentado no sofá do seu escritório.

– Se você soubesse ia ser um bocado estranho, cara – respondeu Jared.

– Você está criando um pesadelo na minha vida – disse Derek, voltando do bar e sentando na cadeira, com ar derrotado. – Eu não estou num bom momento pra lidar com divórcios. Eu não quero assinar o meu e vou ter que fazer comunicado pro seu? Vão dizer que tudo que dissemos esse tempo todo era mentira.

Derek parecia o mais inconformado com aquela situação. Ele estava no meio de um divórcio também, só que estava casado há oito anos e tinha um filho de cinco anos. Não estava nem batendo bem com essa história e ficar defendendo o casamento de Sean tinha até lhe feito bem. E agora ele vinha com essa história.

A porta abriu e Gregory Ward entrou com um envelope e a cara amarrada. Ele jogou o envelope no colo de Sean e cruzou os braços.

– Tá tudo aí, o divórcio, o documento que você abre mão do acordo pré-nupcial, a divisão de bens com tudo que vai pro nome dela... – ele pausou e o olhou bem. – Não faz muito tempo, você me ligou pra perguntar se podia sustentar o casamento no acordo pré-nupcial. Agora resolveu anulá-lo. Eu preciso saber de mais do que sei?

– Prepara os papéis pra internação dele – disse Jared. – Depois que ele assinar isso, vamos ter que interdita-lo. Ele vai ficar – Jared

moveu o dedo ao lado da cabeça, indicando loucura.

Derek levantou e andou para o outro lado, carregando seu copo pela metade.

– Se você vai se matar, pra que se divorciar antes? – perguntou Derek. – Pela primeira vez você vai me dar um baita trabalho de Relações Públicas aqui. Divórcio seguido de morte, nem eu posso abafar isso.

– Não vou me suicidar – disse Sean. – Se eu tivesse certeza que ia morrer, não ia mesmo me divorciar, era mais fácil ela herdar tudo. Inclusive os recursos para a segurança. De qualquer forma, isso vai facilitar a vida dela, não importa o que aconteça. Ela não vai precisar sofrer o estresse de lidar com papéis e inventários. Só o testamento... – ele adicionou o final mais baixo, isso era sombrio até pra ele.

Jared começou a rir, ele parecia ser o único com talento para manter o humor.

– Ele quer continuar a vigiá-la do caixão, pra vocês verem. E se estão pensando que só porque vai assinar esses papéis ela vai ficar feliz, livre e solta na vida... eu lamento. Mas eu acho bom ela ler a cláusula da segurança.

– Está no documento que anula o acordo pré-nupcial – disse Greg Ward.

– Ótimo – Sean abriu o envelope para ler essa parte.

Como eles eram os únicos que sabiam, Jared por motivos óbvios e os outros, porque iam ter que se envolver pessoalmente, isso nunca ia vazar. Só quando Beatrice assinasse e tornasse público.

– E se ela resolver prendê-lo pelo acordo pré-nupcial? – disse Jared. – Já pensou como seria engraçado?

– É só ela não assinar – disse Greg. – E contestar.

– Ela queria se divorciar imediatamente há pouco tempo – Sean disse baixo e ficou olhando para as mãos. Ele sabia que tudo havia mudado, mas era o único jeito de acabar com tudo. Ia doer como se queimassem seu coração, depois que ele acabasse essa missão, se saísse vivo, era capaz de finalmente ceder à loucura. Mas faria isso longe dela.

Jared ficou olhando e um leve sorriso levantou o canto direito da sua boca.

\*\*\*

Beatrice tinha contado as malas, sim, porque ela era dessas. Ela olhava um bando de coisas e as contava. Um bando de cadeiras, um bando de mesas, um bando de malas, ela ia contá-las se fosse um grupo que seus olhos conseguissem abranger num olhar. E quando supostamente chegou a data da viagem de Sean, só duas malas sumiram do quarto. O que fazia sentido.

E ele estava mandando mensagens, perguntando como ela estava, como estava se sentindo, avisando que ia pegar outro voo e coisas do tipo. Não simplesmente sumiu, mas continuava muito estranho. O Sean caloroso estava perdido em algum outro lugar.

Mal sabia ela que enquanto ela retomava seu ritmo de trabalho, ele estava tomando coragem para fazer o que todos os seus instintos não queriam. Estava até bobo, seu Ipod estava tocando músicas bem pra baixo, como aquelas que você escuta em fim de relacionamento. Ele decidiu parar quando acabou com U Got It Bad do Usher aparecendo no seu Itunes. Já tinha ido do rock depressivo ao R&B dor de cotovelo. E nem dissera a ela ainda. Depois, provavelmente ia acabar em músicas velhas e bregas, dessas que você quer mesmo cortar os pulsos.

– Sean? – Bea pulou da sua cadeira quando ele entrou no seu escritório. – Onde você se meteu?

– Eu tive uns compromissos – ele disse.

*Sim, compromissos como rastrear o filho da puta que mandou te sequestrar.* Ele tinha acabado de pegar os dois últimos adolescentes que estavam presos e dessa vez ele não escondeu que foi ele. Era uma espécie de “venha atrás de mim, seu puto”. E ele estava vindo, enquanto isso, Sean pretendia ir esquiar. É, ele ultimamente não esquiava à toa.

– Quais compromissos? Sua agenda disse que você voltava três dias atrás – ela colocou as mãos nos quadris. – E o que é isso na sua testa? Foi outra briga com os “seus garotos”?



– Beatrice – ele disse, chamando a atenção dela.

Ela cruzou os braços e ficou apenas olhando. Sean se aproximou e deu o envelope a ela. Era idêntico ao envelope onde ele havia levado o acordo pré-nupcial ao apartamento dela, meses atrás.

– O que é isso?

– É o que você me pediu. Me perdoe por ter precisado dizer a mais alguém antes, mas precisava dos documentos e da assistência para depois que assinar.

Ela franziu o cenho para ele e abriu o envelope, tirou o primeiro documento e só entendeu o que era depois que leu o primeiro parágrafo. Ela levantou a cabeça e arregalou os olhos para ele.

– Por quê? – ela perguntou, ainda muito surpresa para esboçar reação.

– É o que você queria.

– Você sabe que eu nunca realmente quis isso. Eu só estava magoada.

– Está assinado. Acho melhor mandar pro Matt olhar.

– Da pra parar de falar assim comigo? Como se... sei lá, se estivéssemos terminando uma coisa.

Era o único jeito que ele conseguiria levar aquilo adiante. Ele já deveria ter saído, porque se demorasse era capaz de ele mesmo rasgar aqueles malditos documentos. Mas era só ele fechar os olhos e se lembrar do momento que olhou para dentro daquela van e a viu jogada no chão, sangrando, com o vestido todo rasgado, amarrada e sendo levada para ser abusada e ter a pele tatuada com seu número de gado. E tudo por culpa dele. Pronto, isso o fazia voltar rapidinho ao plano.

– Estamos. Você pediu e eu não te dei ouvidos. Era isso que eu devia ter levado naquele dia. Me desculpe por demorar todo esse tempo.

Ela jogou o envelope em cima da mesa e andou para perto dele.

– Foi porque me levaram, não é? Diz que não é! – ela exigiu.

– Não vai mudar nada na sua vida. O escritório é seu e o triplex sempre foi. Não vá para outro lugar, você está segura lá.

– Às favas com a minha segurança, Sean! Como assim não vai mudar nada na minha vida? Você vai sair dela! E dessa vez, de

verdade!

Era o que importava para ele. Por mais que ela brigasse, ele estava tomando todos os cuidados. Especialmente para o tempo que ficasse fora.

– Eu não vou continuar com todos os seus seguranças depois disso! Se eu assinar isso, é porque acabou. Tudo. Inclusive o casulo que você montou à minha volta!

Um casulo de merda, porque se podiam tocar nela, não valia nada. Ele se virou e voltou até ela, olhando-a daquele jeito sério demais que fazia com que até ela parasse e o encarasse.

– Você quer acabar daquele jeito? Quarenta minutos numa merda de uma van e eu poderia tê-la tirado de lá morta. Quanto mais você quer experimentar? Dois dias, três? Uma semana? Quem sabe duas, sendo surrada, estuprada, abusada de todas as formas possíveis enquanto alguém tenta te purificar de algo que você não entende!

– Para com isso, Sean! Para!

– Então não jogue tudo pro alto porque eu errei! Deixe o Don e os outros fazerem o trabalho deles e depois disso tudo, além de perdão, a única coisa que eu tenho para lhe pedir é isso. Fique segura.

Ele foi andando para a porta, mas ela puxou o ar, agora finalmente correspondendo emocionalmente a situação, porque passara a levá-la a sério. Ele realmente ia passar por aquela porta. Ela correu até ele e segurou com as duas mãos em seu braço esquerdo. Ele parou e a olhou. E quase desistiu ali.

– Sean... – ela disse baixo. – Você disse que... há poucos dias você me amava – a voz dela saiu aguda e ela prensou os lábios que se curvaram com os cantos para baixo, seus olhos arderam e começaram a lagrimar.

– Talvez esse seja exatamente o problema. Eu te amo demais. E tudo precisa de um limite para não quebrar.

Ela balançou a cabeça, sem poder entendê-lo completamente. Com dificuldade para enxergar o que ele via ali.

– E quem vai te proteger dos seus demônios? – ela perguntou, quase sussurrando.

– Eles já te morderam – ele respirou fundo e virou o rosto. Ou ia ou desistia de vez. – Já fiz coisas pra ficar vivo que depois me arrependi tanto que quis morrer do mesmo jeito. Depois eu simplesmente não me importava mais. Então conheci você e eu quis viver novamente. Eu precisava ficar vivo para tê-la ao meu lado. E isso me levou ao desespero, à beira da autodestruição novamente e em seguida à sua destruição. E agora chega.

Ele foi embora e assim que ele passou pela porta do escritório, ela se deixou cair de joelhos sobre o tapete onde estava e as lágrimas desceram. Ela começou a chorar e não conseguiu mais parar. Chorava por eles, por terem conseguido voltar no tempo e dar um jeito na relação, por saber que ainda o amava, por ele não conseguir se libertar do passado e por este ter voltado para estragar tudo que eles conseguiram recuperar.

Hartie entrou correndo, como se fosse apagar um incêndio e aterrissou ao lado dela, a abraçando; ele era a melhor pessoa ali na cidade para ficar com ela nesse momento. Como agora Don ficava perto dela o tempo todo e não só no seu posto, ele viu Sean saindo e soube que havia dado merda. Ele havia recebido suas instruções, já sabia que Sean ia sair para um trabalho diferente. Kevin ficara preocupado e quando ele chegava a demonstrar, era porque não ia prestar.

– Pronto, pronto... Isso, vai, chora o quanto quiser, essa camisa é barata – Hartie dizia, enquanto passava a mão nas costas dela. E a escutava murmurando coisas que ele não estava entendendo. – Eu sei, eu sei... é, não sei de nada. Mas você tem razão em tudo.

– Eu vou pra casa por hoje... – ela murmurou, usando os kleenex que ele lhe deu.

– Quer que eu vá e entenda o que você estava dizendo? Chamo reforço? A polícia? A ambulância? Sua irmã? Mãe? Vou atrás do seu marido e o trago pela gravata?

– Eu bem que queria minha mãe agora... mas não. Você serve.

– Afinal, o que ele fez agora?

– Pediu o divórcio – ela disse, ainda fungando.

– O quê? – Hartie quase caiu duro ali mesmo.

\*\*\*

Sean entrou no carro e passou a mão pelo rosto, afrouxou a gravata e deixou a cabeça cair contra o encosto do carro. A última vez que havia chorado foi quando tinha dezesseis anos, mal conseguia se mexer na cama do hospital e seu pai lhe informou que a Dezoito não havia sobrevivido. Naquele dia, ele chorou como um garotinho desesperado. Depois de todos esses anos, em menos de um mês, seus olhos estavam prontos para derramarem sua cota. Ele havia sentido lágrimas de dor e desespero quando levaram Beatrice, mas não chegara a ser um choro daqueles que você apenas para e chora todas as suas mágoas.

Ele queria fazer isso agora. Depois de quase quinze anos, ele realmente queria.

– Eu não posso olhar pra ela nunca mais. Nunca. Se eu vê-la de novo, sou capaz de cair de joelhos e implorar pra ela esquecer o divórcio e ficar comigo. Quão patético isso me torna?

– Pessoas apaixonadas vivem pertinho do patético. Você sabe que isso não vai acontecer, não é? Você vai vê-la de novo – disse Jared, apenas o observando do outro lado do assento do carro.

Sean abriu os olhos e engoliu as lágrimas, chegou a sentir o gosto amargo e a dor na garganta de quando você segura por muito tempo.

– Está todo mundo pronto? Vou pegar o voo hoje – ele perguntou, mudando de assunto. Era praticamente uma tática de sobrevivência.

– Sim, meus garotos e os seus. Eu vou depois.

– Seria melhor se você...

– Nem começa. Não vou desgrudar do seu traseiro, por mais que pegue mal dizer isso. Não tô nem aí. Se alguém vai pegá-lo, vai ter que dar um pega em mim primeiro. Além disso, você está instável. Eu também estaria se tivessem pegado a minha garota. Como eu não tenho uma, vou ficar de olho em você.

– Eu prefiro que você fique com ela enquanto resolvo isso. De verdade. Eu vou trabalhar melhor.

– Ela está sendo vigiada vinte e quatro horas por dia agora. Deve estar odiando.

Sean tentou dissuadi-lo, mas Jared não cedeu. Fazia um tempo que ele vinha de olho em Sean e de uns tempos pra cá, ele não era mais o mesmo em missões. Estava regredindo ao tempo pouco antes de conhecer Beatrice. Naquela época, ele estava se entregando demais, estava começando a ficar obsessivo e estava caçando como um predador em uma missão suicida de vingança. Jared não tinha paz, pensava nisso o tempo todo.

Foi quando sua tia e a família deles os jogaram no topo do GW e lhes deram a reestruturação para resolver. O tempo deles acabou e nos meses que se seguiram, Sean se acalmou um pouco, mas sempre havia as oportunidades de voltar à ativa. E ele se entregava demais, ia se machucar ou algo pior. Logo depois ele conheceu Beatrice e Jared reencontrou a paz. Durou pouco tempo, de uns três anos para cá, Sean estava piorando mais e mais. Ele havia voltado a não apenas resgatar, mas a caçar também. O que era um perigo para a vida de qualquer sequestrador que ficasse na mira dele, mas era tão perigoso quanto para a sua vida. E agora, lá estavam eles, novamente no limite.

\*\*\*

Duas semanas depois, Beatrice ainda estava muito magoada. Sempre lembrava algo e acabava chorando, parecia até aquela vez que teve a primeira briga séria com Sean e ficou dias e dias chorando sempre que lembrava dele. Até que resolveu ir atrás dele e resolver o problema. Ela até iria atrás dele agora, para brigarem mais e ela arrancar aquela ideia da cabeça dele. Se ao menos soubesse onde ele havia se metido.

Rico até aparecera por lá, porque ele também não sabia onde Sean estava. E dessa vez ele não estava mandando mensagens e nem ligando uma vez por dia para o assessor. Rico estava relegado a falar com Jared.

Esse humor depressivo obviamente interferiu no trabalho dela, não estava criando nada. Ainda bem que os projetos para entregar

já estavam na fase de montagem, algo que Hartie podia resolver e ela podia só olhar e ver se estava saindo como ela fizera.

A campainha tocou e Nadir deve ter aberto, porque logo depois ela ouviu as batidas na porta do quarto. Antes de abrir, passou as mãos pelo cabelo para não parecer tão ruim, tinha chegado do trabalho e se enfiado no quarto.

– Você está de volta à cidade... – ela disse, assim que viu Jared.

– Pois é, mas estou quase saindo.

Ela assentiu e olhou para baixo.

– Não fica assim, vem cá – ele esticou as mãos para ela, abrindo espaço.

Bea olhou para ele, mas fungou e deu um passo em sua direção, se abraçando a ele que passou a mão pelas suas costas como se esfregasse para passar a dor de uma batida. Mas funcionou para a consolar.

– Eu o odeio... – ela murmurou, com a cabeça encostada contra ele.

– Espero que odeie ao menos um pouquinho.

– Muito.

– Duvido. Mas eu podia dizer que ele é bobo e cabeça dura. Só que isso é sério, Beatrice. Não é uma chantagem inofensiva ou um desses fulanos do passado que ficam ameaçando contar coisas – ele a olhou e quando dava aquele olhar bem sério, a fazia lembrar muito de Sean. – É a sua vida.

– E a dele? Eu nem sei onde ele está.

– Pois é, eu sei.

Ela ficou o olhando de cenho franzido e até fez um bico. Estava pensando em como ia arrancar a informação dele, devia atacá-lo ou fazer a garota dramática? De um jeito ou de outro, ela queria saber. Jared sorriu e tocou o nariz dela.

– Você é uma graça, mas nós vamos falar sério aqui.

– Pode falar.

– Eu vou ser morto – ele disse, seriamente. – Sério, quando ele souber o que eu vou fazer e conhecendo você, sei que vai querer, ele vai me matar. Se puder, impeça-o de me matar. A surra da minha

vida não deve dar pra impedir, mas se me matar, depois ele vai se arrepender e aí vai ser chato.

– Ele nunca vai te machucar.

– Eu posso mexer com tudo na vida dele, posso fazer qualquer merda e ele vai me perdoar. Mas não posso mexer com você. Sabe aquele brinquedo amado que a gente tem quando criança e se alguém pegar, o mundo cai? Então, é você. E eu estou a ponto de pegar. Ou melhor, pegar e carregar, o que é pior.

– Pra onde você quer me levar?

– Pra onde o cabeçaço do meu primo está.

– Sério?

– Não estou brincando. Eu o conheço e sem você, não vai dar certo. Na verdade, eu descobri umas coisas e não contei pra ele. O que vai ajudar a causar a minha morte. Mas ele esquece que ele pode te proteger o quanto ele quiser, mas você faz suas próprias escolhas e eu vou protegê-lo, porque alguém tem que fazer isso.

– Eu concordo. Ele acha que pode proteger todo mundo e que se dane o que acontece com ele.

– Na verdade, ele parou de pensar assim depois que te conheceu. Acredite, de uns tempos pra cá o Sean vem mudando, regredindo pra um jeito que ele costumava se comportar antes, o que tornava o trabalho perigoso pra ele. Mas agora que ele abriu mão de você, adivinha. Foi como voltar no tempo, eu estou aterrorizado.

Ela ficou o olhando, surpresa por Jared estar se abrindo, talvez ele não tivesse mais ninguém para confessar isso.

– Eu vou – ela decidiu. – Seja lá onde ele está, eu quero ir lá. E vou esfregar o divórcio na cara dele. Agora que conseguimos dar um jeito, ele não vai desistir. Como ele diria, agora que entrei no jogo, ele não vai sair.

– Bom. Você é das minhas. Faça as malas, vai precisar de agasalhos pesados. Coisas pra neve densa, não esqueça as botas – ele parou e a olhou. – Esse é o nosso segredinho sujo, ok? Ninguém mais pode saber. Diga ao Hartie que vai visitar sua família. Deixa o resto comigo. Afinal, sou o único que pode tirá-la daqui sem o Sean saber.

– E o Don?

– Já fez as malas. E provavelmente vai morrer também – ele lhe deu um sorriso antes de voltar pela saleta.



## Capítulo 19

*Quando eu te beijar pela última vez, será o último beijo que darei nesta vida. Não suporto pensar em nunca mais tocar os seus lábios. Se nunca mais for sentir sua boca na minha, a textura suave dos seus lábios macios e seu hálito quente contra minha pele, vou rezar pela minha próxima vida. Se não houver outra para eu encontrá-la novamente, esses lábios jamais experimentarão outra vez a doçura de um beijo.*

12 dias antes...  
Livigno, Itália.

Mesmo estando numa espécie de porão, Sean podia sentir que a temperatura ali era bem mais alta do que em sua cidade e nos lugares por onde passou antes. Era o sol, só podia ser esse o motivo do solo aquecido, porque afinal, durante a maior parte do ano, aquele era um local de esqui. Não agora, as pistas já estavam fechando. E ele sabia exatamente onde estava e o que fazia ali.

– Seu filho da puta, riquinho de merda! Ninguém se mete no nosso meio e sai vivo. Você teve uma chance e não usou! Vou mandar escrever no meio da sua testa!

Sean escutou mais sons de socos, o cara havia pegado um pedaço de pau para bater no seu abdômen. Ele não o flexionou dessa vez, seus músculos eram duros e aguentavam o tranco. Mas a carne já começava a doer depois de duas horas ali. Os caras não sabiam o que fazer com ele quando o pegaram, ficaram telefonando e mandando mensagens enquanto o mantinham preso no buraco frio, embaixo da casa.

– É só isso que você tem pra mim hoje? Se for, prefiro o banho, dói mais – ele disse, sentindo o sangue na boca.

No outro local onde o prenderam, junto com os dois garotos e a menina, era bem mais frio. Os idiotas deveriam colocar as crianças nessa sala mais quente e separar seu cubículo de tortura para o lugar mais frio. Isso se quisessem receber o resgate. Geralmente dava muito mais trabalho receber o dinheiro por um defunto.

O que seria o caso de Sean, ao menos na cabeça deles. Iam devolvê-lo de novo? Claro que não. E só um dos caras sabia quem ele era, os outros eram novos demais no trabalho e ficavam só na Europa. Quase todos os novatos da organização estavam ficando por lá, como se fosse mais seguro. Sean não trabalhava só em um continente, nem os seus garotos e muito menos Jared.

Mais sons de batidas, dessa vez acertaram seu rosto e ele voltou a cuspir sangue.

– Quebra esse filho da puta! – disse um dos caras.

– Ele não vai gostar se chegar aqui e o Ward estiver morto! Se batermos demais e ele tiver uma hemorragia interna, não vai prestar – argumentou o outro, com certeza o mais racional do grupo.

– E você acha que ele já levou o suficiente? Esse filho da puta já matou metade dos nossos! O Horácio estava na última vez e ele está morto agora. Nem sabemos onde enterraram o corpo e você está com medo que ele tenha hemorragia? Vai se foder! – gritou o cara e deu um chute em Sean que bateu contra a parede.

Aparentemente, pensou Sean, enquanto recuperava o folego e movia os braços nas amarras de couro, o tal Horácio significava alguma coisa para esse puto. Bem, se já estava morto, Sean estava pouco ligando, era menos um. Ele gostaria muito de perguntar, o que esses idiotas achavam de manter aquelas crianças lá atrás. Pelo que Sean sabia, essas eram mais novas, com idades entre doze e catorze anos. O quadro ainda não estava completo, faltavam mais meninas e havia um menino a mais que o habitual.

– Para com essa merda! – O outro cara empurrou o nervosinho para longe. – Não tá vendo que o cara nem está se mexendo? Ele vai morrer e o Onix não pode vir agora, ele quer vê-lo vivo.

Estava doendo, claro. Já haviam brincado um bocadinho com ele, mais porque eles achavam que Sean era tão traumatizado que não conseguiria reagir quando desse de cara com as mesmas

experiências da adolescência. Ele era, com certeza. Mas já passara há muito tempo da fase de ser afetado por isso. Era como Jared dizia e temia também, ele estava desconectado, simples assim. E a dor da surra? Sinceramente, seu coração partido estava doendo mais.

– Se entregássemos esse puto de merda já morto, ninguém ia ligar. Iam fazer uma festa pra gente.

Eles escutaram sons lá fora e ficaram quietos.

– Será que o Darriw voltou com a garota? – perguntou o cara com o cérebro que funcionava.

Sean duvidava disso, levando em conta que, Darriw essa hora deveria estar morto. Ele só queria ver quando esses dois descobrissem que os caras que saíram dali para pegar a garota, não iam voltar e que o outro lá em cima já devia estar morto. Engraçado, pelas suas lembranças, da época que ficou preso, os caras eram bem mais espertos, nenhum deles era um nervosinho idiota. Eles eram uns bastardos ruins, mas em plena consciência, não por ataques de raiva.

– Isso não é muito profissional – disse Sean.

Ele virou o rosto e cuspiu sangue, o gosto metálico não era novidade.

– Cala a boca! – disse o cara que havia ido à porta.

Sean balançou os braços e os soltou do couro no qual esteve trabalhando desde que o prenderam ali, ele estava acostumado com essas amarras, eles não usavam metal quando os prendiam com os braços para cima como peças de carne no frigorífico porque era mais chegado a quebrar os pulsos dos sequestrados. Funcionava, ele mesmo nunca conseguiu se soltar quando era adolescente. Atualmente, deviam ter o prendido melhor.

O cara que estava mais perto dele arregalou os olhos e sua mão foi para a arma imediatamente. A porta abriu com um chute e bateu direto no nervosinho que foi jogado para trás. Era agora que alguém esperava o inferno acontecer, mas não aconteceu. Kevin entrou e nocauteou o nervosinho com a arma. Sean segurou o pulso do cara racional quando ele puxou a pistola; ele o torceu, pegou a arma e

atirou nele. Depois ele a descarregou, inclusive a bala engatilhada na arma.

– Ele sabe que eles me pegaram, ele vai vir pra cá.

– Eu vou dobrar esse daqui – disse Kevin, falando do cara que ele nocauteara. – Esse aí está morto?

– Não sei – Sean passou por cima dele e foi para a porta, ali não tinha nada para ele se limpar. – Pegou as três crianças que estavam lá atrás?

– Anna entrou lá quando vim pra cá.

Sean saiu e encontrou Vini e mais dois no corredor. Ele subiu as escadas e entrou no banheiro da casa e lavou o rosto. Ali em cima estava muito mais frio, era uma casa alugada numa ruazinha da Teola. Ele saiu, sem o sangue no rosto e Vini lhe deu um suéter que ele vestiu rapidamente. Assim que a gola grossa passou pelo seu rosto, Sean se pegou olhando para o rosto da garota de catorze anos que vinha sendo trazida pela mão por Anne, uma das mulheres que acompanhavam os resgates.

Às vezes as meninas, especialmente as mais novas e ainda mais quando envolvia abuso, estavam assustadas demais. E não adiantava quão cuidadosos eles fossem, eram caras grandes e armados, nem sempre elas conseguiam se sentir seguras. Havia três mulheres com eles atualmente, elas não ficavam lá só olhando e esperando para entrar, eram tão perigosas quanto os caras e entravam junto no resgate. Depois analisavam a situação dos resgatados. Eles estavam procurando mais duas mulheres para a operação, atualmente as três que tinham estavam sobrecarregadas.

Quando o olhar dos dois se conectou, a garota não desviou, ela continuou olhando para ele, talvez reconhecesse uma criatura ferida na outra. Quando ficou preso no mesmo lugar que ela, a garota estava machucada, tinha acabado de ser devolvida. E agora ele estava machucado e conhecia a sensação de ser devolvido para o seu buraco, se tornava um alívio estranho.

– Temos que sair – disse Kevin, olhando o relógio.

Um dos garotos saiu carregado, quando o moveram descobriram que estava mais machucado do que parecia. E com certeza estava odiando, Sean também saíra carregado, mas não sabia dizer se era

melhor apagar, foi o que ele não conseguiu impedir quando passou por isso.

Hoje ele não estava ali só pelos garotos. Agora que era a isca, Sean estava só esperando a hora que iam pegá-lo de verdade. Ao menos eles podiam tentar. E o próximo cativo que eles estourassem, ele pretendia achar o homem com quem entrara numa briga pessoal. Parecia que catorze anos haviam se resumido há dois dias, para os dois lados. Era perigoso encarar esse trabalho de forma tão pessoal, mas também era inevitável que chegasse a esse ponto, era só uma questão de tempo.

Dias atuais...

Riksgränsen, Suécia.

Quando ouviu a batida na porta, Sean estranhou. Só podia ser Jared porque ninguém lhe chamou no rádio. Ele foi até a porta do chalé e deu uma olhada antes, achou que estava vendo coisas. Abriu a porta, na verdade, escancarou a porta imediatamente e ficou ali parado. Se fosse enganação e alguém quisesse lhe dar um tiro, ia levar um bem na testa. Mas em que mundo ele ia confundir Beatrice com outra pessoa? Nem que estivesse dopado.

E mesmo que ela estivesse com gorro e o cachecol levantado para proteger o rosto do vento, ele podia ver seus olhos. E ele estava tão chocado que ficou ali parado, só olhando para ela.

– O que você está fazendo aqui? – Ele até olhou em volta, mas ela estava de pé à sua porta, sozinha.

Era impossível ela ter chegado ali sozinha.

– Não vai me convidar pra entrar? – Ela abaixou o cachecol, mostrando o resto do seu rosto. – Eu estou congelando – ela disse, numa voz baixa de reclamação e pedido.

Ele segurou o braço dela e a colocou para dentro imediatamente, deu um passo para fora e pegou suas duas malas e colocou para dentro também, depois fechou a porta e achou que estava vendo coisas. Ela foi correndo para perto da lareira e ficou se aquecendo. Sean foi até lá e avivou um pouco o fogo.

– Como você chegou aqui?

Ela bateu o olhar no rosto dele, com a luz do fogo sobre eles e ficou paralisada vendo que ele estava machucado. No que ele podia ter se envolvido só nesses dias que ficou fora? Não parecia o resultado de uma briga rápida, dessas que você fica trocando socos até alguém cair. Era algo como se meter em uma situação inesperada e tudo dar muito errado até você se livrar. O lado esquerdo do rosto dele estava com uma marca que estava desaparecendo e o lado direito tinha um hematoma fino, atravessando a testa como se alguém houvesse segurado sua cabeça e batido com ela contra uma grade, um ferro ou algo similar.

– O que aconteceu com o seu rosto, você andou brigando de novo? – Ela levantou a mão enluvada e tocou muito levemente, ele só sentiu o tecido fofo da luva dela.

– Beatrice...

– Olha o seu rosto, Sean... tão bonito e vive deixando que o machuquem – ela falou baixo, com pena e como se sentisse dor por ver a face dele machucada. O casaco dele não tinha a gola alta, então ela via um hematoma no pescoço. – Está doendo?

– Como você chegou aqui? – ele repetiu, tentando tirar a atenção dela do seu rosto.

– De avião – ela respondeu, mas continuava tentando ver seu rosto.

Ele até parou para engolir a saliva e se controlar.

– Quem te trouxe?

– Ora essa, o Jared, claro. Ele foi dormir, muitas horas de viagem e sei lá porque, ele ficou o tempo todo acordado.

– Eu vou matar aquele puto! – Ele se virou e foi pegar o casaco.

Ela pulou de pé e ficou o olhando.

– E vai me deixar aqui sozinha? – Ela estava usando sua melhor voz de garota magoada, porque era verdade.

O pior é que fazia efeito nele. Sean deixou o casaco no lugar, ele ia matar Jared depois.

– Cadê o Don? – ele demandou, sabendo muito bem que Don jamais a deixaria vir sozinha, mesmo junto com o Jared.

– Foi dormir também.

– Eu vou matar os dois – ele estreitou os olhos.

– Você pode esfolar e trucidar todo mundo depois, Sean. Eu também tenho culpa e sou a única ao alcance da surra.

Ele lhe lançou aquele seu olhar de que a resposta era tão óbvia que ele nem precisava responder. Beatrice botou as mãos na cintura.

– Ué, por que não? Só porque eu sou uma garota? Eu dou um soco de direita muito bom. Garanto que posso te dar trabalho, sabia? E a igualdade, cadê? Se eles vão levar, eu também devia – ela até levantou os punhos para ele.

– Você nunca teria chegado aqui sozinha.

– Com o endereço, quem sabe...

– Não.

Ela ficou olhando para ele e resolveu mudar de tática.

– Eu estou com fome...

– Tudo bem, vou lhe trazer um lanche, mas depois, você vai voltar – ele disse, preferindo sair de perto dela por uns minutos para não parecer tão irado.

– Você vai me mandar embora no meio da nevasca?

– Não tem nevasca.

– Tem sim! Eu estava morrendo de frio lá fora.

– Não é época de nevasca.

– Tem época de nevasca numa montanha cheia de neve?

– Tem. A neve está até mole nas pontas. É quase final de temporada.

– Você vai me levar para esqui?

– Você vai voltar pra Nova York no primeiro voo que eu arranjar – ele desceu o degrau e foi à cozinha.

– Não vou nada... – ela disse baixo e voltou a se abaixar em frente à lareira.

Quando Sean voltou com uma bandeja com sanduíche, chocolate quente e biscoitos, Beatrice estava queimando alguma coisa na lareira e fazendo o fogo subir.

– Beatrice, o que... – Ele deixou a bandeja e foi até lá. – Vai cair faísca no seu casaco.

Ele viu que ela estava rasgando umas folhas e alimentando o fogo com as tiras e se divertindo com isso. Sean logo descobriu o que era

e pegou o resto antes que ela queimasse também.

– É o seu documento abrindo mão de tudo – ela ficou de pé e o olhou. – Eu não vou te dar droga de divórcio nenhum!

Se eles estivessem em outra situação, ele ia apreciar tremendamente esse momento. Só nos seus sonhos ele podia imaginar ver Beatrice dizendo uma coisa dessas, depois de ela ter exigido o divórcio dele. Mas como a vida não era justa, ele nem podia apreciar a beleza disso.

– Eu trouxe o seu lanche, coma antes que esfrie.

– Não adianta me ludibriar com comida, Sean. Não vou mudar de ideia.

Ela foi até a mesa onde ele deixara, sentou no sofá e bebeu um gole do chocolate quente, fazendo um som de apreciação. Enquanto isso, Sean foi lá para o canto falar no celular, primeiro para ameaçar a vida de Jared de todas as formas e depois para saber quando conseguiria que os pilotos estivessem prontos para decolar. Com certeza ia ter que esperar até amanhã, mas quanto antes, melhor. Aquele lugar não era seguro para ela.

– Você está mesmo empenhado em ir em frente com esse divórcio, não é? – ela disse, de repente.

Ele se virou rapidamente e ela estava de pé no degrau que levava ao espaço perto da janela onde ele estava tentando conseguir o voo para ela. Isso era um ótimo exemplo do problema todo, Sean não resistia àquele olhar magoado que estava estampado no rosto dela. Seu primeiro instinto era abraçá-la e dar um jeito. Pior ainda por ele ser a causa.

– Por que você está dizendo isso? – ele perguntou, só para não ficar mudo enquanto ela o olhava.

– Eu apareci aqui pra te ver e você nem quis me beijar... Você sempre quer me beijar – ela olhou para baixo, à caneca vazia e depois voltou a olhá-lo. Dessa vez nem estava fazendo charme, sua voz baixa e mais aguda era resultado de como se sentia.

Mas ele queria beijá-la.

Sean largou o telefone, subiu no degrau e a levou de volta para perto da lareira. Ela continuava o olhando daquele jeito.



– Não faz isso comigo, Bea. Isso não é justo – ele pediu, entre o desespero e a dor.

Ela continuou segurando sua caneca e agora parecia desconsolada.

– Você disse que me amava. Quando foi me dar os papéis também. Você não diz as coisas da boca pra fora. Nunca foi assim, não importa quão baixo nós chegamos, você nunca disse o que não sentia. Eu sei que... na verdade, eu não sei o que você passou, não tenho a menor pretensão de saber como se sente sobre tudo isso. Mas nós conseguimos, Sean. Não tornamos a relação um mar de rosas, mas conseguimos voltar até um momento em que ela pode ser recuperada. E eu não quero desistir agora. Eu também sinto medo, mas é uma fase. Vai passar.

Ele nem sabia o que lhe dizer, o máximo que podia fazer era tentar juntar como se sentia sobre eles e por pra fora. Ela tinha que entender que era melhor assim, mas não era porque ele não a queria mais ou porque achava mais fácil desistir deles. Ele estava tomando justamente o caminho mais difícil para ele, nada no mundo doía mais do que abrir mão dela.

– Você pode falar comigo. De verdade, eu queria que você falasse, eu consigo lidar com qualquer coisa que você me disser. Você pode tentar me proteger de todo mundo, mas foi tentando me proteger de você que me afastou mais – ela deixou a caneca sobre o aparador da lareira.

Ele ficou olhando para o fogo, pensando em como ia passar esse tempo com ela sem enlouquecer e ceder ao amor que sentia por ela, jogando aquela droga toda para o alto e arriscando a vida dos dois.

– Eu já passei por todas as fases. Medo, ódio do mundo, depressão, revolta, violência... Tudo de errado que eu podia fazer, eu fiz. E depois comecei a fazer o certo e isso só me afundou mais. E aí você entrou e revirou toda a minha vida. Eu precisava de você, eu queria você, só que eu queria o tempo todo. Você era como uma droga no meu sistema, a única que tornava minha vida válida outra vez. Eu sabia que era errado e que eu tinha que segurar as minhas pontas sozinho antes de viver com alguém. Mas com você, tudo parecia possível. E quando achei que a teria pra sempre, tudo

mudou. E eu só podia ter você na minha vida, mas não comigo. Eu pirei. E fui tão fundo que não conseguia sair sozinho. E não a conseguia de volta de qualquer jeito. Mas nosso tempo terminou, Bea. Eu prefiro ter você viva e bem. Não adianta tê-la morta ao meu lado. Vou perder completamente a razão se alguém tocar em você de novo.

Beatrice deu uns passos à frente da lareira e cruzou os braços, sentindo frio apesar de estar perto do fogo. Depois ela desistiu e foi até ele, plantando suas mãos no seu peito e o olhando.

– Eu não quero te perder agora – ela tentou balançá-lo. – Eu não consigo me separar de você! Por que você acha que não fui embora por todos esses anos? Eu não consigo! – Dessa vez os dedos dela se enterraram no casaco dele, puxando a lã e marcando-a com o aperto. – Seja lá o que você fez ou como fez, eu caí e afundei no meio dos seus sentimentos. E se tornaram os meus sentimentos e eu não consigo ficar sem você. Eu queria! Eu fugi e me escondi. Achei que nunca mais voltar ao triplex ia me libertar do que eu sinto. Mas você veio atrás de mim e tudo voltou como uma avalanche. Eu não quero te perder de novo!

Ela ficou o puxando e ele segurou seus antebraços, Beatrice o empurrou, mas não o soltou e por um momento parecia que estavam num embate, mesmo que ele pouco se mexesse e fizesse esforços fracos para impedi-la.

– E como você espera que eu esqueça? Você disse que ia arriscar tudo por mim! Mas não me deixa arriscar por você! – dessa vez ela realmente o empurrou, como se o punisse por isso.

– E como isso saiu pra você? – ele disse, perdendo a calma que fingiu que tinha nos últimos minutos. – Eu quis te dar o mundo e errei em cada passo! Até que você acabou inconsciente e quebrada nos meus braços!

– Não errou! – ela gritou para ele, o interrompendo. – Nós erramos juntos!

– Tudo isso pra quê? Pra você quase acabar morta! E nem ia ser um tiro na cabeça, iam ser dias e dias presa numa droga de um buraco! Tudo porque eu não sei a hora de parar de arriscar! Não! Eu

não consigo mais arriscar você. Eu já arrisco muito além da minha conta, mas você é o meu limite.

Ele se afastou dela e andou até o sofá, passou as mãos pelo rosto e direto até o seu cabelo escuro, o empurrando para trás. Para ter chegado até ali e abrir mão justamente da pessoa mais importante da sua vida, ele tinha certeza que a essa altura já teria chegado bem perto de ficar como a Quinze. A cada caso em que se envolvia, ia ficando pior, mas sempre achou que poderia voltar para Beatrice. Até certo ponto ele podia, mesmo que depois tudo tenha se tornado uma farsa, os dois ainda seguiam agarrados à existência da relação.

Até ela se machucar. E essa era a deixa de Sean para sair de cena. Na verdade, deveria ter sido muito antes. Há dias ele estava se perguntando por que não a deixara ir quando ela finalmente havia resolvido deixá-lo.

– Eu vou ser uma péssima ex-mulher. Eu te disse isso antes de nos casarmos... – Ela chutou as botas porque ainda estava as sentindo molhadas e tinha a impressão de que isso era a causa do enorme frio que sentia.

Sean parou ao som do barulho quando ela derrubou uma das malas no chão e começou a tirar coisas e espalhar em volta, subitamente ela começou a fungar e passou as costas da mão sobre os olhos.

– Você não vai me dizer, não é? Eu nunca sequer vou ter ideia de como é a vida pra você. E assim nunca vou saber como ficar junto com você sem que tudo se estrague novamente – ela achou suas botas acolchoadas.

Ele a escutou chorando e foi até lá, tirou-a do chão e carregou para o sofá. Sean não se importou com as coisas que ela espalhou, só pegou as botas que ela encontrou e levou ao sofá. Beatrice ficou de meias sobre o estofado e permaneceu apenas olhando-o. Sean apoiou os cotovelos nos joelhos e ficou ali, segurando uma das botas dela como se esperasse alguma coisa.

– Eles não vão vir até aqui, acredito que não agora. Mas você precisa voltar – ele disse de repente.

Beatrice continuou o olhando. Ele disse aquilo sem nem se mover e como ela não respondeu nada, ele apoiou a testa na palma da

mão, ainda escorando o peso com o cotovelo na coxa. Ele não parecia bem e não estava mesmo. Foi como ele disse a Jared, para isso funcionar, ele não podia olhar para ela nunca mais. Muito menos tê-la ali junto com ele. A única coisa que ela fez foi se aproximar dele e descansar a testa no seu ombro.

– Eu não sinto medo. Não é como se eu vivesse aterrorizada agora. Foi difícil sair na primeira vez, mas eu não estou mais com medo. Mas eu vou ficar se nos separarmos por causa disso – ela disse baixo, ainda com a testa recostada nele.

Ele não estava sendo totalmente honesto com ela. Sean não estava os sacrificando só para mantê-la afastada das coisas que ele fazia. Depois que a levaram, ele descobriu que ele também não era seguro para ela. A forma como ele se sentiu quando aconteceu, não era seguro para ninguém chegar perto dele. Ele não achava que a longo prazo seria bom para ela continuar com ele. Quatro anos já haviam sido muita coisa, ao mesmo tempo em que parecia ser pouco e veja só o que ele já havia feito a ela.

Ela merecia segurança, não só física, mas emocional e psicológica. Ele tinha certeza que ela não gostaria de alguém tedioso, mas merecia alguém menos errado do que ele, se é que era possível usar esse termo.

Isso era até altruísta da parte dele, mas não fazia a menor diferença para ela. Beatrice o queria, errado como fosse.

Sean deixou seu corpo ir para trás e descansar contra o encosto do sofá, ele ficou olhando para ela, levantou a mão e acariciou seu rosto com os dedos, deixando a palma da mão por baixo de seu queixo.

– Desde que te levaram, eu sinto tanto ódio. O tempo todo – ele disse, como se as palavras saíssem com dificuldade, sua voz até soava rouca e falha em alguns momentos. – Queima pela minha garganta como se houvesse uma caldeira no meu estômago. Eu tinha parado, só sentia isso quando tinha que sair mais uma vez e ver os resultados de um sequestro. Eu voltava, entrava em casa, olhava pra você e melhorava. Agora, arde o tempo todo.

Beatrice ficou sentada sobre as pernas, o olhando e tentando encontrar uma brecha naquela armadura que ele tinha vestido. Ele

não ia mudar de ideia e ia bani-la para algum lugar seguro, para uma vida que ela não queria. Mas só querer não bastava ali, ela não podia obrigá-lo a ficar do seu lado, só que ele também teria trabalho para obrigá-la a ficar longe. Apesar disso, o impasse não servia para eles, já haviam passado os últimos anos presos em um.

O celular dele tocou e Sean se levantou e foi até o console da lareira onde ele o havia deixado. Ele atendeu e ficou de frente para o fogo, apenas escutando o que alguém dizia do outro lado; em certo momento abaixou a cabeça e ela percebeu que sua postura havia ficado tensa. Ele tornou a pedir um voo dali de volta para Nova York. Quando terminou, ele deixou o celular sobre o aparador novamente e se virou lentamente. Havia algo estranho em seu olhar, a notícia que recebera com certeza não havia sido boa.

Como se não se importasse com isso, Beatrice levantou e foi andando para perto dele, franzindo o cenho conforme se aproximava. Ele olhava-a como se fosse lhe dizer a última notícia ruim do dia.

– Eu não vou parar, Beatrice. Eu não posso.

Agora que ela sabia do que ele estava falando, as coisas faziam tanto sentido. Mas quer saber, ela não queria que ele parasse. Depois do que aconteceu com ela e de saber que esteve a poucos minutos de ser levada para um dos piores horrores que poderia viver, ela teve certeza que não pediria isso a ele. Alguém precisava fazer isso e ela não seria a garotinha idiota e egoísta que ficaria choramingando no ouvido do seu parceiro, lamentando o quanto não conseguia dormir e como ficava preocupada e desesperada sabendo que ele estava se arriscando para salvar outras pessoas.

Não, ela não era nada disso. Era o tipo que apoiava e o abraçaria apertado quando ele voltasse e precisasse de conforto. Sean já fazia isso antes dela e Beatrice não queria que parasse por sua causa. Ela só iria pedir isso se começasse a destruí-lo. Só que agora ela já sabia que abandonar essas pessoas que precisavam ser resgatadas é que o destruiria.

– Eu sei... Eu não quero que você pare. Não por mim, só se for por você.

Ele abriu as mãos e levantou os ombros, depois as deixou cair dos lados de seu corpo e a olhou como se aquilo fosse um caminho sem saída. Sean se aproximou das malas dela, colocou tudo de volta e tornou a fechar, levando-as pelas alças.

– Já faz um tempo que minhas decisões mais importantes são por você – ele olhou para o lado como se aquilo fosse uma lembrança dolorosa.

Beatrice deu dois passos rápidos até ele e o pegou de surpresa, ele realmente não esperava. Ela o abraçou, soltando seu corpo contra o dele como costumava fazer. Os antebraços dela circularam o pescoço dele que deu um passo para trás, segurando-a contra ele e uma das malas tombou de novo. Ela o beijou e o olhou.

– Por que você não me beijou? Eu não quero mais vê-lo fingindo que não precisa chegar perto de mim. Eu preciso! Por que você não me beijou, Sean?

Ele manteve os braços em volta dela enquanto a olhava e franzia o cenho.

– Porque eu sou um fraco de merda perto de você. Quando começo a te beijar eu não consigo parar.

Bea apertou o rosto dele entre as mãos e o beijou com força, esmagando seus lábios e o puxando para ela, mantendo-o inclinado e sentindo seus braços a apertarem. Ele acabou puxando-a contra ele, devolvendo o beijo com a mesma intensidade. Quando ela ficou sem ar, mordiscou a boca dele e o puxou pelo casaco.

– E sexo, você consegue parar quando começa? – Ela se abraçou ao corpo dele, passando as mãos pelas suas costas e o acariciando com o próprio corpo.

– Você sabe que não – ele desceu as mãos pelo corpo dela, pegou seu traseiro e o apertou, pressionando-a contra ele. – Isso é até covardia, Bea.

Ela riu dele e colocou as mãos por baixo do seu casaco, eles estavam muito vestidos, fazia frio por mais que não fosse inverno.

– Eu sou a sua melhor solução, Sean. Eu curo os seus demônios, a sua raiva, sua mágoa, posso dar um jeito em todas as suas necessidades. Até o seu desejo é só meu, eu não vou deixá-lo ir. E você ainda acha que vai ficar longe de mim?

– Eu estou tentando...

– Com as mãos dentro da minha blusa? – Ela sorriu, porque assim como ela, ele tinha enfiado as mãos por baixo do seu casaco e da sua blusa, procurando contato com sua pele.

Ele abaixou a cabeça e a beijou de novo, era como clarear aquela tempestade na cabeça dele. Mais viciante do que isso era impossível.

– Nós vamos morar na mesma cidade! – Ela puxou o casaco dele e o arrancou, depois arrancou o dela com a ajuda dele.

– Seria impossível – ele puxou a blusa dela e jogou para o lado.

Beatrice o agarrou pelos ombros e o puxou até tê-lo no chão e sobre o tapete em frente à lareira, pois era mais aquecido. Ela arrancou a camisa dele enquanto falava.

– Nós íamos viver em colisão constante! Íamos nos encontrar para todo lado! Desesperados e fingindo que não era de propósito! – Ela o empurrou pelo peito e abaixou, beijando seus ombros, acariciando seu peito e abdômen com as mãos e lhe dando um sorriso sacana quando o lambeu.

– Eu só precisaria protegê-la.

– Nunca! – Ela agarrou o fecho da calça dele, o abrindo e a puxando do corpo dele. – Eu não ia deixar nada fácil pra você. Acha que ia ser fácil não me ver mais? Você ia ter que aparecer pra dar um jeito em mim!

– Você não ia fazer... – Ele engoliu o resto da frase quando ela segurou seu pau por cima do boxer e ele ficou ainda mais duro na mão dela.

– Ah, ia – ela se livrou da calça para conseguir ficar só de calcinha e subiu sobre ele. – Nega que toda vez que você aparecesse pra me “proteger” não ia acabar sem roupa e em cima de mim.

Ele estreitou os olhos para ela, segurou seu quadril e apertou contra o dele, fazendo-a se mover sobre a extensão do seu membro duro, delineado no box. Ela mordeu o lábio, sentindo-o entre suas pernas, esfregando-se contra ela e deixando-a úmida.

– Nós nem sempre ligamos pra tirar a roupa toda – ele moveu o quadril contra o dela e puxou os lados da sua calcinha.

Ela xingou baixo, o que o divertia e foi para trás, puxando o boxer dele e liberando sua ereção.

– Eu te quero agora – ela disse, voltando para cima dele.

Sean a derrubou no tapete e agarrou a calcinha dela, arrancando-a do jeito mais fácil e rápido, destruindo-a. Ele montou sobre ela, prendendo-a embaixo do seu corpo, apoiando os joelhos no chão e se inclinando sobre Beatrice que moveu as pernas no ar e ele as afastou enquanto ela se segurava nos seus ombros. Sean ficou dentro dela num movimento, arrancando um gritinho de prazer e as mãos dela deslizaram, segurando por trás dos braços dele.

– Você queria assim? – ele se enterrou nela até o fundo, apoiou as mãos no chão e não parou de se mover.

– Sim, quero assim. Só isso, rápido!

Ela prendeu as pernas nele, para se segurar porque ele estava a fodendo rápido, mas ela não saía do lugar, ele estava a penetrando com força, sobre o chão que não era como um colchão e não cedia sobre o peso deles e das estocadas incessantes. Ela estava adorando ser novamente fodida como se não estivesse a ponto de quebrar. Sean com certeza não estava com medo de machucá-la hoje.

Beatrice gozou rápido, xingando de novo e gritando o nome dele que só parou por um momento, quando se deixou empurrar e eles tombaram, para mais perto da lareira. Ela ficou por cima, plantou as mãos no peito dele e se apoiou, movendo o quadril para cima e para baixo, para frente e para trás, com a força que conseguia, mantendo seus corpos se chocando como ele havia feito.

Sean inclinou a cabeça para trás e gemeu, quase chegando lá.

– Puta merda, Bea. Mais forte – ele apertou as coxas dela e apoiou os pés, movendo o quadril contra o dela.

– Goza pra mim! Droga, Sean! – ela bateu no peito dele e deu um gritinho quando ele chocou o quadril contra o dela, fazendo-a pular sobre ele.

Ela apertou as unhas no peitoral dele e jogou a cabeça, gemendo mais alto e quase gozando de novo, tentando arrancar o orgasmo dele que veio violento, do jeito que ela estava fazendo. Beatrice gemeu repetidas vezes quando o sentiu gozar dentro dela, mas não parou, foi mudando o ritmo gradativamente, apertando-o dentro dela, até que ela não conseguiu conter e começou a gozar de novo e estremeceu sobre ele. Ela apoiou as mãos para trás e moveu se



moveu lentamente sobre o dele, ainda sentindo-o gozar, assim como sentia os tremores do corpo dele entre suas coxas.

Ambos estavam ofegantes e suando quando seus corpos voltaram a responder aos seus cérebros. Sexo desse jeito, como uma descarga emocional e física era doido e desesperado, no final o efeito parecia o de horas de fofocas em várias posições ao invés de ter sido uma vez muito intensa.

Bea se inclinou e o beijou por um tempo, haviam passado essas semanas separados e estavam desesperados um pelo outro, depois de tudo que passaram, não suportavam mais ficar longe, no fundo ambos tinham medo que voltasse ao que era antes. Ela se apoiou, beijou seu peito e deslizou sobre seu corpo, seu cabelo havia se soltado completamente no meio da relação e agora deslizava sobre a pele dele. Ela o jogou para trás e continuou o beijando, passou a língua pelas entradas dos músculos no abdômen dele, sentindo o gosto salgado do suor que ele dera durante o sexo. Não importava se estava frio, os dois suaram e xingaram na mesma proporção.

Ela levantou o olhar e Sean a observava, estava bem mais relaxado agora e Bea não queria deixá-lo se sentir culpado por sua ideia impossível de despachá-la para bem longe. As mãos dela passaram pelas coxas dele, massageando a cada vez que ele retesava os músculos pelo toque dela. Beatrice tornou a se inclinar e passou a língua pelo membro dele, segurando-o com a mão direita.

– Adoro sentir meu gosto em você – ela lhe disse, fazendo-o sentir como se o fogo da lareira houvesse tomado conta do seu corpo todo.

– O que eu faço com você, Beatrice? Eu não tenho o menor juízo perto de você – ele se apoiou nos cotovelos e ficou a olhando.

Ela passou a língua por toda a extensão do pau dele até a cabeça macia que ela circulou e deu uma sugadinha leve.

– Essa frase é minha, Sean... – Ela o colocou na boca e começou a chupar, fechou os olhos por um momento, como se em deleite e voltou a olhá-lo, mas parava quando se esforçava para colocá-lo até a garganta.

Sean fechou os olhos e virou o rosto, sentindo o estremecimento de prazer que foi tomando conta do seu corpo pelo que ele sentia e

a olhava fazer. Ele não colocou a mão nela, deixou-a fazer o que queria. Ela sabia levá-lo à loucura sem a sua ajuda. Bea usou a mão direita para masturbá-lo e a esquerda para acariciar suas bolas e desceu a boca, sugando por todo lado, até voltar a chupar o seu membro que já latejava em sua boca.

Os gemidos dele, roucos, masculinos e incontroláveis, eram tão bons que a deixavam muito excitada. E ela continuou chupando até ele gozar e lhe lançou um olhar quente e repleto de triunfo enquanto ele se entregava para ela, se desfazendo de prazer, completamente preso apenas no que eles faziam. Ela só o tirou da boca quando ele finalmente relaxou e olhou-a, ainda ofegante e com aquele olhar de predador, algo que ela conhecia bem.

– Vem cá, Bea – ele ficou de joelhos mais rápido do que ela previra.

– Não! – Ela apoiou as mãos no chão e dobrou as pernas, indo um pouco para trás.

Sean pendeu a cabeça para o lado e lhe lançou aquele mesmo olhar, maldito causador de sonhos eróticos e orgasmos instantâneos.

– Você acha que vai ser a última vez – ela acusou, prensando um joelho contra o outro.

– Eu achava que ia ser a última vez quando te chupei na nossa cama, lá em casa.

Ela ficou olhando para ele. E Sean chegou mais perto, apoiando as mãos no tapete e olhando-a, ele desceu o olhar por seus seios, apreciou à distância a visão dos mamilos rijos e umedeceu os lábios.

– Você pensa que vai ser a última vez que estaremos juntos, Sean...

– E você veio aqui me provar que estou errado... De novo.

Bea ficou olhando e Sean a observava como um felino, imóvel e apenas olhando, pronto para dar o bote assim que tivesse a chance. Bea mordeu o lábio e afastou as pernas lentamente, o olhar dele desceu e ficou tão quente que se ela já não estivesse tão molhada e louca pra ser tocada, ia ficar agora. Sean se aproximou devagar e foi ficando entre as pernas dela. Com uma das mãos ele brincou com o mamilo dela que encolheu os ombros e fechou os olhos por um momento, adorando qualquer toque dele.

Ele abaixou mais e o seu olhar de fome para o sexo úmido que ela lhe revelara era perfeito. Ele a lambeu como se provasse e depois continuou, porque ele achava bom demais. A língua dele acariciava o clitóris dela com vagar e no final ele dava uma leve sugada, só para engolir a saliva. Ele levantou o olhar para ela, absorvendo a visão do seu prazer e colou os lábios nela, chupando-a, naquele ritmo perfeito para ela mover o quadril em resposta, mostrando como gostava do que ele fazia.

– Eu também adoro sentir o meu gosto em você – ele passou a língua pelos lábios molhados e voltou ao que fazia.

Sean fechou os olhos por um momento e a expressão de prazer dele enquanto a chupava mostrava o quanto ele gostava do que estava fazendo. Ele desceu a boca até a entrada ávida e continuou a chupando de volta o seu clitóris, ele não desgrudava a boca do sexo dela e começou a chupar com mais vontade, como se ela já não estivesse gemendo o suficiente para deixar sua garganta seca.

Bea havia deitado novamente, porque não conseguira ficar sentada e se escorando com as mãos. O que só dera mais espaço a ele. Ela não achava possível ficar tão molhada assim, mas ele sempre lhe provava que dava. Ela estava lutando para não se contorcer, seus gemidos eram lá do fundo e para não agarrar o cabelo dele, ela agarrava o próprio cabelo, o bagunçando e cobrindo seu rosto. Ele continuou a chupando quando ela começou a gozar na boca dele e foi até o final, até os gemidos dela virarem suspiros e o quadril dela parar de se mover enquanto ela pedia por mais.

Sean ficou de joelhos e passou a mão pela extensão do seu pau que estava tão duro quanto Bea gostava de dizer “como os meus diamantes”. Chupá-la sempre lhe causava esse efeito. Ele foi se inclinando sobre ela e Bea levantou os braços, o puxando pelo pescoço.

– Vem... – Ela o esperou ficar sobre ela e prendeu as pernas no quadril dele. – Você acha que não te aguento só porque estamos no chão?

Ele sorriu e já que ela queria, deixou o peso do seu corpo sobre o dela.

– Dessa vez eu quero aproveitar cada segundo dentro de você – ele disse baixo para ela, já que estavam ali tão juntos, só com o som da lareira ao lado deles.

– E eu quero te beijar o tempo inteiro – ela o abraçou e virou mais o rosto, o beijando enquanto ele ficava dentro dela devagar, preenchendo-a até o fundo, deslizando fácil demais pelo seu interior úmido.

– Isso é delicioso, Bea – ele murmurou contra os lábios dela e voltou a beijá-la.

Ela se abraçou a ele e ficou o olhando enquanto ele se movia sobre ela, seus olhos se fechavam em alguns momentos, mas ela voltava a observá-lo. A última vez que havia se sentido assim, fora na primeira vez que dormiram juntos, lá naquele hotel em Baltimore. Ele havia feito amor com ela, com seu corpo quente e forte cobrindo o seu, acariciando-a, beijando-a, dizendo-lhe como adorava ficar dentro dela e não queria que acabasse. E a levou ao orgasmo, como fazia agora.

E daquela vez também foi perfeito, mas havia aquele sentimento de que seria a última vez. Naquela noite ela achava que seria a primeira e última de uma intensa paixão repentina. Agora era como se fosse a última vez, mesmo que já soubessem que se amavam, que houvessem errado demais e conquistado suas segundas chances, ainda parecia que seria a última.

Sean beijou a curva do pescoço dela e apertou seus braços dos lados dela, Beatrice prendeu melhor as pernas na cintura dele e se apertou em volta dele, movendo o quadril sob o seu e gemendo mais alto, apertando as unhas na sua pele e sentindo que arrancava dele o orgasmo do mesmo jeito que ele fizera com ela. Ainda podia sentir seu corpo se retesando em volta dele, junto com as pulsadas do pau dentro dela enquanto ele gozava e ficava totalmente entregue a ela.

– Eu adoro olhar pra você assim – ela disse, passando as mãos pelas costas dele e o sentindo bem junto a ela.

Ele encostou os lábios nos dela e sorriu levemente, depois a beijou com carinho. Quando foi para o lado, ele a puxou para o tapete felpudo e procurou algo para aquecê-la.

– Por que você sempre gosta de me fazer largar todas as minhas resoluções? – ele perguntou.

Ela sentou e o olhou.

– Você não estava cedendo – ela reclamou. – Eu precisava de uma conexão e eu vi que primeiro ia ter que ser física.

Sean observou-a por um momento e disse:

– Eu também precisava.

Ele se levantou, nu mesmo e foi buscar uma manta. Beatrice ficou com um leve sorriso, observando-o se afastar e admirando seu corpo longilíneo, musculoso e rígido. Ela mordeu o lábio, divertindo-se por tê-lo tirado daquela férrea decisão de se afastar completamente dela. Ela ainda estava admirando aquele belo traseiro dele que fazia um par perfeito com as coxas fortes e as costas com aquelas entradas dos músculos.

– Bea... – Sean olhou por cima do ombro e a pegou no flagra.

Ela tentou fazer uma cara séria.

– Vem cá – ele se virou e desdobrou a manta.

– Não quero. Você vai me despachar pro quarto, prefiro ficar perto da lareira.

– Lá tem lareira também.

Ele voltou até ela e a envolveu com a manta, depois a pegou no colo e levou com ele para o seu quarto. Quando a colocou na cama, Beatrice bufou e se agarrou à manta, olhando-o acusadoramente, como se ele fosse provar o que ela disse. Sean puxou as cobertas e acendeu a lareira do quarto. Bea ficou olhando em volta, procurando sinais pessoais pelo quarto. O chalé era grande o suficiente para abrigar uma família em férias.

– Esse é o quarto de hóspedes? – ela perguntou.

– É, mas é o quarto que estou usando. Você vai ter que ficar aqui comigo.

Ela se deixou cair na cama e dessa vez ele que lançou um olhar apreciativo por seu corpo curvilíneo e parcamente coberto pela manta. Sean se deitou e a cobriu, Bea se abraçou a ele, fazendo-o sorrir com a forma que ela se agarrou a ele, provando que não ia soltar nem se ele quisesse.

– Você dizia que dormir abraçado comigo resolvia tudo e o fazia esquecer todos os seus problemas – ela disse.

– Sempre. Quando durmo com você eu nunca tenho pesadelos. Eu adoro sentir a sua pele contra a minha o tempo todo.

– E não foi sempre assim, não é? – ela perguntou baixo.

– Com você, sempre.

– Não... – Ela passou as unhas pelo peito dele e ficou de lado, o olhando. – Antes. Eu sei que antes não era assim, você só nunca quis falar sobre.

– Você quer mesmo ir lá? – ele perguntou.

– Quero – ela respondeu rápido. – A única coisa que quero agora é te entender melhor, começar a descobrir sua história, ao menos tudo que você conseguir me dizer e do seu jeito. Depois de todo esse tempo, eu quero começar a entender o seu outro lado, aquele que você esconde de mim desde o dia que me conheceu.

Ele pausou e não se moveu por um tempo.

– Tudo bem. Quando me trouxeram de volta, eu não conseguia deixar nenhum estranho me tocar. Só a minha família e com certo esforço. Eu tinha dezesseis anos quando voltei e já não era mais virgem, mas depois que fui resgatado, só tentei dormir com alguém aos vinte anos. Na primeira vez eu...

Sean parou e franziu o cenho, umedecendo os lábios com a língua e tentando resumir os pensamentos. Ele soltou o ar e continuou.

– Na primeira vez eu não consegui, eu estava mais assustado do que excitado e meu corpo não respondeu. Por umas vezes não foi como devia e eu me tornei ótimo em dar prazer e não receber nenhum. Até que eu me forcei ao ato, como uma terapia de choque. E então eu perdi o controle, comecei a testar o quanto eu conseguia ser tocado por alguém. Quantas vezes, quantas mulheres em uma semana, em um dia, em doze horas... perdi completamente qualquer senso de autopreservação física. Até que parei. Eu era novamente só um cara normal, solteiro, vivendo e fodendo. Sexo por sexo é fácil, seu corpo só precisa funcionar. E sete anos se passaram até eu encontrar você. E finalmente me entregar e descobri que havia mais. Muito mais.

Bea ficou quieta, apenas olhando para ele, mesmo quando Sean se virou e ficou a encarando.

– Desde aquela primeira vez quando fiz amor com você, eu não podia mais parar. Eu queria te beijar, te tocar, ouvir sua voz, queria ter você o tempo todo. Ser tocado por você era a melhor sensação do mundo – ele chegou mais perto, beijou o ombro dela levemente e tocou seu rosto. – Então como você quer que eu abra mão do que é mais precioso na minha vida? Eu preciso saber que você está segura em algum lugar. Arriscar você, mais do que já arrisquei... A aposta é alta demais pra eu cobrir.

Beatrice ficou o olhando seriamente, passou as costas da mão pelo seu rosto e deixou as pontas dos dedos chegarem ao seu cabelo escuro, para empurrá-lo gentilmente para trás.

– Sean... em poucos anos eu vou fazer trinta anos. Parece pouco, mas eu acredito que não é só o tempo que conta, a intensidade muda tudo. E você é o único homem que eu amei na vida e parece que o amo pela vida toda. É como um daqueles longos romances épicos, com idas e vindas, altos e baixos, erros e perdão. Eu nunca teria ficado quatro anos só esperando e sonhando com um momento em que consertaríamos tudo se não fosse por você.

Ela balançou a cabeça e chegou mais perto dele, segurando seus ombros.

– Eu não quero ficar segura em qualquer outro lugar do mundo. Eu quero ficar com você.

Sean a puxou para o seu corpo outra vez e a abraçou com força, mantendo-a bem junto ele.

– Eu não posso te esconder do mundo, Bea. Lembra que você casou comigo para arriscarmos tudo e você ser a melhor designer da cidade? E depois quem sabe, em uma relação de igualdade, poderíamos até nos reproduzir... – o sorriso dele ao dizer isso foi triste, o que tirou um pouco da esperança dela.

Ela também não esperava que ele fosse lembrar disso agora, então riu, numa mistura de choro e riso.

– Mas nada disso existe sem você – ela tornou a se apoiar nos antebraços para olhá-lo.

Sean deitou a cabeça e tocou seu rosto. Muitas vezes ele tinha esse olhar, como se estivesse gravando sua imagem na mente, porque nunca mais a veria. Ele fazia isso mesmo quando ia dormir e só tornaria a vê-la acordada na noite do outro dia, mas agora, ela infelizmente achava que o olhar dele estava perto de cumprir sua promessa. Apesar disso, ele lhe disse algo completamente inesperado:

– Não pode ser coincidência o seu nome ser Beatrice... e você ser logo a minha salvação. Não tem como.

Ela apoiou o queixo e ficou o olhando.

– Por quê? Você acha que não consigo ou... uma vez você disse que adorava o meu nome e achou fantástico quando eu disse que meu pai quem escolheu.

– Não, Bea – ele beijou seus lábios levemente. – Você só precisava me salvar uma vez e já fez isso. E o seu nome é lindo. Mas é o mesmo nome de Beatrice Portinari, a mulher que Dante Alighieri amou por toda a vida e a quem dedicou um amor platônico e inabalável, além de versos e mais versos em La Vita Nuova. Mas não é essa a parte principal. Ele a amou tanto, que a tornou a chave da sua redenção. Em a Divina Comédia ela é o guia que o leva do Purgatório ao Paraíso. E isso é o que você é pra mim. Eu saí do inferno e fiquei preso num purgatório pessoal até te conhecer. Você é o meu guia, minha ruína, minha redenção e assim como aquela Beatrice foi para ele, você é a mulher que vou amar até meu último suspiro nessa vida, não importa o que aconteça.



## Capítulo 20

*Se eu nunca mais sentir seus lábios quentes, saiba que seus beijos foram meus melhores momentos. Amanhã, quando voltar, saiba também que todos os momentos que fico longe de você soam como nunca mais.*

Quando Beatrice acordou, Sean tinha trazido uma bandeja com café da manhã e deixado perto de uma de suas malas que ele também trouxera para cima. Ele a levou para um banho quente e depois que se vestiu, ajudou-a a arrumar a mala outra vez.

– Eu consegui um voo pra você, é o mais cedo que havia. Você vai pegar um helicóptero até o aeroporto – ele colocou a mala dela junto com as outras.

Don se aproximou e pegou as malas, saindo do chalé para colocá-las no carro. Sean olhava o relógio e parecia com pressa e preocupado. Bea estava carrancuda enquanto descia a escada, por isso ele voltou até ela e tocou seus braços.

– Você vai pra casa, pra um lugar seguro. Depois eu volto – ele disse, encarando-a.

– Você não sabe – ela respondeu. – Eu sei que você cortou seus laços comigo porque nem pretendia voltar, mas se falhasse, não me queria ligada a você.

Ele a beijou e segurou seu rosto, depois a beijou novamente.

– Você está certa, eu sou doido, completamente sem noção. Eu achei que ia conseguir viver sem você, mas não vou. Eu vou perder a cabeça longe de você. Nós vamos continuar consertando tudo que fizemos. E eu vou voltar pra você. Mas eu preciso terminar esse assunto, preciso deixá-la segura. Eu quero que você seja livre ao meu lado. Eu não vou viver com você sendo um alvo dessa forma.

– Mas você nunca vai ser livre.

– Eu sou, quando estou com você, eu sou.

Ela passou os braços em volta do pescoço dele e o beijou. Sean abraçou-a e levantou do chão, dando-lhe um beijo longo de despedida. Ao menos até voltarem a se encontrar. Ele a carregou para a porta e só a soltou lá.

– Promete? – Bea perguntou, ainda se segurando a ele.

– Sim, vou voltar e vamos arriscar tudo de novo – ele garantiu. – E dessa vez vamos ganhar tão alto que vamos quebrar a banca.

Eles entraram no carro que os levaria até a estação no ponto mais alto, perto de onde o helicóptero ia pousar. A estrada fina havia sido limpa e não nevara durante a noite, os carros trafegavam com facilidade até onde podiam. Sean estava indo no carro com Bea, Don e Kevin. Jared resolvera ir no carro de trás com seus dois seguranças e Vini dirigia à frente. Beatrice não sabia por que todos eles estavam lá e nem se mais alguém voltaria com ela e Don.

Fosse o que fosse, Don só estava lá por causa dela, apesar de ele estar recuperado do tiro que levou na coxa quando tentaram sequestrá-la. Alvez não havia vindo, estava em Nova York os esperando voltar. Eles se afastaram da pequena cidade, para um ponto onde não haveria ninguém esquiando e em certo momento, tudo que Bea podia ver era neve. No horizonte não havia mais sinal da minúscula Riksgränsen, para alguém acostumado a viver em Nova York, ela parecia de mentira.

Ela não fazia ideia de para onde estavam indo, mas estavam a duzentos quilômetros acima do Círculo Ártico, onde as montanhas cobertas de neve da Suécia, Noruega e Finlândia se encontravam. Isso lhe dava ideia dos “buracos” onde Sean se enfiava para esquiar. Mal sabia ela que ele não costumava esquiar ali, porque as pistas eram medianas, ele já estava num nível que preferia desafios mais cheios de adrenalina.

Os carros saíram da estrada e seguiram por uma rua secundária que em certo momento, estava repleta de neve e, apesar de serem veículos preparados para isso, chegaram ao limite de até onde podiam ir. Beatrice enxergou uma espécie de hangar e havia pessoas lá dentro, veículos de neve na frente e grandes caixotes, desses entregues com mantimentos; devia ser algum posto, pois havia uma

cruz vermelha em cima da porta. Pouco depois o helicóptero apareceu sobre suas cabeças e pousou à frente. Don e Kevin carregaram a bagagem para o helicóptero. Jared se aproximou de Bea e lhe deu um beijo na cabeça.

– Valeu a pena? – ele perguntou.

– Claro! – Ela sorriu para ele.

– Vai valer a pena a surra que eu vou te dar – Sean disse a Jared e pegou Beatrice, levando-a para embarcar.

O piloto falou com eles por um momento e depois voltou correndo para o helicóptero com suas botas afundando pouco na neve. Ele mal chegou à porta, acenando para Don e Kevin e caiu de repente. Eles nem escutaram, foi rápido demais. Foi o tempo de uma piscada e em seguida, Vini caiu também, bem ao lado do carro deles.

Jared se abaixou imediatamente e sacou a arma, seus seguranças fizeram o mesmo. Sean protegeu Beatrice com o corpo e ela nem havia visto o que acontecera. Ela só teve certeza do que era, quando um tiro atingiu o pneu do carro no qual ela viera.

– Os filhos da puta vieram antes, Sean – disse Jared, engatilhando a arma e olhando para o seu segurança que fez algum sinal que ele entendeu.

Não havia como ele colocar Beatrice no helicóptero e quando ele olhou para o outro carro, as rodas também levaram tiros. Ele a puxou pelo braço e a levou de volta, abrindo a porta do primeiro carro. Infelizmente não eram os seus veículos usuais, mas iam ter que servir para se proteger.

– Sean! Vai pra lá! – disse Jared, segurando a porta.

Eles escutaram mais tiros, pelo jeito os seguranças haviam descoberto de onde estavam sendo atacados. Eles se movimentaram e Beatrice continuou abaixada, funcionando em modo automático, seguindo as orientações deles. Um tiro acertou bem na porta e Sean a passou para o primo.

– Eles querem a mim – ele disse, calmamente demais para quem estava sob fogo. – Tire-a daqui.

– Não! – ela disse, tirando as mãos dos ouvidos, mas não se levantou para impedi-lo, porque ainda estavam atirando no carro onde eles se protegiam.

Sean olhou pela janela já estilhaçada e viu os homens encapuzados avançando. Seus seguranças pareciam estar em menor número, mas haviam ido ali para isso. E eles já haviam notado que aquela abordagem não era típica daqueles homens; quando sequestravam alguém, eles eram discretos e eficientes, como foram quando levaram Beatrice. Se Don não houvesse visto, naquele dia eles a teriam levado silenciosamente. Mas hoje, foram eles que deram os primeiros tiros.

Jared puxou Beatrice para perto e Sean se abaixou, pegou a arma e passou para trás do carro que trouxera Jared e seus seguranças. Com um braço, ele agarrou Vini e o puxou para proteção, ele estava com um tiro no pescoço. O vidro do helicóptero havia sido quebrado, sinal que os atiradores tinham armas mais pesadas do que pistolas.

Beatrice acompanhou Jared para perto do pequeno hangar e os tiros não os seguiram, dois seguranças do local saíram lá de dentro e entraram no meio daquela confusão, um deles logo levou um tiro e caiu e o outro o puxou para trás do carro de neve que estava parado à frente da entrada do hangar.

Quando a porta do pequeno hangar tornou a abrir, alguém atirou e quebrou o vidro que cortou as costas da mão de Jared que havia acabado de tentar abri-la para pôr Beatrice pra dentro. De onde estavam, eles podiam escutar os gritos de quem estava lá dentro e nem sabiam o que faziam ali.

Mudando de tática, Jared levou Beatrice pelo lado do pequeno edifício de um andar e a escondeu na quina, por trás da lixeira. Ele escaneou a situação, Sean tinha mudado de lugar e pela movimentação dos homens, era claro que ele era o alvo. Jared viu quando seu primo pegou a munição de Vini para repor a sua e atirou por cima do capô e quase levou um tiro. Don apareceu subitamente, pelo outro lado do prédio e tocou o ombro de Jared.

– Vai! – ele disse, assumindo seu lugar.

Jared não queria saber como Don conseguira dar a volta no prédio no meio daquele tiroteio, mas as ordens dele sempre foram para largar tudo, independentemente do que estivesse acontecendo e proteger Beatrice. E foi isso que ele fez. Jared correu e rolou para trás do carro.

- Eles chegaram antes! – Jared disse para o seu segurança.
- Reforço em cinco! – gritou o cara, abaixando para se proteger.

Eles não tinham cinco minutos. Se tivessem um já seria muito. Sean respirou fundo, o ar frio não ajudava nessa parte, mas ele puxou tudo para os seus pulmões. De onde estava, ele viu quando Don agarrou Beatrice com um braço, carregando-a para perto do grande veículo de neve que havia perto da construção. Ele segurava a arma com a mão direita e a levava com o braço esquerdo, ficando com o corpo à frente do dela.

Don havia feito o trabalho dele, Sean tinha que tirar aqueles homens dali de perto dela e pegar aquele filho da puta que ele já havia visto dando as ordens, só podia ser ele. Pela primeira vez ele tinha um alvo certo, porque o jogo havia se tornado pessoal para o outro lado também. Antes, era pessoal só para ele, seu primo e logo para os seus seguranças, que acabaram se envolvendo demais no trabalho. Agora que o outro lado sabia quem havia sabotado seus sequestros e apagado seus chefes, era pessoal para eles também.

Nunca houve um nome, como um vilão numa história de ação. Eram muitos alvos, muitos culpados e uma rede extensa demais para tarjar um só. Mas agora que os chefes estavam todos mortos, sobrou o filho da mãe do Onix. E para ele não era só pessoal, era sobrevivência.

Do mesmo jeito que Sean matou os outros que comandavam os sequestros, ia matar ele também. Então Onix decidiu que ia matá-lo primeiro. Mas não queria só dar um tiro na cabeça dele, queria levá-lo outra vez. Para Sean reviver o que passou quando tinha quinze anos e aprender a não mexer com o que não devia. E assim deixar um recado para os outros não continuarem. Há alguns dias o filho da mãe se deixou capturar para zoar com a sua cara e libertar três crianças, mas agora Onix ia pegá-lo de verdade.

– Sean! – Jared gritou de onde estava e deslizou uma arma para ele, o objeto dançou facilmente pelo asfalto gelado que terminava exatamente onde estavam.

Sean fez um sinal para Jared, dizendo que eles iam se movimentar. O porta-malas do carro estava aberto, mas com o vidro quebrado. Kevin e os dois seguranças estavam entocados, haviam

pegado os rifles automáticos dali, mas a munição não era eterna, até porque não conseguiam pegar mais armas e munição do portamalas do outro carro.

Jared não queria se movimentar, ele queria chegar ao seu primo e protegê-lo enquanto atirava em alguém. Mas estava difícil. Sem contar que Sean nunca o deixaria fazer isso. Olhando por baixo do carro, Sean contou oito homens se aproximando e eles eram cinco. E havia atiradores onde eles não podiam ver. Ele se surpreendeu quando um dos homens foi ao chão, já morto, com um tiro na cabeça.

Logo depois outro homem foi ao chão e a aproximação cessou.

Os tiros começaram a ser disparados bem na direção do caminhão de neve onde Don estava entocado com Beatrice. Em cima do caminhão, Marcus se escondeu, mas dava para ver a ponta do rifle de longa distância. Ele era um ótimo atirador de elite, havia prometido a esposa que não ia mais em missões de combate direto. Mas atirar a distância não contava, não é? E quando soube que Sean ia ser usado como isca e Jared estava partindo com Beatrice, o que com certeza faria os filhos da mãe aparecerem, ele agarrou sua mala de emergência e se meteu no avião com eles.

– Reforço em quatro – disse a voz de Marcus e eles estavam muito acostumados a ter a voz dele em seus ouvidos.

*O que diabos Marcus estava fazendo ali?*

– Salvando a sua vida, filho da mãe! – ele disse no rádio, como se houvesse adivinhado que Sean estava se perguntando isso.

Na verdade, Sean não estava preocupado com isso agora. A única coisa que ele via era que os tiros estavam indo de novo para onde Beatrice estava e eles estavam se aproximando e se a pegassem, eles iam tê-lo em suas mãos. Dali ele nem conseguia ter certeza se ela estava bem.

– Eu sabia que eles vinham antes, mas não agora – Jared disse, abaixando perto deles.

Sean recarregou com seu último pente, mas guardou a arma e disse:

– Me dá cobertura.

– Seu filho da puta! Nós resgatamos pessoas! Não lutamos em guerrilha! – gritou Jared, sob uma nova rajada de tiros. – Não é porra de um filme que todo mundo sabe fazer tudo!

– O mesmo vale pra eles – disse Sean, olhando o espaço que ia percorrer.

Sean saiu de onde estava, rolou por trás de uma placa e segundos depois que sua cabeça passou por ali, ela foi perfurada. Subitamente os tiros cessaram, porque alguém deu uma ordem do outro lado. Eles estavam atirando como se não houvesse amanhã e o cara não queria Sean morto, queria pegá-lo muito vivo. E Sean sabia disso e ia usar a seu favor para afastá-los dali.

Quando Kevin viu um espaço e uma pausa nos tiros e os caras se aproximando de Sean, ele não perdeu a oportunidade. Se Beatrice era a prioridade de Don, Sean era a sua. Ele correu, deslizou por cima do capô do primeiro carro, acertou um tiro na nuca do puto que estava mais perto e foi atrás de Sean.

– Don! Don! – disse Jared. – Tire-a daqui agora!

O pequeno prédio que parecia um hangar era a única construção por perto. Eles tinham que voltar, mas não havia caminho livre. Beatrice seguiu Don, escorregando pela neve levemente derretida e se escondendo. Don olhou pela lateral do caminhão e estavam bloqueados ali, o único meio era tentar entrar no prédio e isso os deixaria encurralados e poderia levar um bando de cara armado para lá. Ou seguir pela neve, que foi o caminho que Sean escolheu e Kevin estava no seu encalço, com Jared logo atrás. E um bando de caras armados também.

– Vamos por trás – disse Marcus, pulando de cima do caminhão e prendendo seu rifle no ombro. – Aqueles putos não vão enfiar um tiro nele.

Marcus provavelmente era o segurança com mais sentimentos pessoais em relação a Sean, era o que estava com ele há mais tempo.

– Eles querem pegá-lo! Querem acabar com ele! Despedaçá-lo num cativeiro! Não vão atirar nele! – disse Beatrice, demonstrando que tudo aquilo a deixara um tanto histérica. – Me deixa aqui e vai

atrás dele! – Ela o empurrou, desesperada e aterrorizada que alguém fizesse algo a Sean.

Don a segurou com um dos braços, praticamente a imobilizando e seguiu, tirando-a dali enquanto procurava um veículo que não estivesse todo perfurado por tiros. Ele havia avistado um quando os tiros bateram no vidro, quebrando-o e o fazendo ir ao chão com ela. Marcus correu, atirando na direção de onde vieram os tiros. Os homens que ficaram guardando os veículos no qual os sequestradores iam fugir, viram que eles ficaram para trás. Dois deles estavam avançando.

– Merda, cara! Eles sabem que ela ficou! Vão vir pelos dois! – disse Marcus. – Vai, vai, vai! Eu cubro!

Mais três minutos para o reforço.

Don correu pela neve com Beatrice, não levou muito tempo para ela começar a sentir os pulmões queimando. Ela estava agasalhada para aguentar o frio de andar de carro e depois entrar num helicóptero, não para correr pela neve fofa, que afundava e escorregava, ainda mais fora da estação mais fria do ano. Ele a jogou na neve e ela ficou deitada sobre aquele solo congelante e respirando com dificuldade enquanto Don olhava por trás do enorme limpador de neve que devia servir para limpar a subida até aquele ponto onde os carros conseguiam chegar.

– Estão em perseguição – disse Don ao rádio. – Repito, estão em perseguição à madame. Preciso de reforço! – ele disse, dessa vez alterando um pouco a voz para provar que seu coração também batia rápido.

Kevin levou um tiro. Ele ficou na linha de fogo, logo atrás de Sean e o tiro que ia atingi-lo, pegou em suas costas. Ele sentia o sangue escorrer por baixo de seu agalho escuro, mas não parou. Também era bom em suportar a dor. Jared caiu na neve, seus pulmões também queimavam com aquele ar frio e quanto mais rápido tentava respirar, mais difícil ficava. Mas ele havia sido derrubado, sentou de repente e acertou o joelho do primeiro homem que ia passar por ele. Os dois se golpearam e a partir dali estavam em uma leve inclinação, ambos deslizaram na neve.



Jared ficou descoberto, ocupado demais com o homem que ele estava esganando. O companheiro do cara que ele estava a ponto de apagar levantou a arma, mas Sean atirou nele. Ele havia voltado, Kevin perdera o ritmo e ele viu Jared cair e ficar para atrasar os outros. Quando ainda estava com o braço levantado por ter acabado de disparar, Sean foi golpeado com uma arma e derrubado. Ele executou um movimento evasivo e rolou pela neve, deslizando pela leve inclinação.

Dois homens passaram correndo atrás dele e do cara que o atacara. Jared largou o homem morto sobre a neve e correu atrás deles, com os pés afundando na neve que ia ficando mais fofa e aguada quanto mais perto chegavam da beira.

O que Don temia aconteceu. Dois caras chegaram até ele e não havia como se esconder completamente por trás do limpador de neve. Marcus deve ter derrubado os outros, mas ainda sobraram esses dois. Veio um por cada lado, ele respirou fundo, segurou a cabeça de Beatrice e a abaixou, colocando a mão por cima para protegê-la.

– Abaixa a arma – disse o primeiro cara, apontando o rifle para ele.

O segundo cara cometeu o erro de tentar puxar Beatrice dele, ela puxou o braço e chutou o homem. Don empurrou Beatrice para o chão, agarrou o homem e girou, o outro atirou e o tiro pegou no seu próprio companheiro. Don levantou a arma do homem que acabara de ser baleado e que ele mantinha à frente do seu corpo como um escudo e atirou no outro que foi projetado para trás pelo tiro de rifle no peito.

Beatrice engatinhou e ficou de pé, então saiu correndo em direção ao último lugar que ela vira Sean desaparecer. Ela nem estava raciocinando direito, aquilo tudo era demais para ela. Já perdera a conta de quantos tiros escutara e quantos corpos vira caindo. Mas ela queria encontrar o seu marido. Havia ido até ali para convencê-lo de que não podiam se separar e agora aquele bando de homens estava tentando matá-lo. Justo agora.

Sem nada para se segurar, Sean fincou a arma na neve e parou a descida. O cara pulou por cima dele, com as mãos no seu pescoço. Ele soltou a arma, enfiou os braços por dentro, desarmou o outro e se livrou do aperto. Ele ficou de pé e aparou um soco, torceu o braço do homem, agarrou sua cabeça e girou. O cara caiu morto na neve. Ele pegou a arma, ficou de pé e seus olhos bateram imediatamente nas opções. Agora ele só via neve e algumas árvores um pouco acima de sua posição. Não estava mais conseguindo ver o topo do hangar.

Kevin apareceu, deslizando pela neve e atirando. Sean levantou a arma para o cara mais perto dele e este tirou a máscara que o protegia do frio. Havia mais dois homens lá em cima, atirando em alguém e Sean tinha certeza que era Jared.

– Você não vai me conhecer, mas eu também não te conheço – disse o cara que havia acabado de tirar a máscara.

– Não preciso saber seu nome pra enfiar uma bala na sua testa – disse Sean.

– E mesmo sem me conhecer, você matou meu tio, meu irmão e dois dos meus melhores amigos.

– Lamento se eu perdi a conta de quantas pessoas eles sequestraram, estupraram e mataram. Mas eu conheci várias delas. Até os corpos que eu devolvi às famílias, seu filho da puta – disse Sean, apontando para ele e falando de uma das piores partes do seu trabalho, os corpos que eles desenterravam ou os restos mortais dos sequestrados que morriam no cativeiro. Eles tinham que devolver, a família sempre precisa de um fim, algo para ao menos ter o direito de ficar de luto pela pessoa amada que se foi tomada deles.

– Incluindo você, Dezesseis – disse o homem, o chamando como era na época do cativeiro.

– Acertou – rosnou Sean.

Agora era pessoal, Onix queria ferir Sean. Antes era só alguém interferindo nos seus negócios, mas quando ele descobriu quem era e o que ele fez ao longo desses anos, ficou muito pessoal. Na verdade, quem matou o meio-irmão dele foi Jared, era ele ou o cara, claro que ele nem piscou. Sean pegou os outros. Mas que diferença fazia isso agora? Escolheram um péssimo negócio em família.

– Você não tem muitas opções, Dezesseis – ele continuava chamando-o pelo número, porque sabia que isso desumanizava as vítimas. – Eu vou fazer tudo que eles não fizeram. Vou levar você, se dificultar vou levar sua mulher, depois sua sobrinha e no final vou foder até a sua mãe.

Sean não demonstrou o quanto sequer imaginar isso o aterrorizava. Ele continuou com a arma em punho, olhando-o atentamente e friamente.

– Sua mãe sabe que vai perder o marido e o filho pro mesmo fodido que eles acharam que haviam destruído? – perguntou Sean, que também sabia brincar de pegar no ponto fraco dos outros. – Você esqueceu de mencionar o seu pai.

– Você sabe que minha mãe foi sequestrada, deu à luz no cativo e morreu – disse Onix, entre os dentes.

Sean sabia que ele tinha “problemas” com o papai. Não eram só os sequestradores que podiam descobrir todos os detalhes da vida de suas vítimas.

– Você deveria me agradecer por ter metido uma bala no olho do seu pai.

– Mal conheci minha mãe, seu filho da puta! Só havia ele! – ele atirou e Sean se jogou na neve e atirou de volta.

Os dois ficaram de pé ao mesmo tempo.

– Mandei pegar a putinha da sua mulher! Vão trazer pra cá! Vou comer a vagabunda na sua frente! – disse Onix.

Eles escutaram os veículos de neve se aproximando, duas snowmobile e dois trenós de neve. Isso só podia significar uma coisa: Reforço. E Onix sabia que não eram os seus, porque vieram em carros preparados para neve na estrada, mas eles não chegavam até ali e nem faziam esse barulho.

O tiroteio recomeçou. Os homens lá em cima se refugiaram nas árvores, Onix atirou em Sean que atirou nele. Os dois caíram, nenhum deles ferido mortalmente. O sangue respingou na neve dos dois lados. E ambos tinham força de vontade suficiente para ficar de pé novamente e se atracar sem armas. Assim que colocou as mãos nele, Sean o segurou pelo pescoço, o derrubou e imobilizou na neve. Ele apertou o joelho contra seu estômago e quebrou seu braço com

tanta facilidade que deixou o outro em pânico. Onix urrou de dor e com a mão boa, enquanto tentava não ser sufocado até a morte, pegou uma faca escondida nas costas e enfiou na lateral do corpo de Sean.

Era como Jared dissera, Sean tinha uma resistência assustadora à dor. Mesmo com a faca cravada entre as costelas, ele continuou apertando, vendo o maldito perder a cor. Onix tentou retirar a faca para golpeá-lo de novo, mas o aperto em seu pescoço era forte demais. Ele começou a perder a consciência, mas de repente Sean caiu. Alguém atirara nele e acertara no seu braço. Ele caiu de lado na neve e se apoiou com o braço bom. Jared descia pela neve, ele atirou no cara que se escondera por trás da neve e acertara Sean à distância.

Kevin descia correndo também. Sean estava sangrando em três pontos, mas ficou de pé, seu olhar estava cravado em Onix, ele não estava vendo nada em volta e nem prestando atenção nos sons e no seu primo o chamando. Ele tinha uma missão para terminar e seu alvo estava à sua frente. Aquele homem nunca mais ia sequestrar ninguém e muito menos pôr as mãos na sua esposa.

Sem força, Onix via tudo embaçado. Mas suas pernas ainda estavam boas, quase cegamente, ele deu impulso e se lançou contra Sean, derrubando-o de novo. Sean estava com um tiro no braço, mas com a outra mão ele agarrou a mandíbula de Onix e o forçou para o lado, foi quando ele sentiu a dor da faca contra a neve. E o cara não o soltou, eles deslizaram pela neve. Sean o golpeou, quebrando alguma coisa em seu rosto, o sangue descia por baixo da sua manga e pelo seu agasalho e manchava a neve. Ele ignorou a dor e o sangue, apertou os dedos, bem dos lados do pescoço do homem, sabia onde e como apertar para imobilizar alguém. Com seu braço intacto ele o agarrou, estava a ponto de quebrar seu pescoço sem a torção.

Mas era tarde, a neve continuava cedendo, ele apenas sentiu o frio em suas costas pelos dois segundos que levou no ar e depois começou a cair, embolando-se com a neve derretida.

Don já havia alcançado Beatrice, mas eles correram para o reforço, pois era o local mais seguro agora. Não era seguro descer o resto do caminho nas motos de neve. Os homens desmontaram e desceram a pé, neutralizaram todos os outros sequestradores que ainda estavam ali. Jared continuou descendo mais e Kevin gritou para alertá-lo. Beatrice olhou lá do topo e viu quando um homem se jogou contra Sean, eles rolaram, deslizaram na neve até uma parte perigosa demais e subitamente aquela ponta de neve fofa se soltou e eles sumiram, caindo encosta a baixo.

– Nãaaaaaaao! – Ela correu, caiu e rolou pela neve, ficou de joelhos e se levantou para continuar correndo.

Jared parou subitamente e recuou alguns passos, a neve continuava a cair e ele tombou para trás. Kevin caiu perto dele, ali foi o máximo que ele conseguiu chegar, enquanto estava vendo Sean, ele seguia avançando, mesmo com todo o sangue que havia perdido. Mas agora ele caiu, estava gelado e sem força.

– Sean! – Beatrice caiu de joelhos novamente, tentando ver alguma coisa.

Jared estava ferido das brigas, mas não fora alvejado. Ele foi para o lado, tentando alcançá-la e impedi-la de seguir em frente. Ela continuava funcionando em automático, tentando ver alguma coisa e chamando por Sean.

– Beatrice! Para! – Don caiu de joelhos e a agarrou.

Ela se debatia contra ele, chamando cegamente, dizendo um bando de coisas sem nexos, mas chamando por Sean sem parar. Jared mandou chamarem o helicóptero e pegarem o equipamento de segurança. Os homens começaram a amarrar nas árvores e nos trenós, os únicos locais firmes ali. Não ia haver uma avalanche, mesmo que eles não tivessem certeza. Mas desde que chegaram ali, as pontas de neve e as descidas estavam derretendo. O tempo ali não estava favorável e o sol ainda estava brilhando.

Jared vestiu o cinto de resgate e prendeu a corda de segurança, chegou até a ponta e não conseguiu ver nada. Ele sentia o coração batendo na garganta, tinha que achar seu primo. Ele estava perdendo sangue, ferido e com certeza congelando. E isso porque Jared se recusava a aceitar a morte dele. Ele não ia aceitar, ele ia

descer lá e encontrá-lo. Outro dos homens desceu atrás dele, ambos continuavam a não ver nada. Era uma inclinação, um ponto onde os esquiadores desciam e faziam acrobacias antes de cair novamente na neve e seguir esquiando. Hoje eles teriam de descer com as cordas.

– Está vendo alguma coisa? – Um dos homens perguntou no rádio.

Tudo que Beatrice via era o sangue manchando a neve, formando uma trilha até a parte que havia se desprendido e sumido com Sean e aquele maldito homem. Ela estava tremendo, de terror e frio. As lágrimas desciam pelo seu rosto e o som do choro dela era de uma dor profunda, ela estava desesperada, seu coração doía tanto que a dor tomara conta de todo o seu peito. E o ar frio não a ajudava a respirar. Ela estava puxando o ar e não vinha, deveria estar hiperventilando, mas estava a ponto de sufocar de puro terror e dor. Don chamou um dos homens do resgate e colocou uma máscara de oxigénio nela que se debateu, mas ele a segurou bem apertado até ela voltar a respirar direito.

Beatrice estava muito mais amedrontada do que no momento que soube que estava sendo sequestrada, que era a memória mais aterrorizante da sua vida. Agora fora substituída por essa. Don ainda estava com o braço em volta dela, como proteção e conforto e às vezes ela se movia, em desespero, como se fosse tentar correr para a beira e ver alguma coisa, mas ele a segurava.

– Nada, vamos descer mais, não caiu muita neve por cima – disse o outro no rádio.

Demorou muito tempo, o helicóptero de resgate passou por cima da cabeça deles e apesar de ainda ser dia, ele usou uma luz forte, direcionada para a neve enquanto dois homens do resgate lançavam cordas para descer até lá de rapel e ajudar nas buscas. Pareceu passar uma eternidade, os homens até já haviam carregado Kevin e o colocado num trenó para levá-lo imediatamente para o hospital. Eles chamaram no rádio, mas Jared não respondeu. Depois de chamarem mais duas vezes, ele disse:

– Achamos um corpo.

## Capítulo 21

*Eu faria qualquer coisa por um último beijo seu. Mudaria minha vida, consertaria meus erros, confessaria meus pecados, te deixaria ganhar todas as discussões e te amaria como ninguém mais seria capaz. Mas eu já fiz isso, não vou parar e nunca vai haver um último beijo. Sobre as discussões ganhas, vamos ter que negociar na cama...*

Eles tiveram de ir para o hospital de helicóptero, havia muitos feridos e vários corpos a transportar. Os paramédicos deram um calmante à Beatrice ou seria impossível colocá-la numa das aeronaves. Quando ela acordou, estava bem aquecida numa cama, coberta por uma manta fofa.

– Sean! – ela disse de repente, no segundo que as memórias voltaram.

Ela ficou inquieta e perdida, sem saber onde estava, pois chegou ali dopada. Jared apareceu no seu campo de visão, ele estava com um curativo na testa e com agasalhos grossos. Ele segurou sua mão e deu um sorriso fraco.

– Calma. Vai ficar tudo bem.

– Cadê ele? – ela perguntou alto. – Você o trouxe de volta, não trouxe?

A enfermeira entrou rapidamente para saber que alteração era aquela. Jared balançou a cabeça e moveu a outra mão, para ela sair.

– Eu acho que ele vai ficar de molho por um bom tempo – ele tornou a sorrir levemente, mas seu sorriso era fraco e preocupado. Completamente diferente daquele seu sorriso brilhante e tão característico.

– Você o trouxe vivo, não trouxe? – insistiu Bea.

– Sem dúvida.

– Para de me enrolar – ela chutou as cobertas e tentou levantar.  
– Ah, não. Quando ele ficar bom, eu não quero levar mais uma surra por deixá-la ficar doente. Você saiu de lá gelada e alterada, ele não pode saber disso.

Mas ela não conseguiu mais ficar ali deitada, então pulou da cama e ficou de frente para ele. Não importava que estavam num lugar aquecido agora, ela ainda se sentia gelada. Enquanto não pudesse ir para perto de Sean, isso não ia mudar.

– Eu quero vê-lo! Agora!

– Isso vai ser um pouco difícil, ainda não terminaram com ele – ele a olhou seriamente agora. – Ele levou dois tiros, Beatrice. Um perfurou o pulmão, o outro, pelo que entendi, está no braço ou no ombro... E a facada causou hemorragia. A queda também não ajudou muito.

Ela o olhou de forma perdida e ele teve pena do desespero doloroso no olhar dela. Bea se encostou contra ele e começou a chorar de medo.

– Nós vamos ficar aqui, aquecidos, sendo fortes e esperando, ok?  
– Ele indicou a cama, para ela se sentar.

Jared agradecia por pelo menos tê-la para ocupar sua mente e para consolar agora, pois estava ali sentado e a ponto de perder a cabeça. Ele não sabia o que faria se Sean não resistisse. Ele nem tivera coragem de ligar para Candace ainda; só avisara ao seu irmão mais novo, para ele tomar conta das coisas enquanto estavam ali e contatar Gregory Ward, pois iam precisar do seu advogado para dar um jeito nas consequências daquela bagunça e de Derek para acobertar sua operação e todo o incidente para a mídia não descobrir.

– O que aconteceu com os outros? – Beatrice perguntou, enquanto tentava secar as lágrimas e dizia a si mesma que precisava pensar positivo.

– Kevin saiu da operação, está no CTI. Os outros sofreram ferimentos mais leves – ele pausou e respirou fundo. – Vini morreu.

Ela soltou o ar num suspiro de dor. Vini não, ele tinha voltado há pouco tempo para o campo. As lágrimas voltaram a descer pelo rosto dela e ela não conseguiu mais parar. Jared foi até lá, sentou na



beira da cama e passou o braço em volta dos ombros dela, deixando-a chorar contra o seu peito.

- E aquele... aquele... – ela murmurou, um pouco depois.
- Morto.
- Morreu na queda?
- Sim. Ele morreu, assim como os outros que vieram com ele.
- Você o matou?

Jared engoliu a saliva por um momento. Quando ele chegou lá embaixo, Sean tinha praticamente terminado o seu trabalho, o cara não respirava. Talvez ainda desse tempo de reviver o maldito, mas ele nunca saberia, porque não parou para ver, Sean havia sido empurrado pela neve. E Jared foi atrás dele, Onix morreu.

- Ele apenas morreu lá embaixo.
- Você vai acabar com os que sobraram? E se eles...

Uma onda de fúria passou pelo corpo de Jared, abafando um pouco a dor e a preocupação por seu primo. Ele ia acabar com todos eles, até o último. Independentemente do que acontecesse ali, Jared já havia prometido que ia fazer isso. Se Sean saísse vivo dessa, ele faria tudo para continuar a missão e ter certeza que nada disso aconteceria outra vez e que seu primo teria ao menos uma chance de aproveitar a felicidade. E se o pior acontecesse, ele seria alimentado por uma sede de vingança tão dominadora, que acabaria pior do que Sean esteve quando retornou.

– Com cada um deles – assegurou Jared. – Vou pegá-los enquanto estão desorganizados. Não vai sobrar um – ele determinou, com o olhar sério e sombrio preso em algum ponto da paisagem do lado de fora da janela.

Cinco dias depois...

Depois de um irritante desfile de médicos e enfermeiras, a porta tornou a abrir e Sean viu Beatrice passar correndo e se deter perto da cama, apertando as mãos, abrindo um sorriso enorme, mas com os olhos úmidos e ainda vermelhos porque havia chorado quando lhe disseram que ele seria transferido para o quarto e iam poder vê-

lo. Ela estava na ponta dos pés, movendo as mãos, desesperada para tocá-lo, mas morrendo de medo.

Felizmente haviam tirado aqueles malditos tubos e ele estava respirando sozinho desde aquela manhã, mas só permitiram visitas no final da tarde. E só os dois, porque eram da família e estavam todo dia no hospital, esperando. Sean sorriu levemente e moveu a mão direita, do lado que não fora alvejado e a chamou. Bea pulou para mais perto da cama e segurou a mão dele, depois começou a rir enquanto as lágrimas desciam pelo seu rosto.

Jared veio andando devagar e parou à frente da cama, ele só precisava olhar para Sean e ter certeza de que ele estava mesmo vivo, respirando sozinho e com todo jeito de que ficaria bom. Os últimos dias foram um pesadelo, ele só dormiu à base de uma dose de calmante cavalariço, tinha medo de dormir demais e receber uma péssima notícia quando abrisse os olhos.

Além disso, havia passado esses dias junto com Beatrice e achava que se não tivesse a dopado de novo, ela ia acabar na cama do hospital também.

Sean levantou o braço e Bea se inclinou, ele tocou o rosto dela e tentou secar as lágrimas com os dedos.

– Não, não! – Ela secou a mão dele e virou, pegando um lenço e se secando.

– Tudo bem... – ele sorriu e esticou a mão novamente, querendo tocá-la. – Vem cá – ele apertou sua mão. – Você está bem?

– Sério que você está me perguntando isso? – ela disse, balançando a cabeça.

Ele olhou Jared e passou os olhos pelo quarto.

– Há quanto tempo estou apagado?

– Cinco dias.

Sean franziu o cenho.

– E você não a levou de volta pra casa?

– Ei! – Bea apertou a mão dele. – Pode parar de tentar me deixar segura, Sr. Mega Protetor. O cara morreu.

Sean alternou o olhar entre eles.

– Morreu como? – ele perguntou, porque na última lembrança que tinha do homem, ainda sentia a garganta dele funcionando sob

suas mãos geladas.

– Morrendo. E já vai tarde – disse Bea, com raiva por se lembrar do maldito.

Sean lançou um olhar para Jared que trocou um olhar com Beatrice e depois voltou a olhar o primo.

– Não faça perguntas complicadas, Sean. Ele morreu e pronto – Jared lhe lançou um olhar que ele conhecia bem. – Nem todo mundo roubou o soro do Capitão América pra sair vivo daquela merda lá como você acabou de fazer – ele sorriu após fazer sua primeira piadinha desde aquele dia.

Sean assentiu e recostou a cabeça, era só mais um segredo para os Ward guardarem. Jared abriu um sorriso ainda maior e disse que ia comer alguma coisa, sua desculpa para deixá-los sozinhos por um tempo e ir dar uns telefonemas. Pelo menos até a enfermeira vir expulsar Beatrice, porque os médicos disseram que hoje eles teriam de vê-lo brevemente.

A porta fechou e Bea ficou olhando para Sean com um sorriso bobo no rosto, nem acreditava ainda que ele estava ali, vivo e até falando com eles. Ela não conseguia parar de sorrir, mas se forçou a fazer sua cara de “só negócios” e o olhou.

– Eu queimei todos os papéis do divórcio – ela informou. – Nesses dias que você ficou aqui fora de órbita, fui ao hotel pra onde levaram meus pertences e taquei fogo em tudo que você salvou lá no chalé.

Ele ficou olhando para ela, com a cabeça deitada e virada para o seu lado. Eles haviam levantado só um pouco a cama, suficiente para Sean se comunicar decentemente. Ele havia acordado hoje, não podia abusar nem um pouquinho.

– Você quer mesmo isso? – ele perguntou.

– Quero.

O cenho dele se franziu por um momento.

– Não é... sei lá, pena?

– Não tenho a menor pena de você, Sean Ward. Quero inclusive te dar uma surra de cinto. Você vai ver só quando ficar completamente curado, eu tive todos esses dias para planejar a minha vingança.

– Então vamos ficar juntos? Você vai viver comigo, vai voltar pra casa de vez, vai se lembrar de mim, conversar, compartilhar, dormir ao meu lado...

Ela assentia enquanto ele falava e continuou assentindo mesmo quando ele parou e deixou as entrelinhas continuarem a lista.

– Tudo. Tudo que queríamos quando nos casamos antes de estragarmos tudo. Você vai passar a me dizer quando for viajar e não quero mais ficar sozinha nos finais de semana, quero poder ficar com você, ir junto sempre que puder. Quero tudo, Sean.

– Eu só quero que seja de verdade – ele pausou e desviou o olhar. – Eu queria que você se apaixonasse por mim outra vez. Eu não ia errar de novo.

– Você bateu a cabeça quando caiu daquele pico? Como que eu vou me apaixonar por você outra vez se eu nunca deixei de te amar? Você quer me enlouquecer ainda mais? Não sobrevivo a me apaixonar por você duas vezes numa vida só – ela balançou a cabeça enquanto o olhava e tocou seu braço com carinho. – Muita coisa aconteceu com nós dois. Deixamos a falta de tempo, a mágoa e os erros, bobos ou não, nos fazerem pensar que éramos estranhos. Eu fiquei magoada, cética, amargurada... Mas ainda te amava. Eu amo agora. Tudo que eu te disse naquele chalé é verdade e o jeito como me sinto sobre você nunca vai mudar.

Ele puxou um pouco a mão dela e Bea chegou mais perto, se inclinando para bem pertinho. Ela beijou o rosto dele delicadamente, Sean virou os lábios para ela que o beijou levemente.

– Você sabe que eu te amo muito mais do que deveria e que isso nunca vai mudar – ele disse baixo.

Ela sorriu para ele e tocou seu cabelo, acariciando com carinho e ficou ali até a enfermeira voltar e lhe dizer gentilmente e com um sorriso compreensivo que a partir de amanhã ela poderia ficar com ele por mais tempo.

Gente, alguém dá conta dos Ward de novo! Eu não aguento mais esse pique esconde com eles! Por isso que odeio gente rica. Eles sempre têm um chalé nas montanhas, uma mansão na praia, um iate, uma porcaria cara dessas qualquer pra se

esconder! Mentira... adooooo uma riqueza. De pobre já basta eu. Alguém me diz em que canto do mundo esses malditos Ward se meteram agora! Porque em NY eles não estão, tenho certeza! Quero ser o primeiro a dar a notícia e esfregar na cara das inimigas todas que eles NÃO VÃO SE DIVORCIAR!  
Engole essa, suas recalçadas! Chooooora haters!  
– do famousnewyorkers.com (656 comentários)

\*\*\*

Quando voltou para Nova York, Sean já estava recuperado. Ele foi obrigado a tirar férias forçadas e como havia de tudo no meio dos Ward, é óbvio que ele tinha um familiar que era médico, nesse caso um cirurgião de trauma. E voltou com ele à Inglaterra e eles passaram um tempo por lá, perto de Jared e da sua tia-avó que continuava bem e muito viva. E bebendo chá como nunca. Beatrice ficou com ele o tempo todo, ela trabalhava de onde estivesse e Hartie fazia o trabalho presencial para ela. Alguns dos seus projetos tiveram que ser adiados, mas ela fez tudo que pôde a distância.

Candace nunca soube exatamente o que aconteceu com Sean e ela sinceramente preferia assim, porque ela não tinha mais coração para isso. Quando o seu sobrinho ligou, ela já passou mal sabendo só de metade. Foi coisa demais em um só ano. Ela só sabia que ele levara um tiro e despencara por uma pista de esqui. O resto era lenda. Os Stravos, a família de Beatrice, também nunca iriam saber no que ela esteve metida em sua rápida viagem à Suécia. Ela só contou que Sean havia se acidentado esquiando e eles desejaram melhoras e lamentaram como esse ano estava um tanto azarado para eles. Imagina se soubessem...

Rico apareceu lá em Londres, porque ele teve uma síncope quando soube que Sean “se acidentou” e ele quem foi parar no pronto socorro à base de calmantes e com Estella a tira colo. Depois ele partiu para Londres, para auxiliar em tudo que podia e até no que não podia. E sim, ele inclusive comprou um xampu novo para Sean que passou uma semana implicando com ele diariamente, porque só assim Rico tinha certeza que ele estava curado.

– Adorei voltar pra esse palacete nas alturas, bem maior e mais bonito que aquela sua decoração de Mustafá, hein – dizia Agatha Stravos enquanto era empurrada de cadeira de rodas pelo triplex.

Ela não estava presa na cadeira de novo, mas toda vez que vinha a Nova York, eles a tiravam de lá como uma madame, empurrando-a com a cadeira pelo aeroporto. E ela vinha no jato dos Ward que tinha espaço para ela esticar as pernas.

Cherrie torceu a boca sem a avó ver, Agatha nunca ia parar de implicar com a decoração cafona de sua casa. E ela era orgulhosa demais para pedir a irmã, uma designer de interiores competente e famosa, para fazer um projeto para ela.

– Temos muito que conversar, não nos vemos há anos – respondeu Jared, enquanto empurrava a cadeira dela.

– Tenho certeza que tem mais daquelas suas histórias pra me contar. Vai, meu filho, empurra mais rápido. Até meus bisnetos correm mais com isso – ela deu uma batidinha ao lado da cadeira.

Depois de toda aquela agitação e dos dois meses que haviam se passado, os blogs haviam parado de dar notícias diárias sobre o “Seantrice”. Eles repostavam as fotos dos dois, roubavam fotos de seus Instagrams toda vez que um postava foto do outro ou em casal. E estavam “morrendo de fofura” por eles. Alguns deles estavam mais ocupados dando notícia sobre Tess e seu bofe italiano, maravilhoso, gostoso e tudo de bom. Agora que haviam descoberto mais sobre ele, pipocava foto para todo lado. Tess negava tudo.

Candace chegou com Victor Prescott, que agora era oficialmente seu namorado, ela finalmente “assumira o bofe” como dizia Hartie. E ele não desgrudava mais dela que vez ou outra dava um perdido nele, porque estava desacostumada a relações sérias. Beatrice dizia que era tipo, porque Candace também estava caidinha por ele.

Sean e Jared não o olhavam mais com desconfiança, mas seguiam só observando, se ele pisasse fora da linha com Candace, não ia gostar de saber o que eles eram capazes de fazer em seu “tempo livre”.

– Olha, tio! Eu ganhei! Ela fala! – Tibby deu uma cacetada na cabeça da boneca e mandou repetir o que ela disse.

Sean a segurou no colo e começou a rir quando a boneca repetiu o som da batida e depois o grito de Tibby mandando que ela falasse. Pelo que ele sabia, ela tinha várias bonecas repetidoras porque eram suas favoritas, mas todas quebravam muito rápido. Imagina por que...

– Ora essa, pensei que eu que ganharia presente hoje – disse Sean.

Tibby sorriu e deu um beijo barulhento no rosto dele que ficou sorrindo e abaixou para colocá-la no chão.

– O melhor presente – ele a soltou e ela saiu correndo para encontrar o filho mais novo de Rose, sua nova vítima preferida.

Pela primeira vez o triplex estava com todos os quartos de hóspedes ocupados. E não era exatamente uma festa. Era só uma reunião, com Nikko Stravos cozinhando o seu melhor. E não, o cardápio não era grego, ele fizera um menu variado, com várias influências, pois o aniversariante e alguns convidados conheciam muitos tipos de cozinhas. Com certeza seu cardápio ia agradar a todos. Até saíra nos meios de fofoca que o chef de cozinha mais famoso de Maryland estava na cidade só para a festinha de aniversário de Sean Ward. O fato de ele ser pai de Beatrice era só um detalhe.

E sim, Sean estava completando trinta e um anos. E tinha muita coisa para celebrar, não só estar vivo, mas ter cumprido uma de suas missões mais longas. E o mais importante para ele era que estava indo muito bem na parte de reconstruir seu relacionamento, colocar seu casamento nos eixos e deixar Beatrice cada dia mais feliz.

Mas não era uma festa. Algumas coisas nunca mudariam. Elas ficariam mais suaves, menos dolorosas e mais fáceis de lidar. Especialmente com ajuda. Sean nunca seria um cara que adoraria os seus aniversários. Era impossível não lembrar, não dava para apagar o passado. Ele seria marcado eternamente, não era um trauma que podia ser apagado com o tempo.

O importante é que ele havia escolhido ser um sobrevivente e não uma vítima. Ele havia vencido o medo e havia encontrado seu jeito de lutar contra. Ele estava fora da ativa por enquanto, mas depois

do que aconteceu, sua resolução de resgatar pessoas pelo mundo a fora havia se intensificado. E ele seguia vencendo cada dia como um lutador, vitorioso, sem nunca mais deixar que o tornassem uma vítima. E lutava para que outras pessoas que passaram pelo mesmo problema também alcançassem esse tipo de vitória pessoal.

– Eu fico feliz que você esteja fazendo isso – Joce disse baixo, mas em geral ela falava baixo, ao menos quando estava controlada. E voltara a fazer tratamento e depois que soube que o último cara havia morrido, ela havia melhorado muito e não achava mais que havia alguém atrás dela o tempo todo. Ainda seria um longo caminho, mas ela estava ali.

– E eu gostei de você ter vindo, não seria a mesma coisa sem você – Sean apertou o ombro dela e sorriu.

Ambos entendiam como cada concessão e cada passo para vencer seus traumas era importante.

– Eu gostei de vir, gosto de Nova York.

– Quem sabe você passa um tempo – ele sugeriu. – Minha casa está sempre aberta e tem espaço de sobra.

Ele não estava desconfortável ali, pois haviam começado lentamente. Beatrice armou tudo junto com Tess. Não havia nenhum desconhecido, só pessoas que não o deixavam desconfortável. Eles nem convidaram todos os Ward, só aqueles que ele via frequentemente. E ninguém estava fazendo estardalhaço sobre ser aniversário dele. Estavam ali, prontos para um jantar muito bom e aproveitando as conversas.

Tess estava um pouco preocupada, pelo que ela disse a Beatrice, havia tratado Angelo muito mal antes de vir para Nova York. Foi algo sobre ela ter dito que ele não fazia parte da vida dela e eles não eram uma família. E Angelo vinha tentando ser exatamente uma parte da família dela e puxando-a para a dele.

– Ai, Tess, que mancada. O cara está tentando.

– Eu já disse que não vai funcionar. Eu... não sirvo pra isso, Bea.

– Não serve pra quê? Pra namorar o cara, morar com ele e sei lá... ficar junto? Fala sério, depois de tudo que já fiz no meu casamento, sei muito bem dizer quando alguém está de frescura. E você está com medo.



– Você é tão... direta – Ela olhou para o lado.

– Bem que eu queria – Ela se virou. – Hartie, vem cá.

Hartie se aproximou, sorrindo e balançando sua taça de champanhe.

– Lembra da Tess, não é?

– Claro – ele piscou para ela.

– Não – ela deu um tapinha nele. – Não é pra você jogar seu charme nela, garoto!

– Ué, ultimamente você só me usa de prostituto gostoso pra distrair alguém.

– Cala essa boca! – Ela riu. – Deu certo com aquelas duas.

– Sim, deu... até eu convidá-las para uma brincadeirinha com meu atual.

– Eu pensei que você era solteiro – disse Tess.

– Pra você, sou o que quiser.

– Hartie! – Ela virou para Tess. – É mentira, ele dispensou o cara. Parece que não gosta de final feliz.

– To pegando outros, sou novo demais pra prender meu cadeado – ele disse.

– Pois é, lembra do italiano tudo de bom?

– Eu largava minha vida de periguetagem por ele – declarou Hartie.

– Então, ele quer dar vida boa, respeito, família, sexo diário, amor e carinho para nossa amiga Tess aqui. E ela largou o cara lá na praia.

Hartie ficou um minuto em choque só olhando para ela e Beatrice ajudou.

– Vocês querem parar com isso – Tess riu, passou a mão pelo cabelo e disfarçou enquanto bebia um gole de suco.

– Me dá o endereço dessa praia agora! Vou eu, a loirona de parar o trânsito que eu pego e meu ex! Alguém tem que pegar esse homem!

– Vocês querem parar! – disse Tess, tentando não rir e corando no processo.

– Como que você deixa aquilo lá nos Hamptons, território de todas as periguetes mimadas e madames ricas desse lado do

atlântico? – Ele virou para Bea. – Ele curte loiros?

– Deve curtir qualquer coisa desbotada, afinal, escolheu justamente a única Ward sem cor! – ela caçoou e indicou Tess.

– Vamos pra lá no próximo final de semana! – disse Hartie.

– Vocês não vão pra lá! – reagiu Tess.

– Vamos sim – disse Bea sorrindo. – Está na hora da fase prática do projeto dele.

Hartie bateu palmas, todo animado e Tess ficou sem acreditar neles.

Na hora do jantar, Nadir e Cristina ajudaram Nikko a trazer tudo. Ainda bem que a mesa da sala de jantar do segundo andar, aquela que eles nunca usavam porque em geral comiam juntos no terceiro andar, era enorme. Deu todo mundo lá, comendo, conversando e no final teve bolo.

Sean ficou com um sorriso leve e pegou Tibby no colo para ajudá-lo a soprar as velas. Ela soprou mais do que ele, mas deu tempo de ele fazer um desejo. Ele não queria que nada disso acabasse, queria ser feliz com Bea e continuar a passar por cima de muitos traumas e quem sabe ir aos poucos simpatizando mais com seus próprios aniversários.

Mesmo que não soubessem bem o que dar a ele, todo mundo se esforçou em procurar coisas que tivessem um valor mais pessoal, afinal, o que ele poderia precisar que já não tivesse? Até pouco tempo ele teria a resposta na ponta da língua, mesmo que não fosse dizer em voz alta, mas agora ele já tinha recuperado o que mais queria.

Beatrice odiava interromper, ela viu quando Gwen, que até o momento esteve tão quieta que parecia até estar tentando ser transparente, se aproximou de Jared. Ele havia parado lá perto da última janela da sala de visitas e estava entretido em sua bebida quando ela se aproximou. Ele tencionou o maxilar ao ouvi-la falar, isso era algo bem típico dos Ward e fácil de notar por causa aquelas mandíbulas bem feitas que a maioria deles levava da genética.

Ela achou muito estranho que eles estivessem parecendo tensos ao conversar e Gwen só lhe lançava rápidos olhares, como se estivesse com medo de ele capturar o seu olhar e prendê-lo.

Beatrice se lembrou de Sean dizendo algo sobre Gwen não estar mais estranha porque Jared havia partido. Agora os dois estavam estranhos. A tensão entre eles era palpável. Por um momento ele pareceu a ponto de agarrá-la e levá-la dali. Ela até prendeu a respiração quando ele a encarou e deu um passo em sua direção. Jared disse algo e desencostou da janela, como se fosse deixar Gwen ali, foi quando ele viu Beatrice e ela foi pega no flagra, então acenou, precisava de sua ajuda agora. E pelo jeito, era melhor aqueles dois não ficarem sozinhos no momento.

Jared não a olhou quando se afastou, ainda com o cenho franzido e Gwen esperou um momento antes de virar o rosto e observá-lo partir. Beatrice não era fofqueira, mas ela ia jogar um verde em Gwen assim que pudesse. Tinha que descobrir mais dessa história, porque agora a noite do aniversário de Candace, quando Jared e Gwen ficaram sozinhos, parecia bem mais cheia de significados.

– Como assim meu presente fugiu? – Bea perguntou baixo a Jared assim que saíram dali.

Ele abriu a porta e saiu para o topo do triplex, logo uma moça apareceu correndo. Ela tinha uma linda pele iluminada, cor de chocolate ao leite, ela havia tentado deter a bonita massa de cachos, mas não estava dando certo.

– Será que ele caiu? – Ela estava em pânico, tentando desamassar o elegante paletó que usava.

Foi inevitável, Beatrice começou a rir.

– Será que você não consegue dar conta de uma criaturinha daquele tamanho? – disse Jared, cruzando os braços.

– Ei! Eu nunca perco nada! – Ela reclamou, colocando as mãos na cintura.

Bea riu deles e Jared se virou para ela.

– Imagino que se lembre da Sienna, minha maldita assistente – Jared torceu a boca e revirou os olhos. – Não sei onde ela se meteu mais cedo, mas parece intacta – Ele a olhou de cima a baixo, como se procurasse um rombo nas suas roupas.

– Eu não era maldita quando o acordei a tempo de chegar à sua primeira reunião, depois que passou a noite na gandaia com três! –

Ela fez o sinal de três bem à frente do rosto dele. – Três magricelas com pernas maiores do que eu!

– Eram duas – ele disse entre os dentes e depois lhe lançou um olhar sacana. – Será que andou bebendo de novo, estava vendo em dobro? Nesse caso deveria ter visto quatro mulheres, não?

– Eram três! Eu vi! – ela teimou.

– Dispensei a terceira ainda no restaurante, acho que você tinha bebido champanhe demais – ele olhou Bea. – Ela tem o seu problema. Bebe duas tacinhas de champanhe e já começa a ver as coisas em dobro e escutar coisas.

A mulher o fulminou com os olhos verdes, cor de água, uma rara e bonita combinação em contraste com sua pele bem morena.

– E você anda exagerando, três é demais. Eu não perdi a maldita criaturinha!

– Pare de inventar desculpas, Chérie. Você adora perder coisas pequenas – ele a olhou como se estivesse a ponto de lhe lembrar de algo.

– Se você me chamar de Chérie de novo... – ela disse, quase entre os dentes.

– Chérie não era a sua cachorra? – intrometeu-se Beatrice.

– É a cachorra! – disse Sienna.

– Ei, cachorra não... – Jared levantou o dedo. – Ela é minha amiga.

– Você come a tal, geralmente marca uma ou duas sextas ao mês dependendo de como foi o ritmo de trabalho da semana – disse Sienna, o acusando. – Se não tiver tempo para ludibriar alguma boba, você chama a Chérie!

– Jared! – exclamou Beatrice, escandalizada, sem conseguir entender nada. – Em que parte nós paramos de falar da cachorra?

– Não – ele se virou para Bea. – Sabe o que é amiga do pau tenso? – Pela cara dela, com certeza não sabia. – Então, sabe quando seu pau tá tenso, precisando dar uma pra relaxar, mas você não tem tempo de achar alguém? Então, essa é Chérie. Eu sempre posso ligar e ela é uma mulher prática e entende o meu drama de ficar tenso constantemente.

– Eu não tenho um pau, Jared! Claro que não sei do seu drama. Afinal, essa Chérie tem nome? – perguntou Beatrice, curiosa.

– Ele não lembra – explicou Sienna num tom que dava vontade de rir.

– É uma amiga muito querida... – Ele empurrou o cabelo negro pra trás e do jeito que ele falou, aí mesmo que Bea quis rir.

– Ainda é uma cachorra... – disse Sienna, sarcasticamente.

Ele colocou o dedo sobre os lábios como se fosse para ela ficar quieta, o que só a deixou ainda mais furiosa. Ela era a versão do “Rico” de Jared, só que estava no cargo há poucos meses e estava tropeçando sobre a vida louca que ele levava. E Jared ainda a infernizava diariamente. Era ela que tinha que fazer tudo para ele, inclusive comprar lembrancinhas, como da última vez que Sean foi visitá-lo e ele trazia lembranças para Nadir e Cristina, agora sobrava para ela sair e comprar. Isso e cuidar da vida de Jared.

O que pelo jeito, incluía livrá-lo de seus casos. Não dava para não simpatizar com ela, só por isso Bea resolveu não piorar tudo.

– Ela deve estar aqui em algum lugar, será que poderia encontrar pra mim? – ela pediu a Sienna.

– Pode deixar, vamos achar – disse Jared e se virou para a assistente. – Acho que de quatro você vai encontrá-lo mais fácil.

– Nem morta! – a sorte dela era que sua pele morena impedia que vissem suas bochechas queimando de tão vermelhas. – Não fico de quatro na sua frente nem por um decreto! Nunca na minha vida!

Ele levantou uma das sobrancelhas e sua expressão ficou provocadora.

– Olha que quem cospe pra cima... Eu acho que você está precisando urgentemente ser colocada numa posição constrangedoramente prazerosa – ele declarou e cravou seus olhos entrecerrados nela.

– Jared! – Bea deu uma cotovelada nele. – Para de infernizar e ajuda a procurar!

Sienna quase deu um soco nele e se virou, indo para mais perto de Beatrice, como se pôr distância entre eles fosse diminuir o embaraço dela, o que era cômico e estranho. Ele nunca diria uma coisa dessas para uma mulher que simplesmente trabalhasse para

ele. Se tinha uma coisa que não dava para acusá-lo era de assédio ou desrespeito com as mulheres que trabalhavam para ele, no cargo que fosse.

Bea não sabia a procedência de Sienna, mas apesar de ela parecer super profissional e crítica, achava que ela não acabara trabalhando para ele através do departamento de RH do Grupo Ward. Jared era desses que dava jeitos de tirar amigos de furadas, provavelmente essa era a procedência de sua assistente. Como ele corria de suas ex-namoradas e ex-casos mais rápido que vampiro fugia do sol, era improvável que colocasse uma delas para trabalhar com ele diariamente. Ele tinha que confiar completamente na sua assistente pessoal. Do jeito que Sean confiava em Rico sem hesitar.

Ele deu uma risada e assoviou, chamando o bicho que para horror, ódio e espanto delas, apareceu e correu para ele. Sienna resmungou algo sobre um cachorro sempre reconhecer outro.

Logo depois, Bea apareceu perto de Sean com uma caixa que se mexia. A caixa estava literalmente pulando nas mãos dela que tentava manter a tampa no lugar, mas como era toda furada e uma patinha aparecia pelos buracos, não era muito mistério. A menos que houvesse um ursinho ali dentro e ele se mexesse.

– Pra você, Sean.

Ela se sentou ao lado dele no sofá e assim que passou a caixa para ele, a tampa pulou no ar e um filhote de cachorro, muito animado, botou as patinhas sobre a borda e olhou para o seu novo dono. Sean ficou olhando para o bichinho por uns segundos, mas o animal pulou, querendo sair da caixa e ir pra cima dele. Ela tinha quase dois meses, havia ficado com a mãe, sendo amamentada, até ser trazida naquela manhã para sua nova casa. Bea já havia comprado todos os apetrechos para um cãozinho, mas escondera tudo na penthouse de Jared para Sean não ver.

Aliás, não era um cão, era uma cadela. E foi lá na penthouse que ela morou esse dia todo, para não estragar a surpresa. Assim que pegou o pequeno animalzinho nas mãos, Sean ficou com um sorriso bobo, ainda sentindo o cheiro de leite nele. Era da raça Akita inu, do original japonês, e não da variação americana. O filhote era uma

fofura só, gordinho, bem peludo e com aqueles olhinhos negros. Era da mesma raça que o seu cão, que morreu quando Sean ainda estava preso no cativeiro. Só que o filhote era branco com vermelho, quando crescesse provavelmente iria adquirir um tigrado vermelho. Seu falecido cão tinha a pelagem mais escura, com mais vermelho denso e menos branco.

Quando crescesse, a cadelinha não seria mais esse bicho de pelúcia, a raça tinha o porte grande e ela ficaria forte, ágil e harmoniosa, mas sempre peluda e bonita.

Não era para repor, era só um novo amigo para ele cuidar e ser cuidado. Ou melhor, uma nova amiga, era fêmea, pois além de representar outra diferença sobre o cachorro que ele teve desde pequeno e que perdeu justamente na pior fase de sua vida, Bea também pretendia caçar dele. Com certeza a cadelinha ia amá-lo e garotas sempre tinham uma queda inexplicável por ele.

– Eu adorei, Bea. Ela é linda – Ele se inclinou e a beijou, ainda segurando a cadela no braço e ela agora estava de barriga para cima, aconchegada a ele.

– Mesmo? – ela perguntou, apreensiva.

– Claro, eu sempre quis ter coragem de arranjar outro, mas não tinha tempo.

– Agora você vai ter.

– Você vai ajudar a cuidar dela, não é?

– Claro que sim!

Gente! Vocês viram as fotos que os Ward postaram! Tô morto, verde, esmeralda, azul e branco de inveja. Teve festinha lá no triplex e claro que nenhum dos reles mortais aqui foi convidado. Mas...

**PARABÉNS SEAN WARD! FELIZ ANIVERSÁRIO!!**

Nós aqui do blog desejamos que você tenha muitos anos saudáveis pela frente, pra continuar podre de rico e nos matar de inveja. E o mais importante, lindo, gostoso, tesudo, maravilhoso e delicioso para a gente apreciar, secar, tarar e desejar! Porque sonhar é de graça! O aniversário é seu, mas o presente é nosso! Esse seu corpo é território de apreciação

pública, querido! Não que a gente aqui não aprecie seu intelecto e capacidade de manter o GW, mas esse seu corpinho do pecado, amoor! Não resisto! Felicidades, Sean!

Mas vocês viram o cachorro?! Agora a gente vai morrer de inveja de um danado de um cachorro que dorme no colo de Sean Ward! Vida injusta demais! E pra piorar ainda é uma cadela! Vai comer melhor que a gente! Se duvidar, vai ser vestir melhor que a gente também! Não dou uma semana pra Bea-W arranjar uma saia da coleção de verão para aquela cadelinha! Mooorto de inveja!

– do famousnewyorkers.com (978 comentários)



## Epílogo

*Quando eu te beijar essa noite e apertá-la nos meus braços, fique aqui comigo. Deixe-me senti-la enquanto agradeço por mais um dia ao seu lado. Cada beijo seu é um toque de felicidade em minha vida, é meu motivo diário, minha forma sincera de lhe mostrar que te amo. Não importa se eu lhe dedicar meu amor mil vezes ao dia, não há frase que explique o que sinto quando cerro meus olhos e sinto seus lábios nos meus.*

Agora que estavam no meio do verão, a piscina do triplex estava fazendo sucesso. Beatrice até já conseguira pegar uma corzinha e Sean estava mais moreno de tanto nadar junto com ela. Ele havia voltado à dinâmica de quando namoravam e agora não trabalhava mais nos fins de semana. Às vezes tinham algum evento para ir, um compromisso social qualquer, mas sempre podiam ir juntos.

Ele até compareceu a dois coquetéis de inauguração dos trabalhos de Bea. Aquele clube que pertencia às duas sócias doidas que estavam abrindo uma filial em Long Beach já havia inaugurado e eles haviam ido à noite de abertura num sábado e se divertido horrores. Saíram em umas cem fotos de pessoas que queriam aparecer com eles ou tiravam fotos deles.

Sean agitou o cabelo molhado com a toalha, secando-o despreocupadamente e depois levantou o rosto para o sol, era um bonito dia em Nova York. Não estava terrivelmente quente, mas a temperatura era ótima para aproveitar à beira da piscina. Beatrice tinha vestido sua saída de praia e se sentado à sombra do enorme guarda-sol, ela viu quando Sean se aproximou e tirou os óculos escuros antes de sentar na cama de jardim, uma espreguiçadeira dupla e confortável que ficava perto da piscina.

Ele não se preocupou em colocar uma camiseta e ela observou suas costas, Bea continuava as adorando, eram fortes, masculinas e delineadas por músculos. Ela o tocou levemente e Sean olhou por cima do ombro direito e sorriu antes de recostar também. Na verdade, agora ela gostava ainda mais de suas costas e adorava percorrer o desenho com as pontas dos dedos.

O dezesseis e os pauzinhos contando os dias no cativeiro, continuavam lá, Sean falara sério sobre aquela tinta morrer sobre sua pele, porque o lembrava do que ele era, do que vencera e de sua missão de vida. Mas agora as antigas tatuagens com uma origem tão horrível estavam cobertas. Demorou dias para fazer e isso porque ele aguentava muito bem a dor, agora suas costas estavam completamente cobertas por uma tatuagem enorme.

Só o fundo havia levado um dia e era incrível, escuro e sombrio, com toques fantásticos de uma tempestade se formando e tinha pontos iluminados que pareciam incidir sobre os dois personagens, como se a luz estivesse lutando para vencer. Do lado esquerdo havia um demônio enorme e com aspecto mitológico, tinha o corpo de um dragão alado, com escamas e espinhos e asas lindas, assim como um rabo que era uma arma. Era todo escuro, em tons cinzas e negros. Ele tinha três cabeças, uma de serpente, uma de dragão e a terceira de um leão.

O demônio estava com suas asas abertas, lutando contra uma criatura linda, a única parte toda colorida da tatuagem. Ela era feminina, com belas curvas cobertas por uma roupa leve que parecia translúcida por puro talento de Tom Michael, o tatuador. Seu cabelo voava para longe do demônio como se empurrado pelo vento. Ela havia sido retratada em tons de vermelho, amarelo dourado e branco que se destacavam bem sobre a pele dele. Só havia um ponto colorido no demônio, o corte vermelho da espada que a bela criatura feminina segurava e havia desferido, para cortar suas três cabeças de uma vez. Ela claramente vencia a batalha épica tão bem retratada nas costas dele.

Depois de ver o que ele fez, Joceline, que estava passando o verão em Nova York, resolveu que queria cobrir o quinze que tinha no braço. Ela não ia esquecer o passado, mas também queria

encará-lo de outra forma. Como não tinha coragem de ir ao estúdio e tinha medo da dor, Sean a levou e ela voltou com um anjo guerreiro no lugar do número em seu braço. E ele voltou com outra tatuagem nova, agora algo bem mais simples.

Foi assim que a encorajou a fazer, segurando a mão dela e se tatuando ao mesmo tempo. Essa ficava na lateral do seu corpo, cobrindo a cicatriz da facada que ele levou. Era uma estrofe em letras manuscritas e dava para ver perfeitamente quando ele movia o braço. Era um verso de La Vita Nuova que Dante Alighiere escreveu para Beatrice Portinari. Falava sobre as condições fatais de seu amor, tão forte que o deixava sem vida, sem espírito e ele a procurava para se curar. Mas quando olhava para ela, seu coração era tomado por tal tremor que sua alma se abalava. O verso na pele dele era dedicado à “sua Beatrice”. Dante teve a dele, apenas como uma musa, mas Sean tinha a sua e ela era tudo.

Ele ainda ia fazer mais uma tatuagem no mês que vem, um pico gelado numa montanha de neve com uma parte despedaçando, ele não sobreviveu aquilo à toa.

– Pra onde vamos hoje? – Bea deitou ao lado de Sean, depois de vê-lo passar por aquelas longas sessões de tatuagem, ela havia tomado coragem e retocado a sereia malvada que tinha atrás do ombro.

Era sábado, dia de folga dos dois, tinham tempo para piscina e drinks à beira da água, enquanto Back in The Day da Rochelle Jordan tocava de fundo, mas agora a letra não lhes causava mais nostalgia, pelo contrário, era só um som agradável que os fazia lembrar que haviam superado essa fase.

– Qualquer lugar com comida – ele respondeu.

– E eu sou a comilona, hein! – Ela bateu nele com o ombro.

– Você ainda é, mas eu só penso no seu bem estar, então...

Ela riu dele e se aproximou, passando o nariz pela lateral do seu rosto. Sean passou o braço em volta dela e a trouxe para ainda mais perto, beijando-a em seguida. Bea o abraçou e ele foi abrindo espaço lentamente, acariciando seus lábios devagar, encontrando a língua com a sua, deixando o beijo úmido. Bea deu uma mordidinha no lábio inferior dele e levantou a mão, acariciando seu cabelo

escuro e o bagunçando de propósito. Sean a puxou para mais perto, descendo a mão pela sua cintura e dando um apertão no seu traseiro.

Bea acabou rindo em resposta e segurou o rosto dele, dando-lhe um beijo estalado e depois sorrindo ternamente para ele. Eles ainda estavam bem juntinhos, enquanto namoravam um pouco quando ouviram um ganido baixinho. Após uns segundos eles identificaram e Bea deu uma risada.

– Ah, Sean, não seja malvado, ela não consegue!

– Eu não disse nada – ele tornou a ficar de barriga para cima e ela apoiou o queixo nele para olhar.

Quando Sean virou a cabeça e olhou para o lado da espreguiçadeira, Brianna estava ali do lado, olhando para cima e chorando baixinho. Ela ainda não conseguia subir ali, era muito alto para ela. Como se reiterasse o que queria, Brianna ficou sobre as patinhas de trás, se escorando na espreguiçadeira e ficou olhando para Sean com aquela carinha de filhotinho pidão.

Sorrindo e claramente se rendendo, Sean esticou o braço e capturou a cadelinha, colocando-a para cima. Ela ficou toda feliz, abanando o rabinho e andando sobre o peito dele. Ela também foi para cima de Bea, lhe fazer uns agrados desajeitados. Sean a levantou no alto e Brianna ficou se contorcendo, doida para explorar. Bea levantou o braço e acariciou a cadela, brincando com ela e lhe falando como era gordinha e fofa.

– Viu, ela já cresceu um pouco e continua intacta! – ela disse, passando os dedos pela barriga gorducha do filhote que agora estava com três meses e meio.

– Nem acredito – disse Sean, soltando Brianna sobre eles novamente.

A cadela foi andando para baixo e caiu no espaço entre suas pernas, depois voltou e continuou farejando e andando sobre eles.

– Ela vai chegar a seis meses, totalmente saudável e sem machucados!

– Se ela chegar a seis meses sem acontecer nenhum acidente, acho que mereceremos uma medalha – comentou Sean, puxando

rapidamente o rabinho de Brianna que se virou e deu um pulo, sem saber quem fizera isso.

Brianna deu uns latidinhos finos de filhote e sentou sobre a coxa de Sean, observando seus donos, como se esperasse. Bea esticou o braço e passou a ponta do dedo sobre o focinho do animal, que lhe deu uma lambida de boas-vindas.

– Se conseguirmos chegar até lá, ainda evitando acidentes, não esquecendo de dar comida a ela quando estivermos em casa, lembrando de brincar e sem perder a paciência, então acho que seremos humanos considerados decentes para nos reproduzir, você não acha?

Ele virou o rosto para ela, surpreso por ela tocar no assunto.

– Você acha mesmo? – ele perguntou, interessado.

– Acho, é nosso teste. Seu principalmente e você está cuidando muito bem dela. Está sendo todo paciente, um amor! – Ela riu da cara que ele fazia e lhe deu um beijo no rosto como recompensa.

Sean continuou olhando para ela.

– É sério? – ele perguntou, ainda surpreso demais.

– Sim, Sean. É sério – ela assentiu.

O olhar dele chegou a brilhar, era de aquecer o coração.

– Acha que podemos mesmo ter uma relação de igualdade e quem sabe depois de você se realizar na sua carreira, nos reproduzir? – ele perguntou, zoando com algo que eles conversaram lá na primeira vez que se encontraram, numa festa na casa de Gerry.

Beatrice riu do que ele lembrou. Era incrível como ele lembrava as coisas, em geral, frases e situações completas. Ela não tinha essa capacidade, só lembrava de coisas marcantes.

– Eu já me realizei profissionalmente, estou imensamente feliz na minha carreira. Minha empresa não para de crescer e posso abrir concessões. Hartie está ótimo lidando com seus próprios projetos e infernizando a vida do novo trainee. Com o faturamento desse ano e com todos os projetos que temos pela frente, contratei o Nick em caráter exclusivo. Estou me achando o máximo e pronta para as concessões.

– Você é o máximo, estou cada dia mais orgulhoso. E também estou disposto a qualquer concessão. Especialmente se for mais

tempo com você.

Ele tocou o rosto dela e chegou mais perto, para beijá-la. Brianna subiu sobre eles e ficou farejando e quando se moveram, o filhote acabou caindo no pequeno espaço entre seus corpos. Bea a resgatou e voltou a se grudar a Sean, para a cadela não cair ali de novo.

Enquanto Brianna ia novamente investigar a parte de baixo da espreguiçadeira, Bea se apoiou no peito de Sean e ficou o olhando.

– É de verdade, Sean. É sério. Nós somos humanos decentes, com cargas horárias aceitáveis, temos até um filhote que vai crescer saudável. E estamos ficando tão estáveis que daqui a pouco algumas pessoas nos considerarão um casal normal – ela parou e fez uma cara engraçada, ambos riram.

– Pobres pessoas ingênuas! – ele disse, rindo com ela.

– Sim! Pobres coitados! Mas pensa, qualquer coisa vinda de nós, vai ser como nós. Então vai sair vivo da experiência, não é?

– Como assim qualquer coisa, Bea? Você não disse que somos humanos decentes? Então vamos ter um...

– Humaninho nada decente!

Ele ficou sorrindo e passou a mão pelo seu cabelo, afastando do rosto e chegou mais perto, acariciando sua face com os lábios. Brianna voltou e deitou no espaço entre as pernas dele, virando de lado e se esparramando como gostava de fazer.

– Eu quero uma menina, com os seus olhos – ele passou o polegar pelo rosto dela, admirando-a e observando especialmente os seus olhos castanho dourados.

– Mas eu queria um com os seus olhos... E o seu cabelo. Quero um bebê moreno que nem você, assim, a sua cara. Um típico Ward!

– Não vai ser lá essas coisas se for a minha cara, Bea... – ele brincou.

– Vai ser a coisinha mais linda da face da Terra. Depois vai virar um adulto lindo!

– Mas eu quero um com os seus olhos – ele teimou, franzindo o cenho e fazendo aquela cara séria.

Bea o achou super fofo e riu dele, apertando seu nariz depois, para desfazer a seriedade dele. Sean se forçou a continuar sério e

ela imitou a expressão dele.

– Ei, Sr. Super Sérió, não precisamos ter um só. Mas vamos precisar de um intervalo, porque somos decentes, mas não tanto assim. Não damos conta de dois bebês, um cachorro e mais nós dois! Seria um completo desastre.

Ele ficou olhando para ela como se ponderasse e depois balançou a cabeça.

– Seria um terror – ele riu. – Mesmo com um bebê e um cachorro, vamos arranjar ajuda. Profissional, de preferência.

Os dois deitaram juntos de novo, Sean passou o braço em volta dela. Perturbada com toda aquela movimentação, Brianna voltou a subir sobre eles e deitou de um jeito que suas patinhas traseiras ficaram sobre Bea e seu corpo sobre a barriga de Sean.

– Ok, vamos ver se a Brianna chega feliz e saudável aos seis meses – disse Bea. – Você quer mesmo?

– Quero, muito. Com você eu arrisco tudo.

– É a coisa mais arriscada que faremos na vida. Bem mais do que a última vez que resolvemos arriscar tudo.

– Vai dar certo, nós faremos dar certo – ele garantiu.

Beatrice se virou para ele, mas dessa vez Brianna não ligou, tinha encontrado uma boa posição para tirar um cochilo. E ela não ligava para a falação, mas queria ficar no mesmo lugar que os seus donos. Beatrice se apoiou em Sean e ficou um tempo o observando.

– Eu tenho orgulho de você, Sean. Você é forte. E não só do jeito que os outros pensam. Você sabe como, sua maior força é interna – ela abriu a mão no peito dele, sobre o seu coração. – Você não deixa o medo dominá-lo e nem impedir que a gente continue. E não teme que tenha mais alguém pra você amar e se preocupar.

Sean ficou olhando para ela, imensamente feliz por ela se sentir assim e por sentir orgulho dele, mesmo depois de tudo. Se ela queria algo assim, então se sentia protegida perto dele e isso era tudo para ele.

Mas tudo só foi possível porque eles eram mesmo humanos decentes, desses bem imperfeitos que erram, aceitam, brigam, mas consertam seus erros. E que são capazes de dar uma segunda chance, sem hipocrisia, porque ninguém é perfeito e todo mundo

pode errar. Pessoas fazem isso, elas erram, se arrependem, corrigem e perdoam. E sem seus erros, tropeços e defeitos nunca seriam tão bons quanto se tornam depois que aprendem com o que fizeram. E eles haviam aprendido muito bem com os erros que cometeram e não repetiriam, mas estavam dispostos a enfrentar e vencer todos os problemas que ainda apareceriam em suas vidas. Só que agora estariam juntos de verdade.

– Tudo isso e mais um pouco por sua causa. Esqueceu que você é a dona dos meus demônios?

– E sua ruína – ela lembrou.

– Ninguém poderia ser mais perfeitamente arruinado e reconstruído – ele segurou o rosto dela e a beijou. – Eu te amo tanto que nem sou decente nessa parte. E não me importo, eu vou continuar te amando errado do jeito mais certo. E sem limite nenhum.

– Eu nunca vou me arrepender – ela o abraçou. – Eu te amo de um jeito indecente mesmo. Totalmente indecente e sem noção. E quero continuar assim.

Eles se beijaram e ela se apertou contra ele. Brianna acordou e olhou, sem entender, então emitiu alguns latidos, para fazer aqueles humanos voltarem a se comportar.

– Se prepara que vai ser bem pior que isso, vai correr o risco? – Bea disse baixo para Sean.

– Sem dúvida, vamos arriscar pra valer, Bea.

– Nosso maior risco!

Ele riu, continuou com um braço em volta dela e deu leves batidinhas de conforto na cabeça de Brianna que gostou muito de ser lembrada. Eles ficaram ali até o sol se pôr e dar a hora de entrarem, afinal, tinham que alimentar a cadela e depois tomar banho juntos, sair juntos e dormir juntos, fazer um bando de coisas juntos o final de semana inteiro. Especialmente enquanto podiam, se pretendiam mesmo começar a aumentar a família em algum momento breve.

Imagina só a loucura que vai ser se eles aprontarem mesmo uma coisa dessas. Os dois, com Hartie e Rico participando e brigando no meio, ainda mais com um bebê para ambos olharem um pouco



enquanto Sean e Bea seguem sendo pais decentes, mas ainda com suas agendas loucas. Rico já vai passar mal na hora que receber a notícia, haja calmante e pausas para chá na salinha da presidência.

E Don, Kevin e os outros com mais esse abacaxi para segurar. Literalmente segurar, porque com certeza vão acabar com um bebê no colo em algum momento. Os Stravos vão baixar em peso em Nova York e Agatha vai ter milhões de motivos para passar uns tempos por lá, supervisionando esse negócio de outro bisneto. Jared vai ficar todo bobo e feliz quando souber da novidade na vida do primo. Eles estavam mesmo caminhando para a superação. E Jared nunca se arrependerá de nada que fez, especialmente a cada vez que vir seu primo sorrindo.

Dá para imaginar o estardalhaço que os blogs farão com todos os "Seantrice vai ter um bebê" e "Os Ward vão ter um filho! Não acredito!".

A fofoca vai ser fenomenal. Vai dar mais assunto que o suposto divórcio. Aliás, divórcio é um palavrão lá no triplex, ninguém pode falar essa palavra lá.

Tess com certeza vai ficar nas nuvens quando souber da novidade, ela já estava feliz por vê-los juntos de verdade. E Candace vai assumir de vez o seu lado vovó, ela já estava até dando dicas para avós chiques em seu programa.

Falando em chique, imagine só quando esse bebê começar a sair com todas as roupinhas e acessórios que Beatrice vai colocar nele. Já dá para imaginar Sean eleito o pai mais gato do ano, especialmente quando sair por aí com um bebê no colo. Imagina a loucura se os dois saírem com o bebe. Vai ser um escândalo!

Só que tudo isso, claro, depende de Beatrice e Sean se comportarem muito bem. Só que treinando para o bebê, é garantido que eles já estão. Ao menos a parte de conceber a criança. Todos os dias, em algum local do triplex, ou fora dele, quem sabe na sala de Sean ou na sala dela ou no carro. Qualquer lugar. Vamos combinar que são anos para recompensar. E meses para adiantar, porque bebês dão trabalho. E vocês sabem que, seja como for, do jeito que for, custe o que custar, leve o tempo que levar, os Ward só arriscam para ganhar.

Mal dá para esperar pelo próximo escândalo dos Ward!

## Agradecimentos

Queridos leitores sinistros!

Quero agradecer a todos vocês, do fundo do meu coração, por me acompanhar nessa trilogia. E por terem me apoiado tanto e pela paciência em esperar pelo último livro quando tive que parar tudo para escrever uma monografia e terminar um curso. Mesmo enquanto esperavam, vocês fizeram a série Ward chegar aos mais vendidos de todas as lojas em que está disponível. Em alguns deles, chegou ao extremo de ser o 1º e 2º livros mais vendidos de toda a loja. Vocês fizeram isso e eu só posso agradecer pelo apoio.

Espero que esse último livro sobre Sean e Beatrice Ward tenha sido o que vocês esperavam do fim da trilogia sobre eles e que tenha proporcionado bons momentos de leitura (mesmo nervosos, tensos ou hots!). Muito obrigada! E torço para tornar a vê-los em meus próximos livros e especialmente na continuação da saga da família Ward. Sim! A trilogia sobre Sean e Beatrice acaba aqui, porém, você ainda poderá ler sobre Tess Ward, Jared Ward, Derek Ward, etc. E com certeza vão poder descobrir um pouco sobre como estão Sean e Beatrice.

Obrigada! Foi muito especial. Até o próximo livro!

Bjuux

Não perca nenhum lançamento. Curta a [fanpage](#) e se inscreva na [newsletter](#) para sempre receber notícias sobre novos livros.

## **Conheça Outros Livros da Autora**

### **Cartas do Passado (Warrington 1)**

Recém-formada, desempregada e com a conta zerada, Luiza recebe uma proposta de emprego em um castelo medieval nos confins da Inglaterra. Sem opção, ela parte de Londres com tudo que tem. O castelo vai virar um hotel e ela vai trabalhar justamente no museu arruinado dos Warrington. Tudo a sua volta grita abandono, até os antigos escritos do último dono do castelo chegarem às suas mãos e lhe contarem outra história.

O conde de Havenford foi um homem sofrido e solitário. Assassinado ainda jovem, seu povo foi abandonado e seu castelo destruído. Perdida entre o presente, o passado, a vida do conde e a sua, Luiza vai aprender que a história vai muito além dos livros. Mas antes que o fim seja escrito, ela vai precisar de muita coragem para salvar não apenas a vida do conde e de todos no castelo, mas a sua também.

Tenha coragem, desafie os fatos e vista as roupas da lady mais atípica que já pisou em um castelo. Prove que o amor nasce onde menos se espera e entre de cabeça nessa história. As próximas cartas podem ser para você.

### **As Cartas da Condessa (Warrington 2)**

Devan Warrington, o atual conde de Havenford, é um escritor de personalidade intensa e apaixonada. Ao ver Luiza Campbell entrar em seu castelo pela primeira vez, encanta-se de um jeito inexplicável.

O problema é que Luiza tem motivos para achar que a relação deles é errada e não tem futuro, enquanto Devan, que não tem

sorte no amor, quer uma chance para conquistá-la. Como convencê-la de que ele é o cara certo por quem vale a pena arriscar tudo?

Some a isso toda a magia do castelo, as lendas e a história que os cerca, cheia de segredos a serem revelados. Os dois terão que sobreviver a aventuras e mistérios e descobrir se o passado dos Warrington pode afugentar esse amor ou torná-lo mais forte...

NOTA: Ao longo do livro você poderá acompanhar as cartas de Elene de Havenford e saber mais sobre o que o destino reservou aos personagens de Cartas do Passado.

## **Segunda Chance Para Amar (Especial de Natal)**

Annelise Barton era uma das grandes promessas da sociedade nova-iorquina. Seu pai esperava fazer mais um ótimo negócio com seu casamento. Mas tudo desmorona quando ela acredita ter se apaixonado e cai nas garras de um dos namoradores da alta sociedade. Dois anos depois ela ainda está arruinada, humilhada pela própria família e sem esperança de reerguer-se.

Brice Wincross é um dos famosos irmãos "andarilhos", frequenta a alta roda e sua família manda no dinheiro de boa parte da sociedade. Mesmo assim os esnobes ainda viram o nariz porque os Wincross são adeptos a um estilo de vida mais livre do que os refinados salões. Desde a primeira vez que vê Annelise se agarrar ao que lhe resta de orgulho para enfrentar o olhar daqueles abutres, ele a admira. Jamais pensaria que uns minutos no jardim lhe dariam a chance de fazê-la enxergar que é dona da própria vida.

As reviravoltas do destino os levam a paixão inevitável e ambos sabem que estão condenados a nunca mais amar porque seu caso ilícito tem data de validade. As intrigas e mentiras daqueles que deveriam protegê-los os levam a um fim desastroso. Annelise parte mais uma vez, banida e humilhada, decidida a nunca mais ser destruída por alguém. Mas ela não esperava que Brice colocasse em prática sua natureza aventureira e a procurasse pelo país inteiro, decidido a lutar incessantemente por uma segunda chance.

## **Sobre a Autora**

Lucy Vargas é uma jornalista e escritora carioca. Sua paixão pela escrita começou aos 10 anos quando permitiram que assistisse uma novela. Insatisfeita, ela resolveu reescrever o que viu. Desde então nunca mais parou e escreveu todo tipo de história que lhe agradasse. Os romances entraram em sua vida aos 13 anos e é até hoje seu gênero preferido.

Ela escreve romances contemporâneos e de época, como Cartas do Passado e As Cartas da Condessa, presentes nas listas de mais vendidos das lojas online. Ela também é autora da Série Ward, best-seller da Amazon, iTunes, Kobo e Google Play. O primeiro livro da série, Quando Eu Te Encontrar, estreou como livro mais vendido do iTunes BR.

Lucy é a primeira autora independente e brasileira a chegar as listas de mais vendidos de todas essas livrarias online.

Saiba novidades em:

[www.lucyvargas.net/](http://www.lucyvargas.net/)

[facebook.com/lucyvargasbr](https://facebook.com/lucyvargasbr)